

Primeiro lugar na lista do *The New York Times*

NORA ROBERTS

A Pousada ~ 2

O ETERNO NAMORADO

“Uma trilogia contemporânea
encantadora e
excepcionalmente cativante.”

Booklist



O ETERNO
NAMORADO





O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA
ROBERTS

A Pousada ~ 2

O ETERNO
NAMORADO



Título original: *The Last Boyfriend*

Copyright © 2012 por Nora Roberts

Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Janaína Senna

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Tereza da Rocha e Fatima Fadel

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Fernandes

imagens de capa: Peter Hatter/ Trevillion Images

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549e

Roberts, Nora
O eterno
namorado
[recurso
eletrônico]/ Nora
Roberts; tradução
de Janaína Senna.
São Paulo.

Arqueiro, 2016.

recurso

digital (A

pousada; 2)

Tradução de: The

last boyfriend

Sequência

de: Um novo
amanhã

Continua

com: O par
perfeito

Formato:

ePub

Requisitos do
sistema: Adobe
Digital Editions

Modo de
acesso: World
Wide Web

ISBN 978-
85-8041-524-7
(recurso
eletrônico)

1. Ficção
americana. 2.
Livros
eletrônicos. I.
Senna, Janaína.
II. Título. III.
Série.

16-
33734

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Dan e Charlotte.
Pela confiança que os aproxima.
Pela generosidade e pela abrangência desse abraço.
Pelo humor que ilumina a vida de vocês.
E pelo amor, tão forte e radiante, que une tudo isso.

Lutar pelo amor é bom,
mas encontrá-lo sem luta é melhor.

– WILLIAM SHAKESPEARE

O coração tem razões
que a própria razão desconhece.

– BLAISE PASCAL



capítulo um



UMA LUA CHEIA DE inverno brilhava sobre as pedras antigas e os tijolos da pousada que ficava na praça. Sob o luar, as varandas novas e os gradis reluziam, e o cobre do telhado chegava a faiscar. Ali, o velho e o novo – o passado e o presente – se misturavam num casamento sólido e feliz.

Naquela noite de dezembro, as janelas estavam escuras, guardando seus segredos nas sombras. Mas, em algumas semanas, estariam iluminadas como as outras na principal avenida de Boonsboro.

Parado ao volante de seu caminhão no sinal na praça, Owen Montgomery correu os olhos pela rua: lojas e apartamentos tinham sido invadidos pelo clima das festas. Luzes piscavam e dançavam. À sua direita, uma bela árvore de Natal enfeitava a janela da frente de um apartamento no segundo andar. O lar temporário da sua futura gerente refletia o seu estilo elegante e sóbrio.

No próximo Natal, pensou, a pousada estaria repleta de lâmpadas brancas e guirlandas verdes. E Hope Beaumont ia armar a sua linda arvorezinha diante da janela do apartamento da gerente, no terceiro andar.

Olhou para a esquerda, onde ficava a Pizzaria Vesta. Avery MacTavish, a proprietária, havia enchido de luzes a entrada do restaurante.

O apartamento dela, no andar de cima – onde antes morava o irmão de Owen, Beckett –, também exibia uma árvore de Natal perto da janela. Era a única fonte de luz que havia ali; todo o resto estava tão escuro quanto a pousada. Ela devia estar trabalhando, pensou ele, ao ver a movimentação na pizzaria. Remexeu-se no banco, mas, de onde estava, não conseguia vê-la atrás do balcão.

Quando o sinal abriu, Owen virou à direita na St. Paul Street e, depois, à esquerda, para entrar no estacionamento nos fundos da pousada. Continuou sentado no caminhão por um instante, pensativo. Podia ir até a Vesta para tomar uma cerveja, comer uma fatia de pizza e ficar por lá até o restaurante fechar. Depois, faria uma vistoria na pousada.

Na verdade, nem precisava fazer isso, mas não tinha passado no prédio ao longo do dia, por andar ocupado com outras reuniões, outros detalhes com relação a trabalhos da empresa da família. Não queria esperar até a manhã seguinte para ver o que os seus irmãos e os operários tinham realizado naquele dia.

Além do mais, a pizzaria parecia lotada e faltava no máximo meia hora para fechar. Não que Avery fosse colocá-lo para fora – ele acreditava. O mais provável era que se sentasse e tomasse uma cerveja com ele.

Era mesmo uma ideia tentadora, mas era melhor deixá-la de lado e ir dar

uma olhada na pousada e depois seguir para casa. Precisava estar na obra, pronto para o batente, às sete da manhã.

Saltou do caminhão e enfrentou o ar gélido já com as chaves na mão. Alto como os irmãos, com uma constituição mais para esguia, Owen apertou o blazer em volta do corpo quando contornava a parede de pedras do pátio para chegar às portas do saguão.

Todas as suas chaves eram separadas por cores, o que fazia seus irmãos o chamarem de maníaco, mas para ele isso funcionava perfeitamente. Em segundos estava dentro do prédio e a salvo do frio.

Acendeu as luzes e ficou parado ali, sorrindo como um bobo.

O tapete cerâmico destacava aquela parte do piso, acrescentando um toque de charme às paredes pintadas de uma cor suave, com lambris em um tom cremoso. Beckett tinha acertado em cheio ao propor que deixassem os tijolos da parede lateral à mostra. E a mãe deles não podia ter escolhido um candelabro melhor.

O lustre não era rebuscado nem tradicional. Instalado bem acima do tapete cerâmico, parecia algo orgânico, com seus braços de bronze e globos pequenos e delicados. Ao olhar para a direita, Owen percebeu que os banheiros da recepção, com os ladrilhos elegantes e as pias de pedra rajada de verde, haviam sido pintados.

Pegou o bloquinho e anotou alguns detalhes que ainda precisavam ser finalizados. Só então passou pelo arco de pedra à esquerda.

Mais tijolos aparentes. Sim, Beckett era genial. As prateleiras da lavanderia exibiam uma organização impecável: aquilo devia ter a mão de Hope. Com pulso de ferro, ela havia conseguido pôr Ryder, irmão de Owen, para fora do escritório dele ali na pousada, para que pudesse começar a colocar tudo nos devidos lugares.

Ele parou por um instante no que viria a ser o escritório projetado por ela e viu os vestígios da presença do irmão: uma mesa rústica sobre uma feita com uma prancha de compensado sobre cavaletes, o fichário branco bem grosso – a bíblia do trabalho deles –, algumas ferramentas e latas de tinta.

Não ia demorar muito para que Hope expulsasse Ryder dali novamente.

Continuou o seu percurso e se deteve para admirar a cozinha.

Já tinham instalado os pontos de luz. O grande lustre de ferro acima da ilha e versões menores dele em cada janela. Armários de madeira, acessórios em tons claros, bancadas de granito polido complementadas por ferragens em aço inoxidável.

Abriu a geladeira para pegar uma cerveja. Dali a pouco teria que dirigir de novo, pensou, e acabou optando por um refrigerante. Depois, escreveu um lembrete de que precisava cuidar da instalação das persianas e das cortinas das janelas, agora que já estava tudo praticamente pronto para recebê-las.

Voltou à recepção, deu uma última passada de olhos pelo local e, mais uma vez, sorriu.

O console que Ryder havia feito com uma madeira bem grossa tirada de um celeiro combinava à perfeição com os tijolos antigos e o vão profundo da lareira. Por enquanto, lonas, mais latas de tinta e mais ferramentas estavam amontoadas

por ali. Anotou algumas outras coisas, voltou atrás, passando pelo primeiro dos arcos, e parou a meio caminho do saguão para o espaço que seria o lounge. Nesse momento, ouviu passos no andar de cima.

Atravessou o segundo arco que levava ao pequeno corredor onde ficava a escada. Viu que Luther tinha trabalhado duro nos corrimãos de ferro e correu a mão pelo metal enquanto começava a subir.

– Tá bom, coisa linda. Ry? Está aqui em cima?

Owen levou um susto quando uma porta se fechou bruscamente. Chegou ao andar superior e estreitou os olhos azuis tranquilos. Seus irmãos adoravam pegar no seu pé e ele estaria ferrado se lhes desse a mínima chance de fazer isso.

– Oooh! – exclamou, afetadamente. – Deve ser um fantasma. Estou com *tanto* medo!

Dirigiu-se para a frente do prédio e viu que a porta da suite Elizabeth & Darcy estava fechada enquanto a da Titânia & Oberon estava aberta.

Muito engraçado, pensou, irritado.

Foi se aproximando da porta com cautela, pretendendo escancará-la, irromper lá dentro e talvez até dar um susto no irmão que estava tentando lhe pregar uma peça. Pôs a mão na maçaneta recurvada, girou-a bem devagar e empurrou.

A porta não cedeu.

– Pare com isso, ô, babaca.

Mas, ao dizer isso, soltou uma risadinha involuntária. Enfim a porta da suite se abriu, assim como as que davam para a varanda.

O ar gélido tinha um cheiro de madressilva, doce como o verão.

– Ah, meu Deus!

Praticamente admitiu a existência do fantasma. Afinal, tinha havido alguns incidentes e Beckett estava convencido. O bastante para batizar aquela suite de Elizabeth em homenagem à hospede que mais gostava dela.

Aquela, porém, estava sendo a primeira experiência pessoal, e incontestável, de Owen.

Parou, boquiaberto, quando a porta do banheiro bateu, voltou a se abrir e bateu de novo.

– Certo. Uou, está bem! Hã, desculpe a intromissão. Eu estava só...

A porta bateu na sua cara – ou teria feito isso, literalmente, se ele não houvesse recuado antes que ela lhe acertasse o nariz.

– Ei, qual é? A esta altura, você já me conhece. Venho aqui quase todo dia. Sou Owen, irmão de Beckett. Estou em missão de paz e tal...

A porta do banheiro bateu outra vez e o som o fez estremecer.

– Cuidado para não quebrar a porta, está bem? Qual é o problema? Eu só... Ah, entendi.

Pigarreou, tirou o gorro de lã, passou as mãos pelos grossos cabelos castanho-escuros.

– Olhe, eu não quis chamar você de babaca. É que pensei que fosse Ry. Conhece o meu outro irmão, Ryder? Tem que admitir que ele pode ser um perfeito babaca. E aqui estou eu, no meio do corredor, dando explicações a um fantasma...

A porta se entreabriu. Com cuidado, Owen a empurrou um pouco mais.

– Só vou fechar as portas da varanda. Elas precisam ficar fechadas.

Não podia negar que o som da própria voz ecoando no cômodo vazio lhe dava calafrios, mas enfiou o gorro no bolso do casaco, foi até a varanda e trancou a porta. Mas, quando chegou à segunda porta, viu as luzes acesas no apartamento de Avery, em cima do restaurante.

E a viu, ou a silhueta dela, passando pela janela.

A rajada de ar parou; o odor de madressilva se suavizou.

– Já senti o seu cheiro antes – murmurou ele, ainda olhando para a janela de Avery. – Beckett disse que naquela noite você o alertou de que o filho da mãe, desculpe o linguajar, do Sam Freemont ia perseguir Clare. Obrigado por ter feito isso. Os dois vão se casar, Beck e Clare. Com certeza você sabe disso. Ele é apaixonado por ela desde sempre.

Fechou a porta e olhou ao redor.

– Mais uma vez, obrigado.

A porta do banheiro tinha ficado aberta e ele pôde ver o próprio reflexo no espelho com moldura de ferro acima da bancada da pia.

Precisava admitir que estava com os olhos um tanto esbugalhados, e os tufo de cabelo que tinha levantado ao passar a mão na cabeça só pioravam a imagem.

Correu automaticamente a mão pelo cabelo de novo, tentando ajeitá-lo.

– Bem, vou circular por aí para anotar umas coisas, só isso. Estamos basicamente cuidando dos acabamentos agora. Mas, por aqui, não há nada a ser feito. Está tudo pronto. Acho que os operários estavam loucos para terminar logo com esta suite. Alguns ficaram meio assustados. Sem querer ofender. Então... vou terminar minha ronda e vou embora. A gente se vê, ou melhor, não se vê...

Sabe-se lá, pensou, e saiu do quarto.

Passou mais de meia hora circulando de aposento em aposento, de andar em andar, fazendo várias anotações. Vez por outra, o cheiro de madressilva voltava ou uma porta se abria.

A presença dela – que Owen não podia negar – parecia agora bem amistosa. Mas também não podia negar a ligeira sensação de alívio que experimentou ao trancar tudo e ir embora dali.



A neve endurecida estalava de leve sob as suas botas enquanto ele tentava equilibrar as roscas e o café. Cerca de meia hora antes do nascer do sol, Owen voltou à pousada e foi direto à cozinha para deixar a caixa das rosquinhas, a bandeja do café e a sua pasta. Para tentar se animar, já que estava ali, passou à área da recepção e acendeu a lareira. Aproveitando o calor e a luz agradáveis, tirou as luvas e as enfiou no bolso do casaco.

De volta à cozinha, abriu a pasta, pegou a prancheta e começou a repassar mais uma vez os compromissos do dia. O telefone preso ao seu cinto apitou, indicando que estava na hora da reunião matinal.

Terminava de comer uma das roscas cobertas de glacê quando ouviu o

caminhão de Ryder chegar.

Seu irmão usava um boné da empresa da família, um casaco grosso surrado e estava com cara de quem queria mais um café. Diaraque, o cachorro de Ryder, entrou. Farejou o ar e ficou olhando com ar pídio a outra metade da rosca.

Ryder resmungou qualquer coisa e foi pegar um dos copos de isopor na bandeja.

– Esse é de Beck – disse Owen, praticamente sem olhá-lo. – É só ver o B que escrevi aí do lado.

Resmungando mais uma vez, Ryder pegou o copo marcado com a letra R. Depois de tomar um bom gole de café, reparou nas roscas e escolheu uma rechada com geleia.

Vendo que Diaraque abanava o rabo, atirou um pedaço para ele.

– Beck está atrasado – observou Owen.

– Foi você que inventou essa história de reuniões antes do amanhecer – retrucou Ryder, dando uma mordida na rosca e tomando um gole de café logo em seguida.

Ele não tinha feito a barba, então era possível ver a mancha escura dos pelos curtos cobrindo as linhas duras do seu rosto. Mas os olhos verdes com aqueles pontinhos dourados na íris estavam menos sonolentos graças à cafeína e ao açúcar.

– Depois que os operários chegam, somos interrompidos o tempo todo. Vim fazer uma vistoria ontem à noite, quando estava indo para casa. Vocês tiveram um dia bem produtivo.

– Foi mesmo. Vamos terminar de instalar os acabamentos do terceiro andar agora de manhã. Ainda falta fazer uns acertos nas sancas, colocar algumas luminárias e aqueles malditos porta-toalhas aquecidos em uma ou duas suítes restantes. Luther está cuidando dos corrimãos e parapeitos.

– Eu vi. Fiz umas anotações.

– Tá bem, tá bem.

– Deve haver mais coisas, mas só vou saber quando terminar de vistoriar o segundo andar e for para o terceiro.

– Por que esperar? – indagou Ryder, e foi se dirigindo para a porta, pegando outra rosca antes de sair.

Sem nem olhar, atirou mais um pedaço para o cachorro, que saiu andando ao seu lado e pegou o naco com uma precisão impressionante.

– Beckett não chegou.

– Ele agora tem mulher e três filhos – observou Ryder. – Tem o horário da escola. Quando chegar, chegou, e aí fica sabendo o que aconteceu.

– A pintura aqui está precisando de uns retoques – começou Owen.

– Também percebi.

– Vou chamar o pessoal para instalar as persianas em todas as janelas. Se o terceiro andar ficar pronto hoje, podemos pensar nos varões e nas cortinas para o início da semana que vem.

– Os homens limparam tudo, mas foi aquela limpeza de obra. O lugar inteiro vai precisar de uma boa faxina. Você precisa falar com a gerente sobre isso.

– Vou falar com ela agora de manhã. E vou entrar em contato com a prefeitura para começarmos a descarregar as coisas.

Ryder olhou para o irmão.

– Ainda temos facilmente umas duas semanas pela frente, isso sem contar as festas de fim de ano.

Mas Owen tinha um plano, como sempre.

– Podemos terminar o terceiro, Ry, depois a gente vai descendo. Você acha que mamãe e Carolee, sem mencionar Hope, não vão continuar por aí comprando mais coisas depois que tudo já estiver instalado?

– Imagino que sim. Não precisamos que nos atrapalhem mais do que vêm fazendo...

Enquanto circulavam pelo terceiro andar, ouviram uma porta se abrindo lá embaixo.

– Aqui em cima – gritou Owen. – O café está na cozinha.

– Obrigada, meu Deus.

– Não foi Deus quem comprou o café – disse Owen, passando os dedos sobre a placa de bronze oval e bem polida que tinha gravada a palavra *gerente*. – Chique.

– Assim como tudo por aqui – respondeu Ryder, tomando mais um gole de café enquanto entravam no aposento.

– Está bem legal – falou Owen. Assentiu enquanto entrava e saía da pequena cozinha, do banheiro, e passava também pelos dois quartos. – Charmoso e confortável. Bonito e eficiente, como a nossa gerente.

– Ela é quase tão pé no saco quanto você.

– Não esqueça quem comprou aquelas rosquinhas, mano.

Ao ouvir a palavra “rosquinhas”, Diaraque sacudiu o corpo todo.

– Já era, amigo – disse-lhe Ryder e, com um suspiro canino, o bicho se esparramou no chão.

Owen deu uma olhada para Beckett, que vinha subindo a escada.

Percebeu que o irmão tinha feito a barba e parecia animado. Talvez um pouco agitado, como, imaginava, deviam ficar quase todos os homens com três crianças pequenas e todo o caos matinal que elas geram.

Lembrava-se muito bem das próprias manhãs nos tempos de escola e se perguntou se os pais usavam drogas pesadas para suportar aquilo.

– Um dos cachorros vomitou na cama de Murphy – comentou Beckett. – Não quero falar sobre isso.

– Por mim, beleza. Owen estava falando em cortinas para as janelas e em começar a trazer as coisas para cá.

Beckett parou por um instante para fazer um carinho na cabeça de Diaraque.

– Ainda precisamos terminar um monte de coisas.

– Não aqui em cima – retrucou Owen, dirigindo-se à primeira das duas suítes, a cobertura. – Podíamos aprontar esta suite. Hope pode trazer as coisas dela do outro lado do corredor. E quanto à Westley & Buttercup?

– Está pronta. Ontem mesmo pusemos o espelho e as luminárias no banheiro.

– Então vou dizer a Hope que trate da faxina para este andar ficar brilhando.

– Apesar de confiar em Ryder, Owen foi verificar o quarto com os próprios

olhos. – Ela fez uma lista do que vai ficar aqui, então podemos dar um pulo na loja do Bast e dizer o que precisa ser entregue no terceiro andar.

Ele anotou na prancheta: estoque de toalhas e roupa de cama; comprar lâmpadas, etc. Às suas costas, Beckett e Ryder só se entreolharam.

– Acho que nós vamos mesmo começar a trazer as coisas...

– “Nós” quem? – emendou Ryder. – Eu e os operários é que não vamos. Ainda temos que terminar as obras.

– Não olhe pra mim – falou Beckett, erguendo as mãos. – Tenho que fazer as alterações no projeto da confeitaria aí do lado se quisermos passar os operários daqui para lá sem muita demora.

– Eu bem que gostaria de mais algum tempo – resmungou Ryder enquanto descia atrás de Owen.

Este se deteve diante da suite Elizabeth & Darcy, observando o calço que mantinha a porta aberta.

– Que tal ter uma conversinha com sua amiga Lizzy, Beckett, para tentar convencê-la a manter esta porta aberta e as da varanda fechadas?

– Mas esta está aberta, e as outras, fechadas.

– Agora. Ela ficou meio chateada ontem à noite.

Intrigado, Beckett ergueu as sobrancelhas.

– Foi mesmo?

– Acho que enfim tive o meu encontro com ela. Vim dar uma olhada geral e ouvi alguém aqui em cima. Pensei que fosse um de vocês tentando aprontar uma comigo. Ela achou que eu a tivesse chamado de babaca e fez questão de demonstrar que não estava nem aí.

Beckett abriu um sorriso largo.

– Lizzy tem um gênio...

– E eu não sei? Acho que fizemos as pazes, mas nunca se sabe... Ela pode guardar rancor.

– Aqui está tudo pronto – disse Ryder. – E na T&O também. Ainda temos que instalar as sancas e os rodapés na N&N, fazer uns retoques na E&R e colocar a luminária de teto no banheiro. Ela finalmente chegou ontem. A J&R, lá nos fundos, está cheia de caixas. Lâmpadas e mais lâmpadas, prateleiras e sabe-se lá o que mais. Mas estamos quase terminando. – Ele bateu com o indicador na cabeça: – É, também tenho uma lista.

– O cachorro foi se sentar ao seu lado.

– Só não preciso anotar cada coisinha em dez lugares diferentes – emendou.

– Cabides para os roupões, porta-toalhas, porta-papel higiênico – enumerou Owen.

– Devem chegar hoje – disse Ryder.

– Espelhos, TVs, tomadas e interruptores, calços para as portas.

– Já encomendados, Owen.

– Tem uma lista de onde cada coisa vai ficar?

– Meu Deus, haja saco – resmungou Ryder.

– Temos que mandar aqui para cima as placas indicando as saídas – prosseguiu Owen, lendo sua lista enquanto os três se dirigiam à sala de jantar. –

Arandelas para cá. As caixas que fizemos para os extintores de incêndio têm que ser pintadas e instaladas.

– Assim que você calar a boca, posso começar.

– Folhetos, site na internet, anúncios, preços finais das diárias, pacotes, pastas com informações para os quartos.

– Isso não é comigo – decretou Ryder.

– Exatamente. Viu só como você tem sorte? – Então, dirigindo-se a Beckett, perguntou: – Quanto tempo ainda vai levar para reformular o projeto da confeitaria?

– Vou levá-lo para a devida autorização amanhã de manhã.

– Ótimo – disse Owen. Então pegou o celular e procurou o calendário. – Vamos acertar os ponteiros. Vou dizer a Hope que pode abrir as reservas para 15 de janeiro. Podemos fazer a festa de inauguração no dia 13, o que nos dá um dia para preparar tudo. E pronto!

– Isso é daqui a menos de um mês... – resmungou Ryder.

– Nós três sabemos que daqui a menos de duas semanas terminamos as obras. O seu trabalho vai ficar pronto antes do Natal. Se começarmos a mudança esta semana, teremos tudo pronto no dia 1^o, e não vejo motivo para não recebermos o alvará logo depois dos feriados. Isso nos dá duas semanas para resolver qualquer problema que possa aparecer, com Hope já morando aqui.

– Concordo com Owen. Estamos na etapa final, Ry.

Enfiando as mãos nos bolsos, Ryder deu de ombros.

– É estranho... Talvez seja só isso... Acho estranho pensar que acabou mesmo.

– Anime-se! – exclamou Owen. – Um lugar como este aqui? Não vamos acabar nunca!

Ryder ouviu a porta dos fundos se abrir e voltar a fechar, e também o som de botas pesadas no piso cerâmico.

– O pessoal está chegando. Peguem as ferramentas.



Owen estava ocupado, e feliz, cuidando da instalação das sancas. Não se importava com as frequentes interrupções para atender um telefonema, retornar uma mensagem, ler um e-mail. Para ele, o telefone era uma ferramenta tão útil quanto sua pistola de pregos. O prédio estava em plena atividade. Ecoavam ali dentro diversas vozes e o rádio de trabalho de Ryder. O ar recendia a tinta, serragem e café forte. Essa combinação era, para ele, a cara da Empreiteira Montgomery, e era inevitável se lembrar do pai.

Tinha sido com ele que aprendera tudo o que sabia sobre carpintaria e construção civil. Agora, descendo da escada para observar o trabalho feito, sabia que o pai ficaria orgulhoso.

Pegaram aquele velho prédio com as varandas desabando, as janelas quebradas, as paredes trincadas e os pisos rachados, e o transformaram numa verdadeira joia na praça da cidade.

A visão de Beckett, a imaginação e o olho certo da sua mãe, o suor e a

habilidade de Ryder e a sua própria obsessão pelos detalhes, combinados com uma equipe competente de operários, haviam transformado em realidade o que fora uma simples ideia que surgira ao redor da mesa da cozinha.

Deixou de lado a pistola de pregos, aproumou os ombros e circulou pelo aposento.

É, pensou, o olho certo da sua mãe. Admitia que não havia gostado da ideia de paredes claras e teto marrom-escuro até ver o trabalho terminado. “Glamour” era a palavra que definia a suíte Nick & Nora, e esse glamour atingia o seu auge no banheiro. A mesma paleta de cores, incluindo uma parede de ladrilhos de vidro azuis contrastando com o marrom sobre marrom, tudo reluzindo sob as luminárias de cristal. Um candelabro no banheiro, pensou, abanando a cabeça. Realmente tinha funcionado muito bem.

Nada ali era comum ou tinha aquela aparência de hotel. Isso nunca aconteceria com Justine Montgomery supervisionando tudo. Owen pensou que aquela suíte, com um toque de art déco, certamente era a sua favorita.

O ruído do celular indicou que estava na hora de dar alguns telefonemas.

Ele saiu e se dirigiu à porta dos fundos para chegar à varanda, onde Luther trabalhava nos corrimãos da escada. Trincando os dentes, enfrentou o ar frio e cortante da varanda coberta, desceu até o térreo e entrou na recepção.

– Cara, que frio!

O rádio estava aos brados. As pistolas de pregos funcionavam a toda. Owen decidiu que não havia como tratar de negócios com aquele barulhão. Pegou o casaco e a pasta.

Entrou no lounge, onde Beckett estava sentado no chão instalando umas barras de acabamento.

– Estou indo para a Vesta.

– Mal passa das dez. Eles ainda não abriam.

– Exatamente.

Na rua, parado no sinal, Owen se encolheu por causa do frio e xingou os carros que não paravam de passar, impedindo-o de atravessar correndo a avenida principal. Com a respiração formando nuvens gélidas, ficou esperando até o sinal abrir para os pedestres. Correu numa linha diagonal, ignorou a placa que indicava que o restaurante estava fechado e bateu.

Viu luzes acesas, mas nenhum movimento. Mais uma vez, pegou o celular e teclou de memória o número de Avery.

– Que droga, Owen! Agora o meu telefone está todo sujo de massa!

– Quer dizer que está aí dentro. Abra a porta antes que eu congele.

– Que droga! – repetiu ela antes de desligar.

Segundos mais tarde, porém, ele a viu, com o avental sobre uma calça jeans e um suéter preto com as mangas arregaçadas até os cotovelos. O cabelo... que diabo de cor era aquela de agora? Parecia os detalhes em cobre do telhado da pousada...

Ela havia começado a fazer aquelas mudanças alguns meses antes, usando todas as cores possíveis, exceto o seu ruivo natural de rainha guerreira da Escócia. O comprimento do cabelo também estava bem mais curto, embora já

tivesse crescido o suficiente para ser preso num minúsculo rabinho quando ela estava trabalhando.

Os olhos de Avery, de um azul tão intenso quanto o cobre do seu cabelo, cravaram-se em Owen assim que ela destrancou a porta.

– O que você quer? – perguntou. – Estou em plena preparação.

– Só queria a sua sala e o silêncio daqui. Você nem vai notar minha presença – disse ele, entrando antes que ela resolvesse bater a porta na sua cara. – Não posso usar o telefone com todo aquele barulho da obra, e preciso fazer umas ligações.

Ela olhou para a pasta que ele trazia e estreitou os olhos.

O rapaz tentou então exibir um sorriso cativante.

– Bem, na verdade também tenho que dar uma olhada em uns papéis. Vou sentar no balcão e ficar bem quietinho.

– Tudo bem. Mas não venha me atrapalhar.

– Hã... só uma coisa antes de você voltar ao trabalho. Não teria um café?

– Não teria, não. Estou preparando a massa que agora está cobrindo meu celular novo. Ontem à noite, fiquei trabalhando até a hora de fecharmos e, às oito da manhã, Franny ligou avisando que está doente. Pela voz, parecia que a garganta dela era um moedor de carne... Dois dos garçons foram embora ontem com os mesmos sintomas, o que significa que é bem provável que eu tenha que ficar novamente até o fechamento. Dave não pode vir hoje à noite porque vai fazer um tratamento de canal às quatro, além disso um ônibus de turismo chegará ao meio-dia e meia.

As palavras saíram como pequenas chibatadas, então Owen se limitou a concordar.

– Certo.

– Só... – disse Avery, indicando o balcão com um gesto amplo – faça o que tem que fazer.

Em seguida ela voltou às pressas para a cozinha com os seus tênis verdes.

Owen teria se oferecido para ajudar, mas era evidente que ela não estava com o humor muito bom. Ele entendia bem o temperamento de Avery, afinal os dois se conheciam desde sempre, e sabia que ela estava chateada, impaciente e estressada.

Ela ia dar um jeito naquilo, ele pensou. Sempre dava. A ruivinha espevitada da sua infância, a ex-líder de torcida do ensino médio – capitã junto com a Clare de Beckett – tinha virado uma dona de restaurante que dava duro no trabalho. E que fazia uma pizza fantástica.

Avery havia deixado um leve cheiro de limão no ar, junto com uma vibração de energia. Owen se instalou numa das banquetas do balcão ouvindo, ao longe, os ruídos que ela fazia preparando a massa. Era um som que lhe inspirava tranquilidade e que tinha algo de ritmado.

Abriu a pasta, pegou o iPad, a prancheta e tirou o celular do cinto.

Deu os telefonemas que precisava, enviou e-mails, reviu o cronograma, fez cálculos.

Estava mergulhado em mil detalhes quando surgiu uma caneca de café bem diante do seu nariz.

Ergueu os olhos e deu com o rosto bonito de Avery.

– Obrigado. Não precisava ter se incomodado. Não vou demorar muito.

– Já faz quarenta minutos que você está aqui, Owen.

– Verdade? Perdi a noção do tempo. Quer que eu vá embora?

– Não se preocupe. – Ela agora falava de um jeito calmo, embora apertasse a região da lombar com o punho cerrado. – Está tudo sob controle.

Ele sentiu um cheiro diferente e, ao olhar para o enorme fogão, percebeu que os molhos estavam sendo preparados.

O cabelo ruivo, a pele bem branca e a profusão de sardas podiam denunciar a origem escocesa de Avery, mas o molho de tomate que ela fazia era tão gloriosamente italiano quanto um terno Armani...

Muitas vezes ele se perguntava de onde ela teria tirado tanta habilidade e tamanha determinação. Ambas, porém, pareciam fazer parte dela, assim como aqueles olhos azuis tão grandes e ousados.

Avery se agachou para abrir o refrigerador que ficava debaixo do balcão e começou a encher os frascos dos ingredientes das pizzas.

– Lamento por Franny.

– Eu também. Ela está mal mesmo. E Dave está péssimo. Só vai dar uma passadinha no começo da tarde pra não me deixar na mão. Detesto ter pedido isso a ele.

Owen ficou observando o rosto de Avery enquanto ela trabalhava. Não era difícil perceber as olheiras.

– Você parece cansada.

Ela lhe lançou um olhar de desagrado por cima do pote de azeitonas pretas.

– Obrigada. Toda mulher adora ouvir isso. – Depois, deu de ombros. – Estou cansada mesmo. Achei que poderia dormir pela manhã. Era Franny que ia abrir o restaurante e eu só chegaria aqui lá pelas onze e meia. Não é exatamente uma viagem até em casa, já que é só subir a escada. Então fiquei vendo um pouco de TV e acabei o livro que vinha tentando arranjar tempo para ler há uma semana. Quando fui dormir, já eram quase duas horas. Aí Franny ligou às oito. Seis horas de sono não é tão ruim assim, a não ser quando você trabalhou o dia todo e no dia seguinte vai repetir a dose.

– Em compensação, o movimento anda bom.

– Vou deixar para pensar nisso depois que o ônibus de turismo tiver ido embora. E a pousada? Como vão as obras?

– Tão bem que vamos começar a trazer as coisas do terceiro andar amanhã.

– Que coisas?

– Os móveis, Avery.

Ela pôs o pote em cima do balcão, com os olhos arregalados.

– Sério? *Sério?*

– O fiscal vem fazer uma vistoria hoje à tarde para liberar ou não o alvará. Acho que vai liberar, porque não há motivo para não fazer isso. Acabei de falar com Hope. Ela vai começar a faxina geral. Minha mãe e minha tia também vêm. Talvez até já estejam lá para dar uma mãozinha. Afinal, já são quase onze horas.

– Adoraria participar, mas não posso.

– Não es quente. Temos bastante gente.

– Mas queria estar com vocês. Talvez amanhã, dependendo da saúde geral das pessoas aqui. Uau, que incrível, Owen! – exclamou ela, fazendo uma dancinha com os seus tênis de cano alto. – E você esperou quase uma hora para me dizer isso?

– Você estava muito ocupada implicando comigo.

– Se tivesse contado antes, eu ia ficar animada demais para implicar. A culpa é toda sua.

Então ela sorriu para ele, a linda Avery MacTavish, com seus olhos cansados.

– Por que não se senta por alguns minutos? – sugeriu Owen.

– Hoje tenho que ficar como um tubarão: me mexendo o tempo todo.

Ela fechou o pote, recolocou-o no lugar e foi ver como estavam os molhos.

Owen ficou só olhando. Ela sempre parecia fazer meia dúzia de coisas ao mesmo tempo, como uma malabarista atirando várias bolas para cima enquanto outras já rodopiavam loucamente no ar.

Para a sua mente toda certinha, aquilo era um espanto.

– Melhor eu ir andando. Obrigado pelo café – falou Owen.

– Sem problemas. Se algum operário estiver pretendendo vir almoçar aqui hoje, peça que espere até uma e meia. O grosso do movimento já vai ter terminado.

– Tá bom – disse Owen, pegando as suas coisas. Na porta, parou. – Avery... Que cor é essa? A do seu cabelo.

– É Cobre Intenso.

– Eu sabia – disse ele, abanando a cabeça. – Até mais tarde.

capítulo dois



OWEN VESTIU O CINTO de ferramentas e comparou sua lista de tarefas com a de Ryder.

– O terceiro andar está cheio de mulheres – disse-lhe Ryder, em certo tom de amargura.

– Nuas?

– Mamãe é uma delas.

– Ok, não está mais aqui quem falou.

– Mamãe, Carolee, a gerente... Talvez Clare ainda esteja lá. Um verdadeiro enxame, cara. Uma delas está sempre descendo até aqui e fazendo perguntas – prosseguiu Ryder, pegando o Gatorade de cima da ilha da cozinha onde ele havia espalhado planos e listas desde que Hope o expulsara do local projetado para ser o seu escritório. – Já que foi você quem abriu os portões, é você quem vai responder a todas as malditas perguntas delas. E por onde diabo andou?

– Deixei um recado para você. Fui ao restaurante da Avery para poder dar uns telefonemas. O fiscal vem dar uma olhada no terceiro andar para ver se libera a instalação dos móveis. Ai vai aproveitar e verificar o resto também. O transporte dos móveis lá para cima já está marcado e vão começar a trazer tudo pela manhã. A instalação das persianas também está agendada. Vão começar ainda hoje. Quer saber do resto?

– Você está me deixando com dor de cabeça.

– É por isso que quem toma as decisões sou eu. Posso começar a instalar as barras de acabamento no segundo andar.

– Você vai para o terceiro – disse Ryder, enfiando um dedo no peito de Owen. – Onde estão as mulheres. São todas suas, maninho.

– Tá bom, tá bom.

Owen queria trabalhar, entrar no ritmo das pistolas de pregos, dos martelos, das furadeiras. Homens... Mas voltou lá para fora amaldiçoando o frio enquanto dava a volta e subia correndo as escadas.

E entrou no mundo das mulheres.

O ar recendia a perfume e produto de limpeza com aroma de limão. E as vozes femininas se sobrepunham ao barulho que vinha lá de baixo. Encontrou a mãe de quatro, esfregando o piso do box na cobertura.

Ela havia prendido o cabelo escuro e arregaçado as mangas de seu suéter cinza meio folgado. Dentro da calça jeans, seu traseiro requebrava de um lado para outro ao ritmo de sabe-se lá que música que estava tocando nos seus fones de ouvido.

Owen deu a volta nas portas de vidro e se agachou. Justine não se assustou. O rapaz sempre acreditou quando ela dizia que tinha olhos na nuca. Limitou-se a erguer a cabeça, sorrir para ele, sentar sobre os calcanhares e tirar os fones.

– Que calor danado! – exclamou.

– Preparada, mãe?

– Claro. Vamos deixar isto tudo brilhando. Mas eu tinha esquecido como a sujeira de uma obra é difícil de limpar. Resolvemos nos dividir. Carolee está lá na Westley & Buttercup e Hope está cuidando do próprio apartamento. Clare vem nos ajudar um pouco hoje à tarde.

– Estou voltando da Vesta. Avery está esperando um ônibus de turismo e Franny ficou doente. Bem que ela queria participar disso tudo – disse Owen, olhando para o balde com água e sabão. – Sabe-se lá por quê...

– É um trabalho prazeroso, a seu modo. Olhe só para isto, Owen. – Ela correu os olhos pelo cômodo enquanto ajeitava uns grampos que estavam caindo do seu cabelo. – Veja o que você e os seus irmãos fizeram neste lugar.

– O que nós e nossa mãe fizemos neste lugar – respondeu ele, e ela sorriu de novo.

– Sim, você tem razão. E, já que está aqui, tire as prateleiras dessa caixa. Uma delas vai ficar bem aqui, e a outra, logo ali – disse Justine, apontando para os lugares exatos.

– Temos prateleiras aqui?

– Vamos ter quando você as instalar. Depois, pode pedir ajuda a um dos operários e colocar o espelho no quarto. Quando estiver pronto, mostro como quero que fique.

– Espere um pouco. Me deixe anotar isso.

– Basta cuidar das prateleiras. Vou com você mostrar o resto.

Então Owen ia usar as ferramentas, afinal. Talvez não do seu jeito preferido – com uma lista contendo vários itens numa ordem determinada, esperando para serem verificados –, mas ia usá-las.

Depois de instalar as prateleiras decorativas, convocou um dos operários para ajudá-lo a carregar o grande espelho de parede com a sua moldura dourada e trabalhada.

Justine ficou parada, com as mãos nos quadris, guiando o trabalho dele. “Um pouco mais para a esquerda; um pouco mais alto; não, mais baixo.” Owen marcou, mediu e furou enquanto ela voltava para a sua faxina.

– Pronto! – gritou ele.

– Só um segundo...

Owen ouviu o ruído da água e percebeu que a mãe estava esvaziando o balde. Quando saiu do banheiro, Justine admirou o serviço acabado e voltou a pôr as mãos nos quadris.

– Adorei!

Aproximou-se e parou num ponto em que o espelho refletia os dois. Com um sorriso, passou o braço pela cintura do filho.

– Está perfeito. Obrigada, Owen. Que tal ir chamar Hope? Ela sabe o que precisa ir lá para baixo. Tenho mais um quilômetro quadrado de azulejos para limpar.

– Posso contratar um serviço de limpeza.

– Essa fase é coisa de família – disse ela, balançando a cabeça.

A frase incluía Hope Beaumont na família, pensou Owen enquanto andava pelo corredor. A gerente e sua mãe tinham se entendido às mil maravilhas, desde o primeiro momento.

Hope se encontrava em cima de um banquinho, limpando as portas dos armários da cozinha do seu apartamento. Tinha uma bandana no cabelo preto e um pano parcialmente enfiado no bolso de trás da calça jeans respingada de tinta branca e quase furada no joelho direito.

Olhou na direção de Owen e soprou com força a franja que lhe caía no rosto.

– Não fazia ideia de que estaria tão sujo assim...

– A sujeira de uma obra penetra em todos os cantinhos – observou ele, perguntando-se se deveria lhe dizer que ainda teriam muitos dias de limpeza pela frente, talvez semanas. Decidiu que era melhor que ela descobrisse por conta própria. – Vocês estão progredindo – comentou.

– Estamos mesmo. – Ela se sentou no banquinho por um instante, pegou uma garrafa de água que estava na bancada e a abriu. – Tem certeza de que os móveis vão chegar amanhã?

– Pelo visto, vão.

Hope tomou um gole de água e sorriu.

Tinha uma voz grave que combinava com seu jeito charmoso, seus grandes olhos escuros e a boca carnuda e bem delineada.

Nada mau ter uma mulher bonita como gerente, ele pensou, porém o mais importante para Owen eram a capacidade de organização e a eficiência de Hope, que se assemelhavam às dele.

– Se tiver um minuto, mamãe disse que você quer levar umas coisas para o segundo andar.

– E para o primeiro, se arranjarmos um lugarzinho para elas. Quanto mais caixas conseguirmos esvaziar, mais fácil vai ser limpar tudo e mais tranquila vai ser a chegada dos móveis.

– Bem pensado. – Aquela mulher falava a língua dele. – Sou todo seu. Precisa de alguma coisa aqui?

– Temos umas prateleiras para pendurar.

Ora, ora, pensou Owen. Hoje é o dia das prateleiras.

– Pode deixar que eu cuido disso.

– Agradeço muito. Estão lá no outro apartamento. Mais tarde vou pegar.

– Posso mandar alguém buscar.

– Claro, se você puder abrir mão de um operário. Mas podemos cuidar primeiro das coisas que já estão aqui. Já estou com tudo o que Justine quer pendurar lá na J&R.

Mais uma vez, a mesma língua que ele falava.

– Quer um casaco? – perguntou Owen quando ela desceu do banquinho.

– Não, não precisa. É tão pertinho... – respondeu Hope, mas baixou as mangas do moletom até os pulsos. – Falei com Avery hoje cedo – acrescentou ela enquanto se dirigiam aos fundos do prédio. – Ela está enlouquecida com tanta

gente faltando. Eu pretendia dar uma passada na Vesta mais tarde para ajudá-la, mas, pelo visto, não vou sair daqui tão cedo.

Quando chegaram lá fora, ela segurou a bandana com a mão para evitar que o vento a levasse.

– Com esse frio todo, imagino que ela vá ficar atolada em pedidos de entrega. Quem quer sair com esse tempo? – Deu uma espiada na suíte Jane & Rochester, esfregando as mãos. – Podemos, então, cuidar da W&B primeiro. Ou, já que estamos aqui, podíamos começar no segundo andar e vir dos fundos para a frente. Iniciando aqui, com as prateleiras e o espelho do banheiro – sugeri, dando palmadinhas nas caixas cuidadosamente etiquetadas. – Espelho do banheiro.

Ela foi examinando os itens correspondentes a cada aposento até o térreo.

– Isso vai me deixar ocupado – disse Owen. – Mas vamos poupar sola de sapato e começar por onde estamos.

– Perfeito. Acho melhor lhe mostrar onde vão ficar as coisas e, depois, deixar você em paz. Pode mandar alguém lá em cima se tiver alguma dúvida.

Tirando do bolso um canivete dobrável, ela cortou as fitas que lacravam uma das caixas de papelão.

– Gosto de mulheres que andam por aí com a própria faca.

– Andei atualizando meu estoque de ferramentas desde que cheguei aqui. Quase comprei uma pistola de pregos, mas depois achei que era um pouco de exagero. – Ela tirou da caixa duas prateleiras de cobre com as bordas abauladas. – Aí resolvi comprar mais material de escritório. Por que pastas de arquivo e Post-its de cores variadas são tão atraentes?

– Concordo plenamente.

Os dois ficaram conversando enquanto Hope determinava a altura, o local, e ele media, nivelava e furava.

– Está perfeito. Veja como o tom de ouro velho da moldura do espelho combina bem com os azulejos, e o cobre da banheira com as prateleiras. Espere só até Justine ver como tudo isso ficou – disse ela, girando e voltando a fitar o aposento. – Mal posso esperar para arrumar este quarto. Aliás, todos eles. Com a lareira e aquela cama incrível, acho que esta vai ser uma das suítes mais disputadas.

Hope tirou do bolso um caderninho, verificou sua lista e fez algumas anotações.

– Bom ter alguém que joga no mesmo time que eu, pra variar – comentou Owen quando ela voltou a guardar o caderno.

– Anotar as coisas acaba poupando muito tempo.

– Mais uma vez, concordo plenamente.

Os dois reuniram as caixas e as levaram pela porta da varanda.

Hope se dirigiu à Eve & Roarke e quase esbarrou em Ryder.

– Mamãe quer que a luminária de teto seja instalada. Cadê essa coisa?

– Está aqui na minha mão – respondeu Owen.

– Então você mesmo instala.

– Era o que eu pretendia fazer. Hope quer trazer algumas coisas do apartamento para cá. Por que não vai buscar?

– Posso ir pegá-las mais tarde – atalhou a gerente.
– Que coisas são essas? E cadê elas?
– São prateleiras. Para o banheiro e a saleta. Estão em caixas etiquetadas no meu quarto-depósito. No segundo quarto – emendou ela. – Estou usando para guardar tudo.

– Pode deixar que eu cuido disso.
– Vai precisar da chave – disse Hope, enfiando a mão no bolso quando Ryder já começava a se afastar.

Ela entregou a chave a ele, que a guardou no bolso.

– Essas caixas têm aqueles ganchos para portas?

– Alguns – respondeu Owen.

– Pegue todos eles, pelo amor de Deus. Não quero mais ouvir falar dessas coisas. Onde está o da suíte para portadores de deficiência?

Como seus braços estavam começando a doer, Hope pôs as caixas no chão.

– Na Jane & Rochester, perto da parede que dá para a St. Paul, numa caixa com a etiqueta “M&P cabideiros dos armários”. Se for trazer isso para cá, talvez possa pegar também duas caixas que estão no mesmo lugar e que têm escrito “M&P prateleiras do banheiro”. Mas não instale nenhuma delas, a menos que eu ou a sua mãe estejamos por perto. E queremos uma pequena prateleira de canto acima da pia dessa suíte. – Ela pegou o caderno, passou algumas páginas. – Aqui estão as medidas e o conceito básico.

Ryder estreitou os olhos, fitando as anotações e, depois, a gerente.

– Por quê?

– Porque, em função das determinações para os portadores de deficiências quanto ao layout do quarto, não temos lugar para coisas indispensáveis, como a escova de dentes. Agora, vamos ter.

– Dê aqui esse maldito papel.

Hope arrancou a folha do caderno.

– Tenho certeza de que Owen ou Beckett, ou até mesmo um dos operários, pode se encarregar disso se você estiver muito ocupado.

Ryder enfiou o papel no bolso e saiu.

– Tem certeza de que ele é seu irmão? – murmurou Hope.

– Absoluta. Ele está meio estressado com a história dos acabamentos e o prazo que estabelecemos. Ainda tem que fazer o trabalho na casa de Beck e a demolição de paredes na confeitaria aqui ao lado.

– É muita coisa – admitiu Hope. – Por que você não está estressado? Tenho certeza que a sua cota de trabalho é tão pesada quanto a dele.

– Acho que é porque são situações diferentes. Não preciso gerenciar ninguém. Minha tarefa é negociar – disse ele, pondo a caixa no chão do banheiro.

Pensativa, Hope desembalou a pequena prateleira.

– Uma coisinha à toa – disse. – O tipo de detalhe em que as pessoas não reparariam.

– A menos que ninguém cuidasse dele.

– Assim como um lugar para guardar a escova de dentes. – Sorrindo, Hope bateu com a mão na parede. – Bem aqui. Se não estiver precisando de mim, vou voltar lá para cima.

No meio do caminho, Hope entrou na suíte Westley & Buttercup e viu Carolee atarefada limpando o chão.

– O banheiro está fantástico, Carolee. Chega a brilhar.

Com as faces coradas pelo esforço, a irmã de Justine afastou do rosto o cabelo louro.

– Juro que não fazia uma faxina dessas há *anos*. Mas está valendo a pena. Fico só pensando que vou trabalhar aqui! Vou entrar neste quarto o tempo todo. Está precisando de mim para alguma coisa, chefe?

– Vocês estão muito mais adiantadas que eu – disse Hope, rindo. – Parei para resolver a história das prateleiras e outras coisinhas com Owen. Só vou ver como Justine está se saindo e, depois, vou para o meu apartamento. O apartamento da *gerente*. Ah, já ia esquecendo: se tiver um tempinho amanhã ou depois, queria repassar com você a programação das reservas mais uma vez. Porque vamos começar a aceitar reservas.

– Caramba! – exclamou Carolee, abanando as mãos com ar de triunfo. – Caramba! Caramba!

Hope se sentia do mesmo jeito, pensou. Nunca tinha estado tão empolgada com um trabalho desde que começara no Hotel Wickham, em Georgetown. Não era uma boa comparação, disse a si mesma, levando-se em conta em que tinha dado aquilo tudo.

E ainda assim, o desastre com Jonathan Wickham e a decisão dela de pedir demissão do cargo tinham lhe aberto as portas da Pousada BoonsBoro.

Um lindo prédio, com uma belíssima localização numa cidadezinha encantadora, e as suas melhores amigas por perto. Não, nunca tinha estado tão empolgada com um emprego...

Espiou pela porta da cobertura e viu Justine sentada no largo parapeito da saleta, olhando para a avenida principal.

– Descansando um pouco – disse ela a Hope. – O banheiro é enorme e, o que é pior, a culpa é toda minha.

– Pode deixar que eu termino.

– Já terminei, mas acho que ainda vou fazer outra limpeza nele antes da festa de inauguração. Estava sentada aqui lembrando como era este lugar quando consegui arrastar os meninos para vê-lo pela primeira vez. Meu Deus! E também estava pensando como Tommy estaria feliz e orgulhoso. E como deve estar chateado por não ter nem ao menos martelado uns preguinhos por aí.

– Ele ensinou os filhos a fazer isso, portanto participou tanto da criação da pousada quanto eles.

Os olhos de Justine se enterneceram.

– É bom ouvir isso. É a mais pura verdade. – Ela ergueu a mão e apertou a de Hope. – Adoraria que nevasse. Quero ver como ela vai ficar sob a neve e, depois, na primavera, no verão e no outono. Quero ver a pousada brilhar aqui em todas as estações.

– Vou mantê-la sempre linda para você.

– Sei que vai. Você vai ser feliz aqui, Hope. Quero que tanto você quanto todos os que se hospedarem nesta pousada sejam muito felizes.

– Eu já sou feliz aqui – garantiu Hope.



Feliz como não se sentia havia muito tempo, foi o que pensou Hope enquanto voltava ao seu apartamento para limpar os armários da cozinha. Na gerência da pousada ela estava tendo a chance de realizar um ótimo trabalho para gente muito bacana.

Inclinou a cabeça para observar os armários. E, como estava merecendo um agrado, passaria na loja quando saísse dali para comprar aquelas tigelas maravilhosas em que estava de olho. Um presentinho de chá de panela para si mesma.

Ryder apareceu trazendo as caixas num carrinho.

– Por que as mulheres têm mania de prateleiras? – perguntou. – De quantos metros de superfície plana alguém precisa?

– Depende de quantas coisas essa pessoa decide expor ali – respondeu Hope serenamente.

– É só para juntar poeira.

– Juntar poeira para uns, lembranças e estilo pessoal para outros.

– E onde diabo você quer as superfícies planas para exibir suas lembranças e seu estilo pessoal? Não tenho o dia todo.

– Pode deixar tudo aí. Mais tarde cuido disso.

– Ok

Ryder deixou as caixas no chão e se virou para sair.

A mãe dele estava parada no vão da porta, de braços cruzados, lançando-lhe um olhar que ainda o deixava cabisbaixo e intimidado.

– Peço desculpas pelo meu filho, Hope. É óbvio que a boa educação que recebeu foi soterrada por esse humor infernal.

– Não tem importância. Ryder está atarefado. Todo mundo está ocupado hoje.

– Isso não é desculpa para ser grosseiro, não é, Ryder?

– Não, senhora. Estou à sua disposição para pendurar as prateleiras, Hope – falou. – É só me mostrar onde quer que fiquem.

– Melhor assim – observou Justine, lançando-lhe mais um olhar severo antes de sair andando pelo corredor.

– Bem, onde devo pendurá-las? – perguntou Ryder a Hope.

– Neste instante, eu não diria nas paredes.

Ryder abriu um sorriso fácil e radiante, o que a surpreendeu.

– Bem, já que não tenho nada mais importante para fazer, qual seria a segunda opção? – disse ele.

– Simplesmente deixar tudo aí. E você... – acrescentou Hope, apontando para a porta.

Olhando-a de alto a baixo, ele enfiou os polegares no cinto de ferramentas.

– Não tenho medo de você, mas tenho medo dela. Se eu não pendurar esses troços, vou pagar caro por isso. Então, não vou embora até você escolher os lugares certos.

– Já está tudo marcado.

– O que está marcado?

– Medi as prateleiras e o espaço entre elas e marquei os locais – respondeu ela, indicando o trecho de parede que ficava entre as janelas da frente e depois apontando para o banheiro. – Acho que você pode assumir a partir daqui.

Em seguida, jogando no chão o pano que usava, saiu do aposento. Ia ajudar Owen até o seu irmão mal-humorado terminar o trabalho.



Avery se mantinha a par dos progressos na obra graças a algumas mensagens de texto e a uma rápida passada de Clare pelo restaurante. Depois que o ônibus de turismo foi embora e a correria diminuiu, ela conseguiu um tempinho para se sentar na sala dos fundos e comer uma massa.

Agora, as máquinas de videogame estavam em silêncio. Pelos seus cálculos, tinha uma ou duas horas até que as crianças passassem por ali saindo da escola e a barulheira recomeçasse.

Eram centavos entrando, pensou consigo mesma.

– Adoraria ir até lá para ver. Por um minuto que fosse – disse, tomando um gole de Gatorade. Energia, pensou. Precisaria de muita energia para aguentar até a hora do fechamento. – Hope me mandou umas fotos pelo celular.

– Eu também não pude ajudar muito. Assim como aqui, o movimento na livraria aumentou bastante com a chegada do ônibus de turismo. Deus abençoe cada um deles... – observou Clare, sorrindo e dando uma garfada na salada. – Beckett me disse que o inspetor autorizou o transporte dos móveis. De tudo.

– De tudo?

– Agora só faltam uns detalhes, e ele ainda vai voltar lá. Mas disse que podiam começar a trazer a mobília toda. Claro que Hope ainda não pode se mudar, mas já dá pra ir colocando tudo em ordem.

Com uma cara emburrada, Avery espetou a massa com o garfo.

– Ah, eu não vou ficar fora disso de jeito nenhum!

– Vai levar dias, Avery! Na verdade, semanas!

– Mas eu quero brincar agora – disse ela, bufando. – Bem, não exatamente agora, porque meus pés já estão me matando. Mas amanhã, quem sabe? – Deu mais uma garfada na massa. – Olhe só para você. Está com um ar tão feliz...

– Cada dia mais. Hoje de manhã, Yoda vomitou na cama de Murphy.

– Ah, sim, isso realmente merece uma comemoração.

– Claro que não, mas Murphy foi correndo chamar Beckett. Foi maravilhoso.

– Bem, eu adoraria que você não entrasse em detalhes sobre o vômito do cachorro.

– É apenas um fator – disse Clare, com os olhos radiantes. – Mas o que me deixa mesmo feliz é ver como os meninos gostam de Beckett, como confiam nele. Como ele agora é parte da nossa família. Vou me casar, Avery. Sou tão sortuda por ter me apaixonado por dois homens incríveis durante a vida e me casar com eles...

– Acho que você ficou com a minha cota. Na verdade, devia passar Beckett para mim.

– Nem pensar. Vou continuar com ele – retrucou Clare, balançando a cabeça.

– Fique com um dos outros dois.

– Talvez devesse ficar com os dois. Poderia ter quatro braços para ajudar hoje à noite. E ainda tenho que fazer as compras de Natal. Por que sempre acho que tenho mais tempo do que tenho de verdade?

– Porque você sempre dá um jeito de multiplicar o tempo. Falou alguma coisa aos Montgomerys sobre o lugarzinho do outro lado da rua?

– Ainda não. Continuo remoendo a ideia. Você não contou a Beckett, não é?

– Prometi que não ia contar. Mas é difícil. Estou me acostumando a contar tudo a ele.

– Ah, o amor... Como é bobo o amor! – exclamou Avery, suspirando e remexendo os dedos dos pés cansados. – De qualquer forma, em tempos como este, parece uma ideia bem maluca. Mas...

– Você conseguiria, e conseguiria bem.

– Só está dizendo isso porque me ama – disse Avery, rindo, e parte daquele ar de cansaço desapareceu do seu rosto. – Tenho que voltar ao trabalho. Vai passar na pousada?

– Laurie e Charlene estão cuidando da livraria. Acho que posso dar uma mãozinha por mais ou menos uma hora. Depois, vou ter que ir buscar os meninos.

– Me mande mais fotos.

– Mando, sim. – disse Clare. Então levantou-se, vestiu o gorro de lã e o casaco. – Veja se dorme um pouco, querida.

– Isso vai ser fácil. Assim que fechar as portas, vou subir a escada e apagar por oito horas seguidas. Até amanhã. – Quando Clare fez menção de pegar os pratos, acrescentou: – Deixe que cuida disso. Estou mesmo voltando para a cozinha.

Despediu-se da amiga, mexeu os ombros doloridos e retomou o trabalho.

Por volta das sete, estava a toda, enfiando pizzas no forno e tirando-as de lá, embalando os pedidos para entrega e passando os pratos para os garçons que serviam as mesas.

O movimento estava bem grande, o que era bom, disse a si mesma. Preparava pratos de massas e de hambúrgueres com fritas quando avistou um menino sentado diante do balcão jogando Megatouch como se não existisse mais nada no mundo.

No momento em que voltava à cozinha em busca de mais ingredientes, Owen chegou.

Ele olhou ao redor e franziu as sobrancelhas por não vê-la diante do balcão.

– Onde está Avery? – perguntou a uma garçonete.

– Por aí. O coral do ensino médio resolveu vir comer pizza depois do ensaio. Estamos lotados. Ela deve estar lá atrás.

– Ok

Não pensou duas vezes. Passou pela caixa registradora, pegou uma das comandas e foi para os fundos do salão.

Quando voltou, ela estava diante do balcão, com o rosto afoqueado por causa do calor, cobrindo uma massa de molho.

– Pedidos lá dos fundos – disse Owen, pondo as comandas no lugar. – Vou

pegar as bebidas.

Avery espalhou a mozzarella e acrescentou os outros ingredientes olhando para ver o que ele estava fazendo.

Owen é um cara com quem se pode contar, pensou. Seja para coisas miúdas ou tarefas pesadas, ele estava sempre disposto a ajudar.

Durante as três horas seguintes, ela não parou. Preparou espaguete, pizzas caprichadas, pasta de berinjela, calzones... Por volta das dez, agia como se estivesse em transe, fechando o caixa, limpando os balcões, desligando os fornos.

– Tome uma cerveja – disse, dirigindo-se a Owen. – Você merece.

– Por que não se senta?

– Vou sentar, quando tivermos terminado.

Depois que o último funcionário saiu, ela trancou a porta e se virou. Em cima do balcão, havia uma taça de vinho tinto e uma fatia de pizza de pepperoni. Owen estava sentado num banquinho, com os mesmos itens à sua frente.

Caramba, Owen era mesmo um cara com quem se podia contar.

– Venha se sentar aqui imediatamente – ordenou ele.

– Agora, sim. Obrigada. Obrigada mesmo, Owen.

– Até que é divertido quando não se tem que fazer isso todo dia.

– Na maior parte do tempo, é divertido mesmo assim – disse Avery, se acomodando e tomando um gole de vinho. – Nossa, como é bom! – exclamou. E, ao dar uma mordida na pizza, acrescentou: – E isto também...

– Ninguém faz uma pizza melhor.

– As pessoas podem achar que já estou enjoada de pizza, mas continua sendo minha comida favorita. – Exausta, ela suspirou e comeu mais um pedaço da sua fatia. – Clare me contou que vocês conseguiram a licença para começar a instalar tudo. Como a brigada da faxina está se saindo?

– Bem. Muito bem mesmo. Ainda faltam algumas coisas, mas já estamos quase no fim.

– Se aguentasse andar tanto, eu iria até lá.

– A pousada não vai sair do lugar...

– Todo mundo que apareceu aqui hoje só falava dela. Tanto as pessoas daqui quanto as dos arredores. Vocês devem estar orgulhosíssimos. Sei o que senti quando o restaurante estava quase pronto e fiquei cuidando da decoração, desembalando o equipamento da cozinha... Orgulhosa, empolgada e meio assustada. Este lugar é meu. Isto está mesmo acontecendo. Às vezes, ainda me sinto assim. Não hoje – acrescentou com um risinho desanimado –, mas várias vezes.

– Tem mesmo de que se orgulhar. O restaurante é ótimo.

– Sei que muita gente achou que a sua mãe tinha ficado maluca quando alugou este espaço para mim. Como eu ia conseguir administrar um restaurante?

Owen balançou a cabeça. A pele dela estava tão pálida que parecia transparente. A ausência daquela energia esfuziante de costume fazia com que o cansaço de Avery parecesse ainda maior.

Decidiu que ia continuar conversando com ela, pois assim ela comeria alguma coisa. Depois, a levaria para cima para que ela dormisse um pouco.

– Eu nunca achei que fosse maluquice. Você pode fazer qualquer coisa que

ponha na cabeça. Sempre pôde.

– Não poderia ter me tornado uma estrela do rock. E essa ideia me passou pela cabeça.

Ele se lembrava de Avery tocando guitarra furiosamente. Mas, nas suas lembranças, tratava-se mais de entusiasmo do que de habilidade.

– Quantos anos você tinha? Catorze?

– Quinze. Achei que o meu pai fosse desmaiar quando apareci com o cabelo pintado de preto e aquelas tatuagens.

– Ainda bem que eram temporárias.

– Nem todas – disse ela, sorrindo e tomando mais um gole de vinho.

– Verdade? Onde... – Foi interrompido pelo toque do celular. – Espere um pouco – disse. Em seguida, atendeu à ligação: – O que houve, Ry?

Desceu do banquinho e, enquanto falava com o irmão, olhava pelo vidro da porta para ver as luzes que brilhavam na pousada.

Quando voltou a prender o celular no cinto e se virou, viu que Avery tinha pegado no sono com a cabeça sobre os braços dobrados em cima do balcão.

Percebeu que ela havia conseguido comer cerca de metade de uma fatia de pizza e tomar metade da taça de vinho. Limpou então o balcão, apagou as luzes da cozinha e voltou para o salão, onde também apagou todas as luzes, exceto as de segurança.

Depois, ficou olhando para a moça.

Podia levá-la no colo até lá em cima. Ela não era muito pesada. Mas achava que não daria para carregá-la e fechar o restaurante ao mesmo tempo. Primeiro subo com ela, penso, e depois desço para trancar tudo.

Mas quando começou a erguê-la, Avery se remexeu e quase acertou o rosto dele com o ombro.

– O que foi? O que está fazendo?

– Hora de ir para a cama. Venha, vou levar você lá para cima.

– Trancou tudo?

– A frente está fechada. Vou ver os fundos.

– Pode deixar. Estou legal.

Pegou as chaves, mas ele as tirou da sua mão. Agora, levá-la no colo ia ser bem estranho, então Owen preferiu passar o braço pela cintura dela e deixar que fosse andando meio sonâmbula ao seu lado.

– Só fechei os olhos por um minutinho.

– Pois devia continuar com eles fechados pelas próximas oito ou nove horas – disse Owen, apoiando o corpo dela no seu enquanto fechava a porta às suas costas. – Para cima – acrescentou, arrastando-a pela escada até o seu apartamento.

– Estou meio grogue. Obrigada por tudo e mais alguma coisa.

– De nada por tudo e mais alguma coisa.

Owen abriu a porta do apartamento e entrou, tentando disfarçar a surpresa ao ver que ela ainda não desembalara várias coisas da mudança que tinha acontecido quase um mês antes. Colocou as chaves dela na mesa ao lado da porta.

– Você precisa fechar a porta quando eu sair.

– Tá bom – disse ela, sorrindo e cambaleando de tanto cansaço. – Você é um amor, Owen. Eu escolheria você.

– Para quê?

– Entre as possibilidades... Boa noite.

– Está bem. Tranque a porta, Avery.

Ficou parado do lado de fora até ouvir o ruído da fechadura.

Que possibilidades?, perguntou-se o rapaz. Depois, balançou a cabeça e desceu a escada rumo ao estacionamento, onde estava seu caminhão.

Quando entrou no veículo, olhou para as janelas do apartamento. Ainda podia sentir o aroma de limão que vinha do cabelo e das mãos de Avery.

E foi sentindo aquele cheiro durante todo o trajeto até sua casa.

capítulo três



ASSIM QUE CONSEGUIU SAIR do restaurante, Avery vestiu o casaco, enfiou um gorro de esqui na cabeça e atravessou a rua a toda a velocidade.

Viu o caminhão da loja de móveis no estacionamento e apressou o passo, tanto por empolgação quanto para se livrar do frio. Quando entrou, o ambiente estava imerso numa atividade frenética: sujeitos no alto de escadas retocavam a pintura, pistolas de pregos espocavam no lounge e, na sala de jantar, uma furadeira vibrava.

Dirigiu-se para o arco da frente e deixou escapar uma exclamação de surpresa quando chegou ao gradil do patamar da escada. Ryder meteu a cabeça pelo vão da porta da sala de jantar.

– Por favor, não suba por aí. Luther está trabalhando nos corrimãos.

– Ficaram tão lindos... – murmurou ela, passando a mão pela curvatura de bronze escuro.

– Ficaram mesmo. Ele está trabalhando justamente nessa escada e é educado demais para mandar você dar a volta pelo outro lado. Mas eu não.

– Tudo bem – disse Avery, dirigindo-se à porta onde ele estava. Olhou para cima. – Meu Deus, está lindo de morrer! Olhe essas luminárias!

– Pesam pra caramba! – Ele também ergueu os olhos para os grandes globos em forma de bolotas de carvalho, com ramos e folhas. – São bem bonitos, sim.

– São fantásticos. E as arandelas também. Faz dias que não consigo vir ver o que está acontecendo. Ando muito sem tempo, mas quero dar uma olhada em tudo. Hope está por aí?

– Provavelmente no terceiro andar, às voltas com os móveis.

– Móveis!

Avery deu meia-volta, passou correndo pelo saguão e saiu porta a fora.

Subiu correndo os dois lances de escada, abriu a porta da suíte Westley & Buttercup e ficou parada por um instante, com um sorriso no rosto, apenas observando o fogo crepitar na lareira, as tiras escuras das persianas das janelas. Queria explorar tudo, ver cada detalhe, mas queria mais ainda ver pessoas naquele momento.

Saiu correndo pela porta da varanda, guiando-se pelas vozes que vinham da cobertura.

Ao chegar, ficou boquiaberta.

Justine e Hope ajeitavam a disposição de duas cadeiras estofadas com um tecido sedoso. Os tons azuis e dourados da estampa contrastavam com o ouro velho intenso do sofá em que Carolee arrumava algumas almofadas.

– Acho que devíamos... Avery – disse Justine, erguendo o tronco. – Ir até a janela. Quero ver o movimento dos carros.

– Estou pregada aqui no chão. Meu Deus, Justine. Está maravilhoso!

– Mas, na prática, funciona? Não quero hóspedes dando caneladas em cadeiras ou precisando andar por aí desviando dos móveis. Finja que acabou de chegar e, agora, quer andar pela suíte, olhar pela janela para ver a St. Paul.

– Está bem – falou Avery, tapando os olhos por um instante. – Bem... Acho que, para uma noite, está bom, Alphonse.

– Alphonse? – indagou Hope.

– Meu amante. Acabamos de chegar de Paris – respondeu ela. Começou a andar pelo aposento e, quando olhou pela janela, fez um ar de desdém. Essa expressão se transformou num sorriso quando ela se virou e começou a dançar. – Está espetacular. Ninguém vai tropeçar ou ter que desviar de nada. Vão mesmo deixar as pessoas se sentarem nesses móveis?

– É para isso que eles servem.

Avery passou os dedos pelo braço roliço do sofá.

– Querem saber o que eu acho? Vão fazer mais do que só sentar aqui. Só um palpite.

– Há certas coisas em que prefiro nem pensar. Precisamos de um abajur para essa cômoda. Algo bem fino, com uma cúpula reluzente.

– Vi um assim lá na Bast – comentou Hope. – Acho que ficaria perfeito.

– Anote isso, está bem? Uma de nós vai até lá, pega uns enfeites e traz para experimentar.

– Está impressionante! – exclamou Avery. – Desse jeitinho mesmo.

– Você ainda não viu nada – disse Hope, dando uma piscadela. – Leve Alphonse até o quarto.

– É o lugar favorito dele. Ele é uma máquina de masculinidade...

Avery seguiu a amiga e já ia entrando no banheiro quando a outra a segurou pelo braço.

– Primeiro isso aqui – insistiu Hope.

E ela ficou radiante como uma jovem mãe ao ouvir a exclamação de Avery:

– Essa cama! Tinha visto o desenho, mas nem se compara com o móvel de verdade.

– Adoro esses entalhes – comentou Hope, passando os dedos por um dos pilares altos. – E, com a roupa de cama, fica com um ar aconchegante. Juro que Carolee passou uma hora inteirinha arrumando o edredom, os travesseiros e o rolo.

– Adorei... O tom meio bege das almofadas sobre o fundo branco dos lençóis e a manta nos pés da cama...

– É caxemira. Só para dar um toque de elegância.

– Ficou muito elegante. E as mesas, os abajures. E essa cômoda!

– O tom sutil do ouro velho combinou muito bem. Quero aprontar isso tudo até a noite. O caderninho de notas, os livros, os DVDs, todos os pequenos detalhes. Precisamos fazer umas fotos para o site.

– Adorei esses banquinhos e essas almofadas felpudas junto ao pé da cama. Tudo aqui tem um ar luxuoso. Até Alphonse ficaria impressionado.

– E olhe que ele não é de se impressionar facilmente. O pessoal da Bast acabou de sair. Agora vão trazer a mobília da Westley & Buttercup. Está dando um trabalho danado carregar esses móveis pela escada.

– Ainda bem que não são da minha casa. Não posso demorar muito, mas hoje à tarde Dave estará de volta, portanto não vou trabalhar à noite. Posso vir ajudar.

– Está contratada. Pensei em trazer umas coisas minhas. As que eu não for usar por enquanto. E temos que começar a pensar na decoração também. Estou de olho numas peças que vi lá na Gifts.

– É, está virando realidade mesmo.

– Preciso do seu cardápio para colocar nas pastas que vão ficar nos quartos.

– Pode deixar que eu trago.

Avery entrou no banheiro.

– Vocês equiparam tudo! Saboneteira, porta-xampu, essas coisas. Ai, essas saboneteiras...

– Para as fotos. Ou pelo menos foi a desculpa que dei. Queríamos ver como ia ficar tudo arrumado. Ainda vou botar as toalhas, pendurar os roupões. É Ryder que vai fazer as fotos. Pelo que parece, ele é bom nisso.

– É mesmo – confirmou Avery. – Até hoje tenho uma foto que ele fez de Owen e de mim quando éramos adolescentes. É bem legal. Engraçada. Sabe que ele apareceu no restaurante e ajudou a servir as mesas ontem à noite?

– Ryder?

– Não, Owen. Depois só faltou me carregar escada acima. Dois dias seguidos trabalhando dobrado, um ônibus de turismo, uma reunião inesperada do coral do ensino médio, uma falha temporária no sistema do computador, entre outras coisas. Na hora de fechar, eu estava um verdadeiro zumbi.

– Ele é um amor.

– Na maior parte do tempo, é, sim.

– E Beckett também. O que aconteceu com Ryder?

Avery riu, contornando com o dedo a borda ovalada de uma das pias.

– Ah, bem lá no fundo Ryder é legal. É só saber ver.

– Acho que precisaria de um microscópio. Mas ele trabalha bem. Agora podemos pôr as coisas aqui dentro, mas sem os suportes não ia ser possível. E ele é um saco com os detalhes. Portanto, respeito isso. Aliás, tenho que voltar às minhas funções.

– Eu também. Deve dar para sair do restaurante por volta das quatro ou cinco, no máximo. Ai dou um pulo aqui.

– Estão dizendo que vamos poder começar a arrumar a biblioteca ainda hoje. Pelo menos as estantes. E talvez até a Elizabeth & Darcy.

– Passo aqui sem falta, Hope!

Avery deu um pulinho, abraçou a amiga e pulou de novo.

– Estou tão feliz por você... Até mais tarde.

Saiu às pressas e ia descendo a escada quando Owen passou pelo portão que separava a futura confeitaria do pátio da pousada.

– Olá! – exclamou ela.

– Oi, moça! – disse ele, e veio se aproximando com a prancheta na mão. –

Está com uma aparência bem melhor.

– Do que o quê?

– Do que a morta-viva de ontem.

Ela lhe deu um soquinho de brincadeira na barriga.

– Deu para recuperar um pouco, graças a você. Esqueci de perguntar como foi de gorjetas.

– Nada mau. Acho que deu uns 25 dólares – disse ele e, instintivamente, estendeu a mão para abotoar o casaco dela. – Só espero que Franny e Dave já tenham voltado.

– Dave deve estar chegando agora, mas Franny ainda não. Ela está melhor, mas quero que fique mais um dia de molho. Fiquei completamente deslumbrada com a cobertura. Caramba, Owen, está incrível!

– Ainda não fui até lá – disse ele, erguendo os olhos. – O que já arrumaram?

– Tudo. Sala, quarto. Agora estão trazendo, ou vão trazer daqui a pouco, a mobília da W&B. Venho mais tarde para ajudar. Vai estar aqui?

– Pelo visto, pelo menos alguém vai estar por aqui 24 horas por dia até tudo estar terminado.

– Então nos vemos mais tarde.

Mas voltou atrás junto com ele quando o caminhão da loja apareceu.

– Ah, não quero ir embora – falou ela. – Que droga ter que trabalhar para me sustentar...

– De qualquer jeito, aqui no frio é que você não pode ficar – disse Owen, pegando as mãos dela e esfregando-as. – Onde estão suas luvas?

– No bolso.

– Acho que funcionariam melhor se você as calçasse.

– Talvez, mas se estivesse de luvas não teria ganhado essa massagem nas mãos. – Ficou na ponta dos pés e deu um beijo estalado na bochecha dele. – Tenho que ir. Volto depois.

E foi embora saltitando.

Ela andava depressa, pensou ele. Aliás, sempre tinha sido assim. A vida toda quis saber por que Avery não tinha sido atleta em vez de líder de torcida. Lembrava que, quando lhe fez essa pergunta, ela revirou os olhos e disse que os uniformes eram mais bonitos.

Owen tinha que admitir que ela ficava linda naquela roupa de líder de torcida. Será que tinha guardado o uniforme?

Será que era uma boa ideia ficar pensando em Avery vestida daquele jeito?

Depois se perguntou o que diabo estava fazendo parado ali no frio imaginando o que quer que fosse.

Entrou e retomou o trabalho.



O tempo voou e, quando os operários foram embora, Owen estava pronto para ir tomar uma cerveja.

Mas sua mãe, não.

Em vez de subir os degraus do prédio com uma garrafa bem gelada na mão,

ele subiu carregando caixas cheias de livros.

Justine ficou parada no alto da escada, com as mãos nos quadris e um pano numa delas.

– Essas aí vão para a biblioteca. As meninas estão lá, limpando as prateleiras. Carolee e eu vamos voltar para a Nick & Nora.

– Sim, senhora.

Meio ofegante, lá foi ele escada acima. Ryder vinha logo atrás com outra caixa e Beckett fechava a fila.

– Puta merda, quantos livros – resmungou ele quando a mãe já não podia ouvi-lo.

– E uma cacetada de prateleiras para encher – completou Owen.

A biblioteca cheirava a lustra-móveis e perfume. Avery estava trepada numa escadinha na outra ponta do cômodo, polindo as prateleiras de cima de uma das estantes que ladeavam o console e a lareira.

Owen e os irmãos tinham construído aquilo tudo na oficina da família.

Lembrava-se de cada etapa do trabalho: cortar, lixar, colar, envernizar. Muito esforço, pensou, e muita satisfação.

Ainda mais agora que via a madeira brilhar sob as flanelas que a lustravam.

– Está ficando ótimo, moças – disse Beckett, pondo sua caixa no chão. Passou o braço pela cintura de Clare, puxou-a para si e enfiou o nariz em seu pescoço. – Olá.

– Qual deles é você? – perguntou ela, virando a cabeça e rindo. – Ah, o meu.

– Nada de ficarem se agarrando até terminarmos tudo – alertou Ryder, apontando para a porta com um dos polegares. – Temos mais caixas para trazer.

– Duas delas estão na J&R – observou Hope. Agachada, ela lustrava as portas dos armários abaixo das estantes. – Com uma etiqueta dizendo “Estantes da biblioteca”.

– Acabei essa parte aqui – disse Avery, pulando da escada. – Vou pegar uma delas. Você me ajuda? – perguntou a Owen.

– Claro.

Quando chegaram à suíte, Avery reparou que a pilha de caixas havia diminuído e todas pareciam ter sido reorganizadas.

– Vocês estão andando bem depressa. Rearrumaram o que sobrou?

– Assim fica mais fácil encontrar as coisas.

– Você devia ir organizar o meu apartamento. Talvez eu conseguisse encontrar a echarpe roxa que comprei na Gifts no mês passado.

– Ajudaria se você acabasse de tirar as coisas das caixas.

– Já tirei quase tudo.

Owen se absteve de fazer qualquer comentário.

– As coisas da biblioteca estão aqui – falou e, contornando umas pilhas, foi para um canto perto do banheiro.

– Como vai ocupar o tempo depois que a obra aqui tiver terminado? – perguntou Avery.

– Além da construção da confeitaria, da casa de Beck, da manutenção das propriedades alugadas e da reforma da cozinha de Lynn Barney?

– Lynn Barney vai reformar a cozinha? Não sabia.

– Você não sabe tudo.

– Mas sei quase tudo. As pessoas falam enquanto comem massa e pizza – disse Avery, abaixando-se para apanhar uma caixa em que estava escrito “Estantes da biblioteca” com a letra firme e clara de Hope.

– Essa está pesada demais. Pegue esta outra aqui – falou Owen.

– O que vão fazer com aquele espaço debaixo do apartamento provisório de Hope?

– Vamos pensar em alguma coisa. Um passo de cada vez.

– Às vezes gosto de dar vários passos ao mesmo tempo.

– É assim que a gente acaba tropeçando – retrucou ele, carregando a caixa e empurrando a porta com o quadril.

– Mas também é assim que chegamos mais depressa aonde estamos indo.

– Não se tropeçarmos – insistiu ele, fechando a porta atrás de si.

– Tenho bastante equilíbrio. Aquele espaço é fantástico – falou Avery enquanto ele abria a porta da varanda.

– Primeiro a confeitaria e a casa de Beck. O prédio não vai sair daqui.

Ela quis argumentar. Por que manter um espaço vazio na avenida principal se era possível fazer algo com ele? Seus olhos, porém, foram atraídos na direção da suíte Nick & Nora, de onde vinha a voz de Justine. Acho que é melhor levar essa caixa direto para seu destino, pensou.

Na biblioteca, junto com Hope e Clare, começou a separar o conteúdo das caixas e arrumar os livros e bibelôs nas prateleiras. Romance, mistério, história local, clássicos. Uma coleção de garrafas antigas, um antigo carro em miniatura que tinha pertencido ao pai de Owen e castiçais de ferro que ele havia feito.

– Achei que tivéssemos toneladas de coisas – comentou Hope. – Fiquei até pensando se não faltaria espaço. Mas não. Precisamos de mais.

– Posso trazer alguns objetos lá da livraria, e podemos pegar outros na Gifts.

– Vamos colocar a bandeja com o uísque e os copos aqui, nessa prateleira de baixo. – Hope recuou para ver melhor. – É, só mais algumas coisinhas. A parte dos livros está ótima. Você fez um ótimo trabalho, Clare.

– Para mim, foi uma tarefa bem divertida.

– Sabem de que este lugar precisa? – perguntou Avery, apoiada na parede do outro lado do aposento. – De uma foto, na varanda da frente, com toda a equipe que trabalhou na obra. A gente manda emoldurar e pendura aqui. Os construtores da Pousada BoonsBoro.

– Perfeito. Excelente ideia. E quando estiver tudo pronto, com os móveis e a decoração... – disse Hope, olhando ao redor. – A escrivaniinha aqui diante da janela, com um laptop para os hóspedes, o livro de visitantes encadernado em couro, aquele incrível sofá também de couro, as poltronas, os abajures...

– Vou chamar Justine e Carolee para ver o que elas acham – falou Clare.

Mas, quando estava se dirigindo à porta, ouviu-se um alvoroço que parecia uma cavalaria subindo as escadas.

– Parece que os meus filhos invadiram isto aqui. Eu disse a Alva Ridenour que passaria para buscá-los e que iríamos comer uma pizza. Pelo visto, ela decidiu trazer os três para mim.

O que parecia o estouro de uma manada de búfalos vinha subindo a escada.

As mulheres saíram da biblioteca a tempo de ver os três filhos de Clare correndo, desabalados, pelo corredor.

– Mãe! A Sra. Ridenour disse que ela e o marido também querem comer pizza. Tínhamos que vir ver a pousada – declarou Harry, o mais velho, correndo até Clare para lhe dar um abraço e, depois, recomeçando a correr por todo lado.

– Calma! Calma! – exclamou ela, segurando a mão do menino e conseguindo passar o braço pelo filho do meio, Liam, que veio abraçar suas pernas.

Depois de dar um apertão na mão de Harry, pegou o caçula, Murphy, e o encarapitou no quadril.

– Oi! – exclamou o menino, dando-lhe um beijo babado no rosto. – Fizemos o dever de casa, lanchamos, jogamos dominó, demos comida para Bem e Yoda e a Sra. Ridenour disse que cada um de nós ia ganhar 2 dólares para jogar Megatouch porque nos comportamos bem.

– Que ótimo!

– Queremos ver a pousada – disse Liam, erguendo a cabeça. – O Sr. e a Sra. Ridenour também querem. Podemos ir, mamãe? Podemos ver tudo?

– Sem correr e sem mexer em nada – respondeu Clare, passando a mão pelo cabelo castanho e cacheado de Liam, que já estava bem despenteado.

– Achei que fosse a cavalaria chegando.

– Vó! – exclamaram os meninos, juntos, e correram para cercar Justine.

Ela se agachou, abraçou os três e abriu um sorriso radiante para Clare.

– Sou avó – disse, dando um beijo estalado no rosto de cada um deles. – Isso é o máximo!

– Podemos ver a sua pousada, vó? – perguntou Murphy, fitando-a com um sorriso angelical. – Por favor! Não vamos mexer em nada.

– Sei que não vão.

– Que tal começarmos lá por cima? – sugeriu Beckett, contornando a escada e pegando a mão de Clare. – Ryder está no térreo mostrando a sala de jantar para os Ridenours. Devem subir daqui a pouco.

– Você vem com a gente, vó? – indagou Harry, puxando Justine pela mão. – Queremos que venha.

– Claro que vou.

– Beckett disse que vamos ficar aqui quando estiver tudo pronto – disse Liam, pegando a outra mão de Justine enquanto Murphy estendia os braços para Beckett. – E vamos poder dormir numa dessas camas bem grandes. Você também vai ficar?

– É o que pretendemos. Todos vamos passar a primeira noite aqui.

Quando o grupo se dirigia para o terceiro andar, Avery se aproximou de Owen.

– Não é a imagem perfeita? Não é lindo, lindo, lindo? Clare e os meninos; Clare e Beckett; Clare, Beckett e os meninos... E a sua mãe com eles todos... – disse ela, fungando de leve e levando a mão ao coração. – Fico até comovida.

– É. Tira um peso de cima de mim e de Ryder. Brincadeira – acrescentou quando Avery estreitou os olhos marejados. – Mamãe é louca por essas crianças.

– Meninos de sorte! Agora têm três avós.

– O meu pai teria adorado esses três...

– Eu sei. – Sentindo um aperto no coração, ela passou a mão pelas costas de Owen. – Ele tinha o maior jeito com crianças. Eu me lembro daqueles almoços no quintal da sua casa. Ele corria conosco por todo lado. Eu o adorava. Sempre que aparecia para conversar com o meu pai, dizia: “E aí, ruiva, tudo bem?” – Ela suspirou. – É, parece que estou emotiva hoje. Vamos! Venha ver o que já fizemos na biblioteca.

– Papai considerava você da família.

– Ah, Owen...

– É verdade. O seu pai era como um irmão para ele e, portanto, você era uma de nós. Sempre me dizia para cuidar de você.

– Não dizia nada.

– Dizia, sim – insistiu Owen, dando um puxão de leve no rabo de cavalo acobreado dela. Quando entraram no aposento, ele exclamou: – Uau! Muito bem! E não demoraram nada.

– Já estava tudo organizado – retrucou ela, rindo. – Como você bem sabe. Ainda temos que completar alguns espaços, e pensei em fazermos uma foto com toda a equipe da reforma na varanda da frente. Depois podemos mandar emoldurar e pendurar aqui. Agora, essas pessoas fazem parte da história do lugar.

– Tem razão. Vamos providenciar isso.

– Posso fazer a foto, se convencer Ryder a me deixar usar a câmera. É só mandar me chamar quando todo mundo estiver disponível que eu venho. Cadê Hope?

– Foi à Nick & Nora com Carolee. Provavelmente para terminar de arrumar tudo por lá.

– Ela não vai parar nunca, a menos que alguém a obrigue. Vá lá dizer que, por hoje, acabou – pediu Avery, cutucando Owen. – Diga que é para ela ir jantar no restaurante. E Carolee também. Você e Ryder devem estar ansiando por uma cerveja e uma comidinha...

– Há um bom tempo.

– Pois vá chamá-los. Você ela vai ouvir. É melhor eu ir na frente para avisar ao pessoal que vai chegar um grupo. Vou ver se consigo separar a saleta dos fundos para vocês.

– Para nós. Você também tem que comer.

Com um ar divertido, Avery inclinou a cabeça para o lado.

– Cuidando de mim?

– Sou um filho obediente.

– Quando lhe convém. Até mais tarde.

Os dois se separaram, mas, quando Avery passou pela suíte Elizabeth & Darcy, escutou vozes. Imaginando que parte do grupo que visitava a pousada havia parado ali, abriu a porta.

Murphy estava no quarto vazio, parado junto à porta aberta da varanda, conversando... com ninguém.

– Murphy?

– Oi!

– Oi, querido. Está frio aí fora. Não pode abrir as portas.

– Não abri. Não mexi em nada. Ela gosta de ir olhar lá fora.

Com todo o cuidado, Avery passou pela porta, encolhida por causa do frio, e correu os olhos pela varanda inteira.

– Quem gosta de ir lá fora?

– A moça. Ela disse que posso chamar ela de Lizzy, como Beckett.

– Ah – falou Avery, sentindo um arrepio que nada tinha a ver com a porta aberta. – Ah, meu Deus. Hã... Ela está aqui?

– Bem ali, perto do parapeito – respondeu o menino, apontando. – Ela disse para eu não sair porque minha mamãe ia ficar preocupada.

– E com toda a razão.

– Ela está esperando.

– Está? Esperando quem?

– Billy. Vamos comer pizza agora?

– Hã... Vamos. Daqui a um minutinho.

Nesse momento, Owen abriu a porta do corredor, fazendo Avery pular de susto. Ela riu, meio sem jeito, quando viu que ele a fitava.

– Só estamos... Não sei... Murphy, ouvi sua mãe e Beck lá em cima. É melhor você subir, tá bem? E prometa que vai ficar junto deles.

– Prometo. Eu só queria ver Lizzy. Ela gosta de ter com quem conversar. Tchau!

– Cara! – exclamou Avery depois que o menino saiu. – Ouvi pessoas aqui. Juro que ouvi. Gente conversando. E quando cheguei, só havia Murphy e essa porta aberta. Ele disse que a moça, Lizzy, estava ali fora, perto do parapeito. Ele a vê e fala com ela. Eu ouvi vozes, Owen. Não uma voz só. E...

– Calma. Respire fundo – disse ele, indo fechar a porta da varanda.

– Mas ela está aí fora! Você não devia esperar até ela entrar de novo?

– Acho que ela pode se virar sozinha.

– E talvez até já tenha entrado. – Com os olhos arregalados, a moça se recostou na porta. – Foi tão... tão *maneiro*! Murphy Brewster fala com fantasmas. Disse que ela estava esperando alguém chamado Billy. *Preciso* ficar neste quarto. Talvez eu tenha um contato imediato com... se bem que isso é só com alienígenas, não é? Uau!

Desta vez, Owen pôs as mãos nos ombros dela. Avery se virou.

– Agora, respire fundo – disse ele.

– Estou bem. É empolgante e um pouco assustador, mas de um jeito bem legal. Como você consegue estar tão calmo?

– Porque você esgotou todo o estoque de empolgação. Esperando Billy?

– Foi o que Murphy falou, e ele parece ter uma linha direta de comunicação com ela. Talvez Billy seja o marido. Ou o amante.

– Em geral, maridos são amantes.

– Ah, você entendeu. E ela está esperando por ele há todos esses anos. Que romântico!

– Para mim, parece trágico.

– Não. Bem, sim, mas romântico também. Um amor que é eterno, que dura... Isso é raro na vida real, não é?

– Não entendo muito disso – começou a falar Owen, mas Avery nem sequer estava ouvindo.

– Ela ficou aqui porque esse amor é *poderoso*. Mágico. A coisa mais importante de todas. É... – De repente, a porta da varanda às suas costas se abriu, chocando-se contra ela e empurrando-a para a frente, direto para cima de Owen. Ele a segurou firme, para que Avery não perdesse o equilíbrio. Ela inclinou a cabeça para trás e o fitou bem nos olhos – ... tudo.

Owen não falou nada. Ficaram ali, os corpos colados, com a porta aberta atrás de si e o som de gente correndo e rindo enchendo o corredor do lado de fora.

O que é isso?, pensou ele. O que está acontecendo?

E em seguida sua boca procurou a dela, e os dedos dela mergulharam no seu cabelo.

Quente e intensa: era como Owen pensava nela. E quente e intenso também estava sendo aquele beijo. Pleno de luz e energia. Pleno de Avery.

Tudo aconteceu de forma frenética, sem tempo para nenhum dos dois tomar fôlego. Era um beijo que dava vazão a um desejo profundo e ardente. Um ímpeto quente que se espalhava pelo corpo todo. Owen perdeu a noção de tudo que não fosse o gosto dela, seus movimentos, as exigências da sua boca, seu cheiro de limão e madressilva.

Avery se equilibrava nas pontas dos pés, agarrando-se a Owen com toda a força, sentindo a excitação e o deslumbramento percorrerm-na como um rio. Deixou as coisas seguirem seu curso, de um jeito acelerado e tumultuoso que a transportou rumo ao desconhecido e ao mesmo tempo a manteve presa àquele instante.

Foi ele quem fez o primeiro movimento para se afastar. Ficou olhando para Avery como se tivesse saído de um transe.

– O que foi isso? O que acabou de acontecer?

– Não faço ideia – respondeu Avery, e achava que não queria saber.

Não agora, quando os braços dele ainda a envolviam. Queria parar no tempo naquele momento mágico.

Nesse instante, bateram à porta.

– Owen? Avery? – chamou Beckett. – O que houve? Abram esta maldita porta!

– Só um instante! – disse ele. Com cuidado, soltou o corpo de Avery. – Só um instante – repetiu, agora dirigindo-se a ela.

Tentando recuperar o fôlego, ele atravessou o cômodo e abriu a porta.

– O que diabo...? – começou Beckett, mas seu olhar parou na porta da varanda aberta. – Ah...

– Não foi nada. Está tudo bem. Pode deixar que cuido disso.

– Murphy disse que vocês dois estavam aqui – falou Beckett olhando para trás para se certificar de que as crianças não estavam por perto. – Está tudo bem?

– Está, sim. Tudo bem. Nós... hã... vamos comer uma pizza.

– Beleza. Não se esqueça de fechar aquela porta.

– Pode deixar.

Calmamente, Avery fechou a porta da varanda e passou o ferrolho.

– Ótimo – disse Beckett. – Vejo vocês na Vesta.

Ainda deu uma última olhada para os dois antes de se afastar.

Depois que o irmão saiu, Owen ficou parado onde estava, com uma das mãos na maçaneta, fitando Avery.

– Achei estranho – disse ela. – Foi estranho?

– Não sei bem.

– Acho que toda aquela conversa sobre romance e amor... Foi aquilo que acabou provocando tudo.

– É. Provavelmente.

Ela respirou fundo e se aproximou dele.

– Não quero que as coisas fiquem estranhas entre a gente.

– Está bem.

– Vou dar uma mãozinha a Dave.

– Está bem.

Avery deu-lhe um soquinho no peito.

– Só sabe dizer isso? Está bem, está bem...?

– Neste momento, está parecendo ser a coisa mais segura.

– Nada disso! – exclamou ela. – Nada vai ficar estranho entre a gente, e não diga “Está bem”.

Em seguida saiu do quarto e desceu a escada.

– Está bem – falou Owen, bem baixinho.

Saiu da suíte e fechou a porta atrás de si. Quando estava se afastando, pensou ter ouvido uma risadinha feminina às suas costas.

– É, muito engraçado... – murmurou.

Enfiando as mãos nos bolsos, começou a descer a escada.

capítulo quatro



O INVERNO CHEGOU COM UMA força gélida e sufocante. Sob o intenso céu azul, cada inalação chegava a doer. Outra geada forte havia recoberto as pedras do pátio no momento em que Owen subia a escada externa com os irmãos.

– Não me venham com alterações, ornamentos e sei lá mais o quê – resmungou Ryder.

– Vamos só dar uma olhada – falou Beckett, que liderava o grupo rumo à suíte Jane & Rochester.

– Ainda resta um monte de caixas – comentou Ryder, enfiando as mãos nos bolsos. – Parece que nossa mãe comprou lâmpadas para iluminar metade da cidade.

– Seria melhor levarmos o que pudermos para a N&N quando voltarmos – sugeriu Owen. Fez um gesto amplo. – Qual é o problema aqui, Beck?

– Não sei se há algum problema, mas, a esta altura, este é o único lugar tranquilo na pousada inteira, e não conseguimos ficar sozinhos desde ontem à noite. Sem contar que você saiu correndo da pizzaria antes que eu conseguisse falar com você. Agora me diga: o que diabo aconteceu com Elizabeth?

– Pelo amor de Deus... – disse Ryder, tirando o gorro e passando a mão pelo espesso cabelo castanho-escuro. – Você nos trouxe aqui para falar de fantasmas?

– Murphy estava naquele quarto – observou Beckett. – Sozinho. A porta da suíte estava fechada, e a da varanda, aberta. Ele acabou de fazer 6 anos, cara. Clare já não está tão apavorada com a presença de Lizzy. Se ela não tivesse dado um jeito de escrever, sabe-se lá como, no espelho embaçado do banheiro para nos alertar, não teríamos chegado a tempo quando Freemont foi atrás de Clare. Ainda assim, Murphy não passa de um garotinho.

– Tá bem, tá bem – disse Ryder, enfiando o gorro novamente. – Tem razão. Mas essa história de fantasma já está enchendo o saco.

– Dependendo do seu humor, um simples banco de parque também pode encher o seu saco...

– Sim, dependendo da minha vontade de me sentar em um deles, pode mesmo.

Beckett só balançou a cabeça.

– Murphy deu o serviço completo. Aquele menino fala pelos cotovelos! Decidiu ir visitar a moça e entrou no quarto. Contou da escola e dos cachorrinhos e disse que ela perguntou da família dele.

– Quer dizer que Murphy andou tendo uma conversinha amigável com um

fantasma? – comentou Ryder. – Isso merecia um programa de TV: *Murphy e os fantasminhas camaradas*.

– Muito engraçado – retrucou Beckett, seco. – Ela foi para a varanda, mas disse a Murphy que não saísse do quarto porque a mãe dele podia ficar preocupada. E disse também que gostava de ficar ali fora, que estava esperando Billy. E que, agora que a pousada estava sendo reformada e que havia luzes e gente, ela achava que ele poderia encontrá-la com mais facilidade.

– Quem é Billy? – perguntou Ryder.

– Esse é o problema. Murphy não sabe nada sobre ele.

– Por que está me olhando? – indagou Owen. – Não sei nada dessa história. Quando entrei na suíte, Avery já estava lá com Murphy. Mandamos que ele fosse se juntar à mãe, para ela não ficar preocupada.

– Sim, aí ele começou a falar de Lizzy e disse que você e Avery estavam lá na suíte. Quando cheguei, não consegui abrir a porta. Ela nem se mexeu.

– Então ela estava brincando conosco – retrucou Owen, dando de ombros, tentando assumir um ar descontraído. – Não foi a primeira vez.

– E não vai ser a última – resmungou Ryder.

– Não – concordou Beckett. – Enfim, quando você abriu a porta por dentro, Owen, parecia desorientado, como se tivesse levado uma cacetada. Quero saber o que aconteceu desde o momento em que mandaram Murphy nos procurar até a hora em que você abriu a porta.

– Nada. Nada de especial.

– Mentira – falou Ryder, dando uma bufada. – Você é um péssimo mentiroso. E, se não aconteceu nada de especial, por que estava tão desanimado lá na Vesta? Parecia um cachorro que caiu do caminhão de mudança. Depois, resmungou qualquer coisa sobre trabalho e se mandou. – Com um sorrisinho, ele se dirigiu a Beckett: – Deve ter sido algo bem especial.

– Desembucha logo, Owen – falou Beckett.

– Tá bem, tá bem. Avery me contou tudo o que Murphy tinha dito. Estava empolgadíssima, com um ar de sonhadora por causa da história do fantasma esperando Billy. Parecia uma daquelas comediazinhas românticas sobre um amor mais forte que a morte e tal. Vocês sabem como ela fica quando cisma com um assunto qualquer.

– Não exatamente – retrucou Ryder, dando de ombros. – Nunca tive uma conversa sobre um amor mais forte que a morte com Avery. Você já? – disse ele, dirigindo-se a Beckett.

– Não que eu me lembre. Mas não esqueça que Owen foi o primeiro namorado dela.

– Ah, parem com isso – atalhou Owen, num misto de constrangimento e irritação. – Ela devia ter uns 5 ou 6 anos, a idade de Murphy. Pelo amor de Deus.

– Ela disse que ia se casar com você – observou Beckett, que agora acompanhava o tom debochado de Ryder. – E que teriam três cachorros, dois gatos e cinco filhos. Ou será que eram três filhos e cinco cachorros?

– Você arranhou um anel para ela, cara.

Sem alternativa, Owen sorriu para o irmão.

– Anel que ganhei numa daquelas máquinas de chiclete. Era brincadeira. Eu

também era pequeno, ora.

– E lhe deu um beijo. Na boca – lembrou Beckett.

– Aconteceu! Aquele cheiro de madressilva, e aí a fantasma sua amiga empurrou a porta da varanda onde Avery estava encostada. Quando dei por mim, ela estava nos meus braços e...

Com as sobranceiras enguidas, Beckett inclinou a cabeça para o lado, estudando o rosto do irmão.

– Eu estava falando da época em que Avery tinha 5 anos.

– Ah.

– Agora pode desembuchar – ordenou Ryder. – Você pegou a ruivinha espezvitada?

– Aconteceu – repetiu Owen. – A porta a jogou em cima de mim.

– Claro. Sempre que uma mulher tropeça, estou lá para ampará-la.

– Vá se ferrar!

– Pela sua cara quando destrancou a porta, deve ter sido um beijo e tanto, esse que simplesmente aconteceu – observou Beckett.

– Não *destranquei* porta nenhuma, porque não estava *trancada*. Foi ela.

– A ruiva?

– Não. Elizabeth. E depois ela ficou rindo.

– Avery?

– Não! – Já entrando em desespero, Owen começou a andar de um lado para outro em meio às caixas. – Elizabeth. Depois que Avery ficou irritada e foi embora, ouvi Elizabeth rindo.

– Avery ficou irritada porque você a beijou? – indagou Beckett.

– Não. Talvez. Como posso saber o que deixa uma mulher irritada? – A frustração tomou conta dele. – É impossível saber, porque pode ser qualquer coisinha, é um mistério insondável. E, no dia seguinte, aquela coisinha pode ser ótima, aí aparece outra maldita coisinha qualquer. Nenhum homem sabe – falou, em tom soturno.

– Ele não deixa de ter razão – observou Ryder, enfiando os polegares nos bolsos. – Então, vamos recomeçar. Ela retribuiu o beijo? Isso qualquer homem sabe, cara.

– Retribuiu.

– Por puro reflexo ou pra valer?

– Pra valer – murmurou Owen. – Não foi um beijinho entre amigos.

– Teve língua e tudo?

– Meu Deus, Ry.

– Você não é o único que gosta de detalhes – disse Ryder. Então assentiu para Beckett – Definitivamente, teve língua na jogada.

– Eu disse que foi um beijo pra valer, não disse? Aí, de repente, Beckett começou a esmurrar a porta. Foi tudo tão surreal... Ela não queria que as coisas entre nós ficassem estranhas, sabem? Então eu disse “Está bem”. Aí ela disse que ia dar uma mãozinha a Dave, e eu falei “Está bem”.

– Você é um idiota. – Com uma cara de pena, Ryder balançou a cabeça. – Oficialmente, você é que é o irmão esperto. Beckett é o legal e eu sou o bonito. E agora você é só o idiota. Conseguir ferrar tudo, cara.

– Por quê? Por que sou um idiota?

Beckett ergueu a mão.

– Pode deixar que eu explico. Você beija uma mulher até ficar tonto e, se a sua informação procede, ela participa de corpo e alma do beijo. Depois, quando ela está obviamente querendo saber o que significou o tal beijo, a única coisa que você consegue dizer é “Está bem”? Você é um idiota.

– Ela não queria que as coisas ficassem estranhas. Eu estava tentando evitar que isso acontecesse.

– Você ganha um empurrãozinho de uma morta, acaba aos beijos com uma antiga namorada e o fantasma ainda tranca a porta? Tudo isso é mais do que estranho – concluiu Ryder.

– Avery não é uma antiga namorada. Ela tinha 5 anos!

Num gesto agora amigável, Ryder pôs a mão no ombro do irmão.

– As mulheres nunca esquecem. Se não quer que as coisas fiquem mais estranhas do que já estão, tem que falar com ela sobre isso. Seu panaca.

– Avery tem razão – observou Beckett. – Lizzy é romântica. A primeira vez que beijei Clare foi aqui neste prédio e, mais tarde, achei que foi ela que provocou aquilo. Ao menos em parte.

– Então você fala com ela – pediu Owen. – Diga para ela não se meter.

– Ter beijado a ruiva deve ter danificado alguns dos seus neurônios – concluiu Ryder. – A gente pode dizer a uma mulher, com todo o jeitinho, o que fazer e, talvez, talvez ela faça o que nós pedimos em cinquenta por cento dos casos. Isso com uma mulher viva. Mas com uma morta? Acho que ficaríamos mais perto do zero.

– Merda.

– É melhor conversar com Avery – sugeriu Beckett. – E direito. E logo.

– Merda.

– Então, agora que já tivemos nossa troca de confidências, mocinhas, vamos voltar ao trabalho – falou Ryder, dirigindo-se à porta e abrindo-a. – Temos uma pausa para finalizar.



Não podia evitá-la. Não que quisesse fazer isso. Não exatamente. Mas não podia, não no meio dos arremates da obra, do transporte da mobília, da limpeza, dos intervalos para comer alguma coisa. Em tempos normais, via Avery pelo menos uma vez por semana. Desde que a reforma da pousada tinha começado, ele a via quase todos os dias. E agora que o trabalho estava quase terminado, a tendência era que se cruzassem várias vezes por dia.

Mas, como *não* era um idiota, nenhuma dessas vezes incluía a dose de privacidade que permitisse a conversa que os dois precisavam ter.

Mesmo que conseguisse encontrar um lugar onde não houvesse meia dúzia de pessoas passando de um lado para outro o tempo inteiro, acabaria sendo interrompido a cada dez minutos.

Então, fez o que decidiu ser sua segunda melhor opção: agiu como se nada

tivesse acontecido. Passou os dias que se seguiram falando com ela, carregando caixas e pedindo comida para ela, tudo de um jeito bem normal.

E, como ela estava agindo exatamente da mesma forma, imaginou que o problema estava resolvido.

Sua última tarefa do dia, ou, com sorte, da semana, pensou Owen, era levar uma caixa de lâmpadas para a suíte Nick & Nora. Pretendia dar uma passada pelos quartos já prontos para checar as luminárias e atarraxar bem as lâmpadas.

Hesitou apenas por um instante quando viu Avery prendendo uns pingentes de vidro num abajur de pé.

Ela olhou na direção dele.

– Faltava montar isto.

– Está ficando ótimo.

– Estou pendurando do meu jeito. Gosto mais assim do que como o manual manda fazer. Justine disse que também prefere assim.

– Por mim, está perfeito.

Percebeu que as bolas de vidro do abajur ao lado da cabeceira da cama já haviam sido montadas.

– Hoje eu sou a Rainha dos Lustres.

Owen já ia fazer uma brincadeira falando sobre dar à luz, mas se conteve.

Caramba, a situação *estava* estranha.

– E eu sou o cara das lâmpadas, então, que se faça a luz – disse, tirando uma lâmpada da caixa. – Ouça, Avery...

– Olhem só para isto! – exclamou Hope, entrando no aposento, ainda com o casaco e o cachecol, carregando uma estatueta art déco de um homem e uma mulher. – Não é maravilhosa?

– Fantástica! São Nick e Nora Charles – disse Avery, se virando para admirar a escultura.

– Aquele pessoal incrível da Bast nos deu de presente.

– Óun... Agora gostei ainda mais dela.

– Simplesmente perfeita. – Depois de passar os olhos pelo aposento, Hope pousou a estátua num canto do console entalhado que Owen havia feito para a lareira. – Aqui está incrível! Adorei esse abajur de pé. Estiloso e cheio de glamour. Ah, quando tiver terminado aí, Avery, talvez possa ir dar um palpite lá na J&R. Estamos tentando decidir onde colocar os paninhos de crochê que a sua avó fez, Owen. Aqueles que a sua mãe mandou emoldurar. São tão lindos... Ela era uma artista.

– Se tivesse linha suficiente, ela poderia ter feito o Taj Mahal em crochê.

– Acredito. Estamos entre dois lugares, e precisamos de uma terceira opinião, Avery.

– Já vou lá. Estou prendendo o último pingente, graças a Deus – disse ela, recuando um pouco. – Excelente!

– Então venha comigo. Precisamos decidir e, por hoje, é só.

– Ótimo, porque tenho que ir embora correndo para cuidar de umas coisinhas.

– Depois que terminar, passe lá em casa – disse Hope. – Os pais de Clare vão ficar com os meninos hoje à noite e Beckett tem um jantar de negócios com um

cliente. Podemos tomar um vinho, e eu posso preparar alguma coisinha para comermos.

– Combinado. Só mais dois minutinhos aqui.

Depois que Hope saiu, Avery se agachou para pegar a embalagem do abajur.

– Fica ainda mais bonito com todas elas acesas – comentou quando Owen começou a testar as lâmpadas.

– Verdade. Então, Avery... Está tudo bem entre nós?

Ela ficou calada por um instante e, num gesto rápido, olhou para ele.

– Lá vem você de novo com essa história...

– Ai, Avery...

Ainda agachada, ela o fitou longamente com as sobrancelhas arqueadas.

– Por mim, está tudo bem. E quanto a você?

– Está. É só que...

– Pelo visto, está tudo certo entre nós. Não foi meu primeiro beijo, Owen.

– Não, mas...

– Não foi meu primeiro beijo nem com você.

Ele apoiou a caixa de lâmpadas no outro lado do corpo.

– Aquilo foi...

– Então, não há problema nenhum entre nós.

– Nenhum – concordou ele, mas sentia que havia, sim. – Vou levar estas coisas. E ainda temos um monte de coisas para carregar.

– Ótimo – disse Avery dirigindo-se para a porta. – Ah, se tiver tempo, talvez possa pendurar o espelho, aquele cheio de raios. Hope já marcou o lugar exato na parede.

– Claro.

– Se não nos virmos mais, bom fim de semana.

– Pra você também.

Owen olhou para a caixa de papelão; olhou para o espelho; e olhou para o vão da porta com a testa franzida.

– Merda! – resmungou, e foi buscar a furadeira.



– “Está tudo bem entre nós?” – repetiu Avery, gesticulando com a taça de vinho na mão. – Idiota!

Na sala do apartamento de Hope, enrodilhada no sofá, Clare sorriu para a amiga.

– Ele simplesmente não está sabendo o que fazer...

Sem demonstrar nenhuma disposição para benevolência, Avery bufou:

– Naquela noite ele não teve o menor problema em saber o que fazer *comigo*.

– Beckett ficou todo estranho e sem saber como agir comigo depois que quase nos beijamos pela primeira vez. Talvez seja uma característica dos irmãos Montgomery.

– Mas quando se beijaram mesmo ele não ficou nada sem jeito.

– Verdade – concordou Clare, e seu sorriso se iluminou. – Mesmo assim, considerando o histórico de vocês...

– Que histórico? – perguntou Hope, que vinha da cozinha trazendo uma bandeja com frutas e queijos. – Ainda não sei todos os detalhes. Só o básico: empurrões de fantasmas, beijos ardentes, Owen agindo como um idiota depois do ocorrido...

– É um resumo perfeito.

– Mas que histórico? Há alguma coisa aí além de duas pessoas que se conhecem desde sempre? Clare e Beckett também se conheciam havia muito tempo antes de ficarem juntos.

– Só que na época eu estava com Clint – disse Clare. – Desde que Beckett e eu nos conhecemos, eu sempre estive com Clint. Por isso, não, eu não tinha nenhum histórico com ele a não ser uma amizade como outra qualquer.

– E você teve mais que isso com Owen? – perguntou Hope a Avery. – O que foi que eu perdi?

– Eles foram noivos – disse Clare, rindo e erguendo a taça num brinde em direção a Avery.

– O quê? – falou Hope, com os olhos castanhos arregalados. – Quando? Como eu nunca soube disso? Isso é *incrível*.

– Éramos crianças. Eu tinha uns 5 anos, quase 6. Nossos pais eram muito amigos, então estávamos sempre juntos. Eu tinha uma queda por ele.

– Então ela pediu a mão dele em casamento. Na verdade, ela anunciou para todo mundo que os dois iam se casar quando crescessem.

– Ai, que fofura.

Um pouco menos brava, Avery deu de ombros.

– Deve ter sido uma situação bem constrangedora para ele. Acho que devia ter uns 8 anos. Mas ele foi bem legal. Paciente – prosseguiu ela, um pouco mais enternecida. – Passei uns dois anos a fim dele.

– Nessa idade, é um tempão... – observou Hope.

– Eu sou do tipo que se entrega. Depois, ele começou a sair com Kirby Anderson. – A ternura desapareceu dos seus olhos. – Aquela traidorzinha de 10 anos. Owen Montgomery me deixou de coração partido quando resolveu ficar com aquela ladra de namorados alheios.

– Devo assinalar, para Hope ficar sabendo, que Kirby Anderson hoje em dia está casada, é mãe de dois filhos e se tornou ativista em defesa do meio ambiente lá em Arlington, na Virgínia.

– Já está velha demais para continuar como antes – retrucou Avery, dando de ombros. – Mas ainda pode haver o espírito traçoeiro ali, adormecido. Seja como for, depois disso, eu não quis saber de garotos até a adolescência.

– Mas você perdoou Owen – observou Hope.

– Claro. Eu me recusei a definir por causa dele. Além disso, o primeiro namorado de uma garota não vai ser o último, não é mesmo? – prosseguiu ela. Cortou uma fatia de queijo Gouda e começou a mordiscá-la. – Especialmente quando é um babaca.

– Não seja tão dura com ele – interveio Clare, esticando o braço e dando uns tapinhas na mão da amiga. – Owen deve estar perdido, sem saber como agir. Você sabe que é muito importante para ele. Para a família toda.

– Eu sei, eu sei – admitiu Avery. E suspirou. – Foi um beijo incrível. Ele

aprendeu muito desde os 8 anos. Ou eu aprendi. Nós dois aprendemos. Não me importaria nem um pouco de beijá-lo de novo.

– É mesmo? – falou Hope, provando uma fatia de maçã.

– Claro. Acha que sou idiota? Ele beija muito bem, como agora eu sei. E é bem bonito.

– E você iria para a cama com ele? – quis saber Hope.

– Hum...

Pensativa, Avery se inclinou para a frente e pegou uma uva verde.

– Atualmente, nós dois estamos solteiros e somos adultos. Quem sabe? É... Quem sabe? Desde que a situação seja bem clara. Dá para confiar em Owen. É muito importante saber que a gente está com alguém em quem pode confiar – disse ela, mordendo a uva e sorrindo. – E que é bem bonito.

– Depois de ouvir tudo isso, fico feliz em estar fora do mercado – comentou Hope, afundando na poltrona com a taça de vinho na mão.

– Não vai ser por muito tempo – atalhou Avery, balançando a cabeça. – Você é linda, inteligente, interessante... e humana.

– Não estou a fim de sair com ninguém por enquanto. E não é só por causa de Jonathan. Na verdade, quando penso nisso agora, tenho certeza de que não é por causa daquele *babaca*. Neste momento, só quero me concentrar na pousada, em ser a melhor gerente do mundo e em manter este lugar maravilhoso absolutamente perfeito. Homens, namoro, sexo? São coisas que não me interessam nem um pouco agora.

– Cuidado – alertou Clare. – Planos nem sempre dão certo.

– Mas planejamento é a minha especialidade.



Owen não conseguiu dormir direito, o que, para ele, era uma chateação. *Sempre* dormia bem. Considerava o sono uma das suas inúmeras habilidades, como a carpintaria ou a matemática.

Mas, em vez de apagar depois de um dia inteiro de trabalho duro, uma hora de malhação pesada e um relaxante banho quente de banheira, ele dormiu em intervalos curtos e entrecortados.

Tinha prometido a si mesmo não trabalhar no fim de semana. No entanto, quando um homem pula da cama antes do nascer do sol, o que mais pode fazer ao longo do dia?

A casa estava em ordem. Em geral era assim, mas, com a correria das duas últimas semanas, Owen só ia até ali para dormir. Nem mesmo ele conseguia encontrar alguma tarefa doméstica com que pudesse se ocupar.

A construção havia sido projetada por Beckett e por ele próprio. Ficava perto da casa da mãe, da de Ryder e da que Beckett estava enfim terminando. Owen gostava de estar próximo à família e, ainda assim, poder contar com a privacidade do seu terreno arborizado.

A planta combinava à perfeição com a natureza eficiente dele, com a cozinha aberta para a sala de jantar que criava um enorme espaço livre quando Owen

recebia visitas. À esquerda ficavam a área de serviço e um quarto de tralhas que também servia de vestíbulo.

Owen acreditava na multifuncionalidade, mesmo para casas.

Agora, usando apenas uma calça larga de flanela, estava parado na porta do saguão que dava para o amplo pátio calçado de pedras, bebendo um café moído e passado na reluzente e eficaz máquina que tinha dado a si mesmo de presente no seu último aniversário.

Ryder a batizara de Hilda, alegando que qualquer coisa tão brilhante e complicada só podia ser feminina.

Em geral, aquele primeiro café forte e gostoso lhe dava o maior prazer, deixando-o pronto para o dia que vinha pela frente. Naquele momento, porém, a bebida foi incapaz de diminuir sua irritação.

Era ela que estava estranha, disse a si mesmo. Aliás, tinha repetido essa frase milhares de vezes durante aquela noite mal dormida. Tinha dito que não queria que as coisas entre eles ficassem estranhas e, depois disso, começara a *agir* de um jeito estranho. Tentando fazer com que ele se sentisse culpado, concluiu, quando não havia motivo algum para isso.

Tudo aquilo era uma grande estupidez, que ele precisava esquecer. Porque não ia perder outra noite de sono de jeito nenhum.

Pensou em comer alguma coisa, mas não estava com vontade de preparar nada. Não que não gostasse de cozinhar, ainda mais no café da manhã de um fim de semana, quando podia comer ovos com bacon, sentar diante da sua bancada e ficar se distraindo com o iPad.

Mas também não estava nem um pouco a fim de ligar o iPad, o que era um mau sinal, porque ele estava sempre disposto a mexer no aparelhinho.

No fim das contas, era melhor trabalhar. Dedicaria algum tempo ao console para a lareira do quarto de Beckett. Quem sabe poderia até terminá-lo e, assim, o irmão teria apenas que selar a madeira.

Para que ficar em casa o dia inteiro se não podia curtir o tempo livre? Além do mais, sua mãe costumava acordar cedo, pensou, dirigindo-se à escada central que ele e os irmãos haviam construído. Ela lhe prepararia um café da manhã e talvez ele até pudesse sondá-la, discretamente, é claro, a respeito de Avery.

Não que fosse contar tudo à mãe – seria muito... estranho. Mas sabia que ninguém tinha uma percepção melhor das pessoas do que Justine Montgomery.

Voltou ao quarto, ligou a pequena lareira a gás embutida na parede marrom e levou o café para o banheiro. Depois de tomar banho e fazer a barba, vestiu roupas de trabalho e calçou botas.

Fez a cama, esticando os lençóis, puxando o edredom branco e ajeitando os travesseiros nas fronhas marrom-escuras.

Tirou o celular do carregador, prendeu-o no cinto, pegou o canivete, algumas moedas e a carteira que estavam na bandeja em cima da cômoda. Abriu uma gaveta e tirou lá de dentro uma bandana limpa.

Ficou parado ali, com a testa franzida sem nenhum motivo especial. O silêncio era total. Tanto a casa quanto o quintal estavam exatamente do jeito que ele gostava e a vida profissional estava ótima: ele tinha bastante trabalho e adorava o que fazia. Mas estava tudo quieto demais...

Está na hora de arranjar um cachorro, pensou. Talvez um mestiço de labrador, como o da sua mãe. Ou um vira-lata leal, como o de Ryder.

Já tinha prometido a si mesmo que cuidaria disso, mas, com a pressão e as exigências do projeto da pousada, acabara adiando a ideia.

Melhor esperar até a primavera, pensou enquanto descia a escada. Era mais fácil treinar um filhote em um clima mais quente. Talvez pudesse adotar um cachorro mais velho. Se tivesse metade da sorte que Ryder tivera com Diaraque...

Tirou o casaco do armário, enfiou um gorro de lã, pôs as luvas e pegou as chaves que estavam no pratinho perto da porta.

Um homem precisa de um cachorro, pensou. Era o que estava faltando na sua vida. Um cachorro bacana.

Talvez desse uma passada no abrigo de animais depois de tomar café na casa da mãe. Deixaria a oficina para mais tarde.

Satisfeito com essa ideia, subiu no caminhão. Parecia um plano, e ele gostava de um bom plano. Saiu com o veículo, passou pelo pequeno barracão que havia construído para guardar o jipe e as ferramentas que usava na propriedade e caiu na estrada. Fez a primeira curva e, depois, outra para pegar o caminho que levava à casa da mãe.

Assim que chegou ao terreno elevado que conduzia à casa, os cachorros vieram correr a seu lado na estrada. Atticus tinha uma de suas inúmeras bolinhas deformadas enfiada na boca e seus olhos eram pura alegria. Seu irmão Finch veio em disparada e lhe deu um encontrão. Logo em seguida, os dois começaram a rolar pelo chão, brincando.

É, pensou Owen, sorridente. Definitivamente, precisava de um cachorro.

Entrou pela alameda e, por um instante, ficou espantado ao ver o carro de Willy B. estacionado ao lado do de sua mãe.

Meio cedo para uma visita, disse Owen a si mesmo. Mesmo para o pai de Avery. Mas ele sabia que Willy ia com frequência à casa da mãe. E agora que era um dos artistas com obras à venda na loja de Justine, provavelmente tinha passado para deixar mais alguns dos seus trabalhos.

Que sorte, decidiu o rapaz enquanto estacionava. Talvez pudesse, de um jeito bem sutil, conseguir alguma informação com Willy sobre a filha. Mas tinha que ser bem sutil mesmo.

Parou por um instante para pegar a bola que Atticus deixou cair aos seus pés e a tirou bem longe, com toda a força, para conseguir entrar pela porta dos fundos enquanto os cachorros estivessem correndo para apanhá-la.

A alguns metros de distância, já se ouvia a música tocando – típico de uma mãe que nunca tinha gritado com nenhum dos filhos pedindo-lhes que baixassem o som.

Ela mesma sempre tinha ouvido música no último volume.

Owen abriu a porta e sentiu cheiro de bacon e de café. Bem na hora, pensou, sorrindo.

Foi então que seus olhos quase saltaram das órbitas.

O bacon chiava na frigideira. Sua mãe estava parada diante do fogão.

Assim como Willy B. Logo ali, à sua frente, só de cuecas, com as mãos no

traseiro da sua mãe e a boca colada à dela.

capítulo cinco



OWEN DEVE TER FEITO um barulho qualquer que se sobrepôs à música alta e ao agarramento dos dois. Talvez tenha gritado. Tomara que não, pensou. Ou que tenha sido apenas mentalmente...

Mas sua mãe, usando um robe aberto por cima de um short de pijama vermelho e uma regatinha branca bem fina (fina até demais), recuou. Seus olhos encontraram os dele e piscaram uma única vez.

Então ela começou a rir.

A rir.

Willy B. pelo menos teve a delicadeza de ficar tão vermelho quanto o cabelo desgrenhado e a barba cerrada.

– O quê? – conseguiu balbuciar Owen, absolutamente chocado. – O que... vocês... *O quê?*

– Estou preparando o café para nós – disse Justine na maior naturalidade, o riso ainda evidente em sua voz.

– Acho que vou precisar de mais alguns ovos.

– Vocês... Mas... O quê? Mãe...

– Tente formar uma frase completa, Owen. Tome um café – retrucou ela, apanhando uma caneca.

– Ah... Eu devia... – Ainda vermelho, Willy B. mexeu os pés enormes. – Eu devia pôr uma calça.

– Devia mesmo. – Owen sentiu as mãos gesticularem no ar, mas não conseguiu contê-las. – Isso. Calça. Devia. Pelo amor de Deus.

Com uma espécie de grunhido, Willy B. saiu da cozinha como um urso rumo à toca.

– *Mãe.*

– Sim, sou eu – disse Justine, sorrindo animadamente. – Sente-se, querido. Tome o seu café.

– O que...

Justine apanhou uma pinça para tirar as fatias de bacon da frigideira e colocá-las para escorrer.

– Desta vez, termine a frase. Já entendi o começo. O que...?

– O que... – repetiu Owen, tentando engolir o bolo que tinha se formado em sua garganta. – O que está fazendo? Aqui. Com ele. Nua.

– Não estou nua – falou Justine, olhando o próprio corpo com as sobrancelhas arqueadas.

– Está quase.

Nitidamente contendo mais uma risada, ela fechou o robe e amarrou a faixa na cintura.

– Melhor assim?

– Sim. Não. Não sei. Minha cabeça... Minha cabeça explodiu? – disse Owen, dando uns tapinhas no próprio crânio.

Sem se abalar, Justine tirou ovos e leite da geladeira.

– Ia preparar ovos mexidos, mas é melhor trocar por rabanadas. Sei que você tem um fraco por rabanadas. Ainda não tomou café, não é mesmo?

– Não. Não consigo entender isso, mãe.

– O que exatamente não entendeu, meu amor?

– Nada. Não entendi nada.

– Muito bem, vou explicar direitinho. Quando as pessoas crescem, quase sempre querem ficar junto com outras. É melhor quando elas se gostam e se respeitam de verdade. Uma parte importante dessa proximidade é o sexo, que significa...

– Mãe... – Owen abaixou a cabeça, mas não sabia ao certo qual emoção estava sentindo. – Pare com isso.

– Bem, então você entendeu essa parte. Willy B. e eu gostamos um do outro e nos respeitamos. E, às vezes, fazemos sexo.

– Não. Não diga Willy B. e sexo, com você, na mesma frase.

– Então não dá para explicar nada, não é mesmo? Vai ter que engolir isso, Owen – falou Justine, oferecendo-lhe uma fatia de bacon.

– Mas... – começou ele, pegando o bacon.

Não estava conseguindo clarear a mente para falar direito.

– Eu amava seu pai. Muito, muito mesmo. Tinha 18 anos quando o vi pela primeira vez, no dia em que comecei a trabalhar para a Empreiteira Wilson. Lá estava ele, no alto de uma escada, com uma calça jeans rasgada, botas pesadas, cinto de ferramentas, sem camisa. E aí, meu Deus! – disse ela, levando a mão ao coração. – Não consegui ver mais nada pelo resto do dia. Tom Montgomery. Meu Tommy.

Ela pegou uma tigela e começou a bater os ovos e o leite com um garfo.

– Nem tentei fingir que fiquei encabalada quando ele me convidou para sair. E depois desse primeiro encontro, nunca saí com mais ninguém. Jamais quis outra pessoa. Nunca amei ninguém como amei o seu pai.

– Eu sei, mãe.

– Tivemos uma vida feliz. Ele era um homem tão bom... Inteligente, forte, engraçado. Um homem tão maravilhoso, um pai tão sensacional... Juntos, construímos a empresa, porque queríamos ter nosso próprio negócio. E também construímos esta casa, esta família. Tommy está presente em tudo isso. Todos vocês têm algo dele, tanto no jeito de ser quanto na aparência. Você tem a boca. Beckett, os olhos. Ryder, as mãos. E mais do que isso. Dou um valor imenso a essas coisas.

– Desculpe – disse ele. Olhando para a mãe, ouvindo-a falar, Owen sentiu o coração apertado. – Desculpe. Não chore.

– Não são lágrimas de tristeza. São de gratidão – respondeu Justine, pondo açúcar, uma pitada de baunilha e uma quantidade generosa de canela na mistura

que estava preparando. – Tivemos uma vida maravilhosa juntos. Uma vida cheia de novidades, interessante. Aí, ele morreu. Vocês não sabem, nunca deixei que percebessem, mas fiquei furiosa com ele por morrer assim. Passei semanas, meses, furiosa. Não sei por quanto tempo senti essa raiva. Ele não podia ter me deixado. Era para ficarmos juntos para sempre e, de repente, ele se foi. Ele se foi, Owen, e vou sentir saudades dele enquanto viver.

– Eu também.

Justine estendeu o braço por cima da bancada, pôs a mão sobre a do filho e depois se virou para apanhar um pacote de pão de fôrma.

– Willy B. amava Tommy. Eram tão unidos quanto você e seus irmãos.

– Eu sei. Eu sei, mãe.

– Precisamos um do outro quando Tommy morreu. Precisávamos de outra pessoa que também o amasse, que pudesse contar coisas a respeito dele. Um ombro para nos apoiar. Alguém com quem pudéssemos chorar e rir. E foi o que fizemos, foi *tudo* o que fizemos por um bom tempo. Até que, há uns dois anos, nós... digamos que comecei a preparar o café da manhã para ele uma vez ou outra.

– Uns dois... anos.

– Talvez eu devesse ter contado a vocês – disse ela, dando de ombros e mergulhando uma fatia de pão na mistura de ovos e leite. – Talvez não quisesse falar da minha vida sexual com meus filhos adultos. E, na verdade, Willy B. é tímido.

– Está... apaixonada por ele?

– Sim, é claro que o amo. Há muitos anos, assim como Tommy também o amava. Você sabe muito bem que ele é um bom sujeito. É um bom pai, e teve que criar Avery sozinho depois que a mãe dela foi embora daquele jeito. A bondade faz parte dele. Mas paixão?

O pão embebido chiava na frigideira.

– Nós gostamos de estar juntos, Owen, quando temos tempo para isso. Cada qual tem sua casa, sua vida, sua família. Estamos felizes assim, e isso nos basta. Agora posso chamá-lo para tomar café conosco?

– Claro. Será que não seria melhor eu ir?

– Pode ficar sentado aí. Tem rabanada para um exército inteiro.

Justine saiu da cozinha, pôs as mãos nos quadris e gritou:

– Willy B.! Você já deve estar de calça, portanto, desça e venha tomar seu café.

Ao voltar, preparou mais algumas rabanadas, colocou-as num prato junto com o bacon e o dispôs em cima da bancada.

Quando Willy B. entrou na cozinha, ela botou mais algumas fatias de pão na frigideira.

– Sente-se e coma antes que esfrie.

– Está com uma cara ótima, Justine – murmurou ele, acomodando-se no banquinho ao lado de Owen.

Pelo canto do olho, Justine fuzilou o filho.

– Hã, e aí, como vão as coisas, Willy B.?

– Ah, vão indo.

– Sei.

Sem muitas opções, Owen cobriu sua rabanada de calda.

– Hã... A pousada está ficando muito bonita – arriscou Willy B. – Sem dúvida, se destaca ali na praça. Seu pai ia ficar muito feliz e orgulhoso.

– Ia mesmo – disse Owen, com um suspiro. – As meninas incluíram algumas daquelas suas obras chiques na decoração. Ficou muito bom.

– Ficaram bacanas, não é mesmo?

Diante do fogão, Justine ia preparando mais rabanadas e sorria diante da falta de jeito dos dois tentando manter uma conversa.

Owen enfrentou a situação. Ainda não sabia o que pensar daquilo tudo, mas encarou o café da manhã com a mãe... e com Willy B. Quando se retirou para a oficina, os cachorros saíram correndo ao seu lado, e Atticus, sem perder as esperanças, levava na boca uma das suas bolas.

Owen acendeu as luzes, ligou o rádio e aumentou a calefação. Depois de meia hora tentando em vão fazer alguma coisa, desistiu. Sua mente se recusava a pegar no tranco e ele não queria se arriscar a decepar a mão trabalhando com a madeira.

Desligou o aquecimento e o rádio e apagou as luzes.

Como sempre, os cães saíram em seu encalço. Para agradecer Atticus, Owen deu um chute caprichado na bola antes de entrar no caminhão.

Direto para o trabalho pesado de carpintaria, pensou, dirigindo-se à propriedade de Beckett. Naquele momento, seria capaz de, sozinho, botar vigas em todos os quartos que o irmão estava acrescentando à casa para os filhos de Clare.

Ao chegar lá, viu os caminhões dos irmãos e não soube se aquilo o deixava aliviado ou irritado.

O que diria? Diria alguma coisa?

Claro que sim. Tinha que contar a eles. Até porque, ao fazer isso, não seria mais o único atordoado e sem saber o que fazer.

Ouviu o som do martelo, da serra e do iPod de Beckett quando tirava o cinto de ferramentas do caminhão.

A obra estava avançando, pensou. Principalmente levando-se em conta que era um trabalho espemido e entrecortado pelo projeto da pousada. Os acréscimos haviam sido feitos: uma estrutura inacabada debaixo do telhado. Considerando aquele clima, ainda bem. As janelas estavam com uma aparência ótima e teriam uma bela vista. As varandas e os terraços para as atividades ao ar livre teriam que esperar até a primavera, mas, se pudessem concluir o restante da obra até abril, Beckett e sua nova família poderiam se mudar para lá logo depois do casamento.

Owen passou pelo que seria a porta da cozinha, deu uma circulada pelo térreo e subiu a escada temporária que levava ao segundo andar.

Que espaço enorme, pensou. Mas fazia sentido, já que se tratava de uma família de cinco pessoas. A espaçosa suíte do casal incluía uma lareira grande, pois os meninos haviam dito a Beckett que a mãe sempre quisera uma. Outro banheiro completo ligava mais dois quartos. E Owen lembrou que ainda havia mais um banheiro e dois quartos no outro andar.

Enquanto ia para o ponto de onde vinha o barulho, Diaraque apareceu para recebê-lo. Sentou-se e ficou olhando para Owen, abanando o rabo.

– Não tenho nada para você – disse ele, mostrando as mãos vazias e fazendo um carinho no cão.

Evitou dizer a palavra *comida* ou qualquer derivado para não lhe dar falsas esperanças.

Entrou no quarto onde Beckett estava usando a serra e Ryder montava a estrutura de um armário.

– Você não liga, não manda mensagem... – disse Owen, tentando se fazer ouvir acima de todo aquele barulho.

Sorrindo, Beckett se apurou e tirou os óculos de segurança.

– Ry acabou de aparecer. Devia ter imaginado que você viria logo atrás. Obrigado.

– Não trouxe roscas? – perguntou Ryder, e Diaraque logo abanou o rabo.

– Hoje não.

– Clare foi abrir a loja de manhã e resolver umas coisas na rua antes de ir buscar as crianças na casa dos pais, por volta de meio-dia. Ela pode trazer uns sanduíches ou alguma outra coisa. Eles vão mesmo passar aqui para ajudar.

– Coitadinhos...

Beckett olhou para Ryder e deu de ombros.

– Papai nos ensinou um monte de coisas em canteiros de obras quando tínhamos a idade deles.

– Naquele tempo eu ainda não entendia o bastante para lamentar. E, por falar nisso, você podia poupar muito tempo reduzindo o número de quartos. Por que precisa de cinco? A menos que Clare não vá dormir com você.

– Um para cada menino, o quarto de casal e outro de hóspedes – explicou Owen.

– Um sofá-cama na sala ou no escritório é mais que suficiente para as visitas que quiserem pernoitar.

– Na verdade, precisamos mesmo de cinco quartos.

Vamos ter outro filho.

Owen, que estava tirando o casaco, parou.

– Clare está grávida?

– Ainda não. Queremos esperar até nos casarmos, mas depois disso vamos tentar a todo o vapor.

– Não se fazem filhos com vapor – observou Ryder, baixando o martelo. – Quatro filhos? Sério?

– Já temos três. Só falta um.

– Acho que, quando se trata de filhos – disse Owen, balançando a cabeça –, o número cresce exponencialmente. Mas, também, que se dane. Vocês estão se dando muito bem com três e vão se sair muito bem com quatro.

– Mamãe vai enlouquecer com a ideia de ter mais um neto – comentou Ryder, tirando alguns pregos da estrutura de madeira.

– Ah, por falar em mamãe... Resolvi trabalhar um pouco na oficina hoje de manhã, e aí dei uma passada pela casa dela.

– Pra filar o café.

– Entre outras coisas. Enfim, Willy B. estava lá.

– Mais um para filar o café da manhã – disse Beckett, voltando a pôr os óculos e pegando a serra.

– Não ligue isso ainda.

Alguém podia perder um dedo, pensou Owen.

Com a testa franzida, Beckett tirou os óculos.

– Algum problema com a mamãe?

– Não. Acho que não. Não. Para ela, pelo menos, não é problema algum.

– Quem está com problemas então? – perguntou Ryder.

– Me deixem falar, droga! Entrei na cozinha e ela estava preparando o café.

E Willy B. estava lá. Só de cueca. E eles... Bem, vocês entenderam.

Desta vez, foi Ryder que deixou o martelo de lado.

– Eles o quê?

– Eles estavam... – falou Owen, formando um círculo com os braços. – Enfim, as mãos de Willy B. estavam na bunda dela. Mamãe estava usando um robe, mas estava aberto, e não tinha muita coisa por baixo dele. E não quero falar sobre essa parte.

– Ele estava com as mãos nela? – perguntou Ryder, baixinho. – Tudo bem que ele é grande, mas é velho. Posso dar um jeito nisso.

– Calma – disse Beckett, erguendo a mão e empurrando Ryder para trás.

Então se dirigiu a Owen: – Você está nos contando que mamãe e Willy B. estão...

– Exatamente. E já faz uns dois anos.

– Só pode ser gozação – murmurou Ryder.

– Não diga isso quando ele está contando que mamãe e Willy B. estão... Não quero juntar essas ideias na cabeça.

Beckett saiu andando pelo local. Pegou a garrafa de Coca-Cola que tinha trazido e tomou alguns goles direto do gargalo.

– Vamos todos respirar fundo, está bem? Você está dizendo que mamãe e Willy B... têm um caso.

– Segundo ela, os dois... ficam juntos de vez em quando. Ela me contou isso quando ele subiu para vestir a calça. São amigos desde sempre. Os dois amavam papai. Vocês sabem como ele gostava do nosso pai. Não é mentira.

– Claro, claro...

– Ry – murmurou Beckett.

– Tá bem. Merda. Tá bem, tudo bem, eles eram ligadíssimos. Não é mentira. Mas, se para mamãe está tudo bem, por que ficam se escondendo?

– Acho que estão sendo discretos. Pelo menos foi a impressão que tive quando ela me contou tudo. Falou de como se sentiu quando papai morreu e ela sofreu daquele jeito.

– Merda.

Ryder se dirigiu à abertura da janela e olhou para fora.

– Sabemos que ela e Willy B. gostam muito um do outro. Também sabemos que se apoiaram mutuamente quando papai morreu. Acho que, depois de algum tempo...

– Eles continuaram a se apoiar, só que nus.

– Caramba, Ry – falou Beckett, tapando os olhos com os dedos. – Pare de

colocar essas imagens na minha cabeça.

– Se estão na minha, podem ficar na sua também. Ainda acho que devia dar uns socos nele. Pelo menos um, bem caprichado. Por uma questão de princípios.

– Mamãe não ia gostar nada disso – observou Owen, dando de ombros. – E ele continua sendo Willy B., portanto, como sabemos muito bem, ele deixaria que você o esmurrasse se você estivesse precisando.

– Que merda, deixaria mesmo. E isso não é nada bom. Tenho que pensar melhor a respeito disso.

Com os dentes trincados, Ryder pegou o martelo, bateu um prego na estrutura de madeira e ficou resmungando.

– Acho que todos nós – falou Beckett, pondo mais uma vez os óculos de segurança e ligando a serra.

Assentindo com a cabeça, Owen prendeu o cinto de ferramentas.

O melhor a fazer era trabalhar, decidiu. Melhor atravessar aquele dia estranho sentindo o cheiro da serragem e ouvindo o barulho dos pregos sendo martelados e penetrando na madeira.

Quando Clare e os meninos chegaram com a comida, os três tinham terminado a estrutura do segundo andar e já trabalhavam no térreo.

– Como vocês são rápidos! – exclamou ela, circulando pelo que seria seu escritório. Um escritório em casa! E que não ficava na cozinha...

– Temos nosso modo de organização – disse Beckett, passando o braço pelos ombros dela enquanto as crianças corriam ruidosamente sobre a base de assentamento do piso.

– E funciona. Bem, chegamos para ajudar, se é que vocês precisam de nós. E, como pagamento, trouxe ensopado de carne. Uma refeição máscula para homens másculos...

– Tô dentro – falou Owen.

– Lamento não ficar para provar, mas tenho um encontro – declarou Ryder, atirando para cima um naco da sua carne, que Diaraque apanhou no ar com um pulo.

– Pode ensinar Ben e Yoda a fazerem isso? – perguntou Liam. – Normalmente as coisas batem no focinho deles e caem no chão.

– Nosso amigo Diaraque nasceu sabendo arranjar comida, mas é claro que podemos ensinar os seus cachorrinhos.

– Não dentro de casa – alertou Clare, meio distraída, examinando a planta da casa.

Ryder sorriu para o menino e pegou mais um pouco da comida.

– Tome – falou. – Comece a treinar com Diaraque.

– Ele não é de araque – disse Murphy. – É um cachorro muito legal. Não é nada bobo, nem burro. Aliás, não devemos chamar ninguém de burro, porque é feio.

– Só às vezes, não é? – brincou Ryder, provocando o menino.

– Nem às vezes – falou Murphy, rindo.

Ryder tirou um lápis do cinto de ferramentas e fez um desenho na base do piso.

– O que é isso? – perguntou.

- Um burro. Você desenha bem.
- Está vendo? Esse aí a gente pode chamar de burro.
- Mãe! Ryder faz eu um burro no chão.
- Fez - corrigiu Clare, e olhou para Ryder com um ar meio desolado.
- Adoro desenhar - disse o menino. - Posso fazer um desenho no chão?
- Fique à vontade, baixinho - respondeu Ryder, estendendo-lhe o lápis.

Todo feliz, Murphy sentou-se no chão e desenhou um quadrado com um triângulo acima.

- Essa vai ser nossa casa depois que a mamãe se casar.
- Liam se aproximou correndo de Owen.
- Preciso de mais comida para jogar para Diaraque.
- Owen lhe deu um bom pedaço do seu sanduíche.
- Você vai ser nosso tio.
- Foi o que me disseram.
- Então vai ter que comprar presentes de Natal para nós.
- É, acho que vou.
- Eu fiz uma lista.
- Então, você é dos meus. Cadê a lista?
- Lá em casa. Na porta da geladeira. Só faltam dez dias para o Natal.
- Então é melhor eu cuidar logo disso.

Quando o menino olhou para o outro lado do aposento, Beckett estava ensinando Harry a martelar num pedaço de pau.

- Também quero aprender a martelar.
- Então é melhor me ajudar a terminar as vigas da despensa.
- O que é despensa?
- É onde sua mãe vai guardar a comida.
- Isso é a geladeira.
- Nem tudo fica na geladeira, rapazinho. E as latas de sopa?
- Adoro sopa de frango com letrinhas.
- Quem não gosta? Vamos lá?

Apesar da quantidade infinita de perguntas, Owen gostou da companhia do menino, de ensiná-lo a tirar medidas, a marcar, a segurar o martelo. E percebeu que ele também gostou, já que Liam ficou quase uma hora com ele e só então foi se juntar a Murphy no chão com um monte de bonecos de personagens de ação.

Precisava reconhecer que Clare também botava a mão na massa. Ia buscar coisas, vinha carregando-as, chegou até a martelar alguns pregos enquanto ficava de olho nos filhos.

Lembrou-se da mãe fazendo praticamente a mesma coisa quando sua casa foi ampliada.

Seu pai sempre tinha algum projeto em andamento.

Depois que encerraram as tarefas do dia, Owen ficou todo bobo quando Liam perguntou se podia ir embora com ele. Prenderam a cadeirinha no caminhão e colocaram o menino nela.

- Onde você mora? - perguntou Liam.
- Mais adiante, nesta mesma rua. Ou depois do bosque, se estiver indo a pé.

- Posso ir lá ver?
- Hã... Claro. Acho que sim.

Não era nada que o tirasse muito do caminho. Owen fez a volta e entrou no seu quintal.

Tinha pendurado algumas lâmpadas e a árvore estava bem diante da janela. Ligadas a um timer, elas brilhavam na escuridão do mês de dezembro.

- A nossa é maior – declarou o garoto.
- É, sim. Mas vocês são muitos.
- Você mora sozinho?
- Isso mesmo.
- Por quê?

- Porque... é a minha casa.
- Não tem ninguém pra brincar com você...

Owen jamais havia pensado no assunto daquela forma.

- É, acho que não. Mas Ryder mora bem perto e, quando a sua casa estiver pronta, vocês vão morar logo ali.

- Posso vir brincar na sua casa?

- Claro. – Também não tinha pensado nisso, mas até que podia ser bem divertido. – Pode, sim.

- Tá bem.

Owen manobrou e voltou à estrada.

- Vou arranjar um cachorro.

- Cachorros são legais – disse o menino com um ar sábio. – A gente pode brincar com eles, dar comida e ensinar eles a sentar. Eles não deixam as pessoas malvadas chegarem perto da casa. Uma vez um homem mau foi na nossa casa, mas os cachorros ainda eram filhotinhos.

Owen hesitou. Até que ponto os meninos sabiam sobre o episódio de Sam Freemont?

- Os seus cachorros são ótimos.

- Já estão maiores agora, mas ainda são filhotes. Mas, quando forem grandes, nenhum homem mau vai entrar lá em casa. O que foi lá assustou minha mãe.

- Eu sei. Mas agora ela já está bem, e o homem mau foi preso.

- Beckett chegou e não deixou ele fazer nada. E depois você e Ryder também chegaram.

- É verdade.

Se Liam estava precisando falar sobre aquele assunto, pensou Owen, é porque tinha ficado bem preocupado.

- Não precisa se preocupar, Liam. Estamos aqui para proteger vocês.

- Porque Beckett e mamãe vão casar.

- Por isso, claro, mas também porque estamos aqui e pronto.

- Se o homem mau voltar e Beckett não estiver em casa, Harry e eu vamos lutar com ele. Murphy vai ligar para a emergência e, depois, para Beckett. Já conversamos sobre isso. E já treinamos também.

- Ótima ideia.

- Quando os cachorros crescerem, se ele tentar voltar, vai ser mordido. – E, olhando para Owen, acrescentou: – Na bunda.

– É isso aí – concordou ele, rindo e dando um tapinha na cabeça do garoto.

Depois do jantar, quando Clare foi dar banho nas crianças, Owen relatou a conversa para Beckett.

– Mordido na bunda. Criança tem cada ideia... Clare e eu conversamos com eles depois do que aconteceu. Simplificamos a história, mas fomos bem sinceros. Mesmo assim, eles ouviram algumas coisas na escola. Harry resolveu então convocar uma reunião e os três vieram falar comigo.

– As mulheres ficaram de fora?

– Talvez não seja politicamente correto – respondeu Beckett, olhando na direção da escada. – Ou talvez seja abertamente incorreto, mas, nesse caso, parecia a coisa certa a fazer. Eles precisavam saber que estávamos por perto e que eu confiava nos três para ajudar a cuidar da mãe deles.

– Nós teríamos feito o mesmo.

– Sim. Por falar em nós, contei a Clare aquela história quando estávamos voltando para casa. Aumentei um pouco o rádio, falei baixinho e, assim, nossa conversa não chegou ao banco de trás. E nós ainda usamos um monte de códigos.

– E o que foi que ela disse?

– O que seria de esperar. Mamãe tem o direito de viver. Ela é uma mulher cheia de vitalidade. Willy B. é um cara bacana. Blá-blá-blá. Sei que ela tem razão, mas mesmo assim...

– Só que não eram a mãe dela e Willy B. que estavam praticamente nus na cozinha.

– E obrigado por essa nova imagem para se juntar à minha coleção que só faz crescer – disse Beckett, suspirando e fechando os olhos.

– Podíamos começar a trocá-las, como figurinhas de álbuns.

Os dois riram.

– Há mais uma coisa. Quando contei tudo a Clare, ela não me pareceu surpresa.

– Como assim? – perguntou Owen, baixando o copo de cerveja que estava bebendo depois do jantar. – Como se ela já soubesse?

– Ou já sabia ou é um desses casos de intuição feminina. Nesses assuntos, as mulheres parecem até os morcegos com seus radares. Eu ia perguntar, mas, na hora, Harry e Murphy começaram a implicar um com o outro e lá se foi a nossa conversa de adultos.

A ideia entrou na mente de Owen com toda a força.

– Se Clare já sabia, então Avery... Filha da mãe.

– Pode ser o tal radar.

– Avery é mulher. Tem esse radar com certeza, e ele é mais potente do que o de qualquer outra mulher. E, ainda por cima, é o pai *dela* se pegando com nossa mãe.

– Pare, pare – implorou Beckett, tapando os ouvidos.

– Se ela sabia, devia ter me contado.

Agora, a sementinha plantada na sua cabeça começava a crescer como erva daninha.

– Eu teria contado para ela – continuou Owen.

– Agora sabemos de tudo. E acho que vamos precisar nos acostumar com a

ideia.

Owen ia responder, mas Harry entrou correndo, de banho tomado, com o pijama de X-Men, para anunciar um campeonato de Wii.

Sem ter como fugir, Owen ainda ficou lá por mais uma hora. Gostava dos meninos, gostava de jogar Wii, mas não conseguia tirar da cabeça a ideia de Avery escondendo dele uma coisa como aquela.

Foi remoendo esse sentimento durante todo o trajeto para casa e depois dentro do caminhão já estacionado. Por fim, deu a partida de novo, fez meia-volta e tomou o caminho da cidade. Dirigiu-se à porta dos fundos da Vesta.

– Olá, Owen! – exclamou Franny, que estava atrás do balcão fatiando uma pizza grande. – O que vai querer?

– Avery está por aí?

– Acabou de sair. Foi fazer umas entregas. Hoje tivemos mais pedidos por telefone do que aqui. Eu é que vou fechar, então ela deve subir direto quando voltar. Posso ligar para ela, se for importante.

– Não, não é nada de importante. Falo com ela depois. E você, como está?

– Já fiquei boa. E então, vocês vão mesmo inaugurar a pousada no mês que vem?

– Vamos, sim.

– Estou espalhando para todo mundo.

– Pois continue a espalhar. Até mais, Franny.

Saiu pelos fundos e, depois de um rápido momento de hesitação, subiu a escada em vez de descer.

Em algum momento ela ia voltar.

Lembrou que tinha a chave, afinal, era o proprietário. Mas entrar direto seria muito invasivo, então preferiu sentar no chão do corredor. Pegou o celular e começou a ler e responder a e-mails e mensagens de texto para passar o tempo.

Em dado momento, olhou o relógio e se perguntou aonde ela teria ido fazer essas entregas. Do outro lado do país?

Adoraria mandar um SMS para Franny pedindo um café. Tentou se distrair jogando Angry Birds.

Fechou os olhos, só para descansar por alguns minutos, e o cansaço do dia inteiro recaiu sobre ele. Pegou no sono ali mesmo, no chão, com seu fiel celular ainda na mão.

capítulo seis



CARREGADA DE SACOLAS DA mercearia, Avery abriu a porta de entrada e ajeitou os pacotes nos braços. Como sempre, deteve-se no pé da escada, verificou se a porta de serviço da Vesta estava trancada e então subiu para o seu apartamento.

Estando ao dar de cara com Owen encostado à porta, com a testa franzida, olhos fechados e o celular na mão.

– O que houve? – perguntou ela, e, como não obteve resposta, percebeu que ele dormia feito uma pedra. – Ah, pelo amor de Deus – murmurou, aproximando-se dele e lhe dando um chute.

– Ai! Merda, o que foi?

– O que diabo você está fazendo aqui?

– Esperando você. – Irritado, ele esfregou o quadril no ponto que Avery tinha acertado com o sapato, que hoje era amarelo-canário. – Onde você estava?

– Tinha que entregar uns pedidos e passei na mercearia. Encontrei uma amiga e nós... – Parou de falar e o encarou, furiosa. – Por que estou lhe dando satisfação? E por que estava dormindo na porta da minha casa?

– Porque você não tinha chegado. E eu não estava dormindo. Só estava... pensando. – Ele se levantou e a fitou. – Seu cabelo está molhado.

– Está chovendo um pouco. Ande, saia da frente. Isto aqui está pesado.

Ele piscou novamente, em seguida estendeu os braços e pegou as sacolas. Avery abriu a porta e entrou na frente dele.

Owen passou pela sala e foi direto para a cozinha para depositar as compras em cima da bancada. Observando-o, Avery tirou o casaco e desenrolou o cachecol.

– Há quanto tempo estava lá fora?

– Que horas são?

Avery franziu as sobrancelhas ao vê-lo verificar as horas no relógio de pulso.

– São o-que-diabo-está-acontecendo em ponto.

Ela jogou o casaco e o cachecol no encosto de uma cadeira a caminho da cozinha.

– É o que eu queria saber.

– Era você que estava dormindo na porta da minha casa – disse ela, começando a guardar as compras.

Bem diferentes da sala, que Owen considerava uma bagunça e ela considerava apenas uma sala comum, os armários da cozinha e a geladeira eram meticulosamente organizados.

– Eu não estava dormindo. Talvez tenha apagado por um instante, mas isso não vem ao caso.

– E o que vem ao caso?

– Você sabia. Sabia o que estava acontecendo e não me disse nada.

– Não lhe digo um monte de coisas. – Estreitando os olhos, Avery começou a tirar os ovos da embalagem e a guardá-los na geladeira. – Poderia ser mais específico?

– Você sabia que seu pai tem um caso com minha mãe.

Um ovo escorregou da mão dela e caiu no chão como uma pequena bomba.

– *Como é que é?*

– Está bem, você não sabia. – Owen enfiou as mãos nos bolsos. – Agora sabe.

– Vou repetir: *como é que é?*

– Minha mãe, seu pai.

Sem saber mais o que dizer, Owen tirou as mãos dos bolsos e fez uns gestos aleatórios no ar.

– Para com isso. Verdade? Não pode ser. – Ela deu uma risada, arrancou umas folhas de papel-toalha e as umedeceu para limpar o ovo quebrado. – Você deve ter sonhado enquanto estava apagado ali do lado de fora.

– Eles têm um caso, sim. E não, não sonhei.

Balançando a cabeça, ela umedeceu mais um pedaço de papel e terminou de limpar o ladrilho.

– De onde você tirou isso? Fez uma viagemzinha ao Mundo da Fantasia?

– Eu vi. Com os meus próprios olhos – respondeu ele, apontando para o rosto.

– Passei pela casa dela hoje de manhã e dei de cara com eles.

Boquiaberta, Avery se ergueu lentamente.

– Você entrou e pegou sua mãe e meu pai juntos? Na *cama*?

– Não. Graças a Deus, não. Eles estavam na cozinha.

– Meu Deus! – Pasma, ela deu um passo para trás. – Eles estavam transando na cozinha!

– Não. Vire essa boca para lá. – Horrorizado, Owen tapou os olhos com as mãos. – Agora entendo perfeitamente ao que Beckett se refere quando fala sobre as imagens mentais. Credo.

– O que você está dizendo não faz o menor sentido.

Nenhum sentido.

Comece de novo, pensou Owen. Avery tem razão.

– Cheguei lá e eles estavam na cozinha. O seu pai de cueca. Minha mãe vestida com... com... algo bem curto. E eles estavam... usando as mãos, os lábios, a língua...

Ela o encarou por um instante, depois ergueu um dedo para que esperasse. Virou-se, abriu um armário, pegou uma garrafa de uísque e dois copos. Sem dizer uma palavra, serviu uma dose para cada um e entregou um copo a Owen. Em seguida, tomou a sua de uma vez só e respirou fundo.

– Mais uma vez, para ver se entendi. Nossos pais estão tendo um caso.

– Foi o que eu disse.

– E você os encontrou, quase pelados, se agarrando na cozinha da sua mãe.

– É *isso* que estou lhe dizendo – falou ele, tomando por sua vez a dose de

uísque que ela havia lhe dado.

Quando Avery começou a rir, ele achou que fosse um ataque de histeria, mas logo percebeu que ela estava realmente se divertindo.

– Você acha isso engraçado?

– Em parte, sim. Você os pegou de surpresa? – Levou a mão à barriga. – Ai, ai! Daria tudo para ver a sua cara. Deve ter sido assim... – disse ela, fazendo uma expressão exageradamente espantada e horrorizada, depois caindo na gargalhada de novo.

Ele teve a péssima sensação de que Avery estava certa. Para compensar, fez uma careta de desdém e simulou um rosnado.

– E aposto que você teria dito: “Ei, podem fritar um pouco mais de bacon para mim.”

– Ela estava fazendo o café da manhã? Que bacana.

– Bacana? Você acha isso bacana?

– Acho. Você não?

– Não sei o que pensar.

Assentindo, Avery voltou a guardar as compras.

– Me responda uma coisa. Você acha que sua mãe tem que ficar sozinha pelo resto da vida?

– Ela não é sozinha.

– Owen.

Avery virou o rosto para ele e apenas o fitou.

– Não sei – falou Owen. – Não. Não. É que eu nunca tinha pensado sobre isso... sobre ela... desse jeito.

– Agora que já pensou, não acha que ela tem o direito de ficar com alguém?

– É. Acho que sim.

– Você tem algum problema com o meu pai?

– Você sabe que não. Willy B. é um sujeito fantástico.

– É um sujeito fantástico, sim – concordou Avery. – Então não está satisfeito que sua mãe esteja com um sujeito fantástico?

– Eu... – Owen se atrapalhou todo. – Pensando pelo lado racional e maduro...

– Desculpe. Nesse caso, isso é preciso. Eles são bons amigos há anos. Vão fazer bem um ao outro. – Sorrindo, ela dobrou as sacolas de compras. – Tentei várias vezes convencê-lo a arranjar uma namorada. Nunca funcionou. Não gostava de pensar nele como um cara solitário. Minha mãe lhe fez muito mal.

A vocês dois, pensou Owen.

– Minha mãe me disse que eles estão juntos... – novamente ele fez gestos aleatórios com as mãos – há uns dois anos.

– Uns dois anos? – Balançando a cabeça de novo, ela serviu mais uma dose de uísque. – Willy B., seu come-quieto. Quem diria? Eu não fazia a menor ideia. Como é que não percebi nem um sinal?

– Nenhum de nós percebeu. Achei que você soubesse e não tivesse me contado.

– Eu teria contado, a menos que eles tivessem me pedido que não falasse nada.

– É, eu entendo.

Ele pegou o copo de uísque e ficou olhando fixamente para a bebida.

– O que meu pai disse quando viu você entrar?

– Que era melhor ir pôr uma calça.

Avery deixou escapar uma risada, depois inclinou a cabeça para trás e começou a gargalhar. Owen se pegou sorrindo também.

– Agora é mais fácil achar engraçado.

– Você fez essa cara? – Ela voltou a fingir uma expressão de choque e horror.

– E ficou sem conseguir formar frases inteiras? “Mãe... O que... Vocês!”

Ele tentou manter o olhar frio enquanto ela acertava em cheio mais uma vez.

– Talvez tenha feito por um tempinho.

– Um tempinho.

– Pelo menos não bati no seu pai. Era o que Ryder queria fazer quando contei a ele e Beckett.

Avery deu de ombros.

– Típico de Ry, mas ele não bateria no meu pai. Ryder parte para cima dos imbecis ou machões, mas adora Willy B.

– Ele também me adora e já me bateu algumas vezes.

– Bem, Owen, às vezes você é meio babaca.

Ela sorriu ao dizer isso, depois encostou o copo no dele, brindando.

– A nossos pais.

– Isso. – Ele bebeu um golinho. – Que dia estranho – falou, com um suspiro. – Você não está mais com raiva de mim.

– Não estava com raiva de você. Quase nenhuma. E agora sei que tem um problema com sexo.

– O quê? – Ele fez uma cara parecida com a de Avery imitando seu ar de choque e horror. – Não tenho, não. Por quê?

– Viu? Foi só eu mencionar essa palavra para você ficar todo perturbado. Tem algum problema.

– Não tenho problema algum com sexo. Sou a favor de sexo. Gosto de sexo. *Adoro* sexo.

– Estranho. Você me beijou e ficou imediatamente paralisado. Viu nossos pais se beijando e entrou em pânico.

– Não. É. Talvez. Droga, não tem nada a ver com ter problemas. Qualquer pessoa normal levaria...

– Um tempinho.

Espertinha, pensou ele. Sempre teve raciocínio rápido.

– ... um susto ao ver a mãe agarrada com um velho amigo da família. E quanto a nós dois... Você sabe que foi inesperado.

– Na verdade, não considero tão inesperado. Mas é que eu não tenho problemas com sexo.

– Eu também não!

– Hum. – Ela bebeu um gole de uísque e se aproximou da janela. – Ah, está nevando agora. Que bonito. Caramba! Preciso terminar minhas compras de Natal. Melhor você ir antes que aumente.

– Espere um instante.

Ela se virou para ele.

– O que foi?

– Que droga, Avery, você não pode simplesmente dizer uma coisa assim e depois me mandar embora para casa.

– Só estava expressando minha opinião. – Quando ele se aproximou da bancada, ela tirou o copo de sua mão. – Não devia beber mais. Sei que você é bem tolerante ao álcool, mas mesmo assim... Uísque, direção e neve não são uma boa combinação.

Ele repetiu, com toda a paciência e veemência de que era capaz:

– Não tenho problemas com sexo.

– Ainda está batendo nessa tecla? Está bem, eu me enganei. Você é super bem-resolvido com relação ao assunto.

– Não quero que me dê razão.

– Meu Deus, Owen, o que quer de mim? – Os olhos dela faiscaram como raio laser quando ele a pegou pelos cotovelos e a ergueu. – Cuidado – avisou.

– Agora não vai ser inesperado – disse ele, puxando-a para si.

Ela sabia os pontos fracos dele e como mexer com eles. Tinha que reconhecer que o provocara. Não se importava de ter que irritá-lo para que a beijasse. Queria repetir a dose, do jeito que fosse, para ver como reagiriam.

– Está bem – falou, enlaçando a nuca dele com as mãos. – Agora não vai ser inesperado.

Ela se adiantou, antes que ele pudesse pensar demais e recuar.

Não foi uma explosão dessa vez, pensou Avery. Foi mais parecido com uma queda em câmera lenta que aos poucos vai adquirindo velocidade. Ele moveu as mãos dos cotovelos para os quadris dela, depois começou a tatear cada centímetro de seu corpo, subindo pelas laterais. À medida que a intensidade aumentava, ele a empurrava na direção da bancada, até encurralá-la.

Ela o havia manipulado, ele sabia muito bem, mas não estava ligando para isso. O gosto do uísque na boca de Avery, o cheiro de limão em seu cabelo, o calor pulsante do corpo dela contra o seu... tudo isso enredava seus sentidos num nó escorregadio de desejo.

Roçou as mãos nas laterais dos seios dela, deslizando os dedos por eles. Sentiu então aquela pulsação suave nas palmas.

A respiração dela se acelerava à medida que o beijo ficava mais intenso.

Então Owen se afastou, esforçando-se para manter o equilíbrio enquanto ela o encarava com os olhos azuis embotados.

– Problemas com sexo uma ova!

Um ar divertido surgiu no rosto de Avery antes de ela começar a rir.

– Não está mais aqui quem falou.

– E agora?

Com um suspiro, ela tomou o rosto dele entre as mãos e ficou assim por um momento.

– Owen... – murmurou, depois se afastou.

– Owen, o quê?

– E agora? – repetiu Avery, pegando novamente seu copo de uísque. Caramba, não iam chegar a lugar nenhum daquela forma. – Arrancamos as roupas um do outro e vamos para a cama? Se posso confiar nos meus instintos,

sei que vai ser maravilhoso. Mas, já que você perguntou, ainda está pensando demais, raciocinando demais. Então, vá para casa e considere tudo o que precisar considerar até chegar a uma conclusão.

– Pensar é importante nesse caso, Avery.

– Tem razão. Tem toda a razão.

– Você é importante. Nós dois, e todos à nossa volta, somos importantes.

– Eu sei. O fato de estar pensando em vez de estar arrancando as minhas roupas faz parte de você, e também é por isso que eu deixaria que arrancasse as minhas roupas.

Nesse instante, novas imagens passaram pela cabeça dele, e Owen já não queria ter seguido pelo caminho racional e maduro.

– Você é uma mulher confusa, Avery.

– Não sou, não. Claro que agradeço o fato de você pensar sobre o que é importante, mas ao mesmo tempo lamento que não tenha deixado para considerar isso depois da nossa transa fantástica.

– Amo você.

– Ah, meu Deus, eu sei – disse ela, virando-se de costas, da forma mais casual possível, apavorada com a possibilidade de deixar escapar algumas lágrimas e de que ele visse. – Também amo você.

– Sei o que fazer e o que pensar a respeito disso. Só não sei o que fazer e o que pensar a respeito do desejo que sinto. Morro de desejo por você.

Ela respirou fundo, virou-se e sorriu.

– Isso ajuda bastante. É só uma questão de ajuste.

Você nunca pensou em mim dessa forma.

– Eu já não diria isso.

– É mesmo? – Mais controlada agora, observou-o por sobre a borda do copo.

– Pensou?

– Caramba, Avery, é claro que já pensei sobre isso algumas vezes. Você é linda.

– Não sou, não. Hope é linda. Eu sou engraçadinha, e consigo ficar bonita quando tenho tempo e as ferramentas necessárias. Mas obrigada de qualquer forma. Então, agora... – Ela se sentou no braço da poltrona, observando-o. – Vá para casa antes que a neve piore e você faça o que está querendo fazer. Pense sobre isso. Também vou pensar.

– Tá bem. – Owen foi até ela e se inclinou para beijar seus lábios com suavidade. – Se você fosse qualquer outra pessoa, eu ficaria sem pensar duas vezes. Não, espere. Isso não soou da maneira certa. O que eu quis dizer...

– Sei o que você quis dizer, para sua sorte. Vá para casa, Owen.

Ele se encaminhou para a porta e olhou para trás quando a abriu.

– A gente se vê.

– Isso.

Ela ficou sentada, ouvindo os passos dele descendo a escada. Levantou-se, foi até a janela da frente e observou a neve cair.

Por um instante, em meio àquele suave manto branco, teve a sensação de ter visto uma mulher na janela da pousada, contemplando a paisagem como ela.

Será que está esperando alguma coisa? pensou Avery. Não era o que ela

própria ia fazer agora também? Nunca tinha sido de esperar nada – era do tipo que fazia, que agia.

E ainda assim... Talvez estivesse esperando, de certa forma, durante todo aquele tempo. Esperando Owen. Essa ideia surgiu de repente, terna, irritante, desconcertante, tudo ao mesmo tempo.

E agora? meditou. Pelo visto, tinha mais em que pensar do que havia imaginado.



Nevou durante toda a noite e parte da manhã seguinte. Owen se manteve ocupado na maior parte do dia tirando a neve do caminho entre sua casa, a da mãe e a dos irmãos. Gostava dessa tarefa, pelo menos naquele inverno antecipado. O rugido do jipe, o barulho da pá, a estratégia necessária para fazer os montes de neve.

Enquanto trabalhava na rua da casa de Ryder, viu o irmão de um lado para outro com a máquina de tirar neve, abrindo espaço na frente da porta. Tinha que fazer isso na porta principal e também na porta dos fundos, para Diaraque poder sair para fazer suas necessidades fora de casa. Os dois continuaram concentrados em suas respectivas tarefas, até Owen estacionar na clareira ao lado da caminhonete de Ryder e desligar o jipe.

– Acho que já é o suficiente.

– É, está ótimo – concordou Ryder, indo guardar a máquina de tirar neve sob o telhado. – Quer uma cerveja?

– Por que não?

Contornaram a lateral da casa e entraram juntos na sala de jogos, que também servia de academia. Tiraram as botas e as deixaram no chão ladrilhado da entrada. Em seguida, despiram as várias camadas de casacos e os penduraram em cabides.

Diaraque se aproximou, se apoiou por um instante na perna de Owen e ficou olhando fixamente para Ryder.

– É, já está tudo limpo para você sair – disse ele, abrindo a porta. – Esse cachorro rola na neve, corre na neve, come a desgraçada da neve, mas se nega terminantemente a passar por ela pra ir cagar. Se eu não limpo o caminho, ele caga na minha porta. Por que será?

– Até um cachorro de araque tem lá suas frescuras...

– É. Só que sou eu que tenho que ir para o frio tirara neve.

Subiram para a cozinha, onde Ryder pegou duas cervejas.

– Como foi o encontro? – perguntou Owen.

– Então... Ela é advogada. Muito inteligente. Adoro mulheres inteligentes. Tem um corpo incrível – prosseguiu, bebendo um gole de cerveja. – E até entende de esportes, o que é mais um ponto para ela. Por isso eu me pergunto: por que não dou uma chance?

– E a resposta é...?

– A risadinha. Descobri ontem à noite. Ela fica dando umas risadinhas.

Muitas. Imagino que devia ser encantador, mas na verdade é irritante demais pra mim.

– As risadinhas cortam o seu tesão?

– É desesperador, cara. – Ryder afastou o cabelo do rosto, como fazia sempre que estava na hora de cortá-lo. – É tão aflitivo quanto uma pessoa arranhando um quadro-negro com as unhas. Ai penso: e se na hora do vamos ver ela começa com essas risadinhas? – Ergueu um dedo e depois o encolheu. – Tenho certeza de que é isso que vai acontecer. Então, por que me arriscar?

– Já pensou em pôr tampões nos ouvidos?

– Boa ideia, mas acho que não daria certo. Eu *sentiria* as risadinhas ou não pararia de pensar nisso. Não vale a pena.

– Inflexível, mas justo. – Bem à vontade, Owen se jogou numa cadeira em volta da mesa de tempo preto da cozinha do irmão. – Tem alguma coisa pra comer aí?

– Só sanduíches congelados. – Abriu o armário. – E nachos com molho.

– Considere meu pagamento por ter tirado a neve.

– Combinado. – Ryder remexeu no freezer. – De frango ou de carne?

– Frango.

Ryder pôs os sanduíches no micro-ondas, deixou os nachos em cima da mesa e despejou o molho numa tigela. Pegou alguns pedaços de papel-toalha, alguns pratos, e logo estava tudo pronto.

– Você é uma perfeita dona de casa – comentou Owen.

– A cozinha é o meu templo.

Foi abrir a porta para o cachorro entrar, depois se sentou diante de Owen.

– Estou pensando em transar com Avery – disse Owen.

– Que conexão súbita é essa entre os Montgomery e os MacTavish? – perguntou, jogando um nacho para Diaraque antes de pegar um para si e mergulhá-lo no molho.

– Prefiro não meter mamãe e Willy B. no meio disso. Ainda estou abalado.

Ryder tomou mais um gole de cerveja.

– O que Avery acha da ideia de transar com você?

– A menos que tenha mudado de opinião desde ontem à noite, parece aberta à possibilidade.

– Então por que não transam logo?

– Porque é a Avery.

Depois de mergulhar outro nacho no molho, Ryder se ajeitou na cadeira.

– Quer que eu transe com ela primeiro? Para testar?

– É muito generoso da sua parte, Ry, mas consigo dar conta disso sozinho – respondeu Owen, secamente.

– Só estou tentando dar um empurrãozinho. – O micro-ondas apitou. Ryder se levantou e pôs os sanduíches nos pratos. – Acho que deve ir em frente.

– Por quê?

– Além das razões óbvias? Porque é a Avery. Você sempre teve uma quedinha por ela.

– É... talvez.

– E ela sempre teve uma quedinha por você, caso contrário teria se atirado

nos meus braços anos atrás. – Todo sorridente, Ryder deu uma mordida no sanduiche. – Então, vá em frente e descubra se é coisa mais séria. Qual é o problema?

– E se der tudo errado? E se isso ferrar nossa relação?

Ryder balançou a cabeça, deu a Diaraque o último pedaço do seu sanduiche e foi pegar outro.

– É a Avery, cara. Talvez dê errado. É o que acontece na maioria das vezes. Mas não vai ferrar a relação de vocês.

– Por que não?

– Porque vocês são espertos o bastante para não deixar que isso aconteça, e também porque gostam demais um do outro. Pode ser que, se der errado, gere alguns atritos, mas vocês vão conseguir contorná-los. Enquanto isso, você fará sexo com a ruivinha espavitada.

Owen pegou um pouco do molho.

– Ela não dá risadinhas.

– Caso encerrado.

– Vou pensar sobre isso.

Ryder se inclinou para trás, abriu a geladeira e pegou mais duas cervejas. – Não diga.



Pensando ou não, havia trabalho a ser feito. Na semana seguinte, na pousada, Owen instalou barras de acabamento, ajudou a retocar a pintura, pendurou espelhos. Desencaixotou materiais, atarraxou lâmpadas, recebeu entregas e subiu os lances de escada da pousada mais vezes do que poderia contar.

A mãe o requisitou para ajudar na suíte Elizabeth & Darcy.

– Achei um quadrinho perfeito na Gifts. Quero que o pendure no banheiro.

– Mas não vamos trazer os adornos de parede até...

– Isso é diferente. Estou com tudo aqui para finalizar esta suíte. Esse espelho aí – falou ela, apontando para a parede estreita entre as duas portas que davam para a varanda. – O trabalho de crochê da sua avó ali, e esse belo quadrinho bem aqui – concluiu, entrando no banheiro para mostrar o local exato.

– Hope vai trazer os produtos de banho, as toalhas e mais umas coisinhas que escolhemos. Vamos poder ver como vai ficar com tudo pronto. Queremos ver pelo menos uma suíte completa.

– A cobertura est...

– Estão faltando peças de decoração lá, então não está realmente pronta. Vamos finalizar esta, já que as coisas estão todas aqui.

Ela se virou para a cama, coberta com uma colcha de brocado lilás, e prosseguiu:

– Você pendura o quadro enquanto eu arrumo esta cama.

– Ainda faltam três semanas para a festa de inauguração – começou a argumentar Owen, e a mãe o fuzilou com o olhar. – Tá bem, tá bem.

Ele pegou um gancho, o lápis, passou pela famosa e esperada rotina do “mais

pra cima, mais pra baixo, pra direita”, que se repetia toda vez que a mãe lhe pedia que pendurasse alguma coisa.

Mas tinha que admitir que Justine fizera uma boa escolha, pois o quadrinho tinha certo charme inglês, etéreo, com suas cores pastel.

Hope entrou depressa, com um cesto cheio de toalhas, produtos de banho e mais outras coisinhas que elas tinham comprado.

Agora havia duas mulheres para lhe dizer o que fazer, e depois de algum tempo Owen finalmente conseguiu achar uma posição que satisfizes ambas. Enquanto ele pregava o gancho, elas foram arrumar as roupas de cama e banho, conversando sobre a festa de inauguração, comentando sobre as reservas já feitas, listando as coisas que faltavam, as que queriam, as que já estavam encomendadas.

– São perfeitos, Justine – disse Hope, saindo do banheiro para admirar os paninhos de crochê emoldurados.

– São mesmo. – Justine desviou a atenção das fronhas de linho por um instante e assentiu. – E ela ficaria feliz em vê-los aqui e na J&R.

– Foi incrível essa ideia de mesclar algumas recordações de família à decoração. Torna o ambiente mais pessoal.

– Todo o prédio é pessoal – disse Justine, aproximando-se de Owen para fazer um carinho em seu braço. – Pendure este espelho e, então, está liberado.

– Pode vir dar uma olhadinha para ver se gosta da disposição das coisas desse jeito? – perguntou Hope a Justine.

Quando elas se retiraram para o banheiro, Owen aproveitou a oportunidade para pendurar o espelho sem as duas opinando.

Mediu, marcou e mais uma vez concordou com a escolha de Justine: a moldura do espelho combinava com o tom púrpura de uma poltrona, conservando a elegância e a delicadeza.

Concentrado na tarefa e pensando nas outras tantas de sua lista, ele nem notou o cheiro repentino de madressilva que invadiu o recinto. Enquanto martelava, começou a cantarolar inconscientemente a melodia que tomou o ar.

Pegou o espelho e acomodou o arame no gancho. Como de costume, pegou o mini nível que carregava no cinto para verificar se tinha pendurado em linha reta.

E então, por um instante, ele a viu.

Usava um vestido cinza-claro e tinha as mãos cruzadas na altura do cós da saia. O cabelo louro estava puxado para trás, preso em um coque na altura da nuca, com alguns cachos soltos roçando as bochechas.

Ela sorriu para ele.

Owen se virou e viu Hope, com o cabelo escuro preso para trás, um paninho de pó pendendo do bolso da calça jeans e os olhos escuros que contrastavam com sua pele clara bem atentos.

– Você viu isso? – perguntou Owen.

– Eu...

Mas ela não estava olhando para ele. Encarava fixamente a porta de entrada, onde estava Ryder.

– Quando tiver terminado de brincar de casinha com as mulheres, tenho um

trabalho de verdade para você – disse ele a Owen.

– Você viu isso? – repetiu Owen. – Ela estava aqui.

– Ela quem? Elas estão por toda parte – disse Ryder. Olhava para Hope enquanto falava, com a testa franzida. – Sente-se – ordenou.

Ao ver que ela continuava encarando-o, Ryder se aproximou, segurou-a pelo braço e a acomodou numa linda cadeirinha.

– Mãe! Sua gerente está fora do ar.

Justine veio correndo e se ajoelhou na frente da moça.

– Querida, você está bem? O que houve? Ryder, vá buscar um copo de água para ela.

– Não. Não. Eu estou bem – disse Hope. – Eu só...

– Meu Deus, alguém por acaso viu isso? – perguntou Owen.

Frustrado, ele agitava os braços no ar.

– Onde diabo se meteu... – Beckett parou de falar ao entrar no aposento. – O que aconteceu?

– Eu a vi. Ela estava bem ali. Você também viu?

– Quem? Hope? Estou olhando para ela. – Então Beckett estreitou os olhos. – Elizabeth? Você viu Lizzy?

– Estava aí de pé.

– Você a viu? Por que você? Isso me deixa meio irritado – afirmou Beckett.

– Você a viu? – indagou Owen a Hope, ignorando o irmão. – Ela estava bem aí. Depois você apareceu.

– Eu...

Ryder puxou uma garrafa de água do cinto e ofereceu a ela.

– Tome, beba.

– Vou pegar um copo para você – disse Justine, ao ver Hope olhando fixamente para a garrafa.

– Não, eu estou bem. – Apesar de ter negado, levou a garrafa à boca e tomou um longo gole. – Pronto. Só me assustei.

– Você a viu.

– Sim. E não. Por um segundo, achei que tivesse visto, mas foi mais uma sensação. É meio estranho. – Olhou para Ryder. – Ela está esperando.

– Esperando o quê?

– Eu... Eu não sei exatamente.

– Ela sorriu para mim – disse Owen. – Eu estava pendurando o espelho e a vi refletida nele. Com um vestido cinza, o cabelo preso numa espécie de rede. É loura, bonita, jovem.

Quando Hope estendeu o braço para devolver a garrafa a Ryder, Owen a pegou e tomou o resto da água.

– Uau! – exclamou.

– Estava cantarolando – falou Justine. – Eu ouvi. E também senti o cheiro de madressilva. Fiquei parada por um momento, intrigada, mas não a vi. Venha, querida, vou levá-la lá para baixo.

– Eu estou bem – repetiu Hope. – Foi só... uma experiência diferente. Não fiquei assustada. Já havia sentido a presença dela antes. Só que dessa vez foi mais intensa.

– Bem, o prédio está quase pronto, e esta suíte também está praticamente terminada. – Beckett deu uma volta pelo cômodo. – A decoração nas paredes, a roupa de cama, as toalhas no lugar... Acho que ela gostou.

– Agora que já deixamos nosso fantasma satisfeito, talvez pudéssemos rever esta lista – disse Ryder.

– Ry não é dado a sentimentalismos – lamentou Beckett. – Todos estão bem? Hope assentiu.

– Eu...

– Hope está bem – interrompeu Ryder. – Quantas vezes ela vai ter que repetir isso? Ao trabalho, então. – Antes de deixar a suíte, ele parou na porta e deu mais uma olhada em Hope. – Está bonito o quarto.

– Bem, realmente devemos voltar ao trabalho, Ry tem razão nisso. Mas descanse um instante, se precisar – disse Beckett a Owen, e se virou para sair.

– Eu a vi – repetiu Owen todo feliz, indo atrás dos irmãos. – Que maneiro. Ela sorriu para mim.

– Quer tomar um pouco de ar fresco? Descansar um bocadinho? – perguntou Justine a Hope.

Ela balançou a cabeça.

– Não, mas obrigada. Ryder tem razão, fiquei fora do ar. Pelo visto, ainda vai acontecer mais vezes. – Levantou-se e acrescentou: – Eu diria que ela gostou da suíte.

– Ela seria doida se não tivesse gostado – retrucou Justine, acariciando o braço da moça. – Se estiver com disposição, podemos começar a organizar a T&O.

– Vamos lá.

Que experiência, pensou Hope, pegando a cesta vazia. Owen tinha razão. Elizabeth tinha sorriso para ele. Mas tinha sido Ryder quem provocara aquele disparo repentino de emoção, aquela sensação de alegria e pesar, tão forte, tão *real*, que fez suas pernas tremerem.

O que quer que isso significasse, ela sabia que descobriria quando se mudasse para a pousada.

capítulo sete



SUA VIDA ESTAVA UM caos, e ela não podia culpar ninguém a não ser a si mesma por isso.

Sentada no antigo escritório de Beckett, que tinha adaptado para seu uso, Avery estava cercada por caixas, papel de embrulho, tecido, fitas e laços.

Uma loucura.

Todo ano prometia que faria melhor. Faria as compras com antecedência – levando uma lista –, separaria os papéis de embrulho, fitas e tudo o mais e guardaria tudo de forma bem organizada depois.

Trataria todo o processo de compra de presentes de Natal como uma adulta sensata.

A partir do ano que vem.

Sabia organizar as coisas e depois mantê-las em ordem, mas pelo visto essa habilidade se restringia a seu trabalho, passando bem longe de sua vida pessoal.

Então, como de costume, faltando apenas três dias para o Natal, ela estava às voltas com caixas de presente e pilhas de fitas, entrando em pânico cada vez que não conseguia achar algo que sabia ter posto *bem ali* um minuto antes, e acabava exausta.

Adorava o Natal. Adorava a música – embora soubesse que ela enlouquecia algumas pessoas à medida que o grande dia chegava. Adorava as luzes, as cores, os segredos, a animação.

Adorava fazer as compras e os embrulhos, e era uma satisfação e tanto ver os lindos presentes arrumadinhos sob a árvore. Então por que *sempre* acabava fazendo tudo na correria, no último minuto?

Mas este ano, pelo menos, não passaria os últimos minutos antes do Natal se estressando com os preparativos. Terminaria tudo esta noite.

No máximo no dia seguinte.

Tinha decidido não trabalhar na bancada, já que eram muitas coisas com que lidar. Por isso se sentou no chão, cercada pelas caixas, pelos pedaços de papel, pelos rolos de fita. No ano seguinte, definitivamente abriria primeiro um espaço na bancada e compraria mais caixas para guardar os laços e tudo o mais. Etiquetaria tudo, como Hope fazia.

Maldita Hope.

Ao pensar na amiga e na sua irritante eficiência, Avery admirava os brincos que tinha comprado para ela. Foi uma boa compra, disse a si mesma. Voltou a pô-los na caixa, escolheu um papel de presente prateado, uma fita vermelha e

uma etiqueta combinando. Cortou cuidadosamente o tamanho certo do papel e dobrou as pontas, enquanto movia a cabeça ao ritmo de uma música de Natal.

Podia não ter se organizado, mas seus presentes iam ficar lindos.

Pegou o durex, puxou a ponta e descobriu que o rolo estava no fim.

– Merda!

Não tem importância, pensou. Tinha comprado mais.

Tinha certeza.

Depois de quinze minutos de uma busca cada vez mais frustrante, fisdadas de pânico e muito suor, admitiu que devia ter apenas *pensado* em comprar mais durex.

Tudo bem. Só precisava ir correndo comprar. Verificou a hora e esbravejou mais uma vez. Como já podia ser quase meia-noite? Precisava de durex!

Passou mais quinze minutos revirando gavetas, caixas de mudança ainda fechadas, armários.

Isso, sim, era uma ótima razão para morar em Nova York, onde as pessoas podiam comprar o que quisessem a qualquer hora do dia e da noite. Quando alguém ficava sem durex no meio de uma frenética sessão de embrulhos de presente, podia simplesmente sair para comprar mais.

Fez uma pausa, disse a si mesma para parar de ser idiota e deu uma olhada naquela bagunça toda. Sua busca tinha deixado tudo de pernas para o ar, desenterrando até potenciais presentes que havia comprado numa época de promoções no início do verão passado.

Era ruim, mas não terrível. E lá embaixo, na pizzaria, tinha durex.

Pegou as chaves, deixou as luzes acesas e a música tocando, e desceu depressa. Depois de acender as luzes, foi até o balcão e abriu a gaveta sob a caixa registradora.

– Arrá! – exclamou, puxando o suporte de fita adesiva.

Mas logo murchou, ao ver que o rolo estava quase no fim.

Saiu à caça do refil – gavetas, escaninhos, a despensa. Quando se viu procurando nos congeladores, achou melhor beber uma taça de vinho.

Sentou-se diante do balcão, com a cabeça enterrada nas mãos, pensando como era possível que toda a sua boa intenção tivesse ido por água abaixo por causa de um simples rolo de durex.

Uma batida à porta da frente a fez respingar o vinho e quase derramar tudo no balcão.

Owen estava ali parado, iluminado pelas luzes de segurança, tentando enxergá-la pela porta de vidro.

Que saudade de Nova York, pensou. Em Boonsboro uma mulher não tinha privacidade nem para ter uma crise por causa de durex.

Andou até a porta e abriu o ferrolho.

– A pizzaria está fechada.

– Então por que está aí, atrás do balcão, bebendo?

– Estou embrulhando presentes de Natal.

– Engraçado, eu poderia jurar que você estava sentada atrás do balcão tomando uma taça de vinho.

– O durex acabou. Achei que tivesse comprado mais, mas me enganei, aí

desce para pegar e aqui o rolo também está quase no fim. Como aqui não é Nova York, está tarde para comprar outro maldito rolo.

Owen a observou. Ela estava com uma calça de flanela, que devia usar como pijama, uma camiseta de manga comprida, meias grossas e uma presilha no cabelo.

– Mais uma vez você deixou para embrulhar tudo em cima da hora.

– E daí?

– Só estou comentando.

– O que está fazendo aqui? Por que não está em casa embrulhando presentes?

– Logo em seguida, acrescentou num tom amargo: – Porque já estão todos embrulhados. E, sem dúvida, guardados em sacolas separadas de acordo com o destino deles. E sei muito bem que vocês já deram os presentes aos funcionários, porque vi uns casacos de moletom onde estava escrito Pousada BoonsBoro.

– Quer um?

– Quero.

– Basta me dar uma taça disso aí e trago um para você amanhã.

– Já que não vou mesmo poder embrulhar os presentes...

Foi lá para trás, pegou uma garrafa e uma taça e, ao voltar, perguntou:

– Então, o que veio fazer aqui?

– Do outro lado da rua, vi as luzes acesas e você aqui sozinha parecendo uma doida. Eu estava conferindo minha lista de tarefas. Acabamos.

– Acabamos o quê?

– A pousada. Bem, ainda falta trazer alguns móveis, mas a obra terminou.

– Sério?

– Sério – respondeu ele, erguendo um brinde a si mesmo. – A última inspeção vai ser amanhã.

– Owen! – O humor de Avery mudou completamente. Seu rosto agora estava iluminado. – Vocês conseguiram terminar antes do Natal!

– Pois é. O habite-se deve sair sem problemas. Hope já pode se mudar. Vamos transportar o resto das coisas, terminar a arrumação... Com ela morando lá, depois de umas duas semanas já vamos ter ajustado o que quer que seja necessário antes da inauguração.

– Parabéns. Hope disse que o pessoal tinha ido embora, mas não entendi o alcance da frase.

– Ainda temos muito a ajustar, mas tudo está andando bem. Quando os operários voltarem, depois das festas, vai ser para trabalhar no prédio da confeitaria.

Avery foi até a porta e olhou para a rua.

– A pousada está linda. Sempre que olho para esse prédio fico toda animada. Hope disse que vocês já têm até algumas reservas.

– E vamos ter mais depois que pusermos as fotos no site e as pessoas começarem a comentar. Hope vai dar umas entrevistas na semana que vem. Vai acompanhar os jornalistas em uma visita guiada e falar do projeto. Nós também vamos dar entrevistas. Negócio de família e tal. É bom para a divulgação.

– É bom para a vida. *Sláinte* – disse ela, brindando com ele. – Vou passar lá amanhã antes de abrir e, depois, vou comprar um rolo de dures.

– Eu tenho, lá no caminhão.

– Você tem durex no caminhão? – perguntou ela, estreitando os olhos.

– Claro. No porta-luvas. E, antes que faça alguma observação engraçadinha, lembre-se: você precisa, eu tenho.

– Eu ia dizer que é uma ótima ideia guardar um rolo de durex no porta-luvas – retrucou ela, sorrindo.

– Não ia, não, mas foi uma bela saída. Vou buscar.

– Deixe que eu vou. Você estacionou atrás da pousada.

– Sim. E está um frio de rachar. Cadê seu casaco, seus sapatos...?

– Lá em cima. Mas é só atravessar a rua...

É claro que ele não a deixaria atravessar a praça correndo só de pijama e de meias, à meia-noite, em dezembro.

– Vou pegar para você – disse ele. – Tranque a porta da frente. A gente se encontra lá nos fundos.

– Obrigada. Obrigada mesmo.

Owen lhe devolveu a taça e saiu pela frente. Ela trancou a porta e levou as taças vazias para a cozinha. Apagou as luzes, dirigiu-se para os fundos e desceu os degraus para abrir a porta. Ouviu o barulho da fechadura.

Claro, ele tinha a chave. Era o proprietário.

Foi encontrá-lo na metade do caminho e pegou o rolo de durex.

– Amanhã vou à loja do Sam comprar uns cem rolos dessa droga.

– Tudo é melhor no atacado.

Avery riu.

– Aposto que você tem vários de reserva no caminhão, em casa, na oficina.

Owen a encarou com as sobrancelhas arqueadas.

– Por acaso isso foi uma observação engraçadinha?

– De jeito nenhum – respondeu ela. – Foi um elogio. E vou tentar seguir seu comportamento exemplar.

Owen estava um pouco abaixo dela na escada e, com isso, seus rostos ficavam frente a frente. Fitando-a, ele meteu a mão no bolso.

– Que tal começar agora?

– Você trouxe um de reserva! Não acredito que tinha *dois* rolos de durex no caminhão – disse ela, rindo e pegando o outro rolo.

Três, pensou ele, mas isso não vinha ao caso.

– Posso ajudar você com os embrulhos – falou.

Avery ergueu as sobrancelhas.

– Aí você vai ter um monte de observações engraçadinhas a fazer sobre o estado da minha estação de embrulho de presentes. Isso depois que eu tiver conseguido acordá-lo do desmaio que vai ter quando a vir.

– Eu já vi sua estação de embrulho de presentes.

– Não lá em cima. Está pior do que nunca, agora que tenho mais espaço para o caos. – Ela viu o movimento dos olhos dele e recuou um pouco. – Owen, eu tenho pensado sobre isso.

– Sobre o caos?

– De certa forma, sim. Sobre o que nós dois estamos pensando em fazer neste exato momento. Primeiro, fiquei me perguntando por que não pensamos em

fazer isso antes. Então eu pensei: sim, vamos nessa, vamos simplesmente fazer isso. Depois, eu lembrei que não fizemos antes porque isso podia estragar nossa amizade. E, sério, Owen, você é muito importante para mim. Muito importante mesmo.

– Engraçado... Eu também estava pensando nisso, e na possibilidade de estragar tudo. Ryder diz que não vamos estragar nada.

– Ryder disse isso?

– Pedi a opinião dele. Não venha me dizer que não falou a respeito com Clare e Hope.

A irritação que Avery começou a sentir acabou automaticamente.

– Tem razão. E por que Ryder acha que não vamos estragar tudo?

– Porque somos importantes um para o outro e não somos idiotas.

– Isso é verdade – retrucou ela, inclinando a cabeça para o lado. – E tem mais: agora que estamos pensando... – Apoiou as mãos com os rolos de durex nos ombros dele. – Talvez a gente não fique tão atordoado quanto antes. Precisamos descobrir.

– Tipo um teste – disse ele, pondo as mãos nos quadris dela.

– Faz sentido, não faz? Por que desperdiçar nosso tempo continuando a pensar nisso se descobrirmos que não vale a pena? Por outro lado, se valer a pena pensar nisso, nós...

– Cale a boca, Avery.

Inclinando-se para a frente, Owen roçou os lábios nos dela bem de leve. Puxou-a para mais perto de si e fez de novo. Viu os olhos azuis atrevidos de Avery se fecharem lentamente.

Ela deixou escapar um pequeno gemido, então abriu os lábios e apertou os ombros dele com mais força, fazendo Owen sentir em cheio o impacto de toda a sua energia.

Ele ficou abalado. Aquele súbito desejo... o dele e o dela. Onde estava aquilo? Por que nunca tinham percebido?

Estava ali, agudo e ardente, urgente e ávido, cheio de possibilidades.

Owen a ergueu nos braços e, sem qualquer hesitação, ela envolveu a cintura dele com as pernas. Mergulhou cada vez mais naquele beijo, confiando inteiramente nele, que a levava no colo escada acima. No patamar, ele a encostou com força na parede.

Avery enfiou as mãos no cabelo dele – nossa, como adorava aquele cabelo... – e bateu com os rolos de durex em sua cabeça.

Rindo, ela deixou a cabeça cair no ombro dele.

– Ai – disse Owen, o que a fez rir ainda mais.

– Desculpe, desculpe. – Ela o abraçou e enfiou o rosto no pescoço dele. – Owen... – Suspirou e então ergueu o rosto para fitá-lo. – Definitivamente, isto é algo em que vale a pena pensar.

– Que bom que você acha isso. Agora, não preciso deixar você cair de cabeça.

– De qualquer jeito, é melhor me pôr no chão.

– Eu aguento. E, depois, podemos embrulhar os presentes.

– Se formos lá para cima, não vamos embrulhar presentes.

– Era um código.

– Ah. – Mesmo assim, ela foi descendo do colo dele até ficar de pé. – Acho que devíamos pensar melhor por mais alguns dias. Não que eu desconsidere a opinião de Ryder, mas, se esperarmos mais um pouco, não vai ser um simples impulso.

– E eu aqui pensando que já era hora de dar uma chance aos impulsos.

– Eu já dei muitas chances aos impulsos, então acho que fica tudo equilibrado.

Ela percebeu que, se não estivesse pensando em ir para a cama com ele, poderia lhe perguntar diretamente se ele estava saindo ou dormindo com alguém. Mas dizer isso agora ia parecer cobrança.

Mesmo assim...

– Você deve ter algum encontro para o ano-novo.

– Na verdade, não tenho, não.

– Não tem?

– Andamos tão ocupados nos últimos tempos que nem pensei nisso.

Avery viu que agora ele também devia estar pensando o mesmo que ela.

– Você tem? – disse Owen.

– Mais ou menos. Com Hope. Vocês decidiram que não se trabalha na pousada no ano-novo, então combinamos ver um filminho em casa e dizer que não damos a mínima para o fato de não termos nenhum encontro.

– Podemos nos ver.

Que fofo, pensou Avery. Tão sexy. E, infelizmente, impossível.

– Não posso dar o bolo em Hope. Não numa data como essa.

– Eu posso dar uma festa. Na minha casa.

Avery o encarou como se ele estivesse maluco.

– Você quer dizer *neste* ano-novo? Daqui a pouco mais de uma semana?

– Claro.

– Isso é o que se chama de espontaneidade, Owen.

E você não é exatamente familiarizado com essa noção.

– Posso ser espontâneo.

– Você precisaria de uns seis meses para planejar uma festa. Ia fazer uma planilha, traçar as etapas... Esse tipo de espontaneidade? Você pode se decepcionar.

– Festa! – exclamou ele com firmeza, ignorando o fato de que ela estava dizendo a mais pura verdade. – Na minha casa. No ano-novo. E você vai ficar para passar a noite. Comigo.

Com ele. No ano-novo.

– Você já está decidido. E, se conseguir levar a ideia adiante, não apenas vou passar a noite com você, mas também vou preparar seu café da manhã.

– Combinado. – Então ele a abraçou de novo e a beijou até Avery ficar com as pernas bambas. – Deixe que eu fecho a porta dos fundos – disse quando a soltou.

– Tá – balbuciou ela, tentando recuperar o fôlego enquanto ele descia a escada. – Owen?

Ele se virou, sorrindo, e o coração dela deu uma cambalhota no peito. Era de

surpreender que tivesse se apaixonado por ele aos 5 anos de idade?

– Obrigada pelo durex.

– Disponível.

Avery ouviu o barulho da chave e foi se arrastando escada acima. Agora não teria nenhum problema em encarar a maratona dos presentes, pensou. Apesar de já ser bem tarde, não apenas tinha durex de sobra, como não tinha a menor chance de dormir, com Owen Montgomery na cabeça.



Era óbvio que todo o seu sangue tinha descido da cabeça de cima para a de baixo. Caso contrário, pensou Owen enquanto voltava de Hagerstown naquela tarde enevoada, jamais teria decidido dar uma festa de ano novo.

Tinha a inauguração da pousada, os preparativos do Natal, um novo projeto de obra. Como poderia organizar uma festa em pouco mais de uma semana?

Achou que tinha encontrado a resposta.

Parou num sinal e pegou o celular para fazer uma lista de comidas e bebidas. Verificou as mensagens. Duas de Ryder, as duas perguntando basicamente onde diabo ele tinha se metido.

Como estava a uns dois minutos de Boonsboro, nem se deu o trabalho de responder.

Continuou dirigindo e deixou a mente vagar de uma festa para outra. A inauguração da pousada era mais complicada do que o seu réveillon de última hora, mas a maioria dos detalhes já tinha sido resolvida e sua mãe, sua tia e Hope estavam cuidando de quase tudo.

Ainda assim, ele tinha um arquivo bem grosso na sua pasta e uma ou duas planilhas no computador. E, é claro, um roteiro a ser seguido.

Pensou na possibilidade de abrir outro arquivo para sua própria festa, jurando a si mesmo que isso não tinha nada a ver com obsessão. Era apenas uma questão de praticidade. Pouparia tempo e estresse.

Olhou para a Vesta e pensou em Avery ao dobrar a esquina da St. Paul. Por que não sugerir apenas que saíssem para jantar e, depois, pulassem na cama? perguntou-se ao entrar no estacionamento nos fundos da pousada.

Porque ela havia tocado no assunto do ano-novo e o sangue dele já tinha abandonado o seu cérebro. Na hora, tudo aquilo pareceu fazer muito sentido.

Saiu do caminhão e se deteve por um instante ali no frio observando o pátio, o traçado das varandas e dos balaústres.

Toda aquela graciosidade e aquele charme não tinham sido fáceis de conseguir, pensou. Lembrou-se do lixo, da lama, do entulho. Lembrou-se do verdadeiro pesadelo que foi todo aquele cocô de pombo... Depois, desejou não ter se lembrado daquilo...

Mas tinham conseguido revitalizar o prédio, e com louvor. Se podia fazer algo assim, podia organizar uma maldita festa de fim de ano.

Entrou pelo saguão, parou e sorriu ao ver a imensa mesa reluzente debaixo do lustre central e as cadeiras cor de palha destacando-se diante da parede de tijolos à mostra.

Com louvor, pensou novamente, passando pelo arco que levava à sala de jantar e às vozes que estava ouvindo.

Foi encontrar Ryder e Beckett instalando o enorme bufê entalhado debaixo da janela de pedra de cantaria, enquanto sua mãe e Hope distribuíam as lindas mesinhas de madeira pelo aposento.

Diaraque estava aconchegado no outro canto, mas ergueu a cabeça e abanou o rabo quando o viu.

De repente, ocorreu-lhe que talvez o cachorro o visse como uma rosca recheada na forma de um humano.

– Onde diabo você se meteu? – perguntou Ryder.

– Tinha umas coisas para fazer. Está ficando ótimo.

– Está mesmo – disse Justine, com um sorriso radiante, ajeitando uma cadeira junto a uma das mesas. – Vamos pôr o espelho grande bem aqui. Aquele antigo, sabe? E chegamos à conclusão de que vamos precisar de mais um aparador. Pode ficar ali, debaixo daquela janela. Vou tirar as medidas e dar um pulo na Bast pra ver se eles têm algo que nos sirva.

– Você tem aquele que comprou naquela loja elegante em Frederick – lembrou Ryder.

Instantaneamente, o rosto de Justine se fechou.

– Está empenado. Um dos pés é mais curto que os outros três. Eu nunca devia ter comprado nada naquele lugar.

– Já lhe disse que aparei os outros pés. Se pusermos bastante coisa em cima, ninguém vai notar.

– Eles foram muito antiprofissionais – interveio Hope. – Nenhum comerciante devia pôr à venda um produto nitidamente defeituoso.

– Mas já foi comprado, e eu já consertei. Esqueçam isso.

– Foi comprado para o saguão – insistiu Hope. – Já vi outro lá na Bast que vai ficar perfeito naquele espaço.

– Se você não fosse uma cabeça-dura, o móvel já estaria no saguão.

Justine fitou o filho com ar severo.

– Quem você chamou de cabeça-dura, Ryder? Porque fui eu que mandei você levar o móvel com defeito lá para o porão.

– Onde eu o consertei – resmungou ele. – Vou lá buscar. Pode me ajudar? – acrescentou, dirigindo-se a Beckett.

Adorando a ideia de sair da linha de fogo, Beckett se levantou para acompanhar o irmão.

– Se não ficar bom, se você não gostar, nós daremos um fim nele – prometeu Owen. – Mas é um móvel bem bonito.

– Defeituoso, e não vale o preço que paguei por ele.

Fui enganada – falou Justine, acariciando as orelhas de Diaraque, que tinha se aproximado e se encostado nela. – Bem, vamos ver.

Passos ressoaram na escadaria principal.

– Deve ser Carolee trazendo mais coisas para a cozinha, Hope – disse Justine.

– Talvez vocês duas possam apanhar os réchauds e a máquina de café.

Vamos ver como fica tudo.

– Claro – falou Hope, e se retirou.

Owen abriu a boca para oferecer ajuda, mas um olhar da mãe o fez se calar. Justine esperou até que os passos de Hope se afastassem e explicou:

– Queria que ela saísse daqui por uns minutos.

Então, quando Ryder e Beckett voltaram carregando o aparador consertado, ela cruzou os braços e exclamou:

– Ryder Thomas Montgomery!

Owen conhecia aquele tom, aquele olhar. Embora desta vez o alvo não fosse ele, sentiu o corpo inteiro se encolher um pouquinho.

De cabeça baixa e com o rabo entre as pernas, Diaraque voltou para o canto onde estava antes.

– Sim, mãe...

– Não eduquei você para ser grosseiro com as pessoas, rosnar para as mulheres ou falar rispidamente com os empregados. Espero que seja educado com Hope, quer concorde ou não com o que ela disser.

– Tá bem. Mas... – começou ele, colocando o aparador no chão.

– Mas...?

Aquela única palavra soou como um alerta e um desafio.

Parado ali, Ryder exibiu a expressão mais agradável possível.

– Você disse para tratarmos Hope como alguém da família, não foi? Então, quer que eu faça isso ou seja educado com ela?

Justine ficou calada por um longo instante. Beckett se afastou do irmão quando a mãe começou a se aproximar. Então ela estendeu os braços e pegou o filho pelas duas orelhas.

– Você se acha muito esperto, não é?

– É. Puxei a minha mãe.

Ela riu e sacudiu a cabeça de Ryder de um lado para outro.

– Puxou ao seu pai, isso sim. – Ela cutucou a barriga dele e acrescentou: – Veja lá como fala.

– Tá bem.

Assentindo, Justine recuou, com as mãos nos quadris.

– Isso ainda está claramente empenado, Ry!

– Verdade. É malfeito e não vale o preço que você pagou por ele, mas quebra um galho. E é bem bonitinho. Vai ficar melhor depois que puserem esses negócios de cobre em cima.

– É, talvez. Mas fico chateada. A culpa foi minha.

– Foi mesmo – concordou Ryder, depois deu de ombros. – Transformou quase três mil metros quadrados de lixo numa pousada fantástica e acha que tem culpa de alguma coisa porque comprou um móvel com defeito? Essa é boa, mãe...

– Você é esperto mesmo. Talvez tenha puxado a mim, afinal – disse ela, olhando para o filho.

Virou-se quando Hope voltou com uma caixa imensa, seguida por Carolee, que carregava outra.

– Deixe que eu pego isso – falou Ryder, adiantando-se e tirando a caixa das mãos de Hope. – Estou sendo educado.

– Remorso?

– Ainda não. Talvez eu sinta mais tarde.

Beckett pegou a caixa das mãos da tia e, de onde estava, Owen deu uma olhada no grupo. Eles começaram a abrir as caixas e tiraram a cafeteira, os réchauds, os suportes, deixando de lado as caixas e os embrulhos. Ele recolheria aquilo tudo depois.

Carolee falou que as taças de vinho tinham de ser lavadas enquanto Justine prendia o cabelo. Beckett e Ryder falaram sobre carregar o espelho para poderem seguir para o prédio ao lado e se juntarem aos operários.

Owen ficou esperando as três mulheres analisarem o tal aparador.

– Não dá para ver, mas eu vou saber que ele está torto – disse Hope, ajeitando o cabelo. – Isso me irrita – acrescentou, lançando uma olhadela para Ryder. – Mas vou deixar o assunto para lá.

– Ótimo. Vamos instalar logo o tal espelho e cair fora daqui antes que elas arranjem mais alguma coisa para nos dar trabalho – disse ele a Owen.

– Só preciso de um minuto. Quero falar com vocês – pediu Owen.

– Assim que tivermos terminado – retrucou Ryder.

– Não. Tem que ser agora – insistiu ele, fazendo uma expressão séria e grave. – É sobre a liberação do prédio.

– Ai, meu Deus, não venha me dizer que eles vão criar problemas com o habite-se. O fiscal aprovou tudo – falou Ryder.

Owen virou-se para o irmão com um suspiro, balançando ligeiramente a cabeça.

– É. Fui até Hagerstown para ver se podia adiantar coisas. E... consegui!

– Conseguiu o habite-se? – perguntou Beckett.

– Consegui.

– Ah, meu Deus. Ah, meu *Deus!* Carolee... – exclamou Justine segurando a mão da irmã.

Owen deu um soquinho no ombro de Ryder e sorriu para Hope.

– Está pronta para se mudar? Podemos trazer o resto das suas coisas. Pode ficar aqui já esta noite.

– Estou mais do que pronta, Owen! – disse ela, e, rindo, passou os braços pelo seu pescoço e lhe deu um beijinho na boca.

Depois de dar pulinhos e gritinhos com a mãe e a tia de Owen, Hope abraçou Beckett e lhe deu um beijo estalado.

Mas estancou diante de Ryder.

– O que eu ganho? Um aperto de mão?

Ela riu novamente, balançou a cabeça e lhe deu um beijo bem discreto no rosto.

– A mesma coisa – lamentou-se ele.

Em seguida, passou um dos braços pelos ombros de Owen e o outro pelos de Beckett.

– Conseguimos!

Com os olhos cheios de lágrimas, Justine não se conteve.

– Meus meninos... – murmurou, abraçando os filhos.

Os quatro ficaram assim por um longo momento, enquanto Diaraque tentava se enfiar no meio.

– Muito bem – disse ela finalmente, recuando e enxugando as lágrimas. – Vamos pedir o almoço aqui. Por minha conta. Veja se Clare pode vir, Beckett. Owen, ligue para Avery, encomende a comida e peça que ela traga. E que se junte a nós, se puder. Hope, pegue uma, não, duas daquelas garrafas de champanhe que temos no estoque para os hóspedes.

– Pode crer.

– Ainda não lavei as taças! – exclamou Carolee, indo para a cozinha.

– Champanhe? – falou Ryder. – No almoço?

– Exatamente! Champanhe.

– Aliás, por falar em champanhe – começou Owen, coçando o queixo. – Tem algum encontro marcado para o ano-novo, Ry?

– Tenho, com a Risadinha. Mas vou cair fora.

– No réveillon? – falou Justine.

– Acredite: se você ouvisse a risadinha, ia entender. – Ele então se dirigiu a Owen: – Por quê? Está pretendendo me levar para dançar?

– Vou dar uma festa.

– *Neste* réveillon? – disse Justine, de olhos arregalados.

– Sim, sim, neste mesmo. – *Ora!* – Não é nada de mais. Só uma reunião de fim de ano. Com comida e bebida. Você pode ir, não pode?

Suspirando, Justine continuou a avaliar o filho.

– Claro – respondeu.

– Ry? – disse Owen.

– Por que não? – respondeu ele.

– Clare está chegando – falou Beckett, guardando o celular no bolso.

– Festa de réveillon na minha casa, beleza?

– No ano que vem? – perguntou Beckett.

– Parem com isso. Já perdeu a graça. Pode ir ou não?

– Vamos ficar em casa. Os meninos querem ver a

Bola de Ano-novo da Times Square pela TV, mas Murphy é o único que parece fazer questão absoluta. Vou perguntar a Clare o que ela acha de contratarmos uma babá.

– Ótimo – disse Owen, pegando seu caderninho. – Almoço – disse, e Diaraque começou a abanar o rabo ao ouvir essa palavra. – Pode me dar as instruções. Vou cuidar de tudo.

Quando estava começando a fazer sua lista, ouviu uma garrafa de champanhe sendo aberta na cozinha.

– Bom, agora é oficial – falou, com um sorriso. – Bem-vindos à Pousada BoonsBoro.

capítulo oito



COMO HOPE CONFIAVA NELA – e ia mesmo mudar as coisas de lugar –, foi Avery que arrumou a nova cozinha da amiga. Adorou aquele espaço organizado, com tudo à mão, novo em folha.

– Que divertido! – Ainda de calça jeans e com a camiseta da Vesta, Avery guardou alegremente os talheres na gaveta com divisórias. – Clare está perdendo.

– É assim quando se tem filhos – gritou Hope lá do banheiro, onde estava guardando a maquiagem.

– É, tem razão. Você pensa em ter filhos?

– Claro. Algum dia. E você?

– Com certeza. Mais ainda quando passo um tempinho com os filhos de Clare. Eles são viciantes. – Fechou a gaveta e passou para outra. – Mas para ter filhos eu pretendo me casar antes, e aí é que são elas.

– Você é bem romântica em pensar assim.

– É fácil ser romântica ao opinar sobre a vida dos outros. Assim não há risco, nem fracasso. Seja como for, você está iniciando uma nova aventura e esta é sua primeira noite. Não está nervosa por ficar aqui sozinha, está?

– Não. – Hope inclinou a cabeça em direção ao vão da porta. – Mas quem sabe você não quer ficar? Escolha um quarto.

– Oba! – exclamou Avery, dando pulos de alegria com garfos e colheres nas mãos. – Achei que nunca fosse dizer isso. Tem certeza que não vou criar problemas?

– Absoluta. Justine pediu que eu usasse todos os quartos nas próximas duas semanas. Assim posso me certificar de que não há nenhum defeito nos encanamentos, na parte elétrica ou até mesmo no conforto dos cômodos. E, na verdade, queria passar essa primeira noite no meu apartamento. Então, você será minha primeira hóspede.

– A T&O. Quero ser a primeira a afundar naquela banheira de cobre enorme. Não, espere, a J&R. Assim terei a lareira e a banheira de cobre. Ou...

Hope saiu rindo do banheiro.

– Vai ser um problema decidir, não é?

– Um problema ótimo. Talvez eu devesse escolher na sorte. Não tem como dar errado. Owen já escolheu a suíte em que vai ficar na noite da inauguração?

– Já. A Nick & Nora.

– Beleza. Essa está fora da lista, então, já que até lá eu provavelmente estarei dormindo com ele e terei a chance de estreá-la na inauguração.

– É mesmo?

– É. Estamos só pensando por uns dias para ter certeza de que não é só uma maluquice.

– Por que seria? Ele é um cara bacana, lindo, inteligente, afetuoso. Vocês dois combinam bem.

– Isso é parte da maluquice. Temos uma boa sintonia. Começarmos a dormir juntos poderia estragar isso.

– Acho que vocês dois têm condições de fazer as adaptações necessárias.

– Espero que sim. Falando nisso, preciso pedir um favorzão. Sabe, ontem à noite ele me emprestou uns rolos de durex e uma coisa foi levando a outra...

Hope pôs as mãos na cintura.

– Você já dormiu com ele e está apenas tentando arranjar um jeito de me contar?

– Não. Foi quase, mas não aconteceu. Enquanto decidíamos esperar alguns dias, perguntei se ele tinha algum compromisso para a noite de ano-novo. O que eu queria era saber se ele estava saindo com outra pessoa.

Bem, transando com outra pessoa, na verdade.

– Claro.

– Devia ter simplesmente perguntado de cara, mas acabei me enrolando, aí ele quis saber se eu tinha compromisso e respondi que tinha combinado que ia ficar com você.

– Avery, se quiser ficar com Owen numa noite especial como essa, por mim, tudo bem. Sério. Espero que saiba disso.

– Eu sei, assim como gostaria que você soubesse que eu me odiaria por deixá-la sozinha. Você não faria isso comigo.

– Talvez fizesse, se Owen me chamasse para sair –disse ela, dando uma piscadela.

– Ei, vá atrás do seu próprio Montgomery. Está sobrando um.

– Quem sabe você não me empresta o Owen?

Posso testá-lo para você.

– Que ótima amiga. – Fingindo enxugar uma lágrima, Avery deu um abraço nela. – A resposta é não. De toda forma, ele teve a ideia de dar uma festa em casa, o que não faz o gênero dele de jeito nenhum. Owen é dessas pessoas que planejam as coisas por semanas, ou até meses. Enfim, com isso, vamos todos comemorar a virada do ano na casa dele.

Pensativa, Hope abriu os armários para ver a arrumação de Avery.

– Não tenho com quem ir, Avery. Não é nem que eu queira ter um encontro, mas ir sozinha a uma festa de ano-novo é meio constrangedor.

– Não para uma mulher linda como você. Além disso, nem todo mundo vai estar acompanhado. Se quiser, posso ler a lista de convidados para você, para ver que há a mesma quantidade de mulheres e homens solteiros. Owen sabe organizar uma boa festa quando quer. Você vai conhecer mais gente – prosseguiu Avery, usando todo o seu poder de persuasão –, e para uma gerente é ótimo se relacionar bem com a comunidade.

Hope virou a alça de uma xícara um tiquinho para a esquerda.

– Agora você já está apelando.

– É, mas é verdade. Clare e Beck vão contratar uma babá, já confirmei com

ela. E eles podem trazer você para casa depois. A menos que você perca a linha e fique de agarrão com alguém.

– Não vou perder a linha, prometo. – Hope suspirou. – E provavelmente não posso negar o convite de um dos meus padrões, pelo menos não tão cedo assim.

– Você vai se divertir. Prometo. – Encantada, Avery abraçou a amiga. – Obrigada.

Ainda com os braços nos ombros de Hope, virou-se e olhou para a sala.

– Que gentil Ry der ter trazido sua árvore de Natal.

– Ele reclamou bastante dos enfeites.

– Mas a embalou, transportou e a deixou aqui em cima.

– Ok, foi gentil da parte dele, embora provavelmente tenha sido Justine quem lhe pediu que fizesse isso.

– Que seja. Pelo menos você está com sua árvore de Natal no apartamento novo. Já está quase parecendo que você mora mesmo aqui. Está com cara de Hope.

Está feliz?

– Muito. E animadíssima. Mal posso esperar...

As duas se assustaram ao ouvir alguém mexendo na maçaneta da porta de entrada. Quando se viraram, a porta se abriu.

– Meu Deus, Clare! Da próxima vez pode dar logo um tiro na gente – sugeriu Avery.

– Desculpem. Os meninos pegaram no sono, então Beckett me deu a chave para eu vir aqui ficar com vocês um pouquinho. Ele sabia que eu queria muito fazer isso. – Tirou as luvas enquanto olhava ao redor. – Nossa, vocês já fizeram tanta coisa... Está...

– A cara da Hope – completou Avery.

– Exatamente. Como posso ajudar?

– A cozinha é minha! – exclamou Avery.

– E acabei ainda agora de arrumar o banheiro – falou Hope. – Acho que vou para os quartos.

– Então... – Clare abriu a porta de novo e pegou um quadro que tinha deixado apoiado na parede.

– Meu presente de boas-vindas! – exclamou Hope. – Ah, eu achei lindo!

– Madeline disse que você pode trocar se achar que não combina com a casa, depois que tiver mudado de vez – falou Avery. – Pode trocar por outro quadro ou por outra coisa qualquer lá na Gifts.

– Não, ele é exatamente o que eu queria. É lindo, e todo dia, quando eu olhar para essas cerejeiras floridas, vou achar que é primavera. Obrigada. A vocês duas. Já sei onde quero pendurá-lo. No quarto, para acordar toda manhã em plena estação das flores. – Hope ergueu o quadro do chão. – Vou pendurá-lo agora mesmo.

No quarto, Clare arrumou a cama com os belos lençóis que a amiga tinha escolhido, afofou os travesseiros e esticou o edredom enquanto Hope, tão meticulosa quanto Owen, media, marcava e nivelava.

– Vai ficar perfeito aqui. Exatamente aqui – murmurou Hope.

– Você também vai ficar perfeita aqui. Exatamente aqui.

– Tomara.

– A cozinha está pronta. – Avery entrou, virou-se e sorriu para o quadro. – Você tinha razão. É uma primavera perfeita, mesmo numa noite como esta. Bem-vinda, Hope.



Mais tarde, quando Clare foi embora e Avery correu até sua casa para pegar as coisas de que ia precisar naquela noite, Hope deu uma circulada sozinha pelo prédio.

Estava tudo certo, pensou. Estava em casa.

Quando subiu de volta para seu apartamento, sentiu o cheiro de madressilva, fresca como o verão.

– Estou aqui – disse –, e vou ficar. Nenhuma de nós duas vai mais ficar sozinha.



Na manhã seguinte, Avery desceu a escada e encontrou a família Montgomery já trabalhando e Hope na cozinha, preparando o café da manhã.

– Ainda não arrumamos a cozinha – comentou Avery.

– Estou me virando. Quero testar algumas coisas, e esta é uma ótima oportunidade.

– Vou aí dar uma mãozinha.

– Não – ordenou Hope, erguendo o indicador para enfatizar. – De jeito nenhum. Você é uma hóspede. Vá para a sala de jantar.

– Tem café lá?

– Tem. Avery, o que achou da J&R?

– Um sonho. Só senti falta da louca do sótão, que teria transformado essa experiência num pesadelo. Bem, primeiro vou tomar um café, depois faço o relatório completo.

Foi até a sala de jantar e se serviu da cafeteira de cobre, pensativa. Aquele podia ser o momento ideal. Todos estavam felizes, animados. Terminaram um grande projeto que tinha ficado maravilhoso. Só faltavam mais uns poucos dias de trabalho, claro, alguns detalhes, mas estava praticamente pronto.

Owen entrou na sala.

– Ouvi dizer que você foi a primeira hóspede.

– Tive esse privilégio.

– Mas viemos todos tomar café da manhã aqui. Hope mandou uma mensagem convocando todo mundo. – Sentou-se diante dela. – O que achou?

– Uma maravilha. Farei um relatório completo quando todos estiverem aqui. Eles estão no lounge?

– Mamãe quer outro armário lá no canto da frente, Ry está pendurando um espelho, Beck está pondo umas prateleiras num armário e você está linda.

Ela olhou para ele sem baixar a xícara de café.

– É mesmo?

– Sim. Descansada, mas animada. Vai trabalhar hoje?

– Só depois das quatro. Estou de portas fechadas.

– Por que acordou tão cedo?

– Costume. E acho que adivinhei que alguém estava preparando o café.

Carolee entrou com uma bandeja de waffles, que encheram o ambiente com aquele cheiro quando ela os deixou sobre um dos réchauds. Deu uma piscadela para Avery e o sobrinho antes de sair, apressada. Hope trouxe uma tigela de vidro cheia de frutas e uma jarra com suco.

– Hope, eu podia... – começou Avery.

Ela soltou um grunhido.

– Hóspede – repetiu, e saiu de novo.

– Eu adoraria testar esse fogão – murmurou Avery. – É tão brilhante...

Nesse momento chegou uma bandeja com bacon e outra com ovos mexidos cremosos e molhadinhos.

Em seguida, Beckett entrou, farejando o ar.

– Fomos convocados – disse ele. – Hum, isto tem cheiro de café da manhã. – Destampou um dos pratos. – Tem aparência de café da manhã. – Roubou um pedacinho de bacon. – Tem gosto de café da manhã. Uau, waffles.

– Waffles? – repetiu Ryder, chegando e indo direto para os réchauds. – E dos gordos e redondos.

– Sirvam-se – disse Hope, trazendo Justine pelo braço. – Se quiserem qualquer coisa, é só pedir. E quero opiniões sinceras, hein? É melhor saber de uma vez que algo não está bom do que descobrir depois que inaugurarmos.

Afastou-se e esperou que os pratos estivessem servidos e todas as pessoas acomodadas.

Ryder deu a primeira mordida num dos waffles cobertos com calda.

– Não está despedida – disse-lhe ele.

– Grande elogio.

– Está maravilhoso, Hope. – Justine provou um pouco dos ovos. – E as mesas ficaram bem alegres, como queríamos. Sente-se.

– Ainda tenho que ver algumas coisas, mas queria muito saber o que Avery achou da noite na J&R.

– Foi como se eu tivesse ganhado na loteria. Sozinha! Estou limpíssima, porque ontem estreei a banheira, e hoje de manhã, o chuveiro. Os dois são incríveis. E as coisinhas de banho e da pia são maravilhosas. – Estendeu o braço para Owen. – Cheire.

Ele obedeceu.

– Muito bom.

– Sim. As toalhas são macias e felpudas. E, gente, o que são o assoalho térmico e o toalheiro aquecido? É de deixar qualquer um em êxtase. Tudo no banheiro faz com que a gente se sinta mimada, relaxada, cuidada.

– Esse é o objetivo – comentou Justine, sorrindo para ela.

– E vou querer um desses robes para levar para casa. A lareira é um espetáculo, especialmente quando se está naquela cama divina. E preciso dizer que aquela é a cama mais confortável em que já tive o prazer de dormir. É delicioso ter todos aqueles travesseiros de espessuras diferentes à disposição.

Liguei um pouco a TV, o rádio relógio, li alguns capítulos de *Jane Eyre*, vi um DVD. Foi tudo absolutamente fabuloso! Agradeço muito por ter tido a chance de testar o quarto.

– Era isso que eu queria ouvir. Daqui a cinco minutos volto para ver como estão as coisas, então – disse Hope, retornando à cozinha.

– Tem alguma dúvida, queixa, sugestão? – perguntou Justine a Avery.

– Uma sugestão. Não mudem nadinha no quarto.

Não há nada nele de que eu não tenha gostado.

– Ótimo. Uma a menos – disse Justine.

– Já que estão todos aqui, quero falar uma coisa com vocês – afirmou Avery. – Uma coisa que, indiretamente, tem a ver com a pousada – acrescentou.

– Pode falar – retrucou Ryder, levantando-se. – Quero mais waffles. Espere, onde está Diaraque?

– Na recepção, perto da lareira. Não podemos trazer um cachorro para o lugar onde as pessoas comem, Ryder – observou Justine.

– Mas...

– Você não vai dar comida a ele na mesa. Hope já arranjou uns biscoitos caninos para ele, que ficou todo satisfeito lá fora. Agora, Avery, o que ia nos contar?

O coração dela disparou, mas disse a si mesma que aquela era a hora certa.

– Imagino que depois que a pousada for inaugurada, alguns hóspedes vão almoçar ou jantar na Vesta, ou só tomar uma cerveja. Os que preferirem um local mais familiar vão pegar o carro e ir até South Mountain ou Shepherdstown. É uma pena que o restaurante da outra esquina não tenha dado certo.

– Nem me fale – murmurou Owen.

– Todos concordamos a respeito disso – prosseguiu Avery –, mas a verdade é que não faria mal termos outro restaurante na cidade, algo mais caprichado que uma pizzaria italiana familiar.

Estava com os nervos à flor da pele. Odiando-se por estar nervosa, concentrou-se e procurou não deixar a voz tremer.

– As pessoas sempre me perguntam lá no restaurante onde poderiam ir para tomar uma taça de vinho. É claro que eu também sirvo vinho, mas lá não é o tipo de lugar aonde se vá para tomar um drinque tranquilamente ou para ter um jantarzinho romântico.

– Queremos abrir a confeitaria primeiro, e depois vamos procurar outro inquilino para o restaurante – disse-lhe Owen. – Só precisamos ser mais cuidadosos no processo de seleção dessa vez, tentar achar alguém com um plano de negócios sólido, que conheça bem a região.

– Concordo. – Avery pigarreou. – Vocês compraram o edifício ao lado. – Para manter as mãos ocupadas, ficou brincando com os ovos mexidos. – Sei que pensam em abrir um negócio ali, mas como antes era um prédio só, se voltassem a fazer uma comunicação, podia haver um lounge de um lado e um restaurante do outro, conectados. As pessoas poderiam ir ali só para tomar um drinque ou para jantar. Ou as duas coisas. E tem espaço para um palquinho. Música ao vivo sempre atrai. Não temos nada assim na cidade. Um bom restaurante com um lounge ou barzinho anexo. Boa comida, bom vinho, cerveja, coquetéis, música...

– É uma ótima ideia – começou Justine.

– Não dê corda – advertiu Ryder.

– Seria um complemento à pousada – continuou Avery. – Os hóspedes teriam mais opções. Poderiam atravessar a St. Paul para beber uma garrafa de vinho sem se preocupar em ter que dirigir depois. Vocês podem oferecer a entrega de pedidos aqui, como a Vesta vai fazer. Não quer sair? Coma uma pizza no lounge ou faça uma refeição agradável na sala de jantar. E vocês poderão fazer pacotes. Os hóspedes teriam a opção de incluir na reserva da pousada um jantar para dois em um belo restaurante, que ainda tem a vantagem de ser bem próximo, ou optar pelo delivery. Seria um ponto a mais.

– Sem dúvida – concordou Beckett. – Andamos mesmo falando sobre isso. O que está difícil é encontrar alguém que não só queira administrar o lugar, como também que faça isso bem-feito.

– Eu quero – falou ela, com as mãos cruzadas no colo sob a mesa. – E tenho capacidade para fazer bem-feito.

– Você já tem um restaurante. Já tem a Vesta. – Ryder a fitou, franzindo as sobrancelhas. – E, ruiva, se disser que está pensando em fechar as portas, vou ficar muito puto. Preciso da minha Pizza do Guerreiro para sobreviver.

– Ela não está pensando nisso. – Angustiado, Owen pôs o prato de lado. – Dois estabelecimentos, Avery? Não acha que já trabalha demais?

– Posso delegar mais coisas para Franny, e usaria Dave nos dois lugares, em turnos diferentes. Precisaria de um bom gerente para o novo restaurante, e até já tenho alguém em mente. Justine, se antes não deu certo, é porque não foi com a pessoa certa. Sei exatamente o que fazer ali para que funcione e o negócio progreda.

– Sou toda ouvidos.

– Ai, caramba – disse Ryder, baixando a cabeça e se concentrando nos waffles.

– Vocês querem um lugar acolhedor, contemporâneo, sem ostentação. Talvez com umas belas poltronas, uns banquinhos altos e outros baixos na área do bar. Tem que ser um puta bar, com garçons competentes. Descontraído, mas com um toque a mais. Um bom vinho, aperitivos, talvez uma seleção de produtos locais. Classado.

Como ninguém a interrompeu, Avery respirou fundo e prosseguiu:

– Para o almoço, ofereceríamos uma ampla variedade de saladas, sanduíches, sopas, e abriríamos todos os dias, o que antes já foi um problema. Manteríamos os preços em um patamar razoável, o serviço seria agradável e atencioso.

– O que também não acontecia no restaurante anterior – comentou Beckett.

– Pois é – concordou ela, e prosseguiu: – Para o jantar, acrescentaríamos entradas. Uma boa carne, peixe, frango, alguns petiscos interessantes. Sempre que possível, poderíamos comprar as carnes dos produtores locais. Fariamos ser divertido, sem contar que estaríamos na área nobre de Boonsboro. Conheço esta cidade, sei o que as pessoas querem.

– Aposto que sabe – murmurou Justine.

– Eu elaborei um plano de negócios. Esbocei um cardápio, com possíveis

peços. Sei que isso vai dar certo trabalho para vocês: reconectar os dois espaços, reformar a área do bar... Mas valeria a pena. – Fez uma pausa para respirar. – Eu faria com que valesse a pena.

– Há quanto tempo está pensando sobre isso? – perguntou Owen.

– Uns dois anos. Desde que vi que o outro restaurante não estava dando certo e entendi o motivo. Não é uma ideia impulsiva – garantiu ela, pois conhecia bem aquela expressão dele. – Sei que posso ser impulsiva, mas não quando se trata de trabalho. Vocês apostaram em mim quando propus abrir a Vesta.

– E não nos arrependemos – disse Beckett, encarando-a. – De qualquer modo, quero dar mais uma olhada no local antes de tomar qualquer decisão. Contra ou a favor.

– Claro. Vou lhes mandar o plano de negócios, o esboço do cardápio e tudo o mais.

– Ótimo – falou Justine. – Quero ver esse projeto. Ainda assim, Avery, vamos ter que conversar mais sobre o assunto, os meninos e eu.

– Eu sei. E se acharem que não vale a pena, bem... Vou tentar convencê-los a mudar de ideia. Então é isso. É melhor eu ir andando. – Ela se levantou e recolheu os pratos automaticamente. – Obrigada mais uma vez por terem me deixado testar o quarto. Foi uma noite inesquecível.

– Logo, logo voltaremos a nos falar – prometeu Justine. Depois, enquanto Avery se afastava, ficou olhando para o café, agora já frio. – O que acham? – perguntou aos filhos.

– Administrar um restaurante é bem trabalhoso – começou Owen. – Administrar dois? Ela teria que controlar duas equipes, dois cardápios, e ainda por cima haveria esse bar de que ela falou. Seriam praticamente três negócios para gerenciar.

– Aquela ruiva é impetuosa. – Ryder deu de ombros e foi pegar mais café para a mãe. – Eu confio nela.

– Preciso dar uma olhada no espaço para ter certeza que dá para fazer isso – observou Beckett.

Justine sorriu para ele.

– Tudo dá para ser feito. A primeira vantagem, para nós, seria ter ali alguém que conhecemos, uma pessoa em quem confiamos e que tem uma ideia boa, sólida e inovadora. O conceito é espetacular.

– Eu gosto da ideia – retomou Owen, hesitante. – Minha preocupação é haver só uma pessoa, Avery, para dar conta de tudo isso.

– Isso devia ser preocupação dela. Você está preocupado com a possibilidade de ela ficar esgotada, de ser pesado demais. Uma preocupação razoável para um amigo – opinou Justine. – Mas existe também um pouco de “quando é que teremos tempo para ficar juntos agora que decidimos ficar juntos” nisso aí.

Owen lançou um olhar congelante para Ryder, que ergueu as mãos como se não tivesse nada a ver com aquilo.

– Não fui eu. Não disse nem uma palavra a ela.

– Ora, por favor – falou Justine, bufando e balançando a mão. – Acha mesmo que preciso que alguém venha me contar? Tolinho. Ainda não se deu conta dos meus poderes? – Ela sorriu, satisfeita ao ver

Owen se remexer incomodado na cadeira. – Compreendo essa preocupação. Também tenho as minhas. Mas, como Ry, confio em Avery para erguer um restaurante que vai sacudir esta cidade. E a pousada. E os outros negócios. Primeiro vamos dar uma olhada no espaço. Depois, rapazes, vocês podem pensar como poderia ser feito, se deveria ser feito e o que estaria envolvido. Estudaremos o plano de negócios dela, veremos que tipo de cardápio está propondo. Aí falaremos com Avery de novo. Pode ser?

– Por mim, tudo bem – respondeu Ry der.

Beckett assentiu.

– Vamos lá olhar – decidiu Owen. – Começemos por aí.



Mais tarde, Owen foi encontrar Avery no lounge. Ela estava sentada no chão, cercada de DVDs, ocupada tentando tirar os invólucros de plástico com uma pequena ferramenta.

– O que está fazendo?

– Só pegando um solzinho nas praias de Saint Tropez.

– Passou protetor solar?

– Com esta pele? Eu uso um campo de força.

Ele se sentou na banquetta de couro marrom.

– Não é seu dia de folga?

– É, por isso estou na praia. Enquanto me bronzeio, brinco um pouco com os DVDs. Hope me deu este abridor. Eu nem sabia que existia algo assim. Fico pensando em todas as horas que passei lutando com a desgraçada da etiqueta e o plástico, quando só precisava passar este treco. Estou compensando agora, abrindo todos os DVDs da pousada enquanto Hope e Carolee estão em reunião. Já viu este? – perguntou, mostrando a capa de *Simplemente amor*.

– Não.

Com a cabeça meio inclinada, ela lhe lançou aquele olhar de coruja sabida.

– Porque acha que é um filme de mulherzinha.

– E é um filme de mulherzinha.

– Aí é que você se engana.

– Alguma coisa explode?

– Não, mas tem nudez e os diálogos são ótimos. Não é filme de mulherzinha, é simplesmente excelente. Eu tenho em casa. E este também – acrescentou, erguendo uma cópia de *O Exterminador do futuro*.

– Isso, sim, é filme. Por que está nervosa?

– Não estou nervosa. Estou tomando sol e usando meu brinquedinho enquanto converso sobre cinema.

– Avery.

Ser próxima de alguém que conhecia tão bem seu estado de espírito, pensou ela, podia ser bom ou ruim, dependendo da situação. De qualquer forma, poupava tempo.

– Estou com medo de a sua família ter mandado você aqui para me dar uma resposta negativa sobre a ideia do restaurante novo.

– Ainda não decidimos nada. Fomos dar uma olhada no local, trocamos umas coisas de lugar. A princípio, nossa parte parece factível, mas Beckett precisa trabalhar um pouco nisso.

– “Nossa parte parece factível.” – Ela também o conhecia. – Mas a minha parte nem tanto.

– Eu não disse isso. Mas fico pensando como você vai dividir seu tempo, sua atenção, sua energia. Sei muito bem quanto tempo e trabalho você investe na Vesta.

Ela abriu outro DVD.

– O que o faz pensar assim?

Eu observo você, pensou ele, mais do que havia me dado conta.

– Eu como na Vesta, faço reuniões lá, e estou trabalhando no prédio em frente à sua pizzaria todos os dias há mais de um ano. Tenho uma boa noção, Avery.

– Se essa noção fosse mais acurada, Owen, você veria que sei o que estou fazendo.

– Não estou dizendo que não sabe. Mas está propondo fazer o mesmo em dois lugares. Tenho a impressão de que está querendo assumir mais trabalho do que uma pessoa só pode dar conta.

Com toda a calma, ela recolheu o lixo e o jogou na caixa de papelão a seu lado.

– E eu tenho a impressão de que seu voto será não.

– Não disse isso também.

– Nem precisa. Conheço você, Owen.

– Nenhum de nós quer ver você esgotada ou numa situação difícil.

Para evitar a tentação de agredir alguém com o abridor de DVDs, Avery largou-o. Com todo o cuidado.

– Não acha que sei do que sou capaz, quais os meus limites e meu potencial? Em quantas frentes você atua, Owen? Quantos aluguéis estão sob sua supervisão? Quantos trabalhos você tem em estágios diferentes, quantos clientes estão na sua lista, quantas pessoas na folha de pagamento, quantos subempreiteiros tem que gerenciar?

– Somos muitos para lidar com tudo isso. Mas só existe uma Avery.

Ela pôs o cabelo – agora em uma tonalidade brilhosa de castanho – para trás.

– Não me venha com essa. Sei que é você quem toma conta dos aluguéis, quem trata com os inquilinos. Sei disso porque *eu* sou uma inquilina. Você é o encarregado dos detalhes, Owen, e a Empreiteira Montgomery lida com uma cacetada de detalhes. Ryder é o capataz; Beckett, o que desenha os espaços. Sua mãe se encarrega da contabilidade, de ajudar os clientes com o design de interiores e é quem tem a visão mais geral do todo. Você é quem junta todas as pecinhas. E cada um de vocês, inclusive sua mãe, de tempos em tempos, trabalha na carpintaria.

– Isso é verdade, mas...

– Mas nada – retrucou ela, furiosa. – Você trabalhou no prédio em frente à pizzaria por mais de um ano. Bem, eu vi o que você fez, o que teve que fazer, com o que teve que lidar e o que teve que resolver. O que fez sozinho, Owen,

além do que fez com os outros. Se me dissesse que estava planejando remodelar a *Casa Branca*, eu não duvidaria da sua capacidade de dar conta do recado. Você deveria ter a mesma confiança em mim.

– Não é uma questão de confiança – começou ele, mas ela se levantou.

– Ouça, se a resposta é não, então é não. A propriedade é de vocês e vocês têm o direito de alugá-la a quem quiserem. Não vou me voltar contra você, contra nenhum de vocês. Mas é melhor que a resposta não seja negativa só por você achar que não consigo dar conta.

– Avery...

– Não, Owen. Não. Você devia ter pedido para ver meu plano de negócios, minha proposta de cronograma, meu cardápio, meu balanço financeiro da Vesta e a projeção orçamentária do novo restaurante. Devia ter me tratado com o mesmo respeito que dispensa a qualquer outro empresário, qualquer outro inquilino. Não sou uma sonhadora, Owen, e nunca fui. Sei o que posso fazer, e faço. Se não entende isso, então não me conhece tão bem quanto nós dois achávamos.

Ele a conhecia bem o bastante para não ir atrás dela quando se afastou. Avery não estava apenas zangada – se fosse só isso, ele poderia se aproximar. Ele a tinha magoado e despertado a sua ira.

– Bom trabalho – murmurou ele para si mesmo.

Para se dar um tempo para pensar, juntou os DVDs que ela havia desembrulhado, levou-os para o rack embaixo da televisão de plasma fixada na parede e começou a arrumá-los mecanicamente, colocando-os em ordem alfabética.

capítulo nove



ELE PONDEROU O MODO e o momento de se aproximar e depositou todas as esperanças no espírito festivo.

Às cinco horas da tarde na véspera de Natal, Owen bateu à porta de Avery.

Ela havia pintado o cabelo de novo, observou, dessa vez de um tom que lhe pareceu um vermelho natalino. Usava uma calça preta justa que realçava suas pernas torneadas e um casaco de crochê azul como seus olhos. Estava descalça, então ele pôde ver que havia combinado o vermelho natalino do cabelo com o verde natalino do esmalte.

Por que estava tão sexy?

– Feliz Natal.

– Ainda não.

– Tá bem. Feliz véspera de Natal – corrigiu ele, com um sorriso. – Tem um tempinho?

– Estou meio na correria. Vou dar uma passada na Clare e depois vou para a casa do meu pai. Vou dormir lá hoje, então...

– Vai poder preparar o café da manhã para ele, e ficar lá um tempinho antes de vocês dois irem para a casa da minha mãe, comemorar com ela. – Bateu com os dedos na testa e prosseguiu: – Sei o cronograma de Natal de todo mundo, está bem aqui. Hope está na Filadélfia, passando o feriado com a família. Ry vai dar um pulo na Clare, e nós dois estamos pensando em ir à casa da minha mãe depois, e passar a noite lá.

– Assim terá quem faça para você o café da manhã e o jantar de Natal.

– Um acontecimento e tanto.

– Se vai passar na casa de Clare, o que está fazendo aqui? Vejo você daqui a meia hora.

– Quería só uns minutinhos. Posso entrar ou ainda está furiosa comigo?

– Não estou furiosa com você. Já superei isso – respondeu Avery, e deu um passo atrás para deixá-lo entrar.

– Você começou a tirar as coisas das caixas – comentou ele.

Pelas suas contas, ela havia reduzido o monte de caixas a menos da metade.

– Comecei não, continuei – corrigiu ela. – Eu estava furiosa. Costumo cozinhar quando estou irritada ou chateada, e agora meu pai já está com o congelador abarrotado de lasanhas, canelones e sopas, então tive que parar. Ai, canalizei minha energia para a arrumação das caixas. Estou quase acabando.

– Nossa, que produtiva.

– Odeio desperdiçar uma boa irritação.

– Desculpe.

Ela balançou a cabeça e fez um gesto de que estava tudo bem.

– Preciso terminar de me vestir.

Quando ela se virou e foi até o quarto, Owen a seguiu.

Não fez qualquer comentário – não havia motivo para deixá-la irritada de novo –, mas era óbvio que tinha tido dificuldade para decidir o que vestir. As outras opções, rejeitadas, estavam jogadas em cima da cama. Ele sempre admirara aquela cama antiga de bronze, as barras torneadas, o charme démodé. Mas era difícil apreciá-la soterrada por pilhas de roupas, travesseiros e a bolsa que Avery levaria para passar a noite na casa do pai.

Ela abriu a primeira gaveta da cômoda, que Owen achava que todo mundo usava para guardar as roupas íntimas, mas o que ele viu foram pilhas de brincos.

– Meu Deus, Avery, quantos brincos você tem?

– Em geral não uso anéis, relógio, pulseiras, porque não combinam muito com massa e molho de pizza. Então, tenho que compensar. – Depois de examiná-los por um instante, optou por argolas prateadas, com argolinhas menores pendendo do círculo maior. – O que acha?

– Hã... bonitos.

– Hum.

Ela os tirou e substituiu por um pendente com pedras azuis e contas prateadas.

– Passei aqui para...

Ela o fitou pelo espelho.

– Tenho que dizer uma coisa antes.

– Tá bem. Você primeiro.

Avery foi até a cama, pôs mais algumas coisas na bolsa e fechou o zíper.

– Posso ter tido uma reação um pouco exagerada naquele dia. *Um pouco*. Porque era você, e eu esperava que confiasse em mim.

– Avery...

– Ainda não terminei.

Movendo-se depressa, ela foi até o banheiro e voltou trazendo um nécessaire. Quando a deixou sobre a cama, Owen viu, pela lateral transparente, que estava repleta de maquiagem e outros utensílios femininos.

Como tinha tempo para usar tudo aquilo? Quando é que usava? Ele já tinha visto seu rosto inteiramente limpo. Avery tinha as feições lindas.

– Eu devia ter imaginado que você pensaria nas questões práticas primeiro. Acho que queria que pensasse primeiro no que eu desejava. – Ele abriu a boca e ela atalhou: – Continuo não tendo terminado.

Enrolou o nécessaire, amarrou-o e o pôs na bolsa.

– Então, depois de cozinhar o suficiente para alimentar a cidade inteira e de desempacotar coisas que nem sei por que tenho guardadas, percebi que, embora eu fosse ficar realmente irritada se sua família dissesse não por achar que eu não daria conta, o que eu não queria *mesmo* era que você dissesse sim só porque sou eu e por causa do histórico de amizade entre nossas famílias. – Ela parou o que estava fazendo, se virou e concluiu: – Quero ser respeitada, mas não aceito ser tratada com condescendência. Talvez isso pareça uma postura inflexível demais para você, Owen, mas é assim que eu sou. Não vou mudar isso.

– Acho justo, e provavelmente vou passar dos limites algumas vezes. Assim como você.

– É, tem razão, mas precisamos tentar nos manter dentro deles.

Foi até o armário e pegou um par de botas pretas de cano longo e salto agulha.

Owen nunca a tinha visto calçada com elas, nem usando nada naquele estilo. Avery se sentou na banqueta aos pés da cama e ele sentiu a boca secar quando a viu colocar as botas e subir o zíper.

– Ahã. Então, eu queria dizer... – continuou, mas parou de falar quando ela se levantou. – Uau!

– As botas, não é? – Olhou para elas, pensativa. – Hope me convenceu a comprá-las.

– Eu amo a Hope – disse ele, enquanto ela abria a porta do armário para se olhar no espelho de corpo inteiro. – Nunca vi você com nada parecido.

– É véspera de Natal. Não estou trabalhando.

– Está trabalhando para mim.

Ela riu e lançou um olhar faiscante para ele.

– Agradeço a reação. Raramente tenho a oportunidade de usar salto. Hope está me ajudando a preencher minhas grandes lacunas, ou melhor, minhas *enormes* lacunas, no departamento de calçados. Bem, é melhor irmos andando. E, já que está aqui, podia me ajudar a levar os presentes lá para baixo, assim não tenho que ficar subindo e descendo as escadas com estas botas.

– Claro, mas ainda preciso daquele minutinho.

– Ah, claro, desculpe. Achei que fosse algo relativo àquele assunto, e como já resolvemos a questão...

– Não por completo. – Ele tirou do bolso uma caixinha embrulhada num papel brilhante. – Temos essa tradição de família de dar um presente na véspera de Natal.

– Eu lembro.

– Então, este é o seu.

– É um presente de é-melhor-fazer-as-pazes-com-ela-senão-não-vai-querer-dormir-com-igo-na-semanaque-vem?

– Não, esse eu vou dar amanhã.

Avery riu de novo e ele sorriu ao vê-la abrir o embrulho depressa, toda feliz.

– Mal posso esperar para ver o que é. – Ela sacudiu a caixinha e pareceu não haver nada dentro dela. – Você pôs algum enchimento.

– Você sacode as caixas de presente. Todo mundo sabe disso.

– Gosto de tentar adivinhar o que é para criar um suspense a mais. Acho que podem ser brincos – sugeriu ela. – Já que você ficou impressionado com minha gaveta de brincos, deixe-me dizer que, se for isso, pode acreditar: brincos nunca são de mais.

Rasgou o embrulho, jogando a fita e o papel na cômoda, depois abriu a caixa, tirou o algodão que Owen tinha posto para despistá-la e viu duas chaves.

– Para o prédio do outro lado da rua – disse ele. – As duas entradas.

Ela olhou para ele sem dizer nada.

– Dei uma olhada no seu projeto depois que o enviou para minha mãe. Nele,

no seu cardápio e no resto. É sólido. É bom. Você é boa.

Ele suspirou ao vê-la se sentar de novo na banqueta, olhando fixamente para as chaves.

– Foi unânime. Ryder deu o aval dele desde o princípio. “Aquela ruiva é impetuosa”, foi o que ele falou. Você sabe que ele às vezes se refere a você como “aquela ruiva”.

Avery assentiu, mas continuou em silêncio.

– Beckett ficou do seu lado depois de examinar os prédios de novo – continuou Owen. – Em parte, acredito, porque quer desenhá-lo, quer ter o dedo dele ali. Mas também porque acredita em você. Quanto a minha mãe, bem, você planejou fazer exatamente o que ela queria para aquele espaço, e mais ainda. Ela não teve a menor dúvida. Quanto a mim...

– Se tivesse dito não, teria sido não.

Ele franziu as sobrancelhas e enfiou as mãos nos bolsos.

– Só um minuto. Espere. As coisas não são assim.

– Owen. – Com a cabeça baixa, ela girou as chaves várias vezes na caixinha. – Eles ouvem você. Talvez não pareça, ou pelo menos não o tempo todo. Mas quando se trata de algo importante como isso... Eles sabem que podem contar com você para tudo, e respeitam isso. Assim como todos vocês respeitam Beckett em matéria de desenho e Ryder no que se refere a obras, à contratação e à demissão de pessoal. Você não faz ideia de como admiro e invejo sua família, desde sempre.

Ele ficou sem saber o que dizer.

– Você não disse não.

– Não era uma questão de não acreditar em você, Avery, nunca foi. Você tem razão quando diz que eu devia ter pedido para ver seu projeto e tudo mais. Mas eu não estava pensando em você assim. Eu não via você assim. Não estou acostumado a ver ou pensar em você, ou nisso, ou em nós, como agora. E nem começamos pra valer.

Ainda olhando para as chaves, ela ficou em silêncio.

– Você trabalha tanto... – acrescentou ele.

– Eu preciso. – Ela apertou os lábios por um breve instante. – Não vou falar disso, de todo o lado psicológico. Não agora, tá bem?

– Tá bem. Ah, caramba. – Quando ela ergueu os olhos para Owen, eles estavam marejados.

Deslumbrantes, de cortar o coração, reluzentes de tão azuis. – Você precisa?

– Não vou chorar. Que droga, não quero arruinar minha maquiagem. Gastei horas para fazer esta maquiagem estúpida.

– Está linda. – Ele se sentou na banqueta ao lado dela. – Você está maravilhosa.

– Não vou chorar. Só preciso de um minuto para me recompor. – Apesar do esforço, ela deixou cair uma única lágrima, que secou depressa. – Eu não sabia até que ponto queria isso, não até abrir a caixa. Talvez não tenha me permitido saber para não ficar arrasada se vocês dissessem não.

Ainda lutando para não chorar, ela respirou fundo mais uma vez.

– Prefiro ser pessimista a ficar desapontada, então não contei a ninguém

como queria isso, nem mesmo para Clare. Ou para meu pai. Tentei me convencer de que era só outro trabalho, só uma proposta. Mas é muito mais que isso. Não posso explicar isso agora, porque não quero arruinar minha maquiagem.

Ele a pegou pela mão, pensando em maneiras de substituir as lágrimas contidas por felicidade.

– Como vai se chamar o restaurante?

– Bar e Restaurante MacT's.

– Gostei.

– Eu também.

– E o que o famoso instinto dos MacTavish diz a respeito disso?

– Que vai ser um sucesso estrondoso. Ai, meu Deus, vai ser fantástico. Meu Deus! – Rindo, ela o abraçou, depois se ergueu de um salto e começou a pular de alegria com aquela calça jeans apertadinha e as botas sexy. – Espere. Tenho que dar uma passada na pizzaria para pegar uma garrafa de champanhe. Duas garrafas. – Jogou-se nos braços de Owen quando ele se levantou. – Obrigada.

– São negócios.

– Mesmo assim, agradecer me parece apropriado.

– Tem razão.

– E isto é pessoal. – Colou os lábios nos dele, passou a mão em seu cabelo, roçou o corpo no seu. – Muito obrigada.

– Não vai agradecer aos meus irmãos dessa forma, não é?

– Não exatamente. – Ela riu e voltou a abraçá-lo. – Nenhum deles foi meu primeiro namorado.

Ela se afastou e foi pegar a bolsa.

– Vamos chegar atrasados. Você odeia chegar atrasado.

– Hoje é uma exceção.

– Quer abrir outra exceção? Não faça aquela sua cara quando formos pegar os presentes lá na minha estação de embrulho. Sei muito bem que está uma zona.

– Vou fazer cara de paisagem.

Ele segurou a bolsa enquanto ela vestia o casaco, o cachecol e as luvas. E se controlou para manter o rosto impassível quando ela o levou ao cômodo cheio de presentes, sacolas, embrulhos, fitas emboladas.

– Tudo isso?

– Alguns para a casa da Clare, outros para a casado meu pai, outros para a da sua mãe. Eu gosto do Natal.

– Dá pra ver. – Ele lhe devolveu a bolsa, porque ela seria o item mais leve e mais fácil de carregar. – Vamos, vá pegar o champanhe, que eu vou começar a descer isso aqui.

– Obrigada.

Ao menos ela havia empilhado os presentes em caixas de papelão abertas, pensou Owen ao pegar a primeira de muitas. E como ela já não estava ali, ergueu os olhos para o teto.

– Estou sentindo você fazer aquela cara! – gritou Avery, e seu riso ecoou pela escada enquanto ela a descia correndo.



Do instante em que entrou na casa de Clare com presentes para as crianças, os cachorros e seus amigos – com garrafas de champanhe e uma das travessas de lasanha que tinha feito no período em que estivera irritada –, até a hora em que deitou na cama de sua infância, na casa do pai, Avery achou aquela véspera de Natal absolutamente perfeita.

Desde que Clare tinha voltado para Boonsboro, viúva, com dois filhos pequenos e grávida de outro, Avery sempre passara algumas horas na véspera de Natal com ela e seus meninos.

Mas este ano a casa estava cheia de Montgomerys.

Este ano ela havia visto o pequeno Murphy escalar a perna de Beckett feito um macaquinho, enquanto Beckett conversava sobre futebol com o pai de Clare.

Vira Owen ajudando Harry, com a maior paciência, a montar um complicado navio de guerra com milhões de pecinhas de Lego. Observara Ryder competindo com Liam no PlayStation, enquanto Diaraque e os outros dois cachorros os rodeavam, brigando e implorando dissimuladamente por comida.

Adorara ouvir Justine e a mãe de Clare conversando sobre o casamento. E notara o brilho nos olhos de seu pai quando ele fitava Justine. Como ela podia não ter percebido? Sentiu uma imensa ternura ao vê-lo cair na gargalhada quando Murphy desistiu de escalar a perna de Beckett e trocou-a pela de Willy B.

Ainda havia mágica no mundo, pensou, porque a tinha visto nos três meninos.

E vira mais mágica ainda, decidiu ali deitada na cama, vindo pela janela o sol surgir aos poucos no céu, quando Owen a acompanhara até o carro. Quando a beijara no frio, sob o calor das luzes, o ar tomado por um cheiro intenso de pinheiro.

Que noite maravilhosa. Fechou os olhos para manter essa sensação por mais um momento. E outro dia maravilhoso esperava por ela.

Desceu da cama em silêncio, calçou meias grossas e prendeu o cabelo. Sob a luz baixa do quarto, tirou da bolsa a necessária e saiu em silêncio.

Desceu a escada na ponta dos pés – tomando cuidado especialmente com o quarto degrau, que rangia se a pessoa pisasse no meio – e foi para a sala. Lá, olhou para o enorme sofá meio deformado, a imensa árvore de Natal cheia de decorações reluzentes e a pequena lareira ladrilhada, com duas meias penduradas.

A sua estava cheia.

– *Como* ele faz isso? – murmurou.

A meia estava vazia na noite anterior. Eles tinham ido para a cama ao mesmo tempo, e ela lera por cerca de uma hora para relaxar.

Antes de dormir, ouvira o pai roncar no quarto ao lado.

Willy B. conseguia fazer isso todos os anos. Não importava a hora que ela ia dormir ou a hora que acordava. Ele sempre enchia a meia, como fizera em todos os anos da sua vida.

Balançando a cabeça, ela encheu a meia do pai com umas bobagens, como a bala favorita dele, um vale presente da livraria e um bilhete de loteria, porque nunca se sabe...

Deu um passo atrás, sorrindo, e cruzou os braços.

Só duas meias, pensou, mas se sentiam plenos, próximos, e se importavam um com o outro.

Com suas meias grossas e o pijama de flanela, foi até a cozinha, que não era maior que a de seu apartamento.

Tinha aprendido a cozinhar ali, lembrou-se, no velho fogão a gás. Por necessidade, a princípio. Willy B. sabia fazer muitas coisas, e fazia tudo muito bem, mas cozinhar não era seu forte.

Ele tentara, reconheceu Avery. Tentara bastante.

Quando sua mãe os abandonara, ele tentara de toda forma suprir essa deficiência, manter a filha tranquila, feliz, assegurar-se de que ela sabia como ele a amava.

Nesse quesito Willy B. havia sido bem-sucedido, mas na cozinha... Painéis queimadas, frango cru, carne ressecada, legumes chamuscados ou moles demais.

Mas Avery aprendera. E o que tinha começado por necessidade logo se converteu numa espécie de paixão. E talvez de compensação, pensou agora ao abrir a geladeira para pegar ovos, leite e manteiga.

Ele havia feito tanto por ela, se dedicado tanto a ela... Então, cozinhar para o pai era uma espécie de agradecimento. Sabia Deus como ele tinha elogiado seus esforços iniciais.

Ir fazer o café da manhã de Natal, como tinha feito desde os 12 anos.

Quando estava tudo pronto, o bacon escorrendo e a pequena mesa redonda da sala de jantar arrumada, Avery ouviu passos e um sonoro *Ho, ho, ho!*

Todo ano era assim, pensou, sorrindo. Previsível como o nascer do sol.

– Feliz Natal, minha filhinha linda.

– Feliz Natal, meu pai gatão.

Ficou na ponta dos pés para beijá-lo e se aconchegou no seu abraço de urso.

Ninguém tinha um abraço tão gostoso quanto o de Willy B. MacTavish, pensou Avery.

Ele lhe deu um beijo na cabeça.

– Vi que Papai Noel passou por aqui e encheu nossas meias.

– Também vi – disse ela. – Ele trabalha na surdina. Vamos tomar café. Temos suco de laranja, frutas frescas, bacon, e estou esperando o grill esquentar para fazer panquecas.

– Ninguém cozinha melhor que minha garotinha.

– Ninguém come mais que meu paizão.

– É que tenho muito espaço a ser preenchido – retrucou ele, batendo com as duas mãos na barriga.

– É verdade, Willy B. Mas você sabe que, quando um homem tem uma namorada, ele precisa cuidar da aparência.

Ele ficou com as orelhas vermelhinhas.

– Ah, pare com isso, Avery.

Com um olhar de adoração, ela enfiou um dedo na barriga dele, brincando, e depois assumiu um ar mais sério.

– Estou feliz por você, pai. Por vocês dois, por terem um ao outro. Você sabe

que Tommy também ficaria feliz por vocês dois.

– Nós só...

– Não importa. O importante é terem um ao outro. Tome seu café.

– Sim, senhora. – Ele bebeu o primeiro golinho. – Nunca fica tão bom quando sou eu que faço.

– Você não tem talento nenhum para a cozinha, pai. É uma maldição.

– Ela sentiu falta de você. Gosto de tê-la aqui, querida. Sempre teve talento para cozinhar. E agora vai ter *dois* restaurantes.

– E um bar.

– Vai ser uma dinastia.

Ela riu enquanto jogava a massa das panquecas no grill.

– Uma dinastia pequenininha, mas estou muito animada. Ainda falta bastante tempo, mas vou precisar disso para terminar de planejar tudo.

– Justine também está animada e realmente feliz por ser você quem vai estar à frente do negócio. Ela confia demais na sua capacidade.

– E eu me sinto da mesma forma a respeito dela, de todos eles. Não foi maravilhoso passar a noite de ontem na casa da Clare? – Feliz como uma criança, ela virou as panquecas. – Ver todos ali, ver como as crianças estão se dando bem com Beckett, com todos eles... Toda aquela animação, aquela ternura e... aquela família.

Quando olhou para o pai, seu sorriso se tornou melancólico.

– Você queria uma família grande.

– Tenho a melhor família que um homem pode querer bem aqui nesta cozinha.

– Eu também. Mas quis dizer que sei que você queria ter muitos filhos, e que teria sido um pai incrível para eles, como foi para mim.

– E o que *você* quer para sua vida, querida?

– Pelo visto, quero dois restaurantes.

Willy B. pigarreou.

– E Owen.

Ela colocou as panquecas numa travessa e olhou para trás. Como suspeitava, seu grandalhão estava enrubescido.

– É, tudo leva a crer que quero Owen também. Por você tudo bem?

– Ele é um ótimo rapaz... homem. Você sempre se sentiu atraída por ele.

– Pai, eu tinha 5 anos. Nem sabia o que significava ter atração por alguém.

– Não tenho tanta certeza. Eu só... me avise se ele não tratar você bem.

– Você o esmagará como se ele fosse um inseto.

Fazendo uma cara de poucos amigos, Willy B. mostrou seus enormes bíceps.

– Só se for obrigado a isso.

– Vou manter isso em mente. – Ela se virou com a travessa de panquecas quentinhas. – Vamos comer para poder abrir esses presentes.



Para Avery o Natal não seria completo sem uma multidão na cozinha. Sempre tinha admirado Justine por abrir as portas da sua casa e da sua cozinha

para ela e seu pai. E, neste ano, também para Clare e as crianças, os pais de Clare, e Hope, ou seja, gente de todo canto.

E mais crianças também, pensou. Além dos filhos de Clare, ainda havia as duas netinhas de Carolee. Sem falar nos dois cachorros de Justine, o Diaraque de Ryder, e dois filhotes. Para Avery, este Natal estava sendo perfeito.

Adorava ficar sozinha com o pai, mas aquilo tudo – o barulho, as crianças alvoroçadas, os cachorros agitados, o cheiro do tender no forno, molhos fervendo em fogo brando, as tortas esfriando – mexia com seus sentimentos mais profundos.

Queria isso, sempre quisera isso para a própria vida.

Parou de amassar o alho e aceitou a taça de vinho que Owen veio lhe trazer.

– Você parece feliz – comentou ele.

– Se não somos felizes no Natal, quando vamos ser?

Curioso, ele foi bisbilhotar a mistura que havia na tigela ao lado dela.

– Está com um cheiro bom.

– E o gosto vai estar melhor ainda quando estiver dentro dos cogumelos gratinados.

– Cogumelos recheados, hein? Talvez você possa fazer alguns para a semana que vem.

Ela tomou mais um golinho do vinho, deixou de lado a taça e voltou ao trabalho.

– Posso, sim.

– E que tal aquelas almôndegas que você faz de vez em quando?

– É possível.

– Consegui com minha mãe um tender. Pensei em fatiar para fazer uns sanduíches, talvez servir também umas travessinhas com queijo e picles, umas coisinhas assim. E...

– Esqueça as travessas. Só compre as coisas. Eu mostro como servir.

Ele tinha esperança de que ela dissesse isso.

– Combinado. Se quiser me dar uma lista do que vai precisar, eu compro tudo.

Diaraque se aproximou e sentou delicadamente aos pés de Avery para chamar sua atenção. Ela deu um olhar solene para ele, e o cão retribuiu.

– Você não vai querer isso – assegurou ela.

Ouviu gargalhadas – de Harry? – vindo do andar de baixo da casa.

– Sou o *campeão!* O campeão, perdedores!

– Wii. – Owen balançou a cabeça e fingiu um ar contrariado. – Traz à tona o melhor e o pior de nós.

– O que eles estão jogando?

– Quando subi, era boxe.

– Posso acabar com ele no boxe. Ah, se posso – disse Avery. – Olhou para Clare, que havia acabado de pôr na bancada uma travessa enorme de batatas gratinadas. – Vou nocautear seu primogênito sem a menor piedade.

– Ele é sorrateiro. E tem andado treinando.

Avery mostrou os bíceps, como o pai tinha feito de manhã.

– São pequenos, mas poderosos.

– Ele bate abaixo da cintura – reclamou Ryder, que entrava na cozinha. – Você está criando um chutador de saco – disse a Clare.

– Ele ganhou de você?

– Em três assaltos, mas trapaceou. – Com a testa franzida, Ryder abriu a geladeira para pegar uma cerveja. – O que é essa coisa estranha aqui?

– Pavê – disse Hope, passando o braço em volta dele para pegar uma travessa de palitinhos de cenoura, aipo, rabanete e pepino.

– Pavê de quê?

– Chocolate. Tome, pode levar isto lá para baixo.

Ele olhou para a travessa com a mesma suspeita que havia dedicado à sobremesa.

– As crianças não vão querer comer essas porcarias saudáveis. Vão querer batata frita, e o anãozinho gosta com molho. Quanto mais apimentado, melhor.

– Elas vão comer essas porcarias saudáveis, sim – disse Clare. – E Murphy não vai comer nachos e molho picante antes do jantar.

– Nem você. – Justine nem se virou para ele, pois estava dando uma olhada no tender. – Owen, traga os pegadores de panela para mim. Está pesado. Clare, o forno é seu.

– Quanto tempo falta para as comidas de verdade ficarem prontas? – perguntou Ryder.

– Uma hora e meia, mais ou menos.

– Somos homens. Lutamos boxe, esquiamos, duelamos com alienígenas, jogamos futebol, participamos de corridas de carros. Precisamos de comida de verdade agora.

– As entradas ficam prontas em meia hora – gritou Avery, o que chamou sua atenção.

– Está fazendo uma das suas receitas?

– Estou.

– Tá bem – disse Ryder. Pegou a travessa com palitinhos de legumes e sua cerveja e se encaminhou para a escada. – Vamos, Diaraque. Isto é tudo o que vamos conseguir agora.

Meio tristonho, o cachorro desceu com Ryder.

Harry comemorava aos berros sua última vitória:

– Ainda sou o número um!

– Agora já chega. Volto em cinco minutos – falou Avery, tirando o avental e jogando-o para o lado. – Alguém está precisando de uma surra.

Depois de fazer movimentos circulares com os ombros, desceu a escada.

Cinco minutos depois, voltou a subi-la e se ouviam os sonoros assobios de Harry vindo atrás dela.

– Ele me deu uma surra inacreditável.

Avery parou por um instante, examinou a cozinha, as mulheres, o movimento, ouviu a risada sonora do pai vindo lá de baixo e as vozes de Justine e Carolee na sala de jantar.

Foi até a sala de estar, que ainda continha a bagunça da manhã. Os presentes abertos espalhados debaixo da árvore brilhavam à luz que entrava da janela. O cachorro de Justine, Atticus, dormia de barriga para cima diante da lareira acesa.

O tumulto feito pela família se ouvia sob seus pés como um pequeno terremoto.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Owen, e ela se virou.

Foi até ele sorrindo e abraçou-o pela cintura.

Encostou a cabeça em seu peito e respondeu:

– Não. Está tudo bem. Tudo perfeito.

capítulo dez



AO FAZER COMPRAS NA semana seguinte ao Natal, Avery não resistiu e se deu de presente um Wii. Tinha sido forte até agora. Já passava muitas horas em pé todo dia e não tinha tempo para jogos.

Além do mais, como ia jogar sozinha?

Mas ter perdido duas vezes para Harry, na revanche, depois da ceia de Natal, e ser humilhada no boliche, quando até a neta de 4 anos de Carolee fez uma pontuação maior que a sua, mudou tudo.

Aprenderia. Praticaria. Voltaria a jogar com eles e ganharia de todos.

Enquanto isso, fazia seus malabarismos o mais rápido possível. Lançava massas de pizza para o alto, preparava molhos, despedia o rapaz da entrega – droga – e reajustava o cronograma para compensar a falta dele até contratar um substituto.

Quando conseguiu arrumar um tempinho, ajudou Hope a dar os toques finais na pousada, e – que grande sacrifício – passou a noite na suíte Westley & Buttercup para testá-la e fazer um relatório completo de suas impressões depois.

Fazia milagres para arranjar tempo para cuidar das projeções e dos planos para o novo restaurante, ia até lá para tirar medidas, esboçar ideias básicas e transmiti-las a Beckett.

Praticamente não estava vendo Owen. A atenção dos irmãos estava concentrada no prédio ao lado da pousada, e ela não tinha desculpa – nem tempo – para ir meter o nariz ali.

Ainda.

Toda noite, antes de se deitar, ia à janela e dava uma olhada no edifício do outro lado da rua, imaginando o MacT's pronto – nem acreditava que ele seria seu. Depois, dava boa-noite à pousada.

Uma ou duas vezes, pensou ver a silhueta de uma mulher na varanda.

Esperando Billy.

Pensou naquela devoção. A maioria das pessoas, a seu ver, não conseguia se manter numa relação em circunstâncias normais, e ali havia alguém que fazia isso para além do impossível.

Ela esperava que um dia aquela fé fosse recompensada, pelo menos com respostas.

E todas as manhãs voltava a olhar para lá, para o espaço que seria seu, e para o que poderia fazer.

Nunca viu a resoluta silhueta à luz do dia, embora também não perdesse as esperanças.

Em meio a essa rotina que Avery estabeleceu – o último olhar de noite e o primeiro de manhã –, a semana do Natal passou voando.



Às quatro da tarde da véspera de ano-novo, ela fechou a pizzaria, subiu as escadas em disparada e voltou correndo para o carro com a travessa de almôndegas que tinha feito na noite anterior.

Subiu correndo outra vez.

Às cinco já tinha tomado banho, ajeitado o cabelo, se maquiado, se vestido e arrumado na bolsa as coisas de que ia precisar para passar a noite fora.

Um processo bem diferente do da semana anterior, pensou, já que estava levando lingerie sexy e um conjunto de shortinho minúsculo e um top coladinho, ambos pretos, que usaria para “dormir”.

Como seria dormir com Owen?

Bem, não pensaria nisso agora, decidiu enquanto fechava a bolsa. Tentaria não ficar imaginando e formulando especulações.

Melhor deixar acontecer, ser surpreendida.

Pegou a bolsa e mandou uma mensagem de texto para Hope enquanto descia:
PASSANDO AÍ AGORA PARA VOCÊ DIZER O QUE ACHADAS ROUPAS
QUE ESCOLHI.

Entrou no carro, jogou para trás o cabelo tingido de vermelho vibrante e soltou um suspiro.

A resposta de Hope chegou antes que tivesse virado a chave na ignição: ÀS
ORDENS.

Avery cruzou a praça e entrou no estacionamento da pousada. Pulou do carro assim que Hope abriu a porta da recepção.

– Estava dando uma organizada no escritório.

– Você já tinha feito isso.

– Quis fazer umas mudanças. E, como já estava por lá, aproveitei para dar uma olhada nas reservas. Temos mais duas para marca.

– Muito bem. Bem, seja honesta – disse Avery.

Em seguida tirou o casaco, pendurou-o na cadeira de encosto alto que ficava diante da lareira e deu uma voltinha rápida.

– Mais devagar, apressadinha.

– Certo. – Avery respirou fundo mais uma vez. –Estou um pouco agitada. Tive um dia inacreditável, mas depois eu conto. Aí, não conseguia decidir que brincos usar, e sempre sei que brincos quero usar. Isso me fez perceber que estou um pouco nervosa. Vou transar com Owen no ano que vem. Que é amanhã. Hoje, na verdade. Depois da festa.

– Os brincos são lindos – falou Hope, assentindo ao olhar as finas argolas de

prata com gotinhas de citrino penduradas. – A cor combinou com você e com o vestido. Agora, dê outra voltinha. Devagar desta vez.

Avery obedeceu, exibindo o vestido curto e justo, num tom de cobre reluzente.

– Adorei, e também ameí os sapatos, o jeito como ressaltam o metálico do vestido.

– Sabe que já comprei mais sapatos desde que vocês e mudou para cá do que nos últimos cinco anos?

– Está vendo como faço bem a você? O que está usando por baixo do vestido?

– O hidratante de romã da Margarite e Percy e o sutiã meia-taça verde-limão que você sugeriu que eu comprasse.

– Excelente escolha, do conjunto todo.

– Tem mais. – Mexendo as sobrelhas com umar espertinho, Avery apontou para os seios. – O sutiã suspende e aperta tudo, então fica parecendo que meu peito é maior do que é na realidade.

– Algo a que toda mulher tem o direito e que todo homem gosta. Mas... – Pensativa, Hope circulou em volta de Avery. – Você precisa de mais uma coisinha.

– Preciso?

– Eu tenho aqui. A pulseira que minha irmã me deu de Natal.

– Não posso usar uma coisa que você acabou de ganhar de presente.

– Claro que pode. Minha irmã gosta de você. A pulseira é descontraída e confortável, com peças de cobre, de bronze e umas contas douradas. Vou lá em cima buscar.

– Por que você ainda não está pronta?

– Clare e Beckett só vêm me buscar por volta das oito. Ainda tenho bastante tempo. Pegue um refrigerante, se quiser. Também fiz uns bolinhos. Estou testando umas receitas.

Avery achou que não seria aconselhável ingerir cafeína – já estava bastante agitada – e optou por um chá gelado.

De qualquer forma, era uma agitação boa a que estava experimentando.

Adorava uma boa festa, e as de Owen eram sempre ótimas. Sabia que a comida estaria boa, pois ela mesma tinha preparado quase tudo.

E sabia que estava linda. Hope teria lhe dito se não estivesse.

Isa ser divertido. Amigos, comida, bebida, música, fofoca. E, no final de tudo, abriria uma nova porta, para o novo ano, com essa nova... ligação com Owen.

– E, se não der certo... Bem, quem não arrisca não petisca, não é? – murmurou para si mesma, bebendo um grande gole de chá enquanto se dirigia para o saguão.

Ainda não tinha flores, pensou, mas tudo brilhava e reluzia. Hope faria com que continuasse assim. O ar estava perfumado com um cheirinho de colônia, suave e agradável.

Entrou na sala de jantar e observou o edifício do outro lado da St. Paul. Dali a alguns meses, pensou, abriria seu novo negócio.

Esperava estar preparada.

E esperava estar preparada também para o passo que pretendia dar esta

noite.

– Ele foi meu primeiro namorado.

O cheiro de madressilva chegou até ela, como uma brisa de verão.

Com o coração acelerado, em parte pela animação, em parte pelo nervosismo, Avery se virou.

– Eu não sabia que você também vinha aqui embaixo, mas imagino que possa ir aonde quiser – falou. – Está bem bonito aqui, com os quadros pendurados. Na verdade, estava pensando em juntar dinheiro para comprar...

Um quadro com girassóis pintados entortou na parede, mas logo voltou para o lugar.

– Ah, sim, esse mesmo. Uau. Belo truque. – Avery ouviu, ou achou ter ouvido, Hope se aproximando, então disse: – Enfim... Feliz ano-novo.

E saiu andando pelo corredor.

Assim que encontrou Hope, falou:

– Não sabia que sua companheira de pousada vinha para o primeiro andar.

– De vez em quando. Ela esteve aqui?

– Esteve. Foi a primeira vez que estive com ela a sós. Como você lida com isso?

– Nós nos damos bem. – Serena e casualmente, Hope se encaminhou para a cozinha. – Ontem à noite dormi na Elizabeth & Darcy.

– É mesmo? Não ficou com um pouco de...?

Em vez de completar com palavras, Avery simulou um exagerado calafrio.

– Nem um pouco, na verdade. Se eu não puder dormir lá, não podemos esperar que hóspedes paguem para ficar na suíte. E não tive problema nenhum. – Ela abriu a geladeira e pegou uma garrafa de água. – É um quarto lindo e confortável.

– Só isso? Não houve nenhuma atividade do outro lado da vida?

– Bem, eu estava na cama, trabalhando no laptop, e por volta da meia-noite a luz da cabeceira apagou.

– Caramba! Não ouvi seus gritos.

– Não gritei. Fiquei paralisada por um momento, não vou mentir, mas aí a luz voltou a se acender quando mexi no interruptor. E desligou de novo alguns segundos depois. Finalmente entendi a mensagem: apague a luz e vá dormir.

– E o que você fez?

– Desliguei o laptop. – Hope riu e bebeu um gole de água. – De toda forma, já estava ficando com sono. Quando me acomodei, aconteceu uma coisa mais estranha.

– Mais estranha ainda?

– Ouvi a porta do corredor se abrir e fechar.

Pareceu que ela estava querendo me dizer que ficaria por lá para me dar um pouco de privacidade. Agradei esse gesto. Olhe, veja se fica bom – acrescentou Hope, fechando a pulseira no pulso de Avery.

– Devíamos tentar descobrir quem é Billy – sugeriu Avery. As luzes se acenderam e apagaram, se acenderam e apagaram, depois pareceram brilhar um pouco mais que o normal. – Ah, acho que ela gostou da ideia.

– Eu só não tenho andado com muito tempo. Assim que inaugurarmos e eu já

tiver estabelecido uma rotina, posso fazer umas pesquisas. Deixe comigo.

– Vou falar sobre isso com Owen também. Um de vocês vai acabar encontrando algo. É linda – falou Avery, agitando o pulso. – Obrigada. Tenho que ir. Disse a ele que tentaria estar lá por volta das cinco e meia para ajudá-lo a arrumar as coisas.

– Você é uma excelente namorada.

– Ainda não – retrucou Avery, rindo. – Mas talvez seja, no ano que vem. – Ainda estava hesitante enquanto Hope a acompanhava até a recepção. – Tem certeza de que vai ficar bem, sozinha aqui?

– Claro que vou. E não estou sozinha. – Hope olhou para as luzes que reluziam atrás delas. – Vou ficar bem.

– Sempre que quiser que eu fique...

– O que você quer é chafurdar no luxo.

– É um atrativo, mas, sério, Hope, me chame a qualquer hora.

– Tá. – Ela pegou o casaco para a amiga. – Vá. Seja uma boa namorada. – Vou tentar.



Owen repassou a lista dos preparativos da festa que tinha colado na cozinha e riscou o item música. Isso já estava resolvido, assim como as compras, a limpeza, o abastecimento da lareira. Também tinha preparado um espaço de jogos, e pôs dois calefadores na varanda para quem quisesse se sentar lá fora.

Agora só precisava arrumar a comida, preparar o bar, pôr os sacos de gelo no congelador junto com as cervejas e os refrigerantes e...

Onde mesmo ele estava com a cabeça?

Ah, sim, lembrou. Avery. Estava com a cabeça em Avery.

Agora teria que cozinhar – e bater, mexer, cortar, fatiar, arrumar.

Era melhor começar logo.

Reuniu os ingredientes, os utensílios de cozinha, travessas e bandejas. Assim que pegou a lista do cardápio para dar uma olhada, ouviu a porta da frente se abrir. Avery gritou um oi e sorriu.

Seu exercício particular tinha chegado, pensou, e foi até lá recebê-la.

– Caramba, Avery, deixe que eu levo isso.

Pegou a enorme travessa de aço inoxidável que ela carregava.

– Isso deve ter o mesmo peso que você.

– Minhas almôndegas fazem sucesso, então fiz bastante. Tenho que correr lá fora para buscar minha bolsa no carro.

– Eu peço para você. Tire o casaco – disse ele, apoiando a travessa em cima do fogão. – Sirva-se de uma taça de vinho.

– Tá bem. A bolsa está no banco de trás.

– Já volto.

– A casa está uma graça – gritou ela.

Mas na verdade sempre fora.

Limpa e organizada, é claro, mas com um estilo confortável e arejado. Cores

pastel, pensou enquanto se encaminhava para a cozinha. Ela teria escolhido tons um pouco mais intensos, mas aqueles combinavam com Owen.

Ela adorava a cozinha dele. O fato de não cozinhar muito – pelo menos que ela soubesse – não o impedira de construir um espaço agradável e eficiente.

Os armários eram pretos, e as paredes, de um verde bem clarinho, que ela teria pintado de um verde mais forte e mais aberto, para dar um pouco mais de energia ao local.

As janelas grandes e a porta que levava ao quintal eram emolduradas com uma madeira escura. As bancadas eram de ardósia cinza – organizadíssimas, é claro –, e os eletrodomésticos, de um branco reluzente.

Ela leu as listas de Owen enquanto tirava o casaco, rindo consigo mesma. A ideia de fazer uma festa podia ter sido espontânea, mas seu planejamento não era nem de longe irrefletido.

Sabendo que não podia simplesmente largar o casaco e o cachecol num dos bancos da cozinha, ela os levou para a área de serviço e os pendurou num gancho ao lado do casaco que Owen usava para trabalhar. Notou que a área de serviço dele era mais arrumada que o próprio quarto dela.

Deu um passo atrás, abriu o armário das vassouras e pegou um avental num cabide. Com ele ainda no braço, acendeu a boca do fogão sob a travessa de almôndegas e as deixou cozinhar em fogo brando.

– Coloquei sua bolsa lá em cima – disse ele ao voltar –, então, se precisar...

Quando ela se virou para olhá-lo, Owen sentiu as palavras – junto com metade de seu QI – fugirem de seu cérebro.

– O que foi? – Imediatamente ela olhou para baixo, para si mesma. – Deixei cair algo que manchou minha roupa, não foi?

– Não, não. É só que... Você está... Você está – foi o que conseguiu dizer Owen.

O rosto de Avery se abriu num sorriso satisfeito.

– Isso é bom?

– É... – Bem, talvez mais que a metade do QI. – Sim. Ah, sim, com certeza.

– É novo o vestido. Hope tem me ajudado a aumentar meu guarda-roupa e esvaziar minha conta bancária.

– Valeu a pena. Tinha me esquecido das suas pernas.

– O quê?

– Não de que você as tinha, mas de que eram... assim.

– Tenho a impressão de que você acabou de me fazer ganhar o ano, e bem no finzinho dele. – Foi até ele e, mesmo de salto alto, teve que ficar na ponta dos pés para lhe dar um beijinho estalado nos lábios. – Obrigada.

– A seu dispor, sempre.

Ele tinha um cheiro maravilhoso. Um gosto maravilhoso. Um aspecto maravilhoso.

Enquanto uma ideia se formava em sua cabeça, Avery manteve-se onde estava, com as mãos cruzadas na nuca dele.

– É uma senhora lista a que você tem ali, Owen.

– Lista? Ah, a lista. É, tive muito trabalho nos últimos dias. Não consegui fazer várias coisas que havia planejado.

– Ainda assim, é bastante. Tive uma ideia. Ainda faltam umas duas horas para as pessoas começarem a chegar. E tanto eu quanto você temos colocado muita pressão sobre nossas costas, tendo que esperar até o final da festa, seja lá que horas for, para... saudar o ano novo, por assim dizer...

Ele passou os braços suavemente pela cintura dela.

– Eu poderia colocar uma placa lá fora dizendo que a festa foi cancelada.

– É um certo exagero, porque de qualquer jeito metade dos convidados acabaria esmurrando a porta. Mas podíamos aproveitar o tempo que temos agora, irmos lá para cima e... nos despedirmos do ano velho.

Assim nos sentiríamos menos pressionados durante a festa.

– É uma ótima ideia. Mas não quero fazer nada apressado. Com você. Conheço.

– Acho que conseguiríamos achar um ritmo aceitável. Você poderia até pôr isso na sua lista.

Ele sorriu ao ouvir a sugestão, depois encostou a cabeça na dela.

– Avery.

Então a beijou. Foi um começo lento e gostoso, que ganhou força à medida que prosseguia.

Um ritmo bem aceitável, pensou ela, tratando de acrescentar um pouco mais de ímpeto por conta própria.

Então a porta dos fundos se abriu e Diaraque entrou trotando um pouco antes de Ryder.

– Vim trazer seu gigantesco tender. Se estavam planejando arrancar as roupas e se pegar no chão, largo isso aqui, pego uma cerveja e vou embora.

– Caramba, Ry.

– Desculpe. – Mas o semblante risonho deixava claro que não estava sendo sincero. – Estou só cumprindo ordens da nossa mãe. Passar na casa dela, pegar o tender, trazer para cá, pois ela achava que você estaria ocupado recuperando o tempo perdido, mas não com a nossa ruiva preferida. Que é você, querida – disse, dirigindo-se a Avery.

– Que sou eu – concordou ela, sorrindo para Ryder.

– Ainda segundo as ordens dela, eu deveria fatar o tender, se você precisasse de ajuda. Imagino que como está ocupado recuperando o tempo perdido de agarração, não vai precisar da minha ajuda para essa tarefa específica – disse ele, abrindo a geladeira para pegar uma cerveja.

Tirou a tampa com o abridor de parede de Owen, deu uma olhada de cima a baixo em Avery e prossegiu:

– Mas como está sexy essa ruiva... Se está pretendendo desarrumá-la, cara, pelo menos leve-a lá para cima.

– Caramba... – falou Owen.

– Acho que acabou o clima – disse Avery, dando um tapinha no ombro de Owen e vestindo o avental.

– Desculpe – repetiu Ryder. – Só cumpro ordens.

– Provavelmente foi melhor assim. A lista de afazeres é longa – acrescentou Avery quando Owen olhou para ela. – Agora você tem mais um par de mãos, porque, nessas circunstâncias, Ryder vai ter que ajudar. Chegou na melhor hora.

– Como eu disse, só segui ordens. Mas tudo bem. –

Depois de beber um gole de cerveja, ele se aproximou de Avery. – Você está com um cheiro bom. Parece alguma fruta exótica e... madressilva.

– Romã. E madressilva. – Ela deu uma fungada no próprio braço. – Elizabeth deve ter me passado um pouco do cheiro dela. Como ela faz isso? Dei uma passada lá na pousada para encontrar Hope antes de vir para cá, e Elizabeth surgiu lá embaixo para dar um oi, ou talvez desejar feliz ano-novo.

– Você a viu? – perguntou Owen.

– Não, e não sei se fico feliz ou triste com isso. – Pegou uma colher de pau, ergueu a tampa da travessa de almôndegas e mexeu um pouco. – Senti o cheiro dela e depois, quando Hope e eu estávamos falando que você e ela deveriam pesquisar quem é esse Billy que ela tanto espera, Elizabeth fez as luzes piscarem algumas vezes, depois subiu a voltagem. Nós duas entendemos que era um sinal de que ela realmente gostaria que vocês encontrassem o tal de Billy.

– Beleza. É só jogar no Google “Billy, amigo da falecida Elizabeth” e pronto, tudo resolvido.

– Isso é entre você e Hope. Vocês decidem. – Avery ergueu as sobrancelhas quando viu Ryder com a testa franzida. – O que foi?

– Como a gerente está lidando com a situação?

– Hope não é de se amedrontar facilmente. – Dirigindo-se a Owen, acrescentou: – Acho que vou aceitar aquela taça de vinho agora.

– Eu já a vi amedrontada – murmurou Ryder.

– No dia em que Owen viu Elizabeth no espelho? Eu diria que ela ficou momentaneamente atordoada. É, atordoada – repetiu Avery, satisfeita com a palavra.

Ryder se lembrou da primeira vez que viu Hope Beaumont, quando sua mãe apareceu com a candidata a gerente lá em cima, onde eles estavam trabalhando. Ela havia ficado branca feito papel, com os olhos vidrados, encarando-o fixamente como se ele fosse um fantasma.

Mas deu de ombros.

– Enfim...

– Ela passou a noite na E&D, teve um breve encontro com Elizabeth e foi dormir, como se não tivesse acontecido nada. Essa é a Hope. Muito bem, já fiz a pasta de espinafre e alcachofra, os cogumelos recheados, os... enroladinhos de salsicha? É sério isso?

Owen deu de ombros.

– As pessoas gostam.

– Adoram. Owen, você deveria ir arrumar o bar. E, Ry, pode fatar o tender.

Ao ouvir a palavra *tender*, Diaraque começou a abanar o rabo.

– Por que ele não faz isso quando dizemos “espinafre” ou “cogumelo”? – perguntou Avery.

– O único legume que ele come é batata. E frita – respondeu Ryder. – É exigente com comida.

Avery apenas bufou e voltou ao trabalho.

“Provavelmente foi melhor assim.” Owen repetia sem parar as palavras de

Avery enquanto arrumava os copos, as garrafas, o gelo nos coolers. Jamais teria conseguido dar conta de tudo se tivessem ido... se despedir do ano velho. Era muito melhor ater-se ao plano original, sobretudo porque não tinha escolha, já que Ryder estava lá fatiando o tender com Diaraque sentado a seus pés, fiel e esperançoso.

Quando terminou de arrumar o bar e os coolers, já tinha à sua espera a tábua, o descascador e uma faca que Avery tinha separado para ele depois de lavar os legumes.

– Descasque, corte em rodela e pique – orientou ela. – Como você tinha tudo aqui, acrescentei ao cardápio uma salada de macarrão. Carboidratos vão cair bem, já que as pessoas vão estar bebendo. Inclusive eu – acrescentou, erguendo a taça para ilustrar o que dizia.

O calor do fogão deixara suas bochechas vermelhas, contrastando com o brilho divertido do azul de seus olhos.

Ele se deu conta de que já a tinha visto daquele jeito, ali mesmo na cozinha, ajudando nos preparativos de outra festa, rindo com seus irmãos.

Mas não a tinha visto *exatamente* daquele jeito, como uma mulher que ele desejava. Uma mulher que *o* desejava.

Será que aquele único beijo, espontâneo, impulsivo, teria mudado o tom e o rumo do que eram e do que significavam um para o outro? Ou sempre teria havido algo ali, apenas esperando ser acendido?

Owen viu o brilho divertido dos olhos de Avery se transformar em consciência quando se aproximou dela, viu seus lábios se curvarem em um sorriso quando a puxou para lhe dar um beijo. Longo, suave, terno.

– Vocês nem precisam ir muito longe pra arrumar um quarto – observou Ryder, lavando as mãos na pia. – Existe um logo ali em cima.

– Que, por coincidência, pertence a mim. Você não tem que ir buscar a sua acompanhante?

– Estou sozinho. Eu disse que não estava suportando as risadinhas.

– Você terminou com ela na véspera de ano-novo? – perguntou Avery.

– Foi melhor assim. Se eu não tivesse estrangulado a moça antes do final da noite, alguém o faria. Fiquei pensando que, se eu conhecer outra pessoa, essa história de ter passado o ano-novo com ela seria um problemão.

Não estou no clima para problemões, então, é melhor ficar solteiro.

Avery pegou outra faca.

– Corte e pique – disse a Ryder. – E não finja que não sabe fazer isso.

Ela voltou para o fogão, mas antes virou a cabeça e lançou aquele olhar reluzente para Owen.

Ele nunca quis tanto que uma festa terminasse antes mesmo de começar.



De qualquer forma, a festa foi ótima. Cheia, com comida à vontade, grupinhos espalhados pela casa toda e também lá fora no quintal.

Em certo momento, alguém aumentou a música para dançar.

Owen se misturava aos convidados e conferia os coolers, as bandejas, as

travessas, reabastecendo tudo. Ainda participou de alguns jogos com amigos. Deu um beijo na mãe quando a encontrou na cozinha secando uma travessa vazia com um pano de prato.

– Não precisa fazer isso.

– Se eu não fizer, você vai fazer, e a festa é sua. Uma festa e tanto, aliás.

Ele pegou a travessa das mãos dela e a deixou na bancada.

– Se é uma festa e tanto, por que não está dançando comigo?

– Bem. – Ela piscou e ajeitou o cabelo. – Estou esperando ser convidada.

Ele a tirou da cozinha.

Ao vê-los, Avery deu um sorriso. Adorava ver os dois juntos. No meio da dança, Ryder se aproximou e os interrompeu.

– Ele roubou sua garota – disse Avery quando Owen foi se juntar a ela.

– Tudo bem. Tenho uma sobressalente.

Tirou a taça da mão dela, pôs de lado e a puxou para o meio dos outros casais.

– Você dança bem – falou Avery.

– Já dançamos juntos – lembrou ele.

– Você sempre se deu bem na pista.

– Ainda não fiz alguns passos com você.

– É mesmo?

Ele a puxou mais para perto.

– Mais tarde – prometeu.

Essas duas palavrinhas fizeram um arrepio percorrer todo o corpo dela.

– Já é quase meia-noite.

– Graças a Deus – disse Owen.

Ela riu, jogando o cabelo para trás.

– Vai abrir mais champanhe?

– Vou. Daqui a um minuto. Quero beijar você à meia-noite, então, fique por perto.

– Não precisa pedir duas vezes.

Avery foi pôr mais comida nas travessas e tigelas enquanto ele abria mais algumas garrafas e o ano se aproximava dos minutos finais. As pessoas começaram a subir do andar de baixo, as que estavam do lado de fora entraram, e o barulho aumentou consideravelmente.

Ele pegou as mãos de Avery durante a contagem regressiva – dez, nove, oito. Ela ficou na ponta dos pés – sete, seis, cinco. Ele a envolveu em seus braços – quatro, três, dois.

– Feliz ano-novo, Avery.

Seus lábios encontraram os dela quando os brindes pipocaram e o novo ano começou.

Enquanto Avery ficava na ponta dos pés, Hope escapulia em direção à cozinha. Abriria mais uma ou duas garrafas, pensou, para evitar todos aqueles casais se beijando para receber o ano novo.

No momento em que os convidados faziam a contagem regressiva, ela puxava uma rolha.

Então Ryder entrou na cozinha.

Ela se deteve. Ele também.

– Estou só abrindo outra garrafa – explicou ela.

– É, eu vi.

Os gritos de “Feliz ano-novo!” explodiram, abafando suas palavras.

– Bem – disse Hope –, feliz ano-novo.

– É. Feliz ano-novo. – Ele ergueu as sobrancelhas quando ela começou a lhe estender a mão. – É sério? Outro aperto de mãos amistoso? – Balançou a cabeça e se aproximou dela. – Vamos fazer isso direito.

Pôs as mãos na cintura dela, ergueu de novo as sobrancelhas e esperou.

– Claro – disse Hope.

Meio resignada, pôs as mãos nos ombros dele.

Casualmente, os lábios dos dois se tocaram.

Ela cravou os dedos nos ombros de Ryder, enquanto ele envolvia a cintura dela com o braço. Algo eclodiu, como uma luz, deixando-a sem ar.

Ele se afastou, dando um passo para trás, e Hope fez o mesmo. Por um longo instante, ficaram só se encarando.

– Então tá – disse ele.

– É, então tá.

Ele assentiu e saiu da cozinha.

Hope soltou a respiração que mal tinha conseguido recuperar e pegou a garrafa aberta sem muita firmeza.

É, aquele tinha sido um jeito bem estúpido de começar o ano, pensou.

capítulo onze



JÁ ERAM QUASE TRÊS da manhã quando Owen acompanhou os últimos convidados até a saída.

Fechou a porta e se virou para Avery.

– Não sobrou ninguém por aqui, não é? Esse foi o último dos últimos?

Ela fez um gesto para ele esperar, foi espiar pela janela e viu a fileira de faróis se afastando no gramado.

– E, com isso, dizemos boa-noite para o último motorista e seu carro. Acho que estamos livres. Ufa! Bem, o sinal evidente de sucesso de uma festa é quando ninguém quer ir embora. E ninguém querer ir embora também é o problema de uma festa boa.

– Então podemos afirmar, com toda a certeza, que a festa foi boa. Planejada e executada em pouco mais de uma semana.

– Não pense que uma única vez faz de você o Sr.

Improviso, mas parabéns!

– Você fez a maior parte da comida.

– É verdade – disse ela, dando tapinhas de congratulações nas próprias costas.

– Então... Quer um café? Ainda ficou um pouco na cafeteira, se você estiver com vontade de fazer um balanço da festa.

– Quero. Amanhã de manhã, quando tivermos acordado.

– Era exatamente o que eu estava pensando – respondeu ela, com um risinho.

Owen a pegou pela mão e os dois seguiram juntos pela casa, apagando as luzes.

– O clima não está nem um pouco estranho – disse ele.

– Por enquanto, não.

De mãos dadas, subiram a escada.

– De qualquer maneira, eu já vi você nua.

– Aos 5 anos de idade não conta.

– Na verdade, você devia ter uns 13. Sim, isso mesmo, uns 13.

– E como foi que você me viu nua quando eu tinha 13 anos? – perguntou Avery, parando na porta do quarto. – Lembra aquele verão em que nossas famílias alugaram uma casa no lago na Pensilvânia por algumas semanas? Em Laurel Highlands?

– Claro.

Foi o primeiro verão depois que a mãe dela tinha ido embora. Avery se lembrava perfeitamente daquela época.

– Você escapuliu de casa algumas vezes para ir mergulhar no meio da noite.

– Sim... Escapuli. Você ficou me espionando?

– Não tive culpa. Eu estava sentado diante da janela olhando as estrelas com aquele meu telescópiozinho quando você resolveu dar uma de Dama do Lago...

– Telescópio?

– É. Eu cobrava 1 dólar por minuto de Ry e Beckett para deixar que eles usassem. – Que lembrança boa, ele pensou. – Acho que ganhei quase 30 paus.

– Você cobrava deles uma taxa por minuto para poderem me espionar!

– *Espionar* é uma palavra forte. Digamos *observar*.

– Que grande empreendedor.

– Sempre tive jeito para negócios. Além disso, era bem legal. O luar, a água... Naquele tempo o seu cabelo era bem comprido – disse ele, passando os dedos pelas madeixas dela. – Que cor é esta?

– Alerta Vermelho. E não mude de assunto!

– Era romântico, embora não tenha me dado conta disso naquela idade. Na época era só “Uau! Uma garota nua!”. É assim que as coisas são quando se é um adolescente.

A mente de Avery voltou àquele interlúdio quente e enevoado no lago.

– Naquela semana você comprou sorvete para mim. Duas vezes.

– Talvez, de certa forma, eu me sentisse culpado e achasse que você merecia parte do meu lucro.

– E eu acreditando que você tinha uma quedinha por mim.

– Tinha mesmo. Vi você nua. Cheguei a pensar em chamá-la para ir ao cinema.

– Não! Verdade?

– Ai você começou a falar de Jason Wexel, lembra dele? Que vocês iam sair para comer pizza quando voltássemos de viagem e tal. Ai acabei desistindo.

Avery lembrou que tinha tido uma mini quedinha por Jason Wexel, mas não conseguia nem recordar o rosto dele agora.

– Fui mesmo comer pizza com Jason. E mais umas quinze pessoas. Era aniversário de alguém, nem me lembro de quem. Dei a entender que era um encontro porque é assim que as coisas são quando se é uma adolescente.

– Oportunidade perdida.

– Até hoje.

– Até hoje – repetiu Owen e, pegando o rosto dela com as duas mãos, colocou os lábios à sua boca.

Fez isso de um jeito lento e sereno, não impulsivo e urgente como poderia ter sido em qualquer outro momento entre eles. Relaxada, Avery correspondeu sem nenhum nervosismo, sem nenhuma dúvida. Quando as mãos dele começaram a descer, passando pelos seus ombros, pela lateral dos seios, a excitação de ambos se uniu e gerou uma pulsação forte e firme.

Como numa dança, eles foram em direção à cama.

– Quero muito ver você nua de novo.

Sem afastar os lábios dos dele, Avery murmurou:

– Vai ter que pagar 30 dólares.

Sentiu Owen rir enquanto ia baixando o zíper nas costas do vestido dela.

– Vai valer cada centavo – disse ele.

– Melhor se certificar antes – retrucou ela, deixando o vestido cair no chão.

Em seguida saiu de dentro dele, pegou-o com o pé e atirou-o para uma poltrona.

Owen nem percebeu que o vestido escorregou do braço da poltrona e voltou a cair no chão.

– Acho que meu coração simplesmente parou. Olhe para você.

Por um instante, pensou Avery, ele a fitou como se nunca a tivesse visto antes. Depois, voltou a erguer os olhos para seu rosto e, nesse momento, aconteceu aquele clique, aquela conexão, aquele reconhecimento, e Owen a puxou de novo para junto de si.

A sensação das mãos dele sobre sua pele só fez aumentar a excitação de Avery.

Ela começou a desabotoar a camisa dele sem afastar os lábios.

Ali estava Owen, alto e lindo. Ali estava o seu coração batendo, acelerado, sob as palmas das mãos dela. O seu Owen, porque, de certa forma, ele sempre fora seu.

Ali estava o novo.

Ele se deitou na cama com ela, com aquele corpo firme, curvilíneo. Com seu cabelo e seus olhos brilhantes, com sua pele macia e clara como o luar. Várias sensações se misturavam dentro dele: o cheiro e o gosto de Avery, o ruído dos lençóis acompanhando os movimentos que os dois faziam. Tudo nela era tão familiar e, no entanto, inesperado...

Enlaçou os dedos nos dela e pressionou o rosto em seu peito macio, cheiroso, suave.

Com um suspiro, ela arqueou o corpo em direção ao dele, num misto de aceitação e de convite. Os lábios de Owen roçaram a curva da borda de renda do sutiã e, em seguida, sua língua mergulhou ali dentro. Os dedos de Avery apertaram os dele com mais força.

Ele se posicionou bem acima dela e Avery voltou a erguer o tronco na direção dele enquanto Owen a beijava, enchia-se do gosto dela. No momento seguinte, os dedos de Avery se afrouxaram entre os seus.

Owen começou a percorrer o corpo todo dela com as mãos, sentindo a pele, a seda, a renda, extasiado com todas as surpresas, com cada nova descoberta.

Esfregando o rosto no pescoço de Avery, ele abriu o fecho do seu sutiã e, entrelaçando os dedos nos dela mais uma vez, levou a boca a seus seios.

Foi perfeito. Avery devia ter imaginado que seria assim, com os lábios e as mãos dele subindo e descendo por sua pele. Owen a estava levando ao limite da excitação com a atenção demorada que dispensava a seu corpo, com a infinita paciência que era parte dele.

O sangue dela corria, ardente, fazendo a pulsação atingir um ritmo intenso, à medida que ele a acariciava e a mergulhava num prazer doce e profundo. Com a respiração ofegante, ela se deixou levar, deixou-se abrir até que não havia mais qualquer contenção, qualquer barreira.

Só Owen.

Ela o preenchia, cercava-o com tudo o que tinha para oferecer, com todo o seu ser. Sem limites, pensou ele. Apenas a sua energia, aquela reação imediata,

aquele desejo rápido. Tudo nela era tão fresco, tão novo e, ao mesmo tempo, tão maravilhosamente familiar...

Avery perdeu o fôlego e soltou um gemido quando ele deslizou para dentro dela, preenchendo-a por completo.

Mais uma vez, Owen teve a impressão de que seu coração tinha parado – o deslumbramento que o invadiu não permitia nem que respirasse, e ele ficou ali, olhando para o corpo dela debaixo do seu, numa espécie de êxtase.

Avery se arqueou de novo, passou os braços pelo pescoço dele e as pernas pelo seu tronco. Deixou a cabeça pender para trás para acolher a dele na curva de seu pescoço.

A lentidão e a serenidade já não existiam. Agora os movimentos dela eram ágeis, rápidos como um raio, fazendo-o passar daquele instante de deslumbramento ao prazer, ao desejo, à volúpia.

Inquieta e voraz, Avery se entregou àquela urgência, agarrando-se a Owen com ferocidade. No limite do desespero, enroscou-se nele enquanto uma sensação incontrolável percorria todo o seu corpo, fazendo-a finalmente gozar.

Em seguida, os dois desabaram na cama enquanto tentavam recobrar o fôlego.

– Por que... – conseguiu balbuciar ele, mas parou e voltou a se concentrar na respiração.

– Por que o quê? – disse Avery.

De olhos fechados, Owen fez um gesto pedindo-lhe que esperasse e, após um momento, retomou:

– Por que nunca fizemos isso antes?

– Excelente pergunta. Nós somos ótimos.

– Graças a Deus.

Com uma risada abafada, Avery deu um tapinha na bunda dele.

– Eu sabia que você era ótimo. Afinal, é um homem que pensa nos detalhes. Aliás, muito obrigada por não deixar passar nenhum em branco.

– De nada. E obrigado a você. Ah, você tem uma flor tatuada na bunda.

– Não é uma simples flor. É um cardo, um símbolo escocês tradicional. Representa o orgulho dos meus ancestrais – disse ela. – E fiz na bunda porque sabia que era o único lugar onde meu pai não ia ver e ter um ataque.

– Ótima ideia. Gostei.

Fazendo um ruído de satisfação, Avery fechou os olhos.

– Eu devia estar exausta.

– E não está? Isso quer dizer que ainda não terminei o que tinha que fazer.

– Ah, terminou, sim. O que quis dizer foi que devia ser como fechar a pizzaria às quatro da manhã depois de um longo dia de trabalho. Devia estar acabada. Mas, na verdade, estou me sentindo ótima, relaxada e com sono.

Owen se aconchegou a seu lado e puxou o edredom para cobri-los.

– Nada de trabalho amanhã.

– Nada de trabalho amanhã.

E, com o rosto bem colado ao dele, Avery deu um risinho.

– Vamos dar graças a Deus novamente – disse.

– Por que não tiramos uma soneca e depois verificamos se não deixamos

passar nenhum detalhe na primeira vez?

– Ótima ideia. – E, pressionando ainda mais o corpo ao dele, ela abriu os olhos por um instante para fitá-lo. – Feliz ano-novo.

– Feliz ano-novo.

Depois, Avery se entregou ao sono. A última coisa que lhe passou pela cabeça foi que seu amigo era agora seu amante. E estava feliz.



Ele reconheceu aquele silêncio, aquela calma parecida com algodão que só podia significar uma coisa.

Abriu os olhos, piscou para enxergar direito e viu a neve caindo do outro lado da vidraça. Vou ter que limpar a entrada, pensou. Mas não agora. Virou-se para acordar Avery de um jeito que achava que ela fosse gostar, mas a cama estava vazia.

Onde diabo ela teria se metido?

Levantou-se e enfiou a cabeça pela porta aberta do banheiro. Viu a escova de dentes dela ao lado da sua na pia e ficou pensando nisso enquanto abria uma das gavetas da cômoda para pegar uma calça de flanela.

Ao descer a escada, sentiu cheiro de café e – caramba – bacon.

Uma banda de música desfilara na tela da TV na cozinha e a neve cobria o pátio diante da porta. E Avery estava parada diante da bancada picando pimentões.

Usava um avental branco por cima de um robe de xadrez azul, tinha o cabelo preso e estava descalça. Owen se lembrou de como ela estava vestida na véspera, com aquela roupa sexy, e, mais tarde, com a lingerie mais sexy ainda. Percebeu, porém, que na maior parte do tempo era daquele jeito que a via em seus pensamentos: de avental, na cozinha.

– O que temos para o café?

– Já acordou? – perguntou ela, erguendo os olhos e sorrindo.

– Mais ou menos. E você, por que acordou?

– Porque já são quase onze horas, está nevando e estou morrendo de fome.

– Onze horas? – disse ele, olhando para o relógio com a testa franzida. – Nem lembro quando foi a última vez que dormi até tão tarde. Mas não tem importância – prosseguiu, indicando a neve com um gesto. – Hoje não é dia de aula.

– Oba!

Aproximando-se dela, Owen a virou de frente e a puxou contra si para lhe dar um beijo.

– Bom dia.

– Bom dia – respondeu ela, recostando-se nele por um instante. – Aqui é tão quieto... Na cidade, mesmo quando está tudo tranquilo, a gente ouve algum som.

Mas aqui, com a neve, é como se o mundo tivesse parado.

Owen a virou novamente e, agora, ambos estavam de frente para as portas envidraçadas.

– Olhe.

Através da neve que caía, numa elevação por trás das árvores inteiramente brancas, três veados vagavam, silenciosos como fantasmas.

– Uau, que lindos. Aposto que vê esses animais o tempo todo.

– Muitos deles.

– Os meninos vão adorar tudo isso quando se mudarem para a casa nova. Você adorou. Lembro que vocês três corriam feito loucos pelo bosque quando eram pequenos.

– Bons tempos. – Inclinando-se, ele lhe deu um beijo no topo da cabeça. – Como os de agora. O que está preparando aí?

– Encontrei algumas sobras da festa e mais outras coisas ali. Podemos chamar esse prato de omelete de entulho.

– Parece ótimo. Mas não precisava.

– Comida, cozinha... – principiou ela, espalmando as mãos. – Não sei ficar sem cozinhar. Você tem utensílios de primeira e sei que praticamente não usa nada disso.

– Mas, se um dia eu quiser usar, eles estarão à disposição.

– Verdade. Poderia jogar um punhado dessas sobras de legumes aqui numa panela. As pessoas comem muito pouco desses palitinhos em festas. Nem pensar em jogar tudo no lixo. Posso fazer uma sopa.

– Dia de neve, sopa caseira? – Será que isso significava que Avery pretendia passar o dia ali? – Ninguém pode negar que é uma ótima ideia – prosseguiu ele, indo se servir de café. – Daqui a pouco vou ter que sair para tirar a neve.

– Eu sei, mas é uma pena. É tão bom ficar cercado pela neve e se sentindo aconchegado. Bem, um homem que vai tirar a neve precisa de um café da manhã reforçado.

Enquanto ela cozinava, Owen pegou os pratos, apreciando aquele ritmo tranquilo.

– Vamos então aos comentários sobre a festa que resolvemos adiar ontem... – começou ela. – Soube de Jim e Karyn?

– Fiquei sabendo que Jim está em Pittsburgh e que Karyn não quis ir com ele.

– Andou falando com as pessoas erradas – retrucou

Avery, virando as omeletes. – Jim está em Pittsburgh, na casa da mãe, porque Karyn botou ele para fora.

– O quê? Por quê?

– Porque descobriu que ele estava tendo um caso com a mãe do melhor amigo do filho mais velho deles.

– Jim? Ah, não é possível. Isso não pode ser verdade.

– Não pode, mas é. E, segundo as minhas fontes, já faz quase dois anos que os dois estão juntos – disse ela, colocando as omeletes nos pratos.

A crescentou o bacon e as torradas e passou um dos pratos para Owen.

– Mas... eles pareciam ter um casamento tão sólido.

– Bem... – Avery pegou o próprio prato e foi se sentar junto dele na bancada da cozinha. – Ela costuma frequentar a pizzaria com as crianças. Na maioria das vezes, sem o marido. E eu a vi na loja do Sam pouco antes do Natal, quando fui comprar umas coisinhas. Parecia bem estressada. Mal falou comigo. Na ocasião,

achei que fosse apenas a pressão dessa época do ano para uma mãe de três filhos, mas agora... Ela achou uma calcinha da outra na sua própria cama.

– Caramba. Não é apenas uma atitude errada, grosseira, fria. É também uma enorme burrice.

– Vai ver que a amante/vagabunda, que já estava separada do marido, fez de propósito. Seja como for, essa foi a gota d'água. Karyn o colocou para fora de casa e já arranjou um advogado.

– Eu ia dizer “Ah, que bom”, mas não acho que a frase se aplique. É duro aceitar uma atitude dessas por parte de Jim. Os dois estavam casados há quanto tempo? Uns dez anos?

– Por aí, acho. Mas, nos últimos dois anos, Jim andou aprontando. Não há desculpa para o que ele fez. Se não está feliz, tente acertar as coisas ou se separe. E, ainda por cima, se ele foi para a casa da mãe em Pittsburgh, é porque a coisa com a vagabunda não deve ser séria.

Desconcertado com aquela lógica, Owen pegou a torrada em que Avery tinha passado manteiga para ele.

– Por que acha isso?

– Porque, se fosse sério, ele teria ido para a casa dela. Agora ele destruiu a família, arruinou o casamento, a reputação... Isso sem falar na tristeza que causou às crianças. Tudo por causa de uma mulher que não significa nada para ele. Espero que Karyn acabe com a raça dele. – Depois de um momento de silêncio, ela perguntou: – Nenhum comentário?

– Acho que a gente nunca sabe o que acontece entre duas pessoas, ou numa família. Mas, pelo que você contou, acabar com a raça dele parece o mais apropriado. Está certo que gosto de Jim. Há umas duas semanas ele me chamou para reformar o banheiro da suíte. A princípio, eu ia passar lá logo depois das festas para dar uma olhada.

– Ele estava fazendo planos para reformar o banheiro e transando com a vagabunda na cama da esposa – disse Avery, balançando uma fatia de bacon. – O cara não leva a amante a sério nem respeita a mulher e a própria família.

– Concordo quanto ao desrespeito, mas talvez a outra não seja uma vagabunda.

– Ah, por favor! – exclamou ela, enfiando o garfo na omelete. – Ela ainda estava casada quando começou a trepar com Jim e as minhas fontes disseram que ele não foi o primeiro da lista.

– Como é que as pessoas ficam sabendo dessas coisas? E quem é ela, afinal?

– Não a conheço. Parece que mora em Sharpsburge trabalha numa companhia de seguros. Tem um nome esquisito... Não me venha com gracinhas com relação ao meu nome – acrescentou. – Harmony, o que não parece nada adequado. Não existe nada de harmônico numa pessoa que ajuda a destruir um lar.

– Ah.

– Ah?

– Conheço uma Harmony que trabalha para o nosso corretor de seguros. Essa omelete está incrível.

– Arrá!

– Arrá?

– Mudando de assunto, se remexendo na cadeira. – Com um olhar aguçado, ela apontou o indicador na direção de Owen. – Sinais evidentes de culpa e/ou de fuga. Andou saindo com ela?

– Não! Ela é casada... Ou era. E, de qualquer forma, ela não é meu tipo. Digamos que conversamos algumas vezes sobre as taxas de seguro. E talvez tenha havido algo nas entrelinhas.

– Vagabunda – falou Avery. – Reconheço uma a distância.

– Eu diria que as primeiras entrelinhas aconteceram quando ela ainda estava usando aliança.

– Que vagabunda! Como ela é? Me conte tudo.

– Não sei exatamente. Loura.

– Oxigenada.

– Sou obrigado a observar – disse ele, olhando para o cabelo preso e despenteado de Avery – que você não é a pessoa mais indicada para criticar alguém por tingir o cabelo...

– Tá bem, você tem razão. Mesmo assim, quero saber. Ela é bonita?

– Acho que sim. Não é meu tipo – repetiu Owen. – Ela é... óbvia. Talvez esta seja a melhor palavra. Pelo que sei, é boa no que faz. E isso era tudo o que me importava. Quer dizer, que continua me importando. Quando foi que Karyn mandou Jim embora?

– No dia seguinte ao Natal. Tinha descoberto a história uma semana antes, mas deixou que ele ficasse para passar o Natal com os filhos. Por quê?

– Passei lá na agência há uns dias pra assinar umas coisas. Ela não parecia nada chateada. E houve mais algumas entrelinhas.

Os olhos azuis de Avery ficaram sombrios.

– Que vaca. Vagabunda sem um pinga de consciência. Ajuda a destruir um casamento e segue em frente, procurando o próximo babaca. Exatamente o que minha mãe fez.

Owen não disse nada, apenas colocou as mãos sobre as dela.

– Deve ser por isso que tenho tolerância zero com relação a vagabundas e a traições – falou Avery. Em seguida, dando de ombros, levantou-se para levar as duas canecas até a máquina de café. – Além da bomba Karyn/Jim, ficou sabendo que Beth e Garrett vão se casar?

– Fiquei. Ela estava exibindo o anel por todo lado ontem à noite. Os dois estão felicíssimos.

– Sim. E Beth ainda está mais radiante, já que está grávida de umas oito semanas.

– Não diga. Como foi que eu não soube disso?

– Passando o tempo todo com homens que não têm fofocas pra contar. Os dois estão felizes com a gravidez. Faz quase dois anos que estão juntos e, pelo visto, a chegada do bebê os levou a legalizar a situação. Andei conversando com Beth sobre a possibilidade de eles fazerem o casamento na pousada.

– Na pousada.

– Clare e Beckett vão se casar na primavera. Isso podia ser uma espécie de ensaio. Eles querem uma cerimônia pequena, e vai ser logo. Chegaram até a

pensar em se casar só no civil, mas as mães deles choraram ao saber disso – acrescentou Avery, voltando com café fresco para ambos. – Quando sugeri a pousada, Beth ficou bem empolgada. Nem sabia que havia essa opção.

– Nem eu.

– Claro que vocês é que decidem, mas Hope achou uma boa ideia. Posso cuidar do bufê sem nenhum problema. Mountainside se encarregaria das flores. Eles estão pensando em convidar só os amigos mais próximos e a família. Talvez umas vinte ou trinta pessoas. Vocês já estão lotados para o Dia de São Valentim, mas têm disponibilidade para o fim de semana seguinte.

– No mês que vem? – falou Owen, quase engasgando com o café. – Está muito em cima.

– Como eu disse ontem à noite, uma semi-festa não faz de você o Sr. Improviso. Relaxe. Não vai precisar fazer nada. Beth quer caber num lindo vestido antes que a barriga comece a aparecer, portanto não quer esperar muito. Já tinham pensado em passar a noite de núpcias na pousada, ou seja, vão acabar fazendo tudo no mesmo lugar.

– Quanto cobraríamos por uma festa de casamento?

– Isso você e Hope vão descobrir – disse ela, sorrindo. – Eu lhes daria um desconto, já que eles vão inaugurar essa possibilidade. E se vocês souberem fazer tudo direitinho, os convidados vão lotar a pousada na véspera do casamento e na noite seguinte.

Seria um bom negócio, pensou Owen. Avery era boa nisso.

– Vou falar com Hope amanhã mesmo – disse ele. – Seu cérebro está sempre trabalhando, Avery.

– É, eu sei. Agora mesmo ele está pensando que deveríamos terminar este café. Você ainda tem que sair para tirar a neve enquanto eu arrumo a bagunça da festa. Depois, como pagamento pelos meus serviços, você poderia me levar para a cama.

– Ah, isso eu não perco por nada...

– Pelo visto, nós dois vamos sair ganhando.



Talvez Owen até gostasse de tirar a neve da frente da casa, mas, assim que terminou a entrada para o carro, talvez não com a perfeição habitual, dirigiu-se para a de Ryder. O caminho para Diaraque já está limpo, observou. Ótimo.

Estacionou o jipe, pulou do veículo, bateu os pés no chão para limpar um pouco as botas e entrou na casa.

– Ry?

– Aqui.

– Estou coberto de neve, cara. Melhor você vir ao meu encontro.

Diaraque veio subindo a escada, abanando o rabo, e lambeu a neve das botas de Owen. Ryder apareceu logo depois. Usava uma calça de moletom furada no joelho e uma camiseta suada.

– O que houve? Estou tentando malhar um pouco e, quando terminar,

pretendo não levantar a bunda do sofá até a hora das brincadeiras. Por enquanto, o combinado é corrida de trenó e guerra de neve na casa da nossa mãe.

– Quando?

– Cadê seu celular? O mundo acabou?

– Está aqui – disse Owen, pegando o aparelho. – Mas não recebi mensagem nenhuma.

– Vai ver que não foi convidado. Ela gosta mais de mim.

– Ela finge que gosta, pra você não ficar choramingando feito um bebê. Ela deve ter ligado para o fixo. Seja como for, acho ótimo. Vou pegar a sua caminhonete. Você tem que terminar de tirar a neve do quintal. Ainda faltam o de Becke e da mamãe. Podemos trocar de volta ali naquele ponto.

– Quem é o Sr. Tira-Neve é você.

– Está com alguma mulher aí?

– Infelizmente, não – disse Ryder, enfiando as mãos nos bolsos frouxos.

– Pois eu estou. Vou pegar a caminhonete.

– Para poder voltar para casa e brincar com aquela máquina ruiva. E digo isso com todo o respeito e afeto.

Por ela, claro.

– Vou levar a caminhonete e vou transar enquanto você não vai. Assuma o posto de Sr. Tira-Neve substituto.

– Mas depois não reclame se eu não fizer do seu jeito.

– Basta não fazer merda – disse Owen, pegando a chave da caminhonete do irmão que estava em cima da mesa perto da porta. – A que horas lá na mamãe?

– Não sei. Nós não estamos cumprindo um cronograma. Duas ou três. Por aí.

– Então vejo você lá.

Quando Owen foi embora, Ryder olhou para o cachorro.

– Um de nós tem que arranjar uma mulher. Odeio tirar neve do quintal.



Owen seguiu o cheiro de sopa fumegante e, depois de guardar seu equipamento, entrou na cozinha, toda arrumada. Embora achasse que seria um desperdício de fôlego tentar superar a música que tocava aos brados, foi chamando Avery enquanto seguia casa adentro.

Quando chegou ao quarto, ouviu que ela cantava no chuveiro. Mal conseguia acompanhar a melodia, mas se esforçava por fazer isso com o máximo de entusiasmo e o mais alto possível.

Sem conseguir resistir, ele escancarou a porta de vidro do boxe fazendo aqueles sons agudos da trilha de *Psicose*.

O grito que ela deu foi fantástico.

Grudada na parede do boxe, com os olhos arregalados como duas luas azuis e literalmente boquiaberta, Avery conseguiu perguntar:

– Qual é o seu *problema*?

– Tirando uma costela quebrada de tanto rir, não tenho problema nenhum – respondeu ele, lutando para conter a gargalhada.

– Meu Deus, Owen.

– Não pude evitar. Tinha que fazer isso.

– Ah, é? Então que tal *isto*? – disse ela, pegando o chuveirinho e encharcando Owen dos pés à cabeça. – Pronto, agora nós dois agimos como crianças – acrescentou, colocando o chuveirinho de volta no suporte.

– Acho que vou precisar entrar aí.

– Hum – foi tudo o que ela respondeu.

– Uma ducha quente e uma mulher quente depois daquele trabalho duro lá no frio – disse Owen, tirando a camisa ensopada.

– Achei que você ainda fosse demorar no mínimo mais uma hora.

– Empurrei o trabalho para Ry – retrucou ele, tirando as botas. – A sopa está com um cheiro ótimo.

– Quando terminei tudo lá embaixo, decidi aproveitar a sua ducha. Este banheiro parece os da pousada, e eu estou ficando mal-acostumada. Ah, sua mãe ligou.

– Trenó e guerra de neve hoje à tarde.

– Eu disse que levaria a sopa – falou Avery, lançando-lhe um olhar interrogativo.

– Boa ideia.

– Clare pode dar um pulo lá em casa para pegar minhas botas e o equipamento.

– Perfeito – disse ele, tirando a calça encharcada e jogando umas toalhas no chão para secar toda aquela água.

– Ela não pareceu surpresa quando atendi o telefone.

– Mamãe sempre dá um jeito de saber o que quer – retrucou Owen, entrando no boxe e fechando a porta atrás de si. – Saiba que, se mudar da TV para o rádio digital, o som sai por aqui – acrescentou, apontando para os alto-falantes no teto.

– Ah.

– Só para você ficar ciente – disse ele, e sorriu para ela.

– O que foi?

– Só estava pensando que, quando vi você mergulhando nua há tantos anos, nunca imaginei algo assim – respondeu ele, passando as mãos pelo corpo de Avery. – Toda molhada e quente...

– Você também está todo molhado – disse ela, envolvendo-o num abraço. – Mas meio gelado.

– Está bem frio lá fora, e eu estava fazendo trabalho de homem.

– Também tem trabalho de homem para você fazer aqui – retrucou ela, rindo e jogando a cabeça para trás.

– Então, é melhor começar logo.

Owen a beijou, correndo as mãos pela pele molhada e escorregadia dela junto com a água e a espuma. Então Avery passou as mãos por trás do pescoço dele e ficou na ponta dos pés.

Não, ele jamais tinha imaginado aquilo – como era fácil, como era excitante. Nunca tinha pensado na estranha descoberta de alguém que conhecia desde sempre.

Ela era macia e curvilínea, firme e ágil, desejando tocar e ser tocada, capturar e ser capturada.

Agora, Avery estava com o cheiro do sabonete dele. Mais um elemento para tornar novo o que lhe era familiar.

Ela o ensabouou, adorando sentir o movimento daqueles músculos. Raramente pensava na força dele – em geral só pensava em sua mente, em sua gentileza, em tudo aquilo que o fazia ser o Owen que ela conhecia. Agora, porém, passando as mãos pelo seu corpo, explorando aqueles contornos, aquelas ondulações, o que lhe ocorreu foi que, na verdade, ele era um homem que trabalhava com as mãos e com os músculos tanto quanto com o cérebro.

E aquelas mãos, que nada tinham de macias, incitavam novos desejos, novas vontades, necessidades bem mais profundas.

Ele a fazia estremecer; fazia sua respiração falhar quando vinha ao encontro daqueles desejos, explorando mais e mais, até o corpo inteiro de Avery parecer se contrair numa única pulsação que chegava a doer.

A água escorria pelo seu corpo. Seus olhos, agora de um azul ainda mais intenso, se fixaram nos dele e, depois, ficaram opacos.

– Eu não... Não dá – balbuciou Avery, lutando para manter o equilíbrio, para não escorregar. – Você é muito alto.

– Você é que é muito baixinha – emendou ele, segurando-a pelos quadris e erguendo-a do chão. – Então, é melhor se agarrar bem.

– Owen...

Ele a encostou na parede do boxe e a penetrou.

– Ah...

Os olhos dela se abriram e, agora, seu olhar era intenso, concentrado nele. Owen a penetrou mais fundo. Ela soltou um grito de prazer, mantendo os olhos fixos nos dele.

– Não me solte. Não me solte.

– Você também não – foi tudo o que ele conseguiu dizer antes que ela colasse a boca à sua.

Ambos conseguiram aguentar firme.

Mais tarde, nua e deitada de bruços na cama dele, Avery disse:

– Vou me levantar e me vestir num minuto.

– Não tenha pressa – retrucou Owen, admirando a tatuagem dela. – Estou gostando muito da vista.

– Não entendo essa fixação dos homens nas tatuagens femininas.

– Eu também não – disse ele.

– Acho que é o fator Xena: a mulher guerreira.

– Você não tem uma daquelas roupinhas pretas de couro, não é? Ou tem?

– Está na lavanderia – respondeu ela, aninhando a cabeça nos braços cruzados. – Talvez eu deva fazer outra tatuagem.

– Não. – Em seguida, olhando para a bunda de Avery enquanto ela se vestia, pensou melhor. – Que tipo de tatuagem? Onde? Por quê?

– Não sei. Preciso pensar no assunto. O problema com tatuagens na bunda é que a gente nunca as vê, e acho que quem enfrenta esse processo devia poder ver o resultado com facilidade. Ainda por cima, é raro outra pessoa me ver nua. Por que fazer, então? A menos que eu considere isso um ritual secreto de rebeldia adolescente, o que foi praticamente o que me levou a fazer esta.

– Agora seria mais maduro.

– Uma tatuagem madura. Enfim... – prosseguiu ela, virando-se para se sentar na cama. – Adorei o seu chuveiro. Adorei você no chuveiro. – Com um suspiro longo e preguiçoso, ela estendeu a mão para pegar o robe. – Preciso ir dar uma olhada na sopa.

– Durma aqui hoje.

Meio vestida, ela parou e piscou.

– Hoje? Nós dois trabalhamos amanhã.

– E daí? Depois da guerra de neve, da sopa e das disputas sobre futebol que com certeza haverá, volte comigo para cá. E durma aqui, comigo.

Avery acabou de vestir o robe e amarrou o cinto. Ergueu os olhos novamente.

– Tá bem. Vou dar uma olhada na sopa antes de me vestir.

– Beleza.

Enquanto descia a escada, ficou se perguntando o que fazer com aquela aceleração do coração. Era algo que reconhecia. Já tinha sentido aquilo antes.

Aos 5 anos.

Apaixonar-se por Owen mais uma vez parecia uma loucura, exatamente como havia sido antes. Mas os impulsos Mac Tavish sabiam o que queriam. Avery só não estava muito certa quanto ao que o coração Mac Tavish queria...

capítulo doze



BEM NO INÍCIO DO ano novo, munida de um fichário bem grosso, Avery deu mais uma repassada no que agora já via concretamente como o MacT's. Desta vez, porém, Hope e Clare estavam junto com ela para dar palpites.

– O bar vai ficar aqui. Madeira escura, algo que dê personalidade ao lugar. Vou tentar seduzir Owen, bajulá-lo, implorar e ser bem sexy para ver se ele faz isso para mim.

– E como vão as coisas? – perguntou Clare. – A parte sexual?

– Olhem só essa pele – respondeu Avery, apontando para o próprio rosto.

– Satisfeita, relaxada, feliz. E um pouquinho convencida. Ok, pergunta respondida.

– Até agora, tudo bem. Umhas luminárias aqui, aqui e ali. Tons quentes. E estou pensando num sofá de couro, talvez marrom-escuro, daquele lado, com uma mesinha de centro. Umhas banquetas altas perto da janela, outras mais baixas espalhadas por aí. E a entrada para o restaurante vai ser bem aqui.

– Vai ficar ótimo. Mas, antes de pensarmos em paletas de cores e mesas – observou Hope –, precisamos perguntar por que não está se vangloriando do sexo, ou contando detalhes para a pobre coitada de nós três que já nem sabe mais o que é isso.

– Ia ser maldade. Você ficaria mais triste ainda.

– Ora, por favor – retrucou Hope. – Encontrei com Owen mais cedo e ele também está com uma cara satisfeita, relaxada e feliz. Não sei dizer se parecia envaidecido, mas podia perfeitamente estar disfarçando. Vai vê-lo hoje à noite?

– Não. Só tenho uma hora e, depois, preciso ir até a pizzaria. Estou trabalhando. E ele, todos eles, aliás, estão ocupadíssimos no momento, com os preparativos para a inauguração daqui a alguns dias, trabalhando no outro prédio, fazendo projetos para este aqui. Ficamos juntos quase todas as noites desde o ano-novo e achei...

– Que precisava de um tempo? – sugeriu Clare.

– Achei que eu, que nós, na verdade, precisávamos de um pouco de espaço. Vocês sabem como eu me envolvo. Sempre começo as histórias achando que vai ser uma coisa casual, divertida, natural. Se você gosta do cara, confia nele, sente atração por ele, então, fica com ele, certo? Só que no meu caso, logo começo a me perguntar se não é mais que isso, se não podia ser mais que isso, se não seria amor...

– Está apaixonada por Owen? – perguntou Clare.

– Senti aquela... – disse Avery, balançando a mão na altura do coração.

– O coração MacTavish – falou Hope, assentindo.

– Não sou confiável. Mas a questão é que sempre fui apaixonada por Owen. Amo todos os Montgomerys. É algo entranhado em mim. Portanto, pode ser só isso. Uma espécie de falso positivo. Se virar amor com A maiúsculo, posso acabar estragando tudo.

– Por que você já presume automaticamente que o A maiúsculo não pode ser correspondido? – quis saber Clare.

– Não sei. Talvez seja outra coisa entranhada em mim – respondeu ela, dando de ombros. – Acho que, em parte, é culpa dos problemas que tenho com minha mãe, o que é bem deprimente.

– Você não tem nada a ver com a sua mãe.

– E não quero ter – disse Avery. – Ela traía, mentia, usava as pessoas. Para ela, sexo era uma coisa à toa, só um passatempo. Então, acho que a parte de mim que não consegue lidar com a ideia de ser minimamente parecida com ela insiste em ver o que às vezes é apenas sexo sem compromisso como algo mais. Como um reflexo. Ou um antídoto. E depois acabo voltando atrás porque o A maiúsculo quase nunca acontece. É uma estupidez.

– Não é, não – insistiu Hope. – É como você é.

– Mas, agora, trata-se de mim e Owen. Todas as vezes que me envolvi com um cara, acabei achando que era algo mais importante do que de fato era por causa dessas palpitações no coração. Aí, de repente as palpitações paravam e eu percebia que o sujeito não era o homem certo. Ele podia ser super legal, e na maioria das vezes era mesmo, mas não era *o cara*, se é que isso existe.

– Existe, sim – opinou Clare.

– Talvez. Agora, estou sentindo essas palpitações por Owen, e quando elas pararem...

– Por que *quando*? – perguntou Clare, balançando a cabeça. – Podem não parar.

– A experiência me diz que vão parar. Não quero atropelar as coisas, portanto, tenho que recuar. Só que se trata de Owen. Ele é mais importante pra mim do que as palpitações e do que a história da minha mãe.

– Acho que você está se subestimando, e a ele também. Mas... – Clare olhou o relógio. – Não posso me aprofundar nessa questão porque tenho que ir pra casa. Mas precisamos conversar – concluiu ela, com o dedo em riste.

– Por mim, tudo bem. É melhor trancar tudo aqui. Posso voltar para a pousada com você, Hope. Tenho que ver a minha parte do cardápio para a inauguração antes de voltar ao trabalho.

– Ok

As três saíram e se separaram. Clare atravessou a avenida enquanto Avery e Hope seguiram pela St. Paul.

– Ela está apaixonada – disse Avery. – Um amor como esse deixa a gente otimista, ajuda a gente a pensar nas outras pessoas embarcando no mesmo clima.

– Por que você não deveria ser otimista?

– Não sou exatamente pessimista, pelo menos acho que não. Sou mais cautelosa.

– Eu não estou apaixonada nem entrando no clima de Clare, mas uma coisa posso dizer: é muito bom ver como você e Owen se entendem. – Hope destrancou a porta da recepção. – E também posso entender o fato de você, ou qualquer outra pessoa, querer um tempinho para pensar um pouco, colocar a cabeça no lugar. Sexo pode ser fácil e casual, mas também pode deixar a cabeça turva. Então, clareie as ideias por um ou dois dias.

– É isso aí. Exatamente isso. – Que Deus abençoe esse espírito prático de Hope, pensou Avery. – Um interlúdio para clarear as ideias.

– Vou preparar um chá enquanto examinamos o cardápio.

– Você vai fazer chá na pousada – observou Avery, se encarapitando num dos banquinhos da ilha da cozinha. – E vamos falar sobre o cardápio da inauguração. Há um ano, não estávamos nem perto disso. E você nem morava aqui.

– Há um ano eu achava que o meu futuro era o Hotel Wickham e Jonathan.

– Sentia palpitações no coração?

– Não. – Assumindo um ar pensativo, Hope pôs a chaleira no fogo. – Mas achava que o amava. Eu o admirava, confiava nele, gostava de estar com ele. E, portanto, achava que o amava. Ele sabia disso. Sabia o que eu sentia por ele, e sabia que eu acreditava que íamos construir um futuro juntos.

– E por que não acreditaria?

– Por que, não é? – concordou Hope, sem aquele gosto amargo que costumava sentir com tanta frequência antes. – Só não morávamos juntos. Ele dizia que me amava, falava do futuro comigo.

– Ai, desculpe, Hope. Ainda machuca muito?

– Não... Um pouquinho, talvez – admitiu ela, pegando as xícaras. – A esta altura, é mais orgulho ferido do que coração partido. Ele me usou e isso me deixa furiosa. Não acho que fosse a intenção dele desde o princípio. Mas, naqueles últimos meses, Jonathan mentia para mim e me usava. E acabou fazendo com que me sentisse uma idiota. Isso dói. Alguém fazer a gente se sentir uma idiota.

– O idiota é ele. Não quero nunca magoar alguém assim...

– Você não magoaria, Avery. Isso não faz parte de você.

Tomara que não, pensou ela. Mas volta e meia perdia o sono preocupada com isso.



Na loja fechada e silenciosa, Avery pôs o avental e começou os preparativos para abrir. Ligou os fogões e a cafeteira. Contou o troco que havia na registradora, verificou a situação da máquina de fazer gelo. Indo da parte aberta para a parte fechada da cozinha e de volta à frente, completou os potes de ingredientes, fez uma anotação para encomendar mais caixas de entrega, abriu uma mozzarella nova.

Depois de passar alguns potes de massa de pizza para o refrigerador que ficava debaixo do balcão, calculou que precisaria fazer mais uma leva por volta da hora do almoço. Pegou os grandes recipientes de molho de tomate e os pôs para baixo. Percebendo que havia menos quantidade do que gostaria, separou os ingredientes para preparar mais.

Parou quando ouviu baterem à porta e, droga, sentiu aquelas palpitações quando viu Owen do outro lado da vidraça. Ele estava com uma chave na mão e, ao vê-la assentir, abriu a porta da frente.

– Pelo visto, está ocupada.

– Nem tanto. Tenho pouco molho de tomate.

– Posso trabalhar aqui no balcão um pouquinho? Está um barulho danado lá na obra e a imprensa está começando o tour pela pousada.

– Claro. Quer café?

– Pego já, já – disse ele.

Pôs a pasta e um tubo comprido em cima do balcão, tirou o casaco e o gorro de lã. Ajeitou o cabelo com as mãos.

Depois, deu a volta, parou diante dela, tomou o rosto de Avery entre as mãos e a beijou.

– Oi.

– Oi.

– Que cheiro bom.

– O melhor molho de tomate da região.

– Estava me referindo a você, mas o molho não está nada mau. Quer café também?

– Vou estar com as mãos ocupadas até acabar isto aqui. Você não devia participar do encontro com os jornalistas?

– Não necessariamente – disse ele, indo pegar uma caneca e falando mais alto quando ela começou a abrir uma lata enorme de polpa de tomate. – Conseguimos uma quantidade considerável de jornalistas. Hope tem contatos em Washington e na Filadélfia, então não ficamos só nos repórteres locais. Bom para nós.

– Muito bom.

– Enfim, mamãe e Carolee estão cuidando de praticamente tudo junto com Hope, e o resto de nós só vai entrar em cena se for necessário.

– Ótimo.

Owen ficou parado vendo-a mexer o molho e acrescentar alguns temperos.

– Dei uma olhada no cardápio que você bolou para o restaurante novo. Como sabe fazer tudo aquilo?

– Tenho muitas habilidades – respondeu ela com um olhar que Hope chamaria de “convencido”.

– Imagino que precise testar alguns daqueles pratos com uma pessoa de boa vontade.

Avery ergueu os olhos para ele.

– Você seria essa pessoa de boa vontade?

– É o mínimo que posso fazer.

– Quanta generosidade...

Na verdade, não era uma má ideia, pensou ela. Era como testar cada suíte da pousada antes da inauguração.

– Estou livre na segunda à noite – disse Avery.

– Por mim, está perfeito.

– Pode fazer o seu pedido.

– O que você quiser.

– Não, dê mais uma olhada na proposta do cardápio e faça o seu pedido completo: salada, aperitivo, entrada, prato principal. Quando for de verdade, vou ter um chef e, portanto, não vou preparar todos os pratos. E também vou ter uma equipe inteira na cozinha. Mas isso seria um ótimo indicador. Eu devia testar pratos diferentes com pessoas diferentes e, depois, fazer os ajustes necessários antes de começar pra valer.

– Por falar em ajustes, já terminou de fazer isso aí?

– Já.

Mas poderia preparar a massa agora e adiantar o serviço da parte da tarde, pensou Avery.

– Quero lhe mostrar uma coisa – disse ele.

– Não pode demorar muito – retrucou ela, enxugando as mãos. – Preciso preparar mais massa enquanto tenho tempo livre. E você, não tem trabalho para fazer? – acrescentou, dirigindo-se ao refrigerador.

Decidindo que preferia sua dose de cafeína gelada, pegou uma Coca Diet.

– Isso faz parte do trabalho – respondeu Owen.

Então pegou o tubo que tinha levado, tirou de dentro algumas plantas e as abriu em cima do balcão.

– É o prédio da confeitaria? Nunca tive a chance de... – começou ela, mas parou ao ler o que estava escrito no alto da planta.

MacT's Bar e Restaurante.

– MacT's. Está escrito MacT's.

– Foi o nome que você escolheu, não foi? Depois pode mudar, se quiser. Pode mudar qualquer coisa aí mesmo, no projeto. Esta cópia é sua. Beckett está enrolado agora de manhã, mas vai lhe explicar tudo direitinho depois. Por enquanto, posso responder à maioria das perguntas que você tiver, explicar o que você não entender.

– Meu projeto.

– Isso.

– Espere um minutinho – disse ela.

Então saiu rodopiando, dançando pelo salão da pizzaria. Pulou, rodou, levantou as pernas, levando Owen a se lembrar do tempo em que ela havia sido animadora de torcida, no ensino médio.

Quando ela deu um salto-mortal, ele tomou um susto e, depois, começou a rir.

– Meu Deus, Avery. Ainda consegue fazer isso?

– Pelo visto, consigo.

Soltando um “urrul”, ela se atirou para cima dele. Owen a segurou e quase se desequilibrou quando ela ergueu os punhos fechados para o ar.

– Achei que fosse ficar mais entusiasmada.

– Que tal demonstrar meu entusiasmo assim? – perguntou ela, passando os braços pelo pescoço dele, as pernas por sua cintura, e colando a boca na dele.

– Nada mau – disse Owen, girando com ela agarrada a ele. – Nada mau mesmo.

– Ainda nem vi o projeto. Preciso vê-lo! – exclamou Avery, se

desvencilhando dele com um movimento brusco e quase caindo em cima do projeto.

– Posso explicar... – começou ele, mas ela o afastou.

– Acha que não sei ler uma planta? Praticamente dormi com as da Vesta. Está ótimo, está ótimo – murmurou. – Vou querer tirar o refrigerador daqui e passar para cá. É mais prático para o ritmo de trabalho. Além disso, preciso de uma mesa aqui, perto do lava louças.

Owen pegou um lápis na sua pasta.

– Assinale isso – pediu.

Ela assinalou e fez mais uma ou outra alteração.

– A entrada fica perfeita aqui. Facilita a circulação dos garçons e dos clientes. Eles vão sentar no bar para tomar um drinque com um amigo, de repente terão a ideia: “Ei, por que não aproveitamos para jantar?” E aí é só passar por aqui.

– É um bar e tanto.

– Claro. Precisa ter bastante impacto – disse ela, assentindo.

– Precisa me dizer o que está imaginando para ele. Qual a madeira, o tipo de acabamento, o estilo. Assim, posso bolar um design para você.

– Vai construí-lo? – perguntou ela, voltando os olhos para ele.

– Pensei nisso. Por quê?

– Eu estava pretendendo seduzi-lo para convencê-lo.

– Pensando bem, ando ocupadíssimo.

Com uma risadinha, Avery se virou para abraçá-lo.

Que se dane a pausa para clarear as ideias, pensou.

– Owen.

– Talvez não tão ocupado assim.

Ela o abraçou com mais força e fechou bem os olhos.

– Não vou decepcionar você.

– Ninguém pensou isso. Nem por um instante.

Avery balançou a cabeça e olhou para Owen. Era mais do que uma construção, mais do que um negócio.

Eram Owen e aquelas palpitações no seu coração.

– Não vou decepcionar você – repetiu.

– Tá bem.

Assentindo, ela voltou a recostar a cabeça no peito dele. Velhas bases, pensou, novas fases. Quem poderia saber o que era possível construir?

– Pena que não estou com a vida ganha...

– E quem está?

– Pois é, mas preciso preparar massa de pizza para poder ganhar dinheiro e pagar o meu proprietário – disse Avery, erguendo a cabeça e sorrindo.

– Então, enquanto você faz isso, vou aproveitar o silêncio e dar uns telefonemas. A respeito disto aqui – acrescentou, apertando-a nos braços e apontando para o projeto. – Ainda vai demorar um pouco. Fazer as alterações, acertar a parte técnica, obter as licenças... E, por enquanto, estamos concentrados no outro prédio.

– Não importa o tempo que vai levar – disse ela. Pensou nele, nos dois juntos,

no tempo de vida que já tinham compartilhado. – O que importa é o tempo que vai durar.



Assim que abriu a pizzaria, Hope passou pela porta.

Avery estava cobrindo uma pizza grande com fatias de pepperoni.

– Olá. Como vão as coisas lá em Hollywood?

– Bem. Até agora, tudo tranquilo. Estão gravando uns vídeos e fazendo entrevistas com os Montgomerys.

Tenho dez minutos.

– Sente aí – disse Avery, enfiando a pizza no forno.

– Achei que era melhor passar aqui e lhe contar pessoalmente em vez de mandar uma mensagem de texto. Várias pessoas perguntaram sobre o almoço, então resolvemos recorrer à Vesta.

– Acho ótimo. Ainda bem que fiz mais massa.

– Acontece que alguns dos jornalistas tiveram a ideia de gravar entrevistas pelos arredores também.

Começando por aqui. Com você.

– Comigo?

– E querem fazer umas fotos também.

– De *mim*? Não, não dá. Olhe só como estou. Meu avental está sujo de molho. Não lavei o cabelo hoje de manhã. Estou sem um pingo de maquiagem.

– Quanto ao molho, tudo bem. Faz parte do trabalho. O cabelo está ótimo. Temos nove minutos. Posso fazer uma maquiagem em seis. Vamos lá.

– Mas temos pedidos... Merda. Chad, pus duas grandes no forno para entrega. Cuide disso. Volto em cinco minutos.

– Seis – emendou Hope.

– Seis! – gritou Avery, correndo para a porta. – Porque ninguém me disse que isso podia acontecer? Eu teria me arrumado.

– Seis minutos. Talvez até menos. Os deuses lhe deram uma pele incrível. Vamos só destacar os olhos, lhe dar um pouco mais de cor e menos brilho.

– Estou brilhando! – Desesperada, Avery entrou em disparada pelo apartamento e correu para o banheiro. – Esta camiseta é velha – acrescentou.

– Está por baixo do avental – observou Hope, que, concentrada na tarefa que tinha pela frente, foi logo abrindo a gaveta da penteadeira.

– O avental sujo de molho...

– Já disse que isso é até bom. É parte da propaganda. Sente logo – ordenou. – É uma coisa muito simples. Não é nenhum teste para um filme importante.

São só alguns segundos no noticiário da noite.

– Ai, meu Deus.

– Fique quieta. Por que não organiza a maquiagem por setores? Olhos, lábios, face...

– Não venha me dar bronca quando estou quase surtando. Por que resolvei pintar o cabelo desta cor?

– Por que pinta o cabelo seja lá do que for quando tem uma cor natural

maravilhosa?

– Tédio. Começou por tédio, mas agora virou um vício.

– Cale a boca e feche os olhos.

Hope aplicou a sombra, esfumçou um pouco, depois partiu para o delineador, limpou os excessos. – Não mandei você comprar um curvex?

– Tenho medo – disse Avery, abrindo os olhos.

– Pois supere. Olhe para cá – falou Hope, pondo um dos dedos rente aos cílios da amiga e passando o rímel.

– Por que está sempre assim tão perfeita? – lamentou Avery. – Por que é tão linda? Odeio você.

– Posso fazer umas bochechas de palhaço em você.

– Não! Por favor!

– Sua pele parece porcelana. Odeio você – afirmou Hope, aplicando o blush com rapidez e habilidade. – E, pelo amor de Deus, trate de comprar um curvex. E um lápis labial. Relaxe o queixo – acrescentou, escolhendo um batom em meio aos inúmeros que estavam todos misturados dentro da gaveta.

Em seguida, passou o pó iluminador e, mais uma vez, tirou o excesso.

– Pronto. E em quatro minutos.

– Minhas pizzas...

– Chad já cuidou disso. Dê uma olhada.

Avery se levantou para ver o resultado no espelho. Seus olhos pareciam maiores e mais azuis; o contorno do rosto estava mais definido; os lábios, rosados.

– Você é um gênio – falou.

– Sou mesmo.

– E meu cabelo?

– Deixe ver. Vinte segundos – disse Hope, cutucando aqui, ajeitando ali. Depois, assentiu. – Natural, desprezioso e ligeiramente sexy.

– A camiseta...?

– Está ótima. Vamos trocar os brincos. Faltam trinta segundos.

Hope correu e abriu a gaveta das bijuterias. Estreitando os olhos, examinou rapidamente o conteúdo.

– Estes – decidiu. – Um pouco de brilho, um pouco de movimento e, ainda por cima, são da Gifts. É simbiótico.

Pôs um dos brincos enquanto Avery colocava o outro.

– Será que eu não devia...? – começou a dizer Avery.

– Está pronta – declarou Hope, pegando a amiga pela mão. – Não pense mais nisso. Quer que os jornalistas falem da comida excelente, da qualidade do serviço e do ambiente agradável, não é?

– Claro, claro. Meu Deus, que burrice. Minha aparência não tem a menor importância. Bem, tem, mas preciso avisar o pessoal. Tenho que ligar para Franny e pedir que ela venha.

– Não vai doer nada. Temos que ir.

– Obrigada pela maquiagem. Obrigada mesmo.



Por volta de uma hora, Avery estava ocupada demais para se preocupar com a camiseta, o molho no avental ou se o batom já teria saído todo. Concentrou-se nas pizzas, preparando uma após outra, dando graças a Deus pela presença de Franny, que tinha vindo assim que ela ligou e estava cuidando dos pratos de massa e das saladas.

Conseguiu sair viva. Na verdade, deu duas entrevistas rápidas sem se afastar do seu balcão de trabalho. Chegou até a jogar a massa para o alto a pedido de um câmara.

E pensou que não seria nada mau aparecer na TV, mesmo que fosse apenas por dois ou três segundos.

Às três horas, quando toda aquela loucura já tinha terminado, Avery conseguiu finalmente parar um pouco e desabou de cansaço na parte de trás do restaurante, agora vazia, com uma garrafa de Gatorade na mão.

Acenou quase sem forças quando Clare chegou.

– Acho que gastei todos os meus eletrólitos. Foram à sua loja também?

Clare ergueu a mão com um copo descartável do café de sua livraria.

– Expresso duplo com leite desnatado – falou.

– Não precisa dizer mais nada.

– Mas foi bom. Bom para a loja, para a pousada, para a cidade, acho.

– Aposto que Hope não precisou ir correndo até a Virando a Página para maquiá-lo.

– Não, mas não passei o dia inteiro trabalhando numa cozinha quente.

– Boa resposta.

– O repórter da *Hagerstown Magazine* vai tentar convencer a editora a fazer uma continuação ou uma matéria relacionada a essa de hoje. Com você, com Hope e comigo.

– Nós três? Que tipo de matéria?

– Três mulheres, três amigas. A dona de uma livraria, a dona de um restaurante, em breve de dois, e a gerente da Pousada BoonsBoro.

– Não vou querer usar um avental todo manchado assim – falou Avery, apontando para a mancha de molho. – Vamos ficar sabendo com mais antecedência, não é? Não vou ter que passar de largada a produção em quatro minutos, certo?

– Com muito mais antecedência. Se tudo der certo, nós mesmas vamos decidir o dia e a hora. Vai ser uma ótima divulgação pra gente. Mesmo assim, não sei como Hope consegue. Ela levou um dos jornalistas à livraria.

Parecia...

– Perfeita.

– Perfeita. E relaxada. Estou louca para ver como vai ser no noticiário de hoje e, depois, no jornal. Beckett vai pegar os meninos na escola... Bem, a esta altura, já pegou. Disse que os quatro precisavam de um tempo só para os homens.

– Você tirou a sorte grande, Clare – disse Avery, toda enternecida.

– Eu sei – falou Clare. – E eles me mandaram encomendar espaguete com almôndegas aqui na Vesta.

Porções especiais para homens.

– Ah, isso nós podemos resolver.

– Vou precisar de mais ajuda logo, logo. Depois da inauguração, só vão faltar dois meses para o casamento.

Não vamos fazer uma festa, mas...

– Tudo tem que ficar lindo.

– A começar pelos vestidos. O meu, o seu e o de Hope.

– Vamos tirar um dia para isso. Pode escolher. Dou um jeito para que tudo corra bem.

– Para mim, é sempre melhor às quintas-feiras. E, se possível, a primeira quinta depois da inauguração. Tenho que ver se Hope vai poder. Posso remanejar alguns compromissos se for melhor numa quarta.

– Seja como for, pode deixar que eu dou um jeito.

– Falei com Carol, da Mountainside, sobre as flores. Bastante coisa já está encaminhada. Mas ainda não conversamos sobre o bufê.

– Por que não deixa isso por minha conta? Vou pensar numa opção e depois, juntas, fazemos alterações, eliminamos ou acrescentamos o que você quiser. Posso fazer a organização para você.

– Isso já tira um peso das minhas costas. Obrigada.

Inclinando-se para a frente com um sorriso radiante, Clare pegou as mãos da amiga.

– Vou me casar, Avery.

– Ouvi dizer...

– Está tudo acontecendo tão depressa... Lembra quando eles começaram a trabalhar na pousada? Parecia que aquela obra não ia terminar nunca. E agora está tudo pronto e às vésperas da inauguração. Vou me casar. Beckett está quase acabando a reforma da casa. Ando escolhendo ladrilhos, torneiras, luminárias.

– Está nervosa?

– Não. Nervosa, não. Meio atordoada, sob certos aspectos. Casamento, casa nova e, se tudo correr como esperamos, um bebê a caminho daqui a alguns meses.

– Parece mesmo estar tudo bem com você.

– É exatamente como estou me sentindo. E você?

Está nervosa?

– Com o quê?

– Você e Owen.

– Não. Acho que nervosa não é a palavra. Talvez um pouco atordoada também. Num minuto tenho toda a certeza do mundo. No outro me pergunto “*O quê? De onde surgiu isso e o que vou fazer?*”. – Ela apoiou o queixo na mão. – Depois, volto à certeza. Somos amigos desde crianças e, agora, estamos nos vendo de um jeito diferente. Isso me deixa meio atordoada. Mas talvez seja bom. Se não, em pouco tempo, essa certeza toda poderia se transformar em indiferença.

Antes de se recostar novamente na cadeira, Clare apertou a mão de Avery.

– Você se acha meio negligente com as pessoas. Não sei de onde tirou isso. Eu a conheço há muito tempo e você nunca foi assim. Nós nos dávamos bem no

ensino médio. Sim, andávamos com amigos diferentes, apesar de sermos ambas capitãs do grupo das líderes de torcida.

– Força, Guerreiros!

– Força, Guerreiros! Mas, quando voltei para cá depois da morte de Clint, você logo se prontificou a me dar o maior apoio. De braços abertos, Avery. Não sei o que teria feito sem você. E continuo pensando do mesmo jeito.

Desta vez, foi Avery quem pegou a mão de Clare.

– E nunca vai precisar descobrir.

– Eu me sinto da mesma forma em relação a você. Você não é indiferente com as pessoas. Tenho que ir agora. Passo por volta das cinco para pegar o espaguete com almôndegas.

– Mando entregar. É menos uma coisa para você fazer.

Avery continuou sentada ali, sozinha, por mais um instante. Decidiu, então, que já tinha descansado o suficiente. E já tinha se preocupado o suficiente com o que poderia acontecer em vez de curtir o agora.

Pegou o celular e mandou uma mensagem para

Owen: SAIO DAQUI A UMA HORA. QUER PASSAR LÁ EM CASA PRA
COMER UMA PIZZA E TOMAR UM VINHO?

Terminou o Gatorade e tentou relaxar os ombros cansados. Depois, sorriu ao ver a resposta dele: VOU PASSAR AÍ DAQUI A POUCO PARA TOMAR UMA
CERVEJA COM RY. LEVO VOCÊ PARA CASA.

– É isso aí, Owen. Você me leva para casa. É o que um namorado legal faz.

Levantou-se, fez uma dancinha sem sair do lugar e só então voltou ao trabalho.

capítulo treze



DA MANHÃ IMPLACAVELMENTE FRIA da inauguração da

Pousada BoonsBoro àquela tarde de bater o queixo, Avery calculou que tinha corrido cerca de 30 quilômetros de um lado para outro da Main Street.

Não teria perdido um metro sequer.

Durante o dia, Hope e Carolee poliram e arrumaram cada milímetro da pousada até que tudo estivesse brilhando. Cada vez que Avery voltava, encontrava mais flores em cima das mesas, dos consoles das lareiras e até nos largos parapeitos da sala de jantar. Mesas e cadeiras foram dispostas no quintal e nas varandas, e na parte interna o fogo crepitava nas lareiras.

Em determinado momento, Avery chegou, apressada, carregando bandejas com comida enquanto Hope – de calça jeans e casaco de moleton – recebia a entrega das louças e dos copos alugados.

– Já volto – disse-lhe Avery. – Vou pedir a um dos funcionários que traga o restante, e depois mais, caso seja necessário.

– Estamos cumprindo todos os itens do cronograma. Carolee acabou de ir para casa se arrumar.

– Vou fazer isso, mas volto... em uma hora, no máximo.

– Não precisa correr – falou Hope, com sua serenidade habitual. – Está tudo certo.

– Por que estou nervosa? A pousada não é minha.

Apressada, Avery saiu e atravessou a rua.

Cinquenta e cinco minutos depois, apareceu com sua bolsa de viagem, sentindo-se o máximo por ter se arrumado tão rápido, e encontrou Hope organizando o bar. Ela estava usando um vestido vermelho que era um arraso total.

– Já está arrumada?! Você está maravilhosa. Não é justo. Odeio você.

– Fiz uma pequena pausa pra me arrumar. Não queria ter que subir correndo pra me trocar quando os Montgomerys chegassem. O que deve acontecer daqui a pouco.

– Eu é que devia ter ficado pronta primeiro. Que irritante!

– Isso é problema seu. – Com as sobrancelhas arqueadas, Hope apontou para os pés dela. – Preciso informá-la que você está usando um pé de cada sapato.

– Qual dos dois fica melhor? – perguntou Avery, dando uma voltinha. – Não consegui decidir. E o vestido não caiu bem, não é? É cinza.

– Não é só cinza. Tem brilhos no corpete, o que eu adoro. Onde foi que você arranjou esse sapato azul safira? Também quero.

– Comprei no ano passado, num momento de fraqueza. Ainda não tinha estreado. Não tenho certeza se...

– Ah, tem, sim. Vou lhe dizer o que é irritante: seu pé é um número menor do que o meu. Caso contrário, eu arrancaria esse sapato agora de você. Ainda estou pensando se não vou fazer isso.

– O azul, então. Posso pôr essas coisas, inclusive o sapato preto rejeitado, no seu apartamento?

– Claro. Vá lá.

– Já desço para vir ajudar.

Avery tirou os dois sapatos e subiu as escadas correndo, descalça. Abriu a porta e deixou a bolsa e o sapato preto lá dentro, depois calçou o azul novamente.

Como a porta da cobertura estava aberta, ela aproveitou para entrar e dar uma olhada no aposento tão extraordinário. Havia vasilhinhos de flores espalhados sob a janela da saleta, na bancada suspensa do banheiro e mais alguns pelo quarto. Tudo ali reluzia.

Não podia nem imaginar o que os Montgomerys estariam sentindo. Ela própria, que não tinha feito nada além de observar a construção da pousada, estava que era só orgulho e satisfação.

Ao descer a escada, deixou a mão deslizar pelo corrimão de ferro.

Querendo ver mais, foi até a Nick & Nora. Passaria a noite ali com Owen, pensou. Na bela cama, sentindo o cheiro das flores, em meio ao brilho do cristal.

Fariam amor ali, na penumbra, e seriam os primeiros a trocar carícias naquela suíte. Havia um quê de mágico nisso.

Virou-se ao ouvir alguém se aproximar e sorriu ao ver que era Owen.

– Estava pensando em você e quem surgiu na minha frente? E belíssimo, por sinal.

Owen estava lindo num terno escuro, com uma gravata quase da mesma cor que o vestido dela (a mágica em ação novamente).

– Está sempre me surpreendendo, Avery.

Ela deu um sorriso caloroso.

– Esta noite merecia uma roupa mais caprichada, e nós dois estamos definitivamente elegantes. Fiquei pensando em como você e sua família devem estar se sentindo. Deve ser maravilhoso, porque eu, que não fiz nada, estou toda orgulhosa e feliz.

– Fez, sim. Carregou coisas, trouxe comida, fez faxina. E nos ajudou a encontrar Hope.

– Tem razão, fiz mesmo. E montei sozinha este lindo abajur de pé. – Limpou com o dedo uma lágrima que escapou. Seus olhos brilhavam tanto quanto a luminária. – Grande coisa.

– Eu acho. Tenho uma coisa pra você.

– Pra mim?

– Pra agradecer por tudo o que fez para nos ajudara chegar até aqui hoje.

– Um presente? – Com um gritinho de surpresa, aproximou-se de Owen. – Não fiz nada para merecer presentes, mesmo se considerarmos a montagem do abajur, mas adoro presentes, então, vou querer. Pode me dar.

Ele tirou um embrulho do bolso, depois pegou o papel que Avery rasgou e fez

uma bolinha com ele enquanto ela erguia a tampa da caixinha.

– Meu Deus, que coisa linda!

A pequena chave de platina estava pendurada numa correntinha com diamantes pequeninos.

– Quando a vi, não consegui resistir. É simbólico. A chave para a Pousada BoonsBoro. Para sempre que você quiser usar.

– A ideia é linda, também. Obrigada. Muito obrigada– disse Avery, inclinando-se para beijá-lo. – Adorei. São meus primeiros diamantes.

– É mesmo? São tão mixuruquinas...

– Nenhum diamante é mixuruca. Quero usar agora.

– Venha, deixe-me ajudá-la – falou Owen, postando-se atrás dela para atar o fecho.

Ela levou a mão à chavinha e ficou observando a imagem dos dois refletida no espelho grande de moldura prateada.

Depois cobriu a mão dele que estava em seu ombro com a sua.

Não conseguiu encontrar palavras, sobretudo quando percebeu que ele também estava olhando para o reflexo deles no espelho.

Quando seus olhos se encontraram, ela sentiu o coração disparar novamente. Depois sentiu algo novo, uma pulsação firme e lenta, que se propagou pelo seu corpo e chegou às solas dos pés.

– Owen. – O que quer que Avery estivesse pretendendo dizer, ou o que poderia ter dito, se dissipou no ar quando ela viu a sombra no espelho. – Owen – repetiu.

– É, eu vi.

Avery engoliu em seco.

– O que você viu?

– Ela. Elizabeth.

– Eu vi uma sombra. Uma silhueta.

– Eu a vi. Estava sorrindo, mas tinha lágrimas nos olhos. Ela... estava acenando? Isso... Não, estava me mostrando a mão. A mão esquerda. Um anel. Com uma pedrinha vermelha incrustada.

– Um rubi?

– Acho que não. Acho que era mais escuro.

– Uma granada?

– Talvez. É, talvez. Será que era um anel de noivado?

Dentro de sua mente, Owen ouviu, suave como um desejo: *Billy*.

– Você ouviu isso? – perguntou a Avery.

– Não. Estou sentindo cheiro de madressilva e vendo a silhueta dela, eu acho. Mas não ouvi nada. O que você ouviu?

– Ela disse o nome dele mais uma vez. Billy.

Avery se virou.

– Um anel de noivado, foi o que você disse.

– É só uma suposição.

– Ela mostrou a você o anel, depois você a ouviu dizer o nome dele. Aposto que é um anel de noivado. Ela e Billy iam se casar. Temos que achá-lo para ela, Owen.

A urgência na voz de Avery quando se virou e agarrou-o pelos braços surpreendeu Owen.

– Vou fazer o que puder.

– Faz tanto tempo... Ela está esperando há tanto tempo...

Isso a deixou esperançosa. Tinha esperança de que o amor verdadeiro fosse o mais importante. A ponto de durar para sempre.

– Ainda não consegui ligar todos os pontos, talvez por isso não tenha chegado a lugar nenhum. Depois desta noite terei mais tempo. E temos que descer. O corte da fita de inauguração está programado para daqui a vinte minutos – informou Owen.

– Eu disse a Hope que desceria logo para ajudá-la e acabei me distraindo. – Ela levou a mão à chave de novo. – Obrigada mais uma vez.

– Está linda com este vestido. – Ele fez um carinho no ombro dela, distraído. – Pode ir. Já vou descer também.

Owen só queria um instante, um único instante, e foi sozinho até o Elizabeth & Darcy.

– Me desculpe. Estive ocupado me preparando para a inauguração e cuidando da... – Dizer “da vida” não lhe pareceu muito apropriado. – De algumas coisas. Mas prometo que continuarei tentando encontrá-lo. Você precisa saber que teremos muitas pessoas circulando por aqui hoje à noite, entrando na suíte. É uma festa, está bem? E depois minha mãe vai dormir aqui. É a minha mãe, então... só queria que você soubesse.

Balançou a cabeça.

– Provavelmente Beckett já lhe disse. Vai ser uma grande noite para a minha família, para a cidade. Tenho que me concentrar nisso.

Pensou ter sentido algo esfregar sua lapela, como uma mulher faria ao se despedir de um homem.

– Ah, obrigado. Acho.

Ao sair, olhou para trás, mas não viu nada. Então desceu em direção às luzes e às vozes.



Depois de séculos de mudança, de guerra e de tempo, de abandono e um suado esforço, a antiga hospedaria voltava a receber hóspedes. Eles circulavam pelas suítes, recebiam calorosas boas-vindas, reuniam-se em grupos perto das lareiras e conversavam com os vizinhos na cozinha aberta.

Espaços que tinham ficado no escuro por tanto tempo agora estavam iluminados; vozes davam vida a anos de silêncio. As pessoas andavam pelos belos pisos de cerâmica e de madeira polida, recostavam-se no sofá cor de creme ou tomavam drinques sob os arcos. Os destemidos o bastante para encarar o frio saíam para admirar o jardim ou a vista da graciosa varanda.

Alguns sentiram um suave aroma estival de madressilva, mas não deram maior importância a isso. Mais de uma pessoa sentiu uma mão roçando em seu ombro e, ao se virar, não viu ninguém. Owen percorreu a pousada com amigos algumas vezes e encontrou a porta da varanda da Elizabeth & Darcy aberta. Ele

se limitou a fechá-la enquanto os convidados teciam comentários sobre a cama ou sobre o mosaico de azulejos, ou ainda sobre o belo vitral do lustre.

– Pode parar com isso – disse baixinho, e prosseguiu.

Mais tarde naquela noite, foi à E&D novamente e ficou feliz por encontrar a porta fechada. Elizabeth devia estar ocupada demais com a festa para ficar brincando com ele.

Quando se virou para sair, Franny entrou. Usava uma calça preta e uma blusa de babados por baixo de um blazer cinturado em vez da habitual calça jeans com camiseta.

– Oi! Trouxe mais bandejas e agora é minha vez de circular por aqui.

– Você está muito bonita, Franny.

– Obrigada. Quis me produzir um pouco, já que vou ficar andando por aí. Caramba, Owen! – Dando uma olhada ao redor, Franny passou os dedos pelo estofado do pé da cama. – Está tão bonito! Honestamente, sei quanto tempo e esforço vocês dispensaram a este lugar, mas, juro, parece um milagre.

– Obrigado. Estamos muito orgulhosos do resultado.

– Não é para menos. Só vi os quartos deste andar e ainda estou na dúvida sobre qual é meu favorito.

Ele tinha ouvido variações dessa mesma fala a noite toda, mas ela ainda o fazia sorrir.

– Eu também. Quer que mostre o resto?

– Não, não precisa se preocupar. É como se eu estivesse fazendo uma exploração – respondeu ela, com uma risada –, e estou adorando. Além do mais, tenho encontrado pessoas conhecidas aonde quer que eu vá.

Acabei de ver Dickna Eve & Roarke.

– Qual Dick?

– O barbeiro. E vi Justine e os pais de Clare na biblioteca. – Passando ao lado dele, ela entrou no banheiro. – Ah, olhe essa banheira. Parece que saiu de um romance inglês.

– Essa é a ideia.

– É uma ideia maravilhosa. Eu poderia morar neste banheiro, e disse isso a respeito de todos os outros que vi até agora. Não se preocupe comigo. Volte para a festa.

– É bom fazer uma pausa de vez em quando.

– Imagino. Já que o encontrei sozinho por um instante, aproveite para dizer que acho muito bom ver você e Avery juntos.

– Ah. É...

– Estava acostumada a vê-los como amigos, como todo mundo, então, foi uma surpresa. Uma surpresa muito boa.

– Também foi... uma surpresa para nós dois, eu acho.

– Que bom. Ela merece ser feliz, e você merece estar com ela.

– Estou fazendo o melhor que posso.

– E até agora está indo muito bem. Ela é bastante importante para mim.

– Sei disso.

– É bom você saber – disse ela, aproximando-se e dando umas batidinhas no peito dele com o indicador – que, se a fizer sofrer, vou despejar um frasco

inteiro de laxante no seu calzone. E você nem vai desconfiar. – Ela arqueou as sobrancelhas, assentindo, e acrescentou: – Como gosto de você também, e sou justa, farei o mesmo com ela se não se comportar.

Só por precaução, talvez fosse melhor ficar sem comer calzones por um tempo.

– Você é meio assustadora, Franny.

– É para ter medo mesmo. Vou ver a próxima suíte.

Quando ela saiu, Owen percebeu uma risada sussurrada e um cheiro de madressilva atrás de si.

– Ah, claro, vocês, mulheres, adoram um motim.

Mais uma vez ia sair, mas se deteve. Dessa vez foi Willy B. quem apareceu na entrada do quarto. Owen pensou que, se as autoridades das altas terras escocesas usassem ternos e gravatas de bolinhas, ficariam bem parecidos com Willy B. MacTavish.

– Oi. Estava procurando Justine.

– Me disseram que ela estava na biblioteca. É só seguir pelo corredor e virar à esquerda.

– É, eu lembro. – Willy B. se aprumou, num claro indicio de que estava a ponto de lhe dizer algo embaraçoso. – Hã, já que o encontrei sozinho por um instante...

– Isso está virando moda.

– O quê?

– Nada. Aconteceu alguma coisa?

– Algumas coisas. – Entrou no quarto e deu uma olhada para trás. – Acho que preciso lhe dizer, a você e a seus irmãos, que Justine... Ela perguntou se eu... – Fez uma pausa, deu uma boa olhada à sua volta e então prosseguiu: – Ela quer que eu fique aqui esta noite. Entende?

– Ah. – Que merda, pensou Owen. Devia ter imaginado o que o esperava. – Bem... – disse, enfiando as mãos nos bolsos.

– Entendo que você possa se sentir um pouco... Eu me sinto... mas... Bem.

– É. Posso perguntar se vocês... se isso... se fizeram planos ou algo assim?

– Sua mãe é muito importante para mim. Eu gostava demais do seu pai.

– Eu sei que gostava.

– Sei que ele queria que eu cuidasse dela, e foi o que fiz. E ela é uma mulher e tanto, a sua mãe. Tenho o maior respeito por ela. Nunca faria nada para magoá-la.

Prefiro que cortem minhas mãos antes disso.

– Ok, Willy B.

– Ok – O rubor em seu rosto diminuiu um pouco.

– Vou falar com Ryder e Beckett.

– Pode deixar que eu me encarrego disso.

Do contrário ele ia levar mais uma hora e meia dando voltas.

– Se acha melhor assim... – Willy B. assentiu e pigarreou. – Hum, você e Avery estão... Minha Avery.

Os dois estavam no mesmo barco, pensou Owen.

– Sabe tudo o que você disse a respeito da minha mãe? O mesmo vale para

Avery. Ela é importante para mim. Sempre foi.

– Sei que é verdade. Ela sempre teve uma quedinha por você.

– Ah, é? – Deus do céu, agora ele é que ia, de uma hora para outra, ficar ruborizado e desconfortável. – Eu não sabia.

– Você talvez não soubesse, mas eu sabia. Assim como sei que ela ainda se ressentia do fato de a mãe ter indo embora. Quero que seja cuidadoso com ela, Owen. Ela teve outros namorados, mas você é diferente. Vocês têm um passado e amigos em comum, e, ainda por cima, há os sentimentos dela por você. Minha menina é forte, mas não é à prova de mágoas. É fácil esquecer isso, então... não esqueça. Bem, acho que é isso.

Com um enorme suspiro de alívio, Willy B. olhou em volta.

– Este local está o máximo! Vocês fizeram um trabalho e tanto aqui. Tommy, lá em cima, deve estar todo orgulhoso de Justine e dos seus garotos. Orgulhosíssimo. É melhor eu ir andando.

Sozinho, Owen se sentou na beirada da cama. Que notícia bombástica, pensou. Sua mãe e Willy B. ali naquela cama, juntos. Ao imaginar isso, se levantou depressa e lançou um olhar incomodado para a cama.

Provavelmente seria melhor não pensar nisso.

A porta da varanda se abriu sozinha.

– É, preciso mesmo de um pouco de ar.

Foi até lá e soltou o ar por entre os dentes, tremendo de frio. Queria poder pegar uma cerveja ali.

Está legal, pensou. A avenida principal. Ele a conhecia desde que se entendia por gente. Tinha mudado, é claro. Um negócio novo, uma pintura nova, vizinhos novos, crianças que cresciam ali como ele próprio havia crescido. Mas continuava igual para ele.

Assim como Avery. Igual. Uma espécie de modelo.

Ela também havia mudado. Os dois mudaram juntos, pensou. Cresceram, amadureceram, ampliaram seus horizontes.

Observou a Vista, as luzes, as pessoas se movendo por trás da vidraça.

Avery havia construído aquele lugar. Tinha recebido o local em ruínas e o transformara no que era hoje. E agora faria isso mais uma vez, com o novo restaurante.

É, ela era forte, inteligente e gostava de trabalhar. Tinha se endurecido quando a mãe os abandonara. Mas havia mantido a cabeça erguida, apesar das inúmeras provocações que algumas crianças faziam.

Ele próprio tinha dado uma palavrinha com uns babacas sobre esse assunto, recordou-se. Achava que ela não sabia disso, como também não devia saber que uma vez, pouco depois de Traci MacTavish ir embora, ele entrou em casa pela cozinha e a surpreendeu chorando, abraçada com Justine.

Owen saiu de fininho, e quando viu Avery de novo, ela já estava com os olhos secos e o olhar firme.

Raramente a viu assim.

Willy B. tinha razão. Algumas coisas deviam fazê-la sofrer e ele tinha que tomar cuidado.

“Outros namorados.” Isso significava que, para Willy B., Owen era o novo

namorado dela.

Não tinha pensado antes no fato de ter sido o primeiro namorado dela. Só de brincadeira. Agora tanto

Franny quanto Willy B. o tinham feito ver as coisas de forma mais ampla.

Owen nunca tinha chamado Avery para sair. Para ir ao cinema, a um show, a um jantar.

Nunca lhe comprara flores.

Ok, tinha lhe comprado um presente, o que garantiria a ele alguns pontos se estivesse tentando estabelecer um placar, o que não era verdade. Não exatamente.

Em geral ela acabava cozinhando para ele. Claro, Avery gostava de cozinhar, mas isso não estava certo, não é?

Se queria que aquilo fosse um relacionamento de verdade, e ele queria, tinha que começar a se empenhar mais.

– Não me esforcei em nada – admitiu para si mesmo. – Que grande erro.

Começaria de novo, decidiu, e se virou para entrar.

Viu uma garrafa de cerveja na mesinha entre as portas.

– Como diabo você consegue fazer isso? – Sentindo um calafrio percorrer sua espinha, Owen pegou a garrafa e tomou um gole. – Não sei se acho isso assustador ou prático. Mas obrigado.

Bebeu mais um gole.

– Agora estou aqui, morrendo de frio, tomando uma cerveja servida por um fantasma e falando sozinho.

Balançando a cabeça, voltou atrás e fechou a porta da varanda. Terminou a cerveja e desceu para procurar Avery.

Devia ter suposto que ela estaria fazendo algo útil. Encontrou-a no lounge, servindo champanhe aos convidados.

– Onde está o seu? – perguntou ele.

– Ah, aí está você. O meu o quê?

– Champanhe.

– Ah, eu estava com uma taça. Acho que deixei na cozinha quando fui trocar as bandejas.

– Você não está aqui para trabalhar – retrucou ele. Pegou a garrafa, depois a mão dela, e a conduziu até as taças vazias. – Está aqui para se divertir – acrescentou, servindo-lhe.

– Estou me divertindo. Suas mãos estão um gelo.

– Fui lá fora um pouquinho. Vamos procurar um lugar para sentar. Você tem que descansar os pés.

– E você tem que socializar com os convidados.

– Já fiz isso. Agora quero me sentar e ficar um tempo com você.

Ele se inclinou e deu um beijo nos lábios dela.

Avery o fitou, achando aquilo estranho. Não que estivessem tendo um relacionamento clandestino, mas era a primeira vez que ele a beijava em público.

Sim, ele a tinha beijado no ano-novo, lembrou, mas as pessoas tradicionalmente se beijavam à meia-noite, então isso não contava.

Sentiu olhares especulativos voltados para eles.

– Você está bem?

– Estou ótimo. – Ele passou o braço pelos ombros dela e a encaminhou para a escada. – E você, como está?

– Ótima também. Só queria verificar se...

– Avery, não precisa verificar nada. Está tudo aí e as pessoas estão se divertindo. Você precisa relaxar.

– Não relaxo em festas a menos que esteja fazendo alguma coisa. Minhas mãos começam a coçar.

– Pode coçá-las – sugeriu ele.

– Ei, Owen. – Charlie Reeder, um velho amigo e policial da cidade, cruzou com eles. – Pode me dar uma mão um instantinho?

– Qual o problema?

– Seu primo, Spence. Está querendo ir embora, só que andou bebendo a noite toda e se nega a me dar as chaves do carro. Tentei falar com ele, mas ele foi ficando agressivo. Não quero ter que prendê-lo. Talvez você possa convencê-lo antes que as coisas piorem.

– Sim, claro. Já volto.

Perdeu uns vinte minutos, a maior parte deles com o primo pendurado nele com aquelas conversas sentimentais de bêbado ou zurrando enquanto tentava andar em linha reta para provar que estava bem.

Quando caiu sentado pela terceira vez, Spence finalmente lhe deu as chaves.

– Eu o levo para casa, Owen – disse Charlie. – Já temos que ir mesmo. As crianças estão com a babá.

Charlene vai me seguindo e o deixaremos em casa.

– Muito obrigado, Charlie.

– Estou acostumado com isso. – Fez uma pausa, pôs as mãos nos quadris estreitos e deu uma olhada para o jardim e as varandas dos andares de cima. – Está muito bonito. Reservei uma suíte para a noite do nosso aniversário de casamento, em maio. Vai ser uma surpresa para Charlene.

– Qual suíte?

– Ela pareceu ter gostado mais de uma com umas cortinas na cama e uma banheira gigantesca.

– Titania & Oberon. Bela escolha.

– Hope me falou de um pacote que inclui uma garrafa de champanhe, um jantar para dois e sei lá mais o quê. Vamos fazer dez anos, então merecemos algo especial.

– Hope vai garantir que seja.

– Bem, eu ajudo a levar Spence para o carro.

– Deixe comigo. Vá lá chamar Charlene. E obrigado pela ajuda.

– De nada.

Quando ele voltou lá para dentro, a multidão tinha diminuído. Enquanto procurava de novo por Avery, foi interrompido por outros convidados que se preparavam para ir embora e paravam para agradecer por aquela noite, para elogiar a pousada e desejar boa sorte.

Owen ficava grato de verdade, mas se deu conta de que era a segunda festa

deles como um casal em que tinham passado a maior parte do tempo separados.

E Avery havia passado mais tempo servindo os outros que sendo servida.

Encontrou-a na sala de jantar, atendendo às mesas.

– Você não sabe ser apenas uma convidada?

– Na verdade, não. E prometi a Hope e Carolee que ajudaria a fazer a limpeza depois. Já é bem tarde. Foi muito bom, Owen. Todos tiveram uma noite ótima e adoraram ver a pousada. Deu até pra fazer algumas reservas.

– Eu soube. – Ele tirou os pratos das mãos dela. – Onde está sua taça?

– Larguei em algum lugar, mas tomei quase toda dessa vez. Acabei de acompanhar sua mãe até a biblioteca. Vamos levar lá para cima uma bandeja de frutas e queijos e alguns biscoitos salgados. Vocês quase não comeram nada. – Insistente, pegou de novo os pratos das mãos dele. – Suba. Daqui a pouco vou também. Vou terminar de ajudar Hope, depois vou pegar minha bolsa no apartamento dela.

– Eu pego. Onde está?

– Bem atrás da porta. Mas o apartamento dela está trancado.

– Vou buscar a chave.

Ele pegou a mala de Avery, pôs uma garrafa de champanhe num balde com gelo, acrescentou duas taças e pôs no bolso a chave da suíte Nick & Nora. Depois de deixar o balde no quarto para mais tarde, foi encontrar sua família, inclusive os pais de Clare, descansando na biblioteca e já atacando as bandejas de comida.

– Não achei que estivesse com fome até agora – disse Justine, pegando alguns biscoitos. – Ai está meu filho sumido.

– Custei a conseguir convencer Spence a me dar as chaves do carro – contou ele.

– Devia ter me chamado – retrucou Justine. – Ele sempre me ouve.

– Deu tudo certo. – Ele se deu conta de que, como

Avery tinha dito, não tinha comido muito mesmo e encheu a mão de azeitonas antes de se sentar no chão. – Eles vieram, viram e nós vencemos.

– Vencemos é pouco – acrescentou Beckett, aconchegado com Clare no sofá que dividiam com sua mãe e Willy B.

– Está terminado mesmo – observou Justine com um suspiro. – Quando penso nos últimos dois anos...

– Faria tudo de novo? – perguntou Rosie, mãe de Clare.

– Não lhe dê ideias – resmungou Ryder, olhando para o teto.

– Não faria, não. Isso é uma coisa para se fazer uma vez na vida.

– Graças a Deus.

Ela riu e pisou no pé de Ryder.

– Tenho outras ideias. Para depois. Mas agora... –

Ergueu sua taça e prosseguiu: – Aos meus filhos, Ryder, Owen e Beckett. Vocês fizeram meu sonho se tornar realidade.

Ryder esticou o braço e pegou na mão dela.

– Vou ter sonhos ótimos – disse ele. – Só me faça um favor: tenha sonhos mais tranquilos por um tempo.

Pelo brilho que viu em seus olhos quando ela tomou um gole de champanhe, Owen suspeitou que a mãe tinha outra ideia na cabeça.

capítulo catorze



NOITES BOAS CHEGAM TARDE e preguiçosas. Avery calculou que Justine e seu pai tivessem feito algum tipo de acordo para que o fato de dormirem juntos fosse um pouco menos traumático para os filhos.

Ou pelo menos os filhos homens, pensou, já que ela não se sentia nem um pouco traumatizada com a relação dos dois.

Willy B. saiu de fininho enquanto Justine ficou por ali mais um pouco. Alguns minutos depois, ela deu boa noite a todos.

Como um acordo tácito, ninguém mencionou o fato óbvio de os dois estarem prestes a passar a noite juntos em uma suíte naquele mesmo corredor.

Pensando bem, ela e Owen planejaram passar a noite na outra ponta do mesmo corredor, o que podia ser meio constrangedor, ou, do seu ponto de vista, bem divertido.

Então preferiu não pensar no assunto.

Em vez disso, dentro do ambiente déco da suíte Nick & Nora, Avery se espreguiçou. Estava tudo bem, pensou. Tudo na mais perfeita ordem.

Por puro deleite, deu uma volta para ter uma visão geral do quarto e viu o champanhe no gelo.

– Você sequestrou uma garrafa!

– Prefiro o termo *libertar*.

Vendo-a sorrir, Owen foi abrir a bebida.

– Isto é como um cenário de sonho. Ou uma bela produção teatral na qual eu sou a protagonista. Uma suíte linda e absolutamente estilosa depois de uma festa maravilhosa e animada, com um cara lindo me servindo champanhe. Se tivesse feito uma lista, poderia repassá-la, mas acho que todos os itens foram cumpridos.

Ele lhe entregou uma taça.

– Agora foram.

– A tudo, então – propôs ela, batendo a taça na dele em um brinde. – Em seguida, tomou um gole andando pelo quarto. – Deu tudo certo, não foi? – disse a Owen.

– Todo mundo feliz, muitas conversas animadas.

– Sim. E você viu e ouviu quase tudo. Você parecia estar por toda parte.

– Não consigo ficar quieta numa festa. – Ela deixou os sapatos que estava segurando ao lado da cômoda. – Preciso circular para não ter a sensação de que estou perdendo algo. Você desapareceu por um tempinho.

Ele tirou a gravata que já tinha afrouxado.

– Estava mostrando a pousada a algumas pessoas edepois fui fechar a

varanda da E&D.

– Elizabeth também passou a noite inteira circulando. Senti o cheiro dela várias vezes.

– Estive com seu pai lá em cima. Ele queria me avisar que passaria a noite aqui... com minha mãe. Na E&D. Juntos.

– Hum. – Avery se apoiou na cômoda, olhando para ele enquanto bebia o champanhe. – Já suspeitava. E como foi a conversa?

– Ele deu muitas voltas, como sempre, até conseguir dizer tudo o que queria. Já eu fiquei lutando desesperadamente para manter todo e qualquer tipo de imagem longe da minha mente. Nós dois nos saímos bem.

– Isso é bom, eu acho...

– Depois ele me advertiu quanto a você.

– Ele o quê?

Agora ela não estava mais sorrindo, satisfeita, notou

Owen.

– Nesse caso ele não fez rodeio nenhum. É bem mais direto quando o assunto envolve a menininha dele.

– Meu Deus... – começou ela, inclinando um pouco a cabeça para o lado. – Pensando bem, isso é fofo. E engraçado. O que você achou disso?

Owen tirou os sapatos e os deixou ao lado dos dela.

– Foi um pouco estranho. E revelador.

– É mesmo? – Gostando daquela ideia, Avery tomou mais um gole de champanhe. – O que ele disse?

– Isso fica entre nós, é coisa de homem.

Ela revirou os olhos.

– Você é a Avery dele – prosseguiu Owen, caminhando na direção dela. – A coisa mais importante para Willy B. E é importante para mim também.

Ela sorriu.

– É bom ser importante.

– Você é – repetiu Owen, deixando de lado a taça e pondo as mãos nos ombros de Avery, deslizando-as até os cotovelos e voltando a subir. – Talvez eu não tenha lhe dito ou demonstrado isso.

Ele parecia tão sério, com aqueles olhos azuis agora mais intensos que plácidos, que ela se sentiu um pouco atordoada.

– Voltamos atrás. Já sabemos que somos importantes um para o outro.

– Sim, é verdade – concordou ele, pousando os lábios suavemente nos dela. – Mas isto que está acontecendo agora é diferente.

Ela inclinou a cabeça um pouquinho mais para trás.

– É, sim.

Não é só isso, pensou ele enquanto ia aumentando a intensidade do beijo. Não tinha certeza do que era – na verdade, não tinha certeza de absolutamente nada –, mas aquilo era muito mais do que fogo de palha ou a satisfação de suas necessidades.

Percebeu que Avery se deixava levar, pouco a pouco, e soube, naquele instante, que queria exatamente isso. Deixar-se levar de forma branda, prolongada.

Tirou a taça da mão dela e a pôs ao lado da sua.

Sempre se surpreendia ao ver como ela era suave e delicada. Lábios, pele... Tudo nela era tão intenso, tão vivo, mas a delicadeza estava sempre presente.

E o coração dela também trazia muita delicadeza. Ele sabia disso, sempre soube, mas precisava prestar mais atenção a essas sutilezas.

– Adoro sentir você – murmurou Owen. – Sua pele, sua boca. E ver em seus olhos o que você também está sentindo.

Ela apoiou as palmas das mãos na cômoda às suas costas.

– Neste exato momento, estou deslumbrada.

– Ótimo. Então não estou sozinho nisso.

Ele tomou o rosto dela entre as mãos e deu um beijo suave em sua pele, delicado como seu coração. Então a ergueu nos braços.

Avery ficou com a respiração entrecortada. Esperava diversão, talvez até alguma bobagem. Em vez disso ele a arrebatou, fez com que se sentisse vulnerável, trêmula e até um pouco insegura.

– Owen.

– Suas mãos são tão pequenas... – disse ele, deitando-a na cama. Depois ergueu uma das mãos de Avery e a apoiou na sua palma. – Parecem delicadas, mas são incansáveis. Isso é surpreendente em você. E os seus ombros. – Afastouse um pouco. – A pele é tão suave e clara, mas eles são tão fortes... Sustentam tanta coisa...

Baixando a cabeça, ele deslizou os lábios pelos ombros dela e subiu pela linha do pescoço.

O brilho no quarto, o cheiro das flores, a mão de Owen na dela, tudo era de uma suavidade... como tudo a seu redor: ele, o momento, aquela nova dádiva inesperada, como a chave reluzente pendurada em seu pescoço.

Ele lhe fez um carinho lento, calmo, dolorosamente terno. Ninguém jamais a havia tocado desse jeito, nem a levava a se sentir tão... valiosa.

Então Owen tirou seu vestido, percorrendo com os lábios a pele recém-descoberta, levando-a a estremecer e suspirar. Ele observou como a luz cintilava nos olhos dela antes de se fecharem, como o corpo dela se movia sob suas mãos e sua boca. Sentiu as batidas fortes do coração de Avery.

Depois as batidas aceleraram ainda mais quando ele a conduziu mais para cima na cama. Avery se agarrou a ele, depois as mãos dela escorregaram e tombaram frouxas a seu lado.

Assim, pensou ele enquanto tirava a própria roupa. Assim mesmo, aberta, exposta, repleta de prazer.

Owen capturou sua boca mais uma vez, mergulhando num beijo profundo enquanto deslizava a mão para baixo até tocá-la entre as coxas e arrancar-lhe um gemido.

Então a penetrou, sentindo aquela seda quente e úmida.

Agora era ele quem tremia, submergindo nela; tremia com o desejo urgente, desesperado, sem deixar de mergulhar nela devagar e profundamente, brindando-a com estocadas torturantes e gloriosas.

Pegou as mãos dela e as entrelaçou às suas, sentindo o ritmo de cada pulsação. O ar ficou mais espesso, parecendo acompanhar seus batimentos.

Olhou para o rosto dela, só para o rosto, ao chamar seu nome – ou pensar em chamar.

Avery abriu os olhos e o fitou. Com as mãos e os corpos fundidos, ele baixou a cabeça até seus lábios tocarem os dela. Ambos plenos, enquanto deixavam, juntos, o ritmo ir serenando.



No silêncio da manhã, Owen a observou dormir. Era tão raro vê-la descansar...

Lembrou-se então das etapas de planejamento da pousada, das discussões, dos ajustes, das incontáveis reuniões e de todos os meses de obras.

Nunca teria imaginado que passaria sua primeira noite ali com Avery dormindo a seu lado.

Agora estava concluído. A pousada, a primeira noite. Havia outra obra a caminho, outro planejamento. E ali estava ela, dormindo profundamente, o cabelo parecendo uma pincelada no travesseiro branco.

Como seria a partir de agora?

Ele planejava, previa, calculava. Era o que fazia, tanto na vida pessoal como no trabalho. Mas não conseguia elaborar um planejamento com Avery, não via com clareza suficiente o caminho a ser trilhado para poder antecipar o próximo passo, calcular o movimento seguinte.

Era estranho, porque eles se conheciam tão bem... Não deveria ser tranquilo antever o que aconteceria em seguida?

Talvez fosse, pensou. Então por que se preocupar?

Levantou-se da cama meio surpreso por ela nem ter se mexido. Fechou com cuidado a porta do banheiro e observou, satisfeito, o boxe de vidro.

– Vamos ver como você se sai, gracinha – murmurou ele em direção ao chuveiro.

Testou as duchas laterais, a de cima, e cheirou o sabonete líquido de chá verde e gengibre, percebendo, para seu alívio, que não era muito feminino.

Quando esticou o braço para pegar uma das toalhas de banho felpudas, já estava inteiramente desperto e percebeu que precisava de um café.

A barba poderia esperar.

Vestiu uma calça jeans e uma camisa de flanela por cima de uma camiseta de malha de manga comprida. Decidiu não calçar as botas, que faziam muito barulho na escada, e ficou só de meias.

Mesmo com toda a movimentação dele, Avery continuava sem se mexer.

Owen saiu do quarto e desceu pela escada sem ouvir um ruído sequer enquanto se dirigia à cozinha. Foi atraído pelos cheiros e murmúrios de vozes femininas.

– Bom dia, querido – falou sua tia, recebendo-o com um sorriso e os olhos faiscantes enquanto se ocupava de escorrer o bacon. – Quer café?

– Quanto vai me cobrar?

Ela franziu os lábios e aceitou o beijo que ele lhe deu antes de ir buscar a cafeteira.

– O que é isso? – perguntou Owen, apontando para os dólãs brancos que ela e Hope estavam usando.

– Achamos que eles dão um ar de limpeza – respondeu Hope. – E são um pouco mais elegantes que aventais.

– Gostei.

Com a rapidez adquirida pela experiência, pegou uma fatia de bacon antes que Carolee pudesse dar um tapa em sua mão.

– Ei, não pode roubar – advertiu ela, apontando para o sobrinho. – O café da manhã começa daqui a meia hora.

– Mas o bacon já está pronto. O que achou da cobertura?

– Me senti uma rainha. Eu estava morta de cansaço, mas tive que mexer em tudo, sentar em cada poltrona – comentou, balançando a cabeça e rindo de si mesma. – Não parava de pensar que parecia um sonho. Eu me lembrei de quando Justine e eu escolhemos todos os tecidos. E lá estava eu sentada em cima deles.

– E você, o que achou da sua suíte? – perguntou Hope a ele.

– Sensacional. Fiquei até lamentando não estar usando um chapéu fedora. Acho que todos devem ter ido se recolher assim que a festa terminou. E devem estar dormindo ainda, porque não percebi nenhuma movimentação quando descii.

– Os hóspedes têm o direito de dormir até mais tarde. Mas, se estiver com fome, posso preparar algo rapidinho.

– Estou bem – disse ele, pegando mais uma fatia de bacon quando a tia virou de costas. – Acho que vou levar um café para Avery.

– Como você é fofo – comentou Carolee, estreitando os olhos ao vê-lo mastigar a segunda fatia de bacon. – E sorrateiro.

Hope serviu o café, colocando a quantidade de açúcar que sabia que Avery usava.

– Diga a ela para não se apressar. É para isso que temos réchauds.

Owen subiu e entrou no quarto em silêncio. Ela havia se mexido, observou, o bastante para ficar atravessada na cama. Podia ser pequena, mas, quando tinha a oportunidade, ocupava toda a cama sozinha.

Ele se sentou numa das pontas, inclinou-se para a frente e deu um beijo no rosto dela. Como não surtiu efeito, fez um carinho em seu braço. Desistiu então de tentar acordá-la delicadamente e lhe deu um beliscão.

– O que foi? Hã? Oi!

– Queria ter certeza de que ainda estava viva.

– Eu estava... – mexendo-se um pouco, ela esfregou os olhos – tendo um sonho de Harry.

– O quê?

– Harry, filho da Clare. Ele tem uns sonhos esquisitos, mas bem reais. Tive um sonho de Harry com girafas verdes de pintas vermelhas. Pode parecer natalino e alegre, mas não era. Eu estava montada numa delas, vestida como a Lady Gaga. Acho. Isso é café?

– É, sim, acho que está precisando.

– Obrigada. E um macaco de biscoito estava montado em outra, me perseguindo. Ele tinha dentes.

– Isso acontece com frequência?

– Não, graças a Deus. Mas tomamos todo o champanhe ontem à noite. Depois – acrescentou com um sorriso sonolento –, talvez isso tenha influenciado. Você já está todo vestido. Que horas... – Antes de concluir a pergunta, seus olhos se arregalaram ao ver o relógio. – Merda! São quase oito horas!

– Que choque!

– Eu tinha que ter levantado às sete para ajudar Hope e Carolee com o café da manhã.

– Elas já estão com tudo sob controle. Pode relaxar. – Espremeu-se ao lado dela, empurrando-a um pouco, e pegou o controle remoto. – Olhe só. – Ligou a televisão. – Podemos ficar aqui, tomar um café e ver o que está acontecendo no mundo.

– Sei muito bem o que você quer dizer com isso...– gracejou Avery, recostando-se nos travesseiros ao lado dele e tomando um gole de café. – Gostei. Achei uma ideia interessante.

– É – concordou ele, abraçando-a e puxando-a mais para perto. – É, sim.

– Todos já acordaram?

– Ninguém ainda.

Ela relaxou um pouco mais.

– Então não preciso me sentir culpada. Isto é como miniférias.

– Férias matinais?

– Para mim já está bom.

Owen teve uma inspiração repentina.

– Por que não prolongamos essas férias? Quer ir ao cinema hoje à noite?

– Ah, puxa. – Olhou para ele com o rosto inclinado.

– Eu é que vou fechar o restaurante hoje à noite.

– Amanhã, então.

– Está passando algo que você queira ver?

– Vamos descobrir.

– Nada de filmes sanguinolentos ou com macacos.

– Vou me lembrar disso. Que tal eu passar para buscar você por volta das seis? Podemos comer algo antes.

– Acho ótimo.

É, pensou Owen, é mesmo. Nada mau como próximo passo.



Sentada no banco de trás do carro de Hope, sonhando com a primavera naquele frio início de fevereiro, Avery mexia no celular em busca de vestidos de noiva.

– Estou preocupada por ter deixado para comprar muito em cima da hora – disse Clare, apreensiva, no banco do carona. – Tínhamos que ter feito isso antes das festas de fim de ano.

– Temos tempo de sobra ainda – garantiu Hope. –Essa loja é um espetáculo. E se não encontrar exatamente o que quer lá, conheço mais duas.

– Nada de branco. Meu vestido não pode ser branco.

– Toda noiva tem direito a usar branco – retrucou Hope. – Na verdade, toda noiva tem o direito de escolher a cor que quiser, o estilo que mais lhe agrada e o corte que cair melhor para o seu vestido. Não se imponha regra nenhuma.

– Devíamos ter batido o martelo com a ideia de um casamento pequeno, durante o dia, só para a família. Mas...

– Essa é a primeira vez de Beckett – declarou Avery, repetindo as razões alegadas por Clare enquanto continuava a busca. – Os meninos estão animados. Você quer algo especial e inesquecível para os dois. E a pousada é o lugar perfeito para isso. Precisa de mais alguma coisa?

– Não – respondeu Clare, virando-se para trás para olhar para a amiga. – Conseguiu achar algum?

– Desculpe. Acabei me distraindo com uns vestidos brancos maravilhosos. Olhe só isso. É uma obra de arte – falou, entregando o celular a Clare.

– Belíssimo para um primeiro casamento e para quem tem bala na agulha para gastar. Meu Deus, olhe só a cauda, e essa saia toda cheia de contos. É quilométrica.

– Eu amei, mas jamais poderia usar algo assim – declarou Avery, balançando a cabeça. – Sumiria dentro de um vestido tão grande.

Hope a fitou de relance pelo retrovisor.

– Há alguma coisa que devemos saber?

– Que sou baixinha?

– Estou perguntando sobre você e Owen... e vestidos de noiva.

– Sobre... Não! – Avery pegou o celular de volta, deu uma última olhada no vestido e passou para o seguinte. – É só que toda mulher se imagina usando um vestido de noiva quando está às voltas com isso. É um reflexo natural.

– Mas as coisas estão indo bem – disse Clare, virando de novo para trás.

– Muito bem. Estamos totalmente sem tempo, mas temos conseguido sair de vez em quando. Temos ido a esses lugares onde as pessoas trazem comida para você, comida feita por outras pessoas, sabem como é? Além disso, tenho testado com ele o potencial dos pratos candidatos a figurar no cardápio do MacT's. Owen é um bom provador.

– Ainda sente palpitações? – perguntou Hope.

– É, ainda sinto. E agora tenho uma espécie de tensão. É bom, mas um pouco inquietante.

– Eu sei – garantiu Clare, com um sorriso.

– Não é como com você e Beckett.

– Por que não?

– Porque somos Owen e eu, e nós somos... não sei explicar direito. Seja como for, hoje o dia é seu.

– Temos o dia todo – lembrou Clare.

– E ele já começou – disse Hope, entrando no estacionamento. – Tivemos sorte, e para mim isso é um bom presságio. A loja é bem aí.

– Ah, olhe só esse vestido! – exclamou Clare, olhando para a vitrine, que exibia um vestido tomara que caia que era um deleite para os olhos, com sua saia plissada, de seda branca brilhosa. – É impressionante, mas também muito formal

e com cara de primeiro casamento. Não acho que esse seja o local ideal. Não quero...

– Confie em mim – insistiu Hope, tirando a chave da ignição.

Avery abriu a porta imediatamente.

– E, mesmo que não seja o lugar ideal, eu não pretendo perder a chance de me divertir aí dentro.

Antes que Clare pudesse protestar de novo, Avery praticamente pulou do carro e foi abrir a porta do carona para tirá-la lá de dentro.

– Vai ser divertido.

E foi.

O brilho e o resplendor de brancos, marfim, creme, metros de tules e toneladas de pedrarias. Vestida com uma calça jeans e botas de cano curto, Avery enfiou um véu na cabeça e ficou fazendo poses.

Decidiu que parecia ter um vulcão de tule na cabeça.

Depois virou-se para Clare.

– Afaste-se desses.

Depois de receber uma ordem tão veemente, Clare afastou as mãos imediatamente.

– Mas são terninhos muito bonitos e elegantes.

– Você *não vai* vestir um terninho, seja elegante ou não. Eles têm a maior cara de mãe da noiva ou do noivo.

– Mas...

– É, são muito sem graça – concordou Hope, cruzando os braços. – Sem a menor chance.

– Não quero nada formal ou espalhafatoso. Quero uma coisa simples.

– Então vamos procurar algo simples – assentiu Avery. – A noiva é quem manda.

– Então...

– Menos esses.

– Eu gostei muito do verde.

– É lindo – concordou Hope. – Se você fosse usar no casamento de outra pessoa, em um chá só para mulheres ou em um evento político para arrecadar fundos para uma causa qualquer.

Então, postou-se ao lado de Clare para, junto com Avery, afastarem-na dali.

– Quem sabe não escolhemos os vestidos de vocês primeiro? – sugeriu Clare.

– Seria uma espécie de ponto de partida para mim.

– Deixe de bobagem. Nossos vestidos vão ter que combinar com o seu, não o contrário – esclareceu Avery, ainda com o véu na cabeça, encaminhando-se para outra seção da loja.

As primeiras sugestões eram muito extravagantes, muito brancas, muito festivas.

– Ah, não, rosa não.

– Não é um rosa muito rosa – argumentou Avery. – É suave. Como um rosto levemente corado. E você reparou na bainha?

– Eu adorei – manifestou-se Hope, observando o vestido com os lábios

franzidos. – Essa bainha em diagonal vai bater na altura dos seus joelhos e na metade da batata da perna.

– Não sei. Eu...

– Bem, você precisa experimentar algum. Vou estabelecer as regras. Esse é um dos que você vai experimentar – decretou Avery. – Vamos selecionar outros e escolher um provador.

– Tá bem. Você está certa e eu estou sendo uma chata de galocha. Vamos ver este e este – disse Clare, incluindo o que Hope estava segurando. – Aquele também, e o terninho verde. Tenho que experimentar o terninho verde.

– Combinado. Pegue estes – disse Hope, entregando os vestidos para Avery. – Vou buscar o terninho.

Obviamente percebendo que algumas decisões iniciais tinham sido tomadas, um vendedor preparou o provador, pendurou os vestidos e ofereceu água com gás às três.

Clare pegou o terninho verde para experimentar primeiro.

– Isso, vamos nos livrar dele de uma vez – falou Avery, dando de ombros e tomando um pouco de água gasosa com limão.

– Tem um corte clássico – observou Clare quando se trocava. – Fico bem com esta cor. E em abril o tempo é imprevisível, então é uma escolha inteligente. – Virou se para se olhar no espelho triplo. – É realmente um verde muito bonito, que ressalta a cor dos meus olhos. E com o sapato certo... Não é romântico.

– Não, não é. É uma escolha inteligente – admitiu Hope. – E ficou ótimo em você. Mas não é o seu vestido, Clare.

– Ok, vocês venceram. Vou experimentar o azul. É bonito, tem um tom sereno e linhas elegantes.

Avery deixou a água de lado, levantou-se da linda e confortável poltrona e se aproximou de Clare depois que ela se trocou.

– Mil vezes melhor. A cor combinou muito com seu cabelo.

– Amei esta bainha esvoaçante, e o volume um pouco maior na parte de trás. Este pode funcionar – avaliou Clare. – Combinado com sapatos que tenham algum brilho, talvez.

– Ele não fez você brilhar – discordou Hope, balançando a cabeça. – Acho que quando puser o seu vestido, ele vai fazê-la brilhar. Mas está muito bonito. Você ficou com uma cinturinha de vespa e suas pernas ainda estão à mostra. Que tal colocarmos este na lista dos possíveis?

Ela experimentou outro, um dourado-claro que foi imediatamente reprovado pelas três.

– Agora o rosa – falou Avery. Ao ver a expressão de Clare, estreitou os olhos e lembrou: – Temos um acordo.

– Tá, tudo bem, mas rosa vai ser um pouco de mais. E ainda é tomara que caia, e eu não quero que seja tomara que caia.

– Blá-blá-blá – disse Avery enquanto fechava o zíper às costas da amiga.

– Não estou querendo bancar a difícil, só que não...

Uau! – exclamou ao ver seu reflexo no espelho.

Ela estava brilhando.

– Clare... – Olhando para a amiga, Hope soltou um suspiro. – Você está

espetacular. A cor combinou muito bem com a sua pele. E o corte tem um caimento perfeito para você. É romântico... e alegre.

– Dê uma voltinha – pediu Avery. – Caramba, olhe só como é leve. E essas costas cruzadas são sexy na medida certa. Tem só um toque de brilho. Lindo.

– É romântico, é lindo. E é meu. Este aqui não vai para a lista de possíveis. Vou me casar com Beckett Montgomery com este vestido.

– Você precisa experimentá-lo com os sapatos, mesmo que não sejam os sapatos perfeitos – disse Hope, correndo até a porta. – Espere.

– Dê mais uma voltinha – pediu Avery.

Clare riu e dessa vez deu uma volta completa.

– Ficou perfeito. Você tinha toda a razão.

– Adoro quando isso acontece.

– Quero prender meu cabelo para cima, o que acha? – perguntou Clare, juntando os fios com as mãos para demonstrar. – Sem véu ou coroa. Só uma presilha com um pouco de brilho.

– Está parecendo tão feliz...

– Estou muito, muito feliz. Quero fazer isso com você um dia, com você e com Hope. Ir escolher o vestido de noiva de vocês duas e saber que estão tão felizes quanto eu neste momento.

– Gostei da ideia.

Em momentos como aquele, Avery acreditava que isso poderia acontecer. Tinha conhecido essa alegria, sentido essa fé, dado esse salto.

Virou-se para pegar o celular.

– Deixe-me fazer uma foto sua com o vestido, para enviarmos para sua mãe e para Justine.

– Ótima ideia. Elas precisam ver.

– De frente e de costas.

Avery fez as fotos. Enquanto as enviava, Hope e o vendedor reapareceram com uma pilha de caixas de sapatos e a alegre loucura teve início.



A caminho de casa depois de um longo dia às voltas com vestidos, sapatos, acessórios – e algumas peças novas para a lua de mel –, Avery se esticou no assento de trás do carro e mandou uma mensagem de texto para

Owen: PARAMOS PARA UM JANTAR TARDIO E PARA CONVERSAR SOBRE O DIA.

Sua futura cunhada vai ser uma noiva linda, e Beck vai ficar de queixo caído. As damas de honra não vão ficar atrás. Vou pra casa. Desculpe por ter chegado mais tarde do que o previsto.

Clare se virou ao ouvir o sinal do celular da amiga.

– O que Owen está dizendo?

– Que Beck está de queixo caído desde a primeira vez que viu você. Estava

fazendo referência à expressão que eu usei. E também quer saber se quero passar a noite na casa dele.

– Quer? – perguntou Hope. – Posso deixar você lá.

– Preciso ir a Hagerstown amanhã bem cedo pra fazer compras, e depois tenho uma reunião com Beckett no novo espaço. – Enquanto falava, respondia à mensagem de Owen. – Além do mais, sei que Owen tem dedicado algum tempo a tentar encontrar Billy.

– O Billy da Elizabeth?

Avery assentiu.

– Até agora, não teve muita sorte. É uma tarefa complicada. Tenho que ir pra casa pra dormir um pouco. Já são quase onze horas. Ele disse que está com saude de mim.

– Ai, que lindo.

– Não é? Meu coração até bateu mais forte. Bem, amanhã vou trabalhar até umas quatro horas, mas posso comprar alguns ingredientes específicos quando sair de manhã e, depois, criar uma nova proposta de cardápio, se ele estiver a fim. E sei que vai estar. Tenho um encontro amanhã à noite com meu namorado.

– Juro que parece que alguém tocou em você com uma varinha mágica.

Avery sorriu.

– É como me sinto. Que dia ótimo. Talvez ligue para Owen quando já estiver deitada.

– Vão fazer sexo por telefone?

O sorriso permaneceu em seu rosto.

– Talvez isso faça parte do planejamento. Tem algum conselho para me dar?

– Fale baixo, fale devagar.

– Ela é tão esperta... – retrucou Avery, apumando-se quando Hope estacionou atrás da Vesta. – Meu Deus, que dia ótimo! – Inclinou-se e beijou as amigas. – Adorei. Amo vocês, meninas. Destrave o porta-malas para eu pegar minhas sacolas.

– Diga a Owen que nós mandamos um... beijo – falou Hope, sussurrando a última palavra.

– Vou estar muito ocupada mandando meus próprios beijos para ele. Foi tudo maravilhoso, absolutamente incrível. Vejo vocês amanhã.

Avery pegou suas sacolas e bateu o porta-malas. Depois de acenar para elas, entrou correndo pela porta dos fundos.

Tinha certeza de que chegaria antes do fechamento do caixa da pizzeria, mas não ia, em hipótese alguma, entrar para ver como estavam as coisas. Obrigou-se a ir direto para a porta dos fundos, destrancar a porta e subir a escada.

Então viu a mulher sentada nos degraus.

Avery se deteve, instintivamente girando as chaves na mão até encaixar uma entre os dedos. Analisou suas opções enquanto a mulher se levantava.

Avery era jovem, forte e rápida, se fosse necessário.

– O restaurante está fechado – declarou calmamente.

– Eu sei. Estava esperando você.

– Se está procurando trabalho, pode vir amanhã, durante o horário comercial.

Mas agora...

– Não está me reconhecendo? – perguntou a mulher, começando a descer. Avery se preparou. – Sou sua mãe.

Sob as luzes de emergência, Avery observou aquele rosto. Claro, agora estava vendo. Tinha se passado tanto tempo, e a distância era tanta...

Esperou o surgimento de algum sentimento – qualquer um –, mas não sentiu nada.

– O que você quer?

– Ver você. Falar com você. Podemos entrar para conversar?

Sem dizer nada, Avery subiu a escada e destrancou a porta do apartamento.

E percebeu que, no fim das contas, sentia alguma coisa, sim.

Estava apavorada.

capítulo quinze



AVERY SE LIVROU DA sacola de compras, tirou o casaco e o cachecol e pendurou ambos no encosto de uma cadeira.

Permaneceu de pé, em silêncio.

– É bonito aqui – disse sua mãe. Havia um entusiasmo nervoso em sua voz – Seu apartamento é muito bonito. Estive no restaurante mais cedo. Parece legal, legal mesmo. É bem profissional.

Ela estava querendo um emprego, percebeu Avery, e não dava a mínima para o fato de aquela ideia ser mesquinha e indelicada. Traci MacTavish, ou qualquer que fosse seu sobrenome agora, usava uma calça jeans bem apertada, um sobretudo vermelho vivo e, por baixo dele, um suéter preto. Para Avery, o corpo da mãe era mais ossudo que esbelto; o rosto fino estava maquiado com excesso de cuidado e o cabelo curto e louro deixava ver as raízes escuras.

Ela se deu conta de que tudo o que lhe passava pela cabeça era mesquinho e indelicado.

Bem, que pena.

– O que quer? – perguntou mais uma vez.

– Queria ver você. Meu Deus, querida, você é tão linda! Adorei seu cabelo. Sempre me preocupei com aquela cabeleira cor de abóbora e aquele aparelho medonho nos seus dentes! Mas olhe só! Eu... – disse Traci, aproximando-se.

– Não! – exclamou Avery, recuando. – Nem pense que vamos ter um reencontro do tipo Oprah aqui.

– Sei que não mereço – retrucou Traci, deixando os braços caírem ao longo do corpo e baixando os olhos. – Sei disso, querida. De verdade. É que, vendo você assim, adulta, tão bonita, compreendi quanto perdi.

Podemos nos sentar? Só por alguns minutos?

– Não preciso me sentar.

– Você tem tanta raiva de mim... – observou Traci, enrijecendo os ombros como um herói diante de um pelotão de fuzilamento. – Não a culpo. O que fiz foi uma burrice tão grande! Foi tão errado e egoísta! Lamento muito, Avery.

– Ah, claro, você *lamenta* – retrucou ela, e, deixando-se levar pela irritação, estalou os dedos e acrescentou: – Pronto! Agora está tudo certo.

– Sei que não está. Sei que lamentar não conserta as coisas. Acho que nada consertaria. O que fiz foi horrível. Cometi um erro imperdoável. Eu só... Só queria ver você – balbuciou Traci, com os olhos marejados. – Achei que, agora que é adulta, talvez pudesse compreender ao menos em parte.

– Compreender o quê?

– Por que fui embora. Eu estava muito infeliz – respondeu Traci, remexendo na bolsa à procura de um lenço. Depois, deixou-se cair numa cadeira e começou a chorar. – Ninguém entende o que eu passei! Ninguém *pode* entender a minha situação. Não dá para ver o que acontece no casamento dos outros...

– Pois eu acho que uma criança que faz parte desse mundo pode ter uma boa ideia de tudo. Você não largou apenas um marido. Largou a sua filha.

– Eu sei. Eu *sei*, mas não podia mais continuar naquela situação. Você estava ficando cada vez mais ligada ao seu pai, muito mais do que a mim, e então...

– Veja lá o que vai dizer sobre o meu pai.

– Não vou dizer nada. – Nitidamente preparada para aquilo, Traci pegou outro lenço de papel. – Ele é um bom homem. Talvez fosse bom demais para mim. Nunca devia ter me casado com ele. Foi um erro.

– Pelo visto, os erros são coisa costumeira para você.

– Eu era muito jovem, querida. Tinha acabado de fazer 19 anos. E achei que o amava. Achei mesmo. Depois, engravidei e o casamento pareceu a melhor coisa a fazer. Meus pais foram tão duros comigo quando lhes contei... Não consigo nem dizer como estava apavorada.

Qualquer empatia que Avery pudesse sentir por uma jovem naquelas circunstâncias evaporou antes mesmo de se concretizar. Lembrava-se do avô. Um homem tão bondoso, tão paciente... E da tristeza em seus olhos, já no fim da vida, por causa da filha que, para ele, estava perdida.

Lembrava-se também da avó, forte, amorosa, sempre a fortaleza que sustentava toda a família.

– Eles puseram você pra fora de casa? Ameaçaram fazer isso?

– Eles...

– Cuidado com o que vai dizer – alertou Avery.

– Não, mas jogaram toda a *culpa* em mim. E disseram que ter um filho significava precisar apoiá-lo e...

– Imagine só... Imagine alguém esperar que você assumisse alguma responsabilidade.

– Eles foram muito *duros* comigo. Sempre foram. Eu não podia mais viver naquela casa com os dois me perseguindo dia e noite.

– Então o casamento foi um jeito de sair de lá.

– Não exatamente. Eu tinha só 19 anos. Achei que quisesse me casar, ter uma família, minha própria casa. E Willy B. era tão alto e bonito... E, ainda por cima, cuidou de tudo. Arranjou uma casa pra morarmos e cuidou de todo o resto. A gravidez foi uma época muito boa pra mim. Tentei, tentei *mesmo*, manter a casa linda, cozinhar e cuidar de você. Você não foi um bebê nada fácil, Avery.

– Nossa, que vergonha.

– Não foi isso que eu quis dizer. É só que eu ainda não tinha feito nem 20 anos quando você nasceu, e havia mais coisas pra fazer do que eu conseguia dar conta.

– Imagino que o meu pai não fizesse nada.

– Ele fazia muita coisa – disse Traci, fungando e contraindo os lábios. – Não vou mentir pra você. Me ajudava a cuidar da casa e ficava com você no colo durante a noite. Ele era um bom pai.

– Sei que era. Ainda é.

– Fiz o melhor que podia, eu *juro*. – Com os olhos cheios de lágrimas, ela levou as mãos ao coração. – Mas, Deus sabe que não estou mentindo, sempre que terminava de fazer alguma coisa, logo tinha que começar tudo de novo. Depois, você passou a acordar cedíssimo e a mexer em tudo. Eu não conseguia dar conta. Mesmo quando voltei a trabalhar e deixava você na creche, ainda tinha que fazer muita coisa, e nada mudava. E ele ainda queria ter outro filho. Meu Deus do céu! Ele queria mais filhos e não pude suportar essa ideia. Quando fiz aquele aborto...

Ouvir aquilo foi como uma bofetada para Avery. – Você fez um aborto?

O rosto cheio de lágrimas de Traci empalideceu.

– Achei que ele tivesse lhe contado.

– Não contou, não.

– Você tinha 3 anos e, céus, Avery, dava tanto trabalho... Engravidei novamente, apesar de todo o cuidado que tomava para isso não acontecer. Não conseguiria aguentar aquilo tudo mais uma vez. Era de mais para mim. Então, achei que essa seria a melhor solução. Não ia contar para o seu pai, mas um dia começamos a brigar por algum outro motivo qualquer e acabei falando.

– Você interrompeu uma gravidez sem falar com ele?

– Sabia que ele ia tentar me convencer do contrário e eu já tinha tomado a minha decisão. Era o meu corpo. Minha escolha. Você é mulher. Devia respeitar isso.

– Respeito o direito de escolher. Mas que escolha você deu ao meu pai? Que respeito demonstrou para com ele? Era o seu marido, o pai daquela criança, e você tomou a decisão sem lhe dizer nada. Ou será que ele não era o pai?

– Claro que era! Eu não o estava traindo!

– Ainda não.

– Bem, não estava – disse Traci, baixando os olhos para o lenço de papel amarfanhado. – E não aguentaria outra gravidez. Na sua, passava metade do tempo enjoada e ainda tinha uma casa grande para cuidar.

Abortei, liguei as trompas e acabaram-se os problemas.

– Para você – murmurou Avery.

– Ele ficou tão furioso, tão contrariado, quando descobriu... E as coisas só pioraram entre nós. Você precisa entender que ele também não estava feliz. A culpa não era minha. Simplesmente não estávamos felizes. Mas aceitei fazer terapia de casal, como ele queria. Ninguém pode dizer que não tentei. Estava me sentindo aprisionada e infeliz. Mas tentei.

– Tentou mesmo?

– Por doze anos. É bastante tempo, e, durante todo esse período, sentia que precisava ser alguém que não era.

– Esposa e mãe.

– Eu queria mais. Sei que é egoísmo, mas queria mais do que trabalhar no shopping e voltar pra esta cidadezinha dia após dia. Acabei odiando este lugar e tudo o que havia nele. Isso não é saudável, não é? Não é nada saudável viver assim. Minha vida estava passando e eu não conseguia tomar as rédeas dela.

– Aí começou a ter casos?

– Não era a minha intenção. Simplesmente aconteceu.

– Acho que fazer sexo com homens que não são o seu marido exige alguma dose de intenção.

– Só aconteceu duas vezes antes de Steve. Eu não estava feliz. Precisava de mais. Precisava de algo só pra mim.

– Então traiu o seu marido para se livrar do tédio de ser esposa e mãe. E, quando isso já não bastava, pegou as suas coisas e foi embora.

– Pode me dar um pouco de água, por favor?

Avery foi até a cozinha e encheu um copo na torneira. Ficou parada ali por um instante, de olhos fechados, respirando com regularidade, até se sentir equilibrada.

Embora tivesse tirado o sobretudo vermelho e o deixado dobrado no colo, Traci continuava sentada com o lenço de papel todo amassado numa das mãos e os olhos cheios de lágrimas.

– Obrigada – disse ela. – Sei que você me odeia.

– Eu não a conheço.

– Vivi naquela casa até você estar com quase 12 anos, Avery. Cuidei de você. Fiz o melhor que pude.

– Talvez fosse o melhor que pudesse fazer. Isso é muito triste pra nós duas. Mas, daquela época até hoje, muitos anos se passaram. Você nunca me escreveu, me ligou ou veio me ver. Nem uma única vez.

– Não sabia se o seu pai ia deixar...

– Já disse para tomar cuidado com o que for falar dele. Não vou repetir isso.

– Tudo bem, tudo bem – retrucou Traci, baixando os olhos e alisando o sobretudo. – Talvez eu é que achasse que não podia, ou não devia. Só sei que precisava ir embora e fiz isso da pior maneira possível. Willy B. queria que continuássemos indo à terapia. Mas isso só serviria para prolongar ainda mais aquela situação. Eu não o amava, Avery. Não se pode levar uma vida sem amor. Sei como ele encarava as coisas. Devíamos tentar fazer tudo aquilo dar certo.

Precisávamos pensar. Mas, um dia, você ia crescer, não é mesmo? E, então, como é que eu ia ficar? Presa àquela vida, e mais velha. Mais velha e presa àquilo tudo, sem chance de viver a minha vida. Eu não fazia Willy B. feliz, e ele também não me fazia feliz. Então, pra quê tentar?

– Você queria ir embora. Queria viver a sua vida. Ótimo. Mas existe uma coisa chamada divórcio. É difícil e, pelo que me disseram, faz todo mundo sofrer. Mas é assim que as coisas funcionam no mundo civilizado, onde as mulheres não abandonam o marido, os filhos, a própria casa, sem dizer nada a ninguém.

– Eu só... – balbuciou ela, fungando mais uma vez e pondo de lado o copo que havia esvaziado. – Eu estava *apaixonada!* Quando conheci Steve, experimentei um sentimento tão forte... Um sentimento que nunca tinha experimentado antes. Não conseguia pensar em mais nada. Foi um erro. Sei que foi um erro, mas me senti viva e feliz. Sei que devia ter sido sincera com Willy B. em vez de traí-lo. Ele não merecia aquilo, mas, querida, ele não me dava o que eu queria. E eu não podia ser quem ele queria que eu fosse. E, quando surgiu a chance, graças a uma boa oportunidade profissional, de Steve ir para Miami, ele não podia recusar. Eu tive que ir com ele.

– Você morava em Miami?

– No começo. Estava muito envolvida com ele, e a ideia de fugirmos juntos parecia tão romântica, tão empolgante... Sabia que o seu pai ia cuidar bem de você.

– Pare com isso. Você nunca pensou em mim depois que saiu por aquela porta.

– Não é verdade! Não agi corretamente. Não fui sensata, mas pensava em você. Fiquei muito orgulhosa quando soube que tinha aberto seu próprio negócio. É um ótimo restaurante.

Um alerta soou na cabeça de Avery. Teve esperanças, porém, de que fosse apenas seu próprio ceticismo.

– Como você ficou sabendo?

– Andei pesquisando seu nome na internet. Queria saber como estava, querida. Perdi a conta das vezes que comecei a lhe escrever um e-mail. E fiquei muito mal quando soube da morte de Tommy Montgomery. Ele e o seu pai eram como irmãos. Sei que Justine não gostava muito de mim, mas sempre foi delicada comigo. Me senti mal por ela.

– Esse é o seu padrão de interesse materno? Fazer umas buscas no Google?

– Cometi um erro. Não espero o seu perdão. Só achava que você seria capaz de me entender ao menos um pouco.

– A esta altura, que diferença faz o que eu entendo ou deixo de entender?

– Achei que talvez me desse uma chance para podermos nos conhecer um pouco mais e...

– O que houve com Steve, o amor da sua vida?

O rosto de Traci se contraiu. Recomeçando a chorar, ela pegou mais lenços de papel na bolsa.

– Ele... morreu. Em novembro. De repente.

Vivemos juntos todo esse tempo. Viajamos muito, sabe? Por causa do trabalho dele. Claro que ele tinha defeitos, mas eu o amava e éramos felizes. Agora que ele se foi, não tenho mais ninguém.

– Sinto muito. De verdade. Mas não posso preencher esse vazio. Não vou fazer isso. Você fez suas escolhas. Agora, precisa conviver com elas.

– Não sei viver sozinha. Será que não posso ficar aqui com você, nem que seja só um pouco? Umas duas semanas?

– Aqui? – Genuinamente chocada, Avery quase engasgou. – De jeito nenhum. Não dá pra voltar depois de... quantos anos? Dezessete? Não dá pra voltar depois de dezessete anos de *nada* e encontrar as portas abertas. Vai ter que descobrir como seguir com a sua vida. Já não faz parte da minha.

– Você não pode ser tão fria assim.

– Posso, sim. Talvez seja hereditário.

– Só umas semanas. Não sei o que fazer, nem para onde ir.

– Faça alguma outra coisa, vá para algum outro lugar.

– Você continua sendo sangue do meu sangue, Avery.

– Você é a mulher que escolheu me abandonar e me ignorar por mais da metade da minha vida. Agora que ficou sozinha, resolveu aparecer. Foi por isso,

não pra me conhecer melhor ou qualquer outra desculpa esfarrapada que venha a inventar.

Por Deus, aquilo a estava deixando realmente exausta.

– Você não mudou nada – prosseguiu Avery. – Só pensa em si mesma. Bem, já ouvi o que tinha a me dizer.

Agora chega. Você tem que ir embora.

– Não tenho para onde ir.

– O mundo é bem grande. É só escolher um lugar.

– Se pudesse ficar ao menos esta noite... Uma noite...

– Você está sem dinheiro – disse Avery, enfim entendendo.

– Tivemos alguns... problemas financeiros. As coisas ficaram difíceis, é claro, preciso de alguma ajuda pra me reerguer.

Tudo, absolutamente tudo convergia para aquele único ponto lamentável.

– Meu Deus! Quem você pensa que é? Dinheiro? Está falando sério? Quer que eu lhe dê dinheiro?

– Eu vou lhe pagar. Se puder me emprestar uns mil, mil e pouco, só para eu me acertar...

– Se eu tivesse mais de mil dólares sobrando, não os daria a você.

– Você é dona de um restaurante – insistiu Traci, depois apontou para a sacola que Avery tinha trazido. – Pode fazer compras em lojas elegantes. Só estou pedindo um empréstimo. Não me faça implorar, Avery. Por favor, não me faça implorar, porque é o que vou fazer. Estou em dificuldades.

Avery pegou a bolsa, tirou a carteira e pegou as notas que havia ali sem contá-las.

– Pronto. Aqui está. É tudo o que vai conseguir, hoje e em qualquer outro dia. Agora vá embora e fique fora da minha vida. Não quero vê-la nunca mais.

– Você não sabe o que é ficar sozinha, não ter ninguém...

– Tem razão. Meu pai é que teve que enfrentar isso – retrucou Avery, dirigindo-se para a porta e abrindo-a. –

Já disse para ir embora.

Traci seguiu-a, mas antes de sair se deteve.

– Sinto muito – falou.

Avery fechou a porta, passou a chave e se encostou na madeira. Quando começou a tremer, foi escorregando até o chão. Ouviu o eco dos passos na escada se afastar e só então deixou as lágrimas caírem.



La arranjar uma desculpa para adiar o encontro com Owen. Uma mudança de compromisso, muita coisa pra fazer, qualquer coisa. E isso por mensagem de texto, para não ter que falar com ele efetivamente.

Sabia que era besteira, mas não queria fingir que estava tudo bem, esconder a tristeza, as dúvidas e a raiva que a corroía.

Não queria falar com ninguém, por isso evitou as amigas e mergulhou no trabalho. Mas, numa cidade pequena, os amigos tendem a encontrar você.

Ergueu os olhos do churrasco grego que estava preparando quando Owen

entrou. Avery acenou de leve com cabeça, na esperança de que ele percebesse que ela estava ocupada. Ele se sentou num dos bancos diante do balcão.

– O que aconteceu?

– Estou ocupadíssima. Mal tive tempo de recuperar o fôlego nos últimos dois dias.

– Era de esperar. Quem sabe não dá para recuperar agora, fazer uma pausa para descansar?

– Estou atolada.

– É? – perguntou ele, girando o banco e olhando para o salão, onde só havia duas mesas ocupadas.

– Tive que fazer um levantamento geral no restaurante – respondeu ela, porque foi o que lhe ocorreu na hora. – Tenho louça para repor. – Mude de assunto, disse a si mesma. – E aí? Como vão as coisas do outro lado da rua?

– Andando. Achei que gostaria de ir até lá ver com os próprios olhos.

– Vou, sim. Assim que arranjar um tempinho – retrucou ela, pondo o churrasco grego no forno e tirando de lá uma pizza. – O que vai querer?

– O churrasco está com uma cara ótima.

– Pedido anotado.

Owen se levantou para ir buscar uma bebida e voltou a se sentar.

– Está tudo bem com você?

– Bem, eu adoraria poder fazer um intervalo e ter algumas horas a mais por dia. Fora isso, tudo bem.

– Avery.

O tom da voz dele a forçou a erguer a cabeça e fitá-lo nos olhos.

– O que foi? Esta época não é fácil, Owen. Você sabe muito bem disso.

– É. Sei, sim. Por isso estou perguntando.

– E eu estou dizendo que está tudo bem. Tenho que administrar este lugar. Preciso arranjar outro entregador, porque peguei o que trabalhava aqui fumando um baseado no porão. Estou aperfeiçoando meus planos para o novo restaurante, escolhendo luminárias, móveis, melhorando o cardápio, ajudando Hope a organizar o chá de panela para Clare. Meu carro está precisando de pneus novos e meu fornecedor acaba de me dizer que o preço do queijo vai subir.

Depois de desfiar sua lista de coisas a fazer, ela concluiu que tinha todos os motivos do mundo para estar impaciente e estressada.

– Simplesmente não tenho tempo para preparar o seu jantar e ficar à toa neste exato momento.

– Já entendi e não é disso que estou falando.

– Então, não tem *do que* falar. Preciso fazer mil coisas. É isso. Só isso.

Quando foi pôr o churrasco de Owen no forno e tirar o outro, encostou a parte interna do braço na grelha. – Merda!

Bateu a porta do forno, se virou e Owen já estava do lado interno do balcão. Ele agarrou o pulso dela, mas Avery tentou se desvencilhar.

– Me deixe ver.

– Não foi nada. É comum acontecer isso.

– Onde fica o kit de primeiros socorros?

– Só preciso pôr um pouco de aloé. É por isso que tenho um vaso dessa planta

na cozinha. Deixe que eu...

Ele simplesmente empurrou-a para a parte fechada onde Franny estava trabalhando. Antes que Franny pudesse dizer qualquer coisa, ele fez um gesto com a cabeça para que ela saísse dali e continuou a levar Avery para os fundos.

– Será que dá para me soltar? – exigiu ela. – Sei cuidar da porcaria de uma queimadura. Tenho clientes pra atender.

– Pare com isso! Agora mesmo! – exclamou Owen.

A rispidez do seu tom, coisa tão rara, fez com que ela se calasse. Em silêncio, deixou que ele abrisse a torneira da pia e pusesse o seu braço debaixo da água fria.

– Foi pura falta de atenção. Isso não faz o seu gênero – falou Owen.

– Pode calar a boca? – disse ela, e trincou os dentes quando ele a fitou. – Pelo visto, não pode. Deixe que eu cuido disso, Owen. É só uma queimadura.

– Não está formando bolhas. Por que não estava prestando atenção?

– Ah, pelo amor de Deus! Estou com mil coisas na cabeça, ando ocupadíssima. Só me atrapalhei. Até parece que cortei um dedo fora.

Ele continuou a segurar o braço dela debaixo da água fria, sem desviar os olhos do seu rosto.

– Já vi você de cabeça cheia. Já vi você muito ocupada. Se acha que não a conheço bem o suficiente pra ver que está acontecendo alguma outra coisa, só pode ser louca. Há algum problema entre nós dois?

– Se continuar deste jeito, vai haver.

– Deixe o braço aí debaixo da água – disse ele, indo pegar um pedaço de folha de alóé. – Só sei que estava tudo bem quando você voltou para casa depois das compras com Clare e Hope.

Owen cortou a folha grossa e espremeu o seu líquido.

– E aí, no dia seguinte, cancela o encontro comigo e não tem tempo nem para conversar um pouco... – prosseguiu.

Pegou uma colher na gaveta e amassou a folha até transformá-la numa pasta.

Avery devia saber que ele entendia de remédios caseiros. Mas, naquele instante, sua eficiência paciente estava lhe dando vontade de espetá-lo com um garfo.

– Agora me deixe dar uma olhada nisso – disse ele, fechando a torneira. Enxugou o braço dela com todo o cuidado e examinou a queimadura. – Nada mau.

– Eu falei que não era nada de mais.

– Mas também falou que não tinha nada de errado quando é evidente que tem. Não mexa o braço.

Com uma delicadeza que a comoveu, Owen cobriu toda a queimadura com a pasta de alóé.

– Então, aconteceu alguma coisa entre a hora em que você voltou para casa e o dia seguinte. O que foi?

– Talvez eu só tenha me dado conta de que coisas de mais estão acontecendo na minha vida e eu preciso eliminar algumas delas. Estabelecer prioridades. Me organizar. Fomos de oito a oitenta... ok, está mais pra quarenta a oitenta –

emendou ela ao ser alvo de outro olhar de Owen. – Preciso de um tempinho para entender tudo o que está acontecendo e acertar os ponteiros. O restaurante novo precisa de atenção agora, se eu quiser que funcione bem no futuro. As coisas ficaram demais, rápidas demais. Deixei as coisas fugirem ao meu controle.

– Talvez. Talvez isso seja parte do problema, mas não é tudo. Precisamos conversar sobre isso, Avery.

– Agora não é um bom momento. Estou trabalhando e...

– Não, não é um bom momento – concordou ele, colocando uma gaze do estojo de primeiros socorros por cima da queimadura já coberta com a pasta de aloé. – Mas vamos arranjar um espaço para isso. Peça a alguém que troque esta atadura mais tarde. – Voltou a observar o rosto de Avery, então inclinou-se e lhe deu um beijinho na boca. – Muito bem, vou querer o churrasco pra viagem. Também preciso voltar ao trabalho. Vejo você logo mais.

– Claro.

Depois que ele saiu, Avery se apoiou na pia e teve uma séria discussão consigo mesma seguida de um breve ataque de auto piedade.

– Está tudo bem, Avery? – perguntou Franny.

Com um suspiro, e desejando que as pessoas parassem de lhe fazer perguntas, Avery olhou para a porta aberta onde estava sua ajudante.

– Está, sim. Foi só uma queimadura. Nada de mais.

Como está o movimento por lá?

– Bem pequeno.

– Certo. Olhe só, vou lá pra cima, porque tenho umas coisas pra fazer. Se chegar mais gente, é só chamar que eu desço.

– Sem problemas.



Resolveu ir para a cozinha. Cozinhar era o melhor remédio quando estava chateada, e Avery tratou de se consolar testando uma receita de sopa de batata com presunto e uma de tomates defumados. Levou o laptop para a cozinha para anotar os detalhes dos pratos.

Isso a acalmou e reconfortou o suficiente para ir se sentar por um instante enquanto as sopas fumegavam no fogão. Ficou então trabalhando na disposição das vitrines, das banquetas, do sofá e das poltronas no novo restaurante.

– Ó de casa! – gritou Clare.

– Na cozinha!

Lá se foi meu precioso momento de solidão, pensou Avery.

– Passei pra comer uma salada e Franny disse que você queimou o braço e brigou com Owen.

– Não briguei com Owen. Queimei o braço, sim, mas não é nada sério.

– Então por que veio cozinhar aqui em cima? – quis saber Clare ao ver as panelas no fogão. – O que aconteceu?

– Nada. E a próxima pessoa que me fizer essa pergunta vai levar um soco. Estou testando umas receitas. O movimento está bem fraco lá embaixo, como

você deve ter percebido. Resolvi então aproveitar o tempo pra aprimorar o cardápio do restaurante novo.

– Pensei que estivesse aprimorando o cardápio com Owen.

– Está vendo Owen por aqui? – falou Avery. – Se tenho tempo livre agora, preciso aproveitar.

– Você está chateada. Faz uns dois dias que não a vejo porque tem andado ocupada e, agora, está chateada e brigando com Owen.

– Não briguei com Owen e, se estou chateada, é porque todo mundo fica me rondando e perguntando por que estou chateada. Inclusive Owen, que simplesmente não consegue sair de cima.

– Você brigou com Owen, *sim*.

– Não, não briguei. – Embora tivesse trincado os dentes ao dizer isso, Avery conseguiu prosseguir com uma voz mais tranquila: – Tenho andado ocupada.

Beckett terminou o projeto e eles já o levaram para obter a licença para a obra. Agora, estão tratando da planta elétrica e hidráulica. Tenho zilhões de coisas para fazer, planejar e decidir, além do trabalho na Vesta.

– Então, está ansiosa. Eu também ficaria. Mas você sabe que vai ser fantástico.

– Existe uma distância enorme entre saber que o restaurante vai ser fantástico e fazer com que ele fique realmente assim – retrucou Avery.

Seu estômago chegava a doer de tanto ela se esquivar. Sempre que mentia ficava com dor de estômago, o que só piorava a situação toda, porque Avery detestava mentir, se esquivar, dizer apenas meias verdades.

– Tudo isso exige muito tempo e muita reflexão –prosseguiu ela, insistindo no assunto. – Não sobra muito espaço para eu pensar em namorado. Então, acho que a gente devia ir um pouco mais devagar até eu voltar ao meu estado normal. É só isso.

– O que ele fez?

– Nada. Nada mesmo. Juro – afirmou Avery, que, cansada demais para chorar, limitou-se a rir diante da conclusão automática da amiga. – É só que, neste momento, estou sobrecarregada demais.

Pelo menos isso era verdade, pensou.

– Mas tudo vai se ajeitar – acrescentou. – Tome, experimente isto aqui em vez de comer uma salada.

Pegou uma tigela, serviu a sopa de batata e salpicou um pouco de salsinha e parmesão ralado por cima.

– Também tenho que decidir sobre a arrumação das mesas. Posso usar louça branca e brincar com as cores das toalhas e com os copos. Ou talvez eu precise de algo mais ousado.

– Isso não vai fazer a menor diferença – observou Clare, tomando mais uma colherada da sopa. – Ninguém vai se preocupar com a louça se tiver algo assim dentro dela. Está uma delícia. Por que botou tão pouco?

– Por que você ainda tem que experimentar a de tomate defumado.

Avery usou outra tigela, outra concha. Desta vez, jogou por cima alguns croûtons e pôs uma folhinha de manjeriço.

– Ai, meu Deus, que delícia... Suave, meio cremosa, com um certo toque

picante.

– Ótimo – disse Avery. E, querendo verificar por si mesma, pegou uma colher e provou. – É verdade. Está excelente. Não preciso fazer nenhuma alteração nesta receita. Vou colocar as duas em potes pra você levar pra casa, para o jantar.

– Quer dizer que não vou poder tomar tudo sozinha? – retrucou Clare, passando o braço pela cintura da amiga. – Quando estiver pronta, vai me contar o que houve?

Definitivamente, ela não sabia mentir. Baixando a guarda, Avery recostou a cabeça no ombro de Clare. – Vou, sim. Só não vai ser agora.



Para superar os problemas cozinhando, decidiu Avery. Ou, pelo menos, ia tentar. Ficar se lamentando não a levava a lugar nenhum. Só estava servindo para atrair a atenção dos outros, exatamente o contrário do que ela pretendia.

Pôs a sopa de batata num pote e pegou um pedaço de pão italiano na pizzaria. A preparação daqueles pratos havia levado uma hora, mas isso não tinha nenhuma importância. As coisas para o jantar já estavam encaminhadas e, apesar de não estar na escala da noite, ela resolveu ajudar por um tempinho.

Aquilo também ajudaria a melhorar seu humor.

Precisava conversar com o pai e achava que isso seria fundamental para superar o assunto. Ele merecia ficar sabendo, pensou Avery enquanto dirigia para fora da cidade. E Willy B. era a única pessoa no mundo da qual Avery nunca tinha guardado nenhum segredo.

Estava levando um pouco de sopa para ele também, e poderiam conversar enquanto ele estivesse jantando.

Tinham liberdade para falar sobre qualquer assunto.

Quando estacionou, porém, viu um Lexus azul metálico com placa de Nevada parado na entrada e já se eriçou.

Seu pai não conhecia ninguém em Nevada.

Traci mencionara que tinha morado em vários lugares.

O instinto MacTavish lhe disse que ela tinha se mudado recentemente para Nevada. E estava ali, tentando laçar sua vítima.

Avery tratou de entrar na casa.

Willy B. deu um pulo da cadeira quando a filha entrou feito uma bala na sala. Traci continuou sentada, com os olhos cheios de lágrimas e um lenço de papel encharcado e retorcido na mão.

– Você é muito cara de pau, sua vagabunda.

– Avery! Calma.

– Não me diga para ficar calma – esbravejou ela, virando-se para o pai. – Ela já chegou pedindo um “empréstimo” ou ainda está na parte do arrendimento?

– Sente-se e... O quê?

– Ela não disse que foi me procurar há uns dois dias?

– Não – respondeu Willy B., passando o braço pelos ombros da filha, num

gesto que era tanto uma tentativa de contê-la como uma demonstração de união.
– Não disse, não.

– Eu ia contar – retrucou Traci. – Tinha que procurar Avery primeiro, Willy B. Nem sabia se teria coragem de enfrentar você e queria ver Avery, dizer a ela como lamento tudo o que aconteceu.

– E me pedir dinheiro.

– Estou completamente dura. Enfrentando dificuldades. O que não me impede de lamentar o passado – falou Traci. Seus dedos tremiam quando ela largou o lenço de papel e enxugou uma lágrima. – Gostaria de ter agido de outra forma. Gostaria de ter *sido* diferente. Mas não posso mudar nada do que aconteceu. Antes de Steve morrer, nós perdemos a casa. Tudo começou a dar errado. Ele tinha uns contratos de obras, mas foi tudo por água abaixo e ele não teve tempo de resolver nada.

– Você tem um Lexus novinho em folha, que está parado aí fora – observou Avery. – Por que não o vende? – Ainda não foi pago. Vou perder o carro também. É só o que tenho. Só preciso de alguma ajuda até arranjar um lugar pra morar e conseguir um emprego.

– Você pegou dinheiro de Avery? – perguntou Willy B.

– Foi só um empréstimo – respondeu Traci, empalidecendo. – Quanto?

Em vez de responder, Traci balançou a cabeça e recomeçou a chorar. Ele se voltou para a filha.

– Quanto?

– Não sei direito. Entreguei a ela o que eu tinha na carteira. Posso afirmar que era mais do que tenho normalmente, porque eu ia sair depois e queria ter dinheiro vivo.

Dava para perceber a raiva na voz de Willy B., coisa muito rara num sujeito tranquilo como ele.

– Você abandonou a minha menina, Traci. E, agora, resolve aparecer e pegar o dinheiro dela?

– Ela tem o seu próprio negócio. Mora num apartamento bem bonito. Fiz o que pude por ela enquanto consegui.

– Não fez, não – retrucou Willy B., dando um beijo na cabeça de Avery. – Você falou com a sua mãe, Traci?

– Eu... Ela me socorreu logo depois que Steve morreu. Foi uma confusão tão grande... Eu não sabia que ele devia tanto dinheiro. Ela me ajudou, mas disse que era tudo o que tinha. E estava falando sério. Fui vê-la antes de vir até aqui e ela não tinha mais nada para me dar.

– De quanto está precisando?

– Pai, não...

– Fique quieta, Avery.

– Mas você não pode...

– Isso é problema meu – retrucou ele, sem erguer a voz. Nunca precisava fazer isso, aliás. Limitou-se a fitar Avery bem nos olhos. – Fique quieta. De quanto, Traci?

– Se você tivesse cinco mil, para eu acertar as coisas... Eu lhe devolvo. Juro.

Posso assinar promissórias. Sei que não tenho esse direito, mas não tenho mais ninguém a quem recorrer.

– Vá lá em cima, Avery, e pegue o meu talão de cheques. Você sabe onde fica.

– Não.

– Vai fazer o que estou dizendo, e vai fazer agora.

Se quiser discutir comigo, faça isso depois – insistiu Willy B., pondo uma das mãos no ombro da filha. – Pode me dizer o que quiser, mas não agora. Isso é problema nosso, não dela.

Era raro ele ser tão incisivo, mas, quando resolvia ser, não mudava de ideia.

– Tudo bem – cedeu Avery. – Mas vai ser uma conversa bem longa e nada agradável.

Então ela subiu e, algum tempo depois, desceu as escadas pisando forte nos degraus.

Willy B. se sentou e abriu o talão de cheques.

– Vou lhe dar os cinco mil. E não é um empréstimo.

– Eu vou lhe devolver cada centavo.

– Não quero que me devolva nada. A menos que Avery mude de ideia, não quero nem ouvir falar de você depois que for embora daqui. Pegue o dinheiro e suma.

Espero que dê tudo certo.

– Sei que me odeia, mas...

– Eu não a odeio. Você me deu a luz da minha vida e isso é algo que não dá para esquecer. Portanto, vou lhe dar o que quer e estaremos quites.

Aquela era uma decisão irreversível, pensou Avery, e foi tomada por causa dela.

– Quero que me mande o seu endereço e o número do telefone quando tiver se instalado – prosseguiu ele. – Para mim, Traci. Não para Avery. Não entre em contato com ela de novo. Se ela quiser falar com você ou vê-la, pode me procurar e eu passo todas as informações que ela quiser.

– Tudo bem.

Willy B. dobrou o cheque e o entregou à mulher.

– Obrigada – disse ela. – Eu... A casa está muito bem cuidada. Você é um homem bom. Estou sendo sincera.

– Espero que esteja mesmo.

– Ela é linda – falou Traci, levando uma das mãos aos lábios. – Lamento muito. Lamento por tudo.

– Espero que lamente. Agora é melhor ir andando. Já escureceu e o tempo pode piorar mais tarde.

Tentando se recompor, ela se levantou e se dirigiu a Avery.

– Você foi a melhor coisa que já fiz na vida. E fiz a pior coisa do mundo com você. É muito difícil saber disso.

Quando ela foi embora, Avery se aproximou da janela para vê-la se afastar.

– Por que lhe deu o dinheiro?

– Porque ela está sofrendo. Perdeu alguém que amava e, agora, se deu conta de que jogou fora algo precioso. Nunca vai recuperar isso, o que também a faz

sofrer. E porque, para nós dois, isso encerra um capítulo – explicou Willy B. – Por que não me contou que ela foi procurá-la?

– Foi para isso que vim aqui hoje. Para lhe contar.

Eu só... não ia conseguir falar disso antes. Devia ter lhe contado, e aí você estaria preparado. Devia ter ligado para a minha avó. Mas simplesmente enterrei tudo. Esse assunto me faz sofrer demais, então pus uma pedra em cima dele.

– Eu entendo – disse Willy B., se aproximando e envolvendo a filha em um abraço.

– Mas hoje, quando a vi aqui, minha única reação foi a raiva. É melhor, não é?

– Para você? Sempre – respondeu ele, começando abalançá-la de um lado para outro nos braços. – Vai dar tudo certo, meu amor. Nós vamos ficar muito bem. Não se preocupe.

Tranquilizada pela voz do pai, pelo seu cheiro, pelo simples fato de estar ali com ele, Avery encostou o rosto em seu peito.

– Você me disse isso na época. E várias outras vezes desde então. Sempre foi verdade. Eu te amo muito, pai.

– Eu sou maior. Então, amo você ainda mais.

Avery deu uma risadinha e se aconchegou no abraço dele.

– Fiz uma sopa. A sopa de batata com presunto MacTavish, que acaba com qualquer tristeza.

– Parece perfeito.

– Vou buscar lá no carro.

capítulo dezesseis



OWEN RESOLVEU IR TRABALHAR na oficina. Aquilo lhe daria tempo para pensar. Tudo bem, talvez ruminar fosse a palavra mais exata, mas tinha o direito de se sentir assim.

No instante em que tinha começado a avançar um pouco mais, Avery recuara. Aquilo não fazia nenhum sentido. Enquanto ele se esforçava ao máximo para não deixar as coisas rolares soltas, para ter certeza de que estava dando valor a ela, para tratar a relação deles como uma coisa séria, ela lhe dizia, do nada, que estava ocupada demais para passar dez minutos em sua companhia?

– Que merda de desculpa é essa? – perguntou, dirigindo-se a Atticus, que respondeu abanando o rabo num gesto compreensivo.

Owen mediu a tábua, fez as marcas e voltou a medir tudo automaticamente antes de ligar a serra.

– Ela gosta de estar ocupada – prosseguiu Owen, gritando para ouvir a própria voz acima do barulho da ferramenta. – Adora o caos assustador de uma agenda enlouquecedora. Mas, do nada, me vem com essa história de estar sem tempo. Sem tempo para sair, sem tempo para ficar em casa, sem tempo para ter a porcaria de uma conversa.

Desligou a serra, retirou a tábua, tirou os óculos de segurança.

– Mulheres são um saco.

Mas Avery nunca tinha sido assim. Ninguém esperaria isso dela, o que tornava tudo ainda mais sem sentido.

Algo estava acontecendo. Será que ela não *entendia* que ele podia ver isso claramente? Evitando-o, inventando desculpas, fechando-se para ele. Estava agindo como...

– Ô-ôu.

Tinha começado a chamá-la para sair, a fazer planos. Meu Deus, tinha até lhe dado uma joia de presente. Provocara um desequilíbrio na situação. Seria isso? Será que ela não queria dar o próximo passo? Tudo vinha correndo muito bem até que Owen começou a tratar o que havia entre eles como *algo sério*.

Enquanto as coisas eram leves e descompromissadas, estava tudo perfeito. Bastou acrescentar um toque de seriedade e ela já recuou. Só sexo, ótimo. Mas tentar trazer um pouco de... romance... a fizera se trancar.

E Owen estava se sentindo um imbecil.

Avery não podia simplesmente ter lhe dito que queria manter tudo do jeito que estava? Será que, com a amizade que os unia desde sempre, ele se recusaria a fazer o que ela queria?

Além disso, merda, será que ele não tinha o direito de dar sua opinião?

Claro que tinha.

– Não sou um mero brinquedinho sexual!

– Estas são exatamente as palavras que uma mãe deseja ouvir da boca de um filho amado...

Estremecendo, Owen enfiou as mãos nos bolsos.

– Oi, mãe.

– Oi, Owen – disse Justine, fechando a porta da oficina às suas costas e esfregando as mãos por causa do frio. – O que está havendo?

– Só estou trabalhando num dos armários embutidos para a casa de Beckett.

– Você é um bom irmão.

– É. Bem, eu tinha algum tempo sobrando. Não vi seu carro quando cheguei.

– Acabei de entrar em casa.

Os dois cachorros vieram ao seu encontro, abanando o rabo.

– Fui à casa de Willy B. para levar alguma coisa para o jantar. Ele estava precisando conversar. Estou espantada em ver que você está ajudando o seu irmão em vez de fazer o mesmo por Avery.

– Fazer o quê? Por quê?

– Eles... Hum, Avery não lhe disse nada?

– Absolutamente nada – respondeu ele, irritado, tirando os óculos. – Absolutamente nada de nada. Está ocupada demais, não tem tempo, tem um monte de coisas pra fazer. Que diabo está acontecendo?

– Vai ter que perguntar isso a ela.

– Mãe, por favor.

– É algo que só ela pode lhe contar, querido. Se ela não quiser, então conto eu. Mas o problema é dela. Pra ser sincera, na minha opinião, ela já devia ter lhe contado.

– Você está começando a me assustar. Ela está doente?

– Não, não. É só teimosa e, eu diria, intransigente – respondeu Justine, aproximando-se do filho e suspirando. – Você é um homem pragmático, Owen. Sabe-se lá como isso foi acontecer. Não sei se deve ser assim ou não quando for falar com ela, mas estou certa de que deve tentar ser bem paciente.

– Ela está em apuros?

– Não, mas está abalada. Vá procurá-la, converse com ela. E, mais tarde, nós dois também vamos ter uma conversa. Agora vá – disse ela quando o filho pegou o casaco, apressado. – Deixe que eu apago as luzes.

Justine ficou observando Owen se afastar e sair enquanto acariciava a cabeça dos cachorros que haviam se deitado no chão ao seu lado.

– Está apaixonado por ela. É evidente que está. Mas ainda não percebeu isso e, com toda a certeza, ela também ainda não se deu conta.

Parada em meio ao cheiro de serragem e de óleo, Justine quase sentiu o rosto de Tommy colado ao seu. E fechou os olhos para mantê-lo ali por um instante que fosse.

– Foi mais fácil para nós dois, não foi, Tommy?

Não ficamos pensando tanto. Ah, vamos, meninos!

Vamos fechar isto aqui.



Primeiro, Owen a procurou no restaurante. Dave estava trabalhando no balcão, abrindo a massa.

– Avery está lá nos fundos? – perguntou Owen.

– Saiu pra fazer umas entregas. Ainda não conseguimos outro entregador.

– É você que vai fechar hoje?

– Não. É Avery.

– Poderia fazer isso no lugar dela?

– Claro, se... – balbuciou o rapaz, erguendo as sobrancelhas e uma concha de molho.

– Ótimo – interrompeu Owen, pegando o celular e se afastando do balcão enquanto teclava o número de Beckett. – Preciso de um favor – disse quando o irmão atendeu.

Quando Avery voltou, uns vinte minutos mais tarde, com a pele avermelhada por causa do frio, Owen estava sentado diante do balcão tomando uma cerveja.

– Vem muita neve por aí – comentou ela. – Temos que nos preparar para um volume maior de entregas.

Ele viu que ela havia percebido sua presença e hesitado. Merda, pensou.

– Olá, Owen.

– Preciso falar com você.

– Estou fazendo entregas – respondeu ela, mostrando as sacolas que carregava antes de deixá-las sobre o balcão. – Só me deixe...

Owen se levantou e pousou no balcão a cerveja que segurava.

– Em outro lugar – falou, e, pegando-a pela mão, levou-a na direção da porta que dava para a escada.

– Tenho que fazer as entregas.

– Beckett vai se encarregar disso.

– O quê? Não, não vai. Eu vou...

– Conversar comigo. Agora.

– Mais tarde conversamos. Tenho as entregas para fazer e sou eu que vou fechar a pizzaria hoje, portanto...

– Beckett vai fazer as entregas e Dave vai fechar o restaurante.

Owen conhecia aquele brilho de fúria nos olhos dela e, nesse momento, achou que era a melhor coisa que podia acontecer.

– Quem administra este lugar sou eu, não você!

– Está tudo funcionando e você pode voltar depois da nossa conversa.

– Que palhaçada – resmungou ela, tentando empurrá-lo.

– Tem toda a razão.

Para agilizar as coisas, Owen a pegou nos braços, atirou-a por cima do ombro e começou a subir.

– Ficou maluco? – esbravejou Avery, se debatendo e esmurando-o. – Vou acabar com você.

– Se continuar se debatendo, vou acabar deixando você cair de cabeça no

chão. Talvez seja melhor – retrucou ele, agarrando as pernas dela com firmeza.

Com a mão livre, pegou o chaveiro e encontrou a chave do apartamento.

– Estou avisando, Owen!

Ele empurrou a porta e voltou a fechá-la com um chute.

Conhecia muito bem a fúria de Avery. Ela ia socá-lo, chutá-lo e talvez até mordê-lo. Como não queria ficar com a marca dos dentes dela – mais uma vez – e também não queria machucá-la, calculou quais eram suas opções.

Era maior e mais pesado, pensou, e a carregou até o quarto.

– Nem pense em...

O resto da frase saiu em meio a um gemido arfante quando ele a jogou na cama, deitou por cima dela e imobilizou seus braços.

– Só quero que se acalme – falou.

– Me acalmar uma ova!

Avery podia ser rápida como uma cobra e escorregadia como um peixe, portanto ele tratou de manter cada pedacinho do próprio corpo fora do alcance dos dentes dela.

– Quando parar com esse escândalo, conversaremos. Não pretendo soltá-la até você prometer que não vai me bater, morder, chutar... ou jogar alguma coisa em mim.

O brilho de fúria nos olhos dela foi aumentando até chegar à explosão de uma verdadeira guerra.

– Quem lhe deu o direito de fazer isso? Acha que pode vir à minha casa me dar ordens, me dizer o que fazer e como? E na frente dos meus funcionários?

– Não acho, não. E peço desculpas. Mas você não me deu outra escolha.

– Pois vou lhe dar uma. Saia daqui! Agora!

– Acha que é a única que está com raiva? Posso ficar assim a noite inteira. Ou então você se controla e resolvemos tudo como o pessoas normais.

– Está me machucando.

– Não estou, não.

– A minha queimadura... – disse ela, com o queixo trêmulo.

– Merda – falou Owen e, instintivamente, afrouxou a pressão.

Para Avery, foi o suficiente.

Rápida como um raio, ela cravou os dentes no dorso da mão dele.

Owen soltou um palavrão e sugou o ar por entre os dentes enquanto voltava a imobilizá-la.

– Caramba, você me tirou sangue.

– E vou tirar mais daqui a pouco.

A mão de Owen estava doendo como um dente inflamado, o que o deixou furioso.

– É assim que você quer? Pois vou mantê-la aqui, imóvel, enquanto eu falo. Qual é o seu problema?

– Qual é o *meu* problema? Você me arrasta pra fora do meu local de trabalho, me agarra com força, me empurra...

– Não empurrei você. Ainda. E estou querendo saber o que aconteceu com você antes disso.

Virando a cabeça para o lado, ela fulminou a parede com os olhos.

– Não quero falar com você.

– Exatamente. Você não fala comigo há quase uma semana. Se ferrei com tudo, preciso saber disso agora. Se não quer mais ficar comigo como antes, ou se não quer dar o próximo passo, mereço saber também, não mereço? Mereço alguma satisfação, Avery, e temos que conversar, de um jeito ou de outro.

– Não tem nada a ver com você, conosco, nem com nada disso que você disse.

Não tinha mesmo? Avery se deu conta de que, em certo nível, tinha, sim. Porque ela havia deixado que as coisas tomassem aquele rumo.

Fechou os olhos. Estava cheia de tudo aquilo. Cheia de si mesma.

Ela o tinha magoado. Percebia isso claramente agora que conseguia ver além das próprias mágoas. E Owen não tinha feito nada para merecer aquilo.

– Alguma coisa está errada. Você precisa me dizer o que é.

– Me deixe me levantar, Owen. Não posso falar deste jeito.

Ele recuou, com todo o cuidado, mas ela se limitou a se virar e se sentar na cama. Depois, enterrou o rosto entre as mãos.

– É a pizzaria? – perguntou ele, já que não conseguia pensar em nada mais. – Se estiver com problemas financeiros ou...

– Não, não. O movimento anda bom – disse ela, levantando-se para tirar o casaco. – Você sabe que a minha avó fez aquele pecúlio pra mim depois que a minha mãe foi embora. Acho que fez isso, em parte, por culpa, embora ela não tivesse motivo algum para se sentir culpada. Seja como for, sou a herdeira, portanto – prosseguiu ela, dando de ombros –, foi por isso que pude abrir a Vesta e vou poder ter o novo restaurante. Só preciso fazer com que funcionem bem.

– A sua avó está doente?

– Não. Por que...? – Avery compreendeu que ele ia ficar tentando adivinhar até que ela lhe contasse o que estava acontecendo. – Ninguém está doente. Você não ferrou com nada.

– Qual é o problema, então?

– Minha mãe apareceu aqui.

– Sua mãe? Quando?

– Estava me esperando, sentada na escada, quando cheguei em casa naquele dia em que fui fazer compras com Clare e Hope. As coisas não correram nada bem. – Avery se virou para ele de novo, sentou-se a seu lado e cruzou as mãos no colo para mantê-las firmes. – Eu nem a reconheci – prosseguiu. – Tinha apagado o rosto dela da minha mente. Depois que olhei direito, vi que não havia mudado muito. Ela disse que queria me ver, que lamentava tudo o que tinha feito. Eu não acreditei. Ela começou a chorar, mas isso não me comoveu.

– E por que deveria, não é mesmo?

– Ela estava grávida quando os dois se casaram. Eu sabia disso. Tinha feito as contas, e conversei com meu pai sobre isso há muitos anos. Ele me disse que eles se amavam, e, da parte dele, acho que deve ser verdade. Talvez ela pensasse que o amava também. Enfim, ela ficou insistindo na questão da pouca idade que tinha. Só que o meu pai também era novo, não tinha nem 21 anos, e conseguiu dar conta do recado.

Tentando consolá-la, Owen fez um carinho na sua perna.

– Willy B. é um cara maravilhoso.

– É, eu sei – disse ela, tendo, a contragosto, que enxugar uma lágrima. – Eu fui um bebê que deu muito trabalho, ela sempre tinha muitas coisas pra fazer, não estava feliz, blá-blá-blá. Depois, lançou a bomba: fez um aborto quando eu tinha uns 3 anos.

Desta vez, Owen pousou a mão sobre a dela.

– Não é nada fácil ouvir uma coisa dessas.

– É, mas aposto que foi muito mais difícil para o meu pai, que só soube depois do fato consumado. Ela foi lá, fez o aborto e ligou as trompas sem nem perguntar o que ele achava disso. Quem faz uma coisa dessas? – falou, encarando Owen com os olhos cheios de lágrimas. – Quem trata alguém desse jeito? Ela sabia que ele queria ter mais filhos, mas eliminou essa possibilidade sem sequer avisá-lo. Essa é outra forma de trair. E uma forma terrível...

Em silêncio, Owen se levantou, foi até o banheiro, encontrou uma caixa de lençóis de papel e trouxe para ela.

– Obrigada. Não adianta nada chorar, mas ainda não está dando para engolir essa história.

– Então, talvez chorar ajude, sim.

– Ela só contou para ele o que tinha feito porque aquilo escapou, no meio de uma briga que eles tiveram, e aí meu pai ficou chateado e furioso. Ela concordou em fazer terapia de casal, mas continuou se sentindo aprisionada e infeliz, coitadinha, então começou a ter um caso. E depois outro. Esses são os que ela admitiu, mas foram mais de dois antes de ela ir embora, Owen. Até eu descobri isso. – Nesse ponto, voltou os olhos para ele. – Você sabia. Praticamente todo mundo sabia que ela estava traindo meu pai.

Owen refletiu por um instante, fitando aqueles olhos devastados. Dava para notar que Avery não queria mentiras.

– É – assentiu. – Praticamente todo mundo sabia.

– Minha mãe era a vagabunda da cidade. Na verdade, tudo ficou mais fácil depois que ela nos abandonou.

Owen levou a mão dela aos lábios.

– Nunca é fácil.

– Talvez não, mas pelo menos as coisas não estavam mais acontecendo bem na cara do meu pai. Ela ficou com o sujeito pelo qual nos abandonou. Foi o que disse. E acreditei. Steve. Tive que ouvir como ela se sentia infeliz, como aquela vida não lhe bastava, como ela amava o tal Steve.

– Deve ser assim que ela justifica para si mesma tudo o que fez. Você não precisa aceitar. Seus sentimentos são o que são.

– Foi duro. Não queria me sentir assim, mas foi o que aconteceu. Ela ficou dizendo como lamentava o que fez, como eu era bonita, como se orgulhava de mim e do que consegui na vida. Como se tivesse alguma participação nisso. Então, o tal Steve morreu. Há alguns meses.

– E ela ficou sozinha – murmurou Owen.

– Exatamente. E sem grana. Fiquei sabendo disso quando ela me perguntou se eu não podia lhe emprestar algum dinheiro.

Owen se levantou de forma brusca, foi até a janela e ficou olhando a neve

que tinha começado a cair. Não podia imaginar uma mãe usando um filho para conseguir algum dinheiro, mas podia muito bem imaginar como aquilo devia machucar, sobretudo alguém como Avery.

– O que você fez?

– Disse um monte de coisas bem duras. Ela chorou ainda mais e, céus, implorou. Queria ficar aqui, comigo. Primeiro pediu para ficar umas semanas, depois, só uma noite. Aquilo tudo me deu nojo. Sim, nojo. Dei pra ela o que tinha na carteira e a mandei embora.

– Você fez o que tinha que fazer e foi bem mais do que muita gente faria – retrucou ele. – Por que não me contou, Avery? Por que me afastou em vez de me deixar ajudá-la?

– No começo, não contei pra ninguém.

Simplesmente não dava...

Ele a encarou.

– Mas eu não sou uma pessoa qualquer, Avery.

– Você não é capaz de entender, Owen. Você ia tentar me consolar e não era isso que eu queria. Acho que não teria conseguido lidar com uma atitude assim. Mas, se não é capaz de entender, é porque nunca se sentiu indesejado. Sempre soube que os seus pais o amavam e que fariam qualquer coisa para protegê-lo. Não imagina como eu invejava a sua família, mesmo antes de a minha mãe ter ido embora. E vocês sempre estiveram do meu lado. Junto com meu pai, vocês eram a minha verdadeira referência.

– Nada disso mudou.

– Eu sei. Só que às vezes tudo o que a gente quer é ter a mãe por perto, ter o amor dela. E, quando isso não acontece, nos sentimos... menos. – Incapaz de pensar em outro termo, Avery ergueu as mãos e, depois, deixou-as cair novamente. – Sim, menos. Pouco importava o que o meu pai dissesse, o que os seus pais dissessem, e Deus sabe que eles disseram e fizeram as coisas certas, eu continuava acreditando que ela havia ido embora por minha causa. Que eu era má, ou não valia nada, ou, pelo menos, não o bastante. Esta é a verdade: eu não era boa o bastante.

– Mas isso não tem nada a ver com você, Avery.

– Eu sei. Só que, às vezes, a gente sabe uma coisa e sente outra. Talvez o que ela fez tenha me levado, em parte, a trabalhar tanto, a me esforçar tanto e a conseguir tudo o que consegui. Portanto, melhor para mim.

Depois de um momento de hesitação, ela prosseguiu, deixando os sentimentos saírem:

– Apesar de tudo isso, algo dentro de mim me leva a querer saber por que nunca fui capaz de manter um relacionamento forte e duradouro. Por que nunca acho que vale a pena continuar e acabo caindo fora. Então, acabo achando que herdei isso dela.

– Não é verdade.

– Afastei você – retrucou ela, voltando a fitá-lo. – Tem toda a razão quanto ao que disse. No primeiro momento difícil, minha reação imediata foi me afastar em vez de me aproximar.

– Mas estou aqui.

– Isso é típico de você, Owen. De alguém que não desiste. Que fica pensando e repensando um problema até encontrar uma resposta.

– Qual é a resposta, Avery? – perguntou ele.

– Você é que deve saber – respondeu ela, encostando a cabeça no ombro dele. – Me desculpe. Magoei você e deixei que pensasse que tinha feito algo errado quando, na verdade, não tinha. Acho que já andava pensando mil coisas e o aparecimento da minha mãe acabou de ferrar com a minha cabeça. Não só em relação a você. A princípio eu não tinha contado nem para o meu pai. Só depois de um tempo eu consegui colocar a cabeça no lugar.

– O que você cozinhou? – perguntou ele, pondo uma das mãos sobre a dela.

– Meu Deus! – exclamou Avery, contendo as lágrimas. – Como eu sou previsível. Sopa. Levei um pote grande de sopa para meu pai e ela estava lá.

Virando-se um pouco, Owen lhe deu um beijo na cabeça.

– Mais difícil ainda.

– Não sei. Aquilo parece ter acionado um botão. Fiquei tão furiosa ao ver que ela havia ido procurá-lo, que ia confundir a cabeça dele da mesma forma que tinha feito comigo... Ele parecia tão triste quando entrei, com ela sentada ali, chorando... Não consegui suportar. Era a mesma ladainha, e devo dizer que, depois de ter pensado por algum tempo, acho que não era mentira. Pelo menos não inteiramente. Acho que ela sente muito, sim, e talvez só sinta porque agora está sozinha e pode olhar para o passado. E esse é o problema, na verdade. Ela sente muito, está triste e solitária, mas sabe que não pode voltar atrás.

Avery fez uma pausa, respirou fundo e continuou.

– Meu pai lhe deu os cinco mil que ela queria com a condição de que ela nunca mais me procurasse. Disse que, depois que estivesse instalada, ligasse para ele para dar seu telefone e seu endereço e que, se algum dia eu quisesse falar com ela, ele me passaria os contatos.

– Bem típico de Willy B. – comentou Owen, baixinho.

– Não entendi por que meu pai deu o dinheiro a ela, mas depois ele me disse que foi porque ela estava sofrendo, o que só mostra como ele é bom. E também porque aquele gesto fechava uma porta que ele e eu precisávamos fechar. Como sempre, pensando em mim e me amando.

– Ele é o melhor sujeito do mundo. Mas não é o único que se importa com você.

– Eu sei. Sou uma mulher de sorte, até mesmo abençoada. Mas não consegui contar nem a você, nem a Hope, nem a Clare, ou a qualquer pessoa realmente importante para mim. Simplesmente não podia admitir que minha mãe tinha voltado depois de todos esses anos só porque está sozinha e falida. Por mais que possa lamentar o que fez, ela só apareceu porque precisava de dinheiro. Saber disso fez com que eu me sentisse tão pequena, tão fraca... Queria manter todos vocês a distância até estar forte de novo...

Owen esperou um instante e então falou:

– Tenho algumas coisas pra dizer.

– Tá bem.

– Quem é pequena, quem é fraca, é ela, e será assim para sempre, por ter lhe dado as costas, por ter abandonado não apenas as responsabilidades que tinha,

mas tudo o que você poderia vir a ser. Ela nunca vai ter uma filha que a ame para valer, incondicionalmente, como você ama o seu pai. Ela é fraca, Avery, não você.

– Sim, mas...

– Ainda não terminei. Você acha que o seu pai é um fraco?

– Ai, meu Deus, claro que não. Ele é muito mais do que a maioria das pessoas consegue ser.

– Ela também o deixou. Ela o abandonou sem dizer uma palavra. Preferiu outro homem a ele. Nem ao menos o respeitou dizendo a verdade, propondo abertamente o divórcio. Mas isso não o diminui em nada, nem como homem, nem como pai, nem como amigo. Ela voltou porque estava precisando de alguma coisa e foi dele que conseguiu dinheiro.

– O problema é ela. Não ele.

– Isso mesmo. O problema é ela. Não ele. Nem você.

Algo se abrandou dentro de Avery. Algo apertado, duro e dolorido.

– É bom ouvir isso.

– Ainda não acabei. Estando feliz ou triste, nos momentos bons ou ruins, você continua sendo você. Se acha que só estarei aqui, se decidi que só me quer aqui, quando tudo estiver maravilhoso, está enganada. Não é assim que vai funcionar para mim. Nossa relação nunca foi superficial e seja lá o que tiver mudado nela, não foi isso. Pronto. Era isso que eu queria dizer.

Agora a vergonha era mais forte que a tristeza, que começava a se dissipar.

– Fui uma idiota.

– Verdade. Mas, desta vez, passa.

Aliviada, Avery conseguiu sorrir.

– Tá bem. Agora você tem crédito pra ser idiota uma vez também.

– Não vou deixar você esquecer isso. E tem mais. Pessoalmente, não vejo por que ficar remoendo essa história de relações mais ou menos importantes, tentando saber como e por que elas deram certo ou não. Estamos juntos nisso. Se achar que não está funcionando, é melhor não procurar um jeito de escapar. Seja sincera e me diga o que está acontecendo. Não sou um sujeito qualquer do qual você tenha que se livrar.

– Nunca pensei...

– Tentou se livrar de mim, sim.

Avery já tinha desculpas e racionalizações na ponta da língua. Tudo bobagem, pensou. Bobagem e mentira.

– Não sei se tentei porque achei que podia ou porque sabia que não podia. Simplesmente não sei. Seja como for, eu estava errada. Você tem razão: estamos juntos nisso.

– Vou fazer uma promessa solene aqui e agora – falou Owen, levando a mão ao rosto dela. – Se não quiser mais ficar com você, vou lhe dizer isso cara a cara.

Ela sorriu.

– Eu também.

Owen então a pôs no colo e ela ficou ali, toda encolhida.

– Que bom que você agiu feito um brutamontes e me arrastou aqui para cima. Senti falta de falar com você, de estar com você.

– Eu tive que ser um brutamontes, porque você estava sendo uma idiota.

– Você disse que dessa vez ia deixar passar, e ficar me xingando não é exatamente deixar passar – murmurou ela, erguendo o tronco. – E ainda por cima mandou Beckett ir fazer as entregas.

– Ele agora tem três filhos. As gorjetas vão ser bem-vindas.

Ela riu e pegou a mão dele, mas a soltou quando Owen gritou.

– Ai, meu Deus! – exclamou ela, pegando-a novamente com todo o cuidado.
– Machuquei você mesmo.

– Não diga.

– A culpa foi toda sua. Quem mandou cair no velho truque do “ai, está me machucando”?

– Não vai acontecer de novo.

– Me deixe cuidar disso aí.

– Depois – retrucou ele, puxando-a para junto do peito enquanto o mundo voltava a girar suavemente. – Não sobrou nem um pouco de sopa?

– Guardei a de tomate defumado no freezer. Posso esquentar.

– Ótima ideia. Mais tarde – disse Owen, inclinando a cabeça de Avery para trás e a beijando.

– Ah, sim, só mais tarde.

Com os sentimentos à flor da pele, Avery cobriu o rosto de Owen de beijos enquanto desabotoava sua camisa.

– Também senti saudade disso – murmurou ela. – Saudade de tocar você.

Na verdade, pensou Avery, tinham sido apenas alguns dias, mas parecia que haviam sido semanas. Agora, ali estava ele, cheirando a serragem, com o peito quente e forte por baixo da camisa grossa, as mãos calejadas tão confiantes e tranquilas puxando o suéter dela para cima.

A sua verdadeira referência, pensou ela. Sólida e constante.

A mão de Owen estava doendo por causa dela. Mas o sofrimento maior era em seu coração, só de pensar na dor que ela havia enfrentado, por ela achar que precisava suportar aquilo sozinha.

Avery tinha dito que ele não conseguia entender, mas estava enganada. Ninguém precisa vivenciar uma dor para entendê-la.

Owen achava que a conhecia, que conhecia cada uma das suas facetas, mas estava enganado. Aquela parte de Avery que duvidava do próprio valor, da própria coragem, era novidade para ele, e trazia consigo complexidades e vulnerabilidades.

Contra todos esses sofrimentos, Owen lhe ofereceu um toque delicado, carícias suaves, demonstrando prazer em sentir as suas curvas, a sua pulsação, o hábito quente junto à própria pele.

Quando ela tomou o rosto dele entre as mãos, quando sorriu para ele antes de os seus lábios se encontrarem novamente, Owen pensou: Pronto. Esta é Avery. Inteirinha.

Ela passou as mãos pelas suas costas, pela lateral do seu corpo, subindo e descendo como se estivesse tentando decorar suas formas. Querendo se doar por inteiro, envolveu o corpo de Owen com o seu, e então ouviu-o praguejar baixinho, pois o ombro dela tinha pressionado a mão machucada dele.

– Ops – disse Avery, com uma risada.

Tudo então desapareceu. Toda a culpa e a dor, todos os pedidos de desculpa e todas as preocupações.

Estamos juntos nisso, pensou ela novamente. Envolveu o corpo dele com o seu mais uma vez e começou a morder seu ombro.

– Gostei da ideia de morder você – falou, trepando em cima dele e voltando a mordê-lo bem de leve.

– Está a fim de um clima mais selvagem?

– Você já se encarregou disso quando me trouxe para cá como um fardo e me jogou em cima da cama. Agora, vai ver o que é bom – acrescentou Avery, e, tomando cuidado com a mão que estava machucada, agarrou os punhos de Owen e se encarpitou no peito dele.

– Estou achando muito bom...

– Porque, agora, estamos nus.

– É um detalhe importante.

Avery abaixou a cabeça e, quando chegou bem perto dos lábios dele, recuou. Voltou a se inclinar e a recuar.

– Você está pedindo... – ameaçou ele.

– Ah, eu me garanto.

Mais uma vez abaixou a cabeça e começou a passar a língua pelo peito de Owen.

Verdade, pensou ele, sentindo o sangue ferver. Ela se garante.

Avery se apoderou daquele corpo, de cada centímetro dele, provocando, incitando, seduzindo, excitando. Ora com movimentos rápidos e bruscos, ora bem devagar e com delicadeza, deixando-o totalmente à sua mercê, totalmente entregue.

Conduziu-o para dentro de si, bem fundo, e o agarrou com força pelos ombros enquanto o triunfo e a entrega tomavam conta do seu próprio corpo. Owen pegou os seios dela e começou a estimulá-los enquanto sentia seu coração bater furiosamente.

Ela se abaixou de novo e, desta vez, colou os lábios aos dele num beijo tremele e demorado.

Depois, voltou a se erguer, jogou a cabeça para trás e deixou que tudo o que existia entre eles a preenchesse. Os dois chegaram juntos ao êxtase.



Mais tarde, Avery cuidou da mão dele e beijou o pequeno ferimento. Usando o robe de xadrez azul, foi esquentar a sopa na cozinha. Nesse meio-tempo, Owen serviu duas taças de vinho.

Num impulso, ela pôs velas à mesa. Não era exatamente uma ceia da meia-noite, pensou, olhando o relógio, mas era quase.

– Está nevando muito agora. É melhor você ficar.

– Sim, é melhor.

Feliz da vida, ela serviu a sopa em duas tigelas de louça branca enquanto a neve caía lá fora.

capítulo dezessete



DESDE QUE SE ENTENDIA por gente, Owen gostava de descobrir coisas, encontrar respostas, esmiuçar detalhes. Sua propensão inata para horários, cronogramas, prazos e soluções fazia dele o coordenador natural da empreiteira da família. Nunca havia lhe passado pela cabeça, não a sério pelo menos, fazer qualquer outra coisa na vida e não conseguia imaginar nenhum outro trabalho que pudesse lhe dar tanto orgulho ou satisfação.

Trabalhar com os irmãos era perfeito para ele. Podiam discordar – e discordavam –, podiam encher o saco uns dos outros, xingar e reclamar, mas sempre acabavam resolvendo qualquer problema. Owen compreendia o ritmo dos outros dois como compreendia o próprio. Sabia quais eram os pontos fracos de cada um deles, e os usava para alfinetá-los quando estava irritado.

Resolver problemas apresentando os fatos, propondo possíveis concessões e ocasionalmente fazendo um ultimato era sua especialidade.

E ele encarou a história de Elizabeth como um problema a ser resolvido.

Tinham um fantasma na pousada. Era, sem dúvida, um fato estranho, mas era um fato. Até o momento, ela havia se mostrado amigável, meio temperamental, e todos tinham uma dívida para com ela por tê-los avisado que aquele desgraçado do Sam Freemont havia atacado Clare.

Elizabeth só queria uma coisa: Billy.

Mas – e este era o problema – quem diabo seria Billy? *Onde* diabo ele estaria? Que relação teria com a mulher que haviam passado a chamar de Elizabeth?

O anel indicava uma relação amorosa, provavelmente um noivado. Mas, no mundo de Owen, isso não era um fato.

O fantasma que vivia na pousada da família não lhes dava nenhuma pista.

Para Owen, a melhor maneira de resolver aquilo era identificar Elizabeth e descobrir a data da sua morte.

O local devia ser a pousada. Embora isso não fosse um fato comprovado, era uma suposição lógica.

– Faz todo o sentido, não faz? – perguntou ele a Hope.

Tinha instalado o laptop na sala de jantar, baseando-se na teoria de que Elizabeth lhe daria mais indicações se ele estudasse o caso dela no próprio local dos acontecimentos.

– Também tenho essa impressão – concordou ela, colocando uma xícara de café ao alcance da mão dele. – Caso contrário, por que estaria aqui?

– Andei fazendo umas pesquisas em sites sobre atividade paranormal. A gente

encontra todo tipo de coisas e muitas delas são pura baboseira, mas descobri que a maioria das pessoas que não, digamos, fez a passagem tende a permanecer perto do lugar onde morreu, ou então voltar para algum local importante ou significativo. Se Elizabeth morreu aqui, pode ter sido uma hóspede, uma empregada, uma parenta ou conhecida dos proprietários.

– Os registros funerários poderiam ser um ponto departida, mas por onde começar?

– Boa pergunta.

– Bem, pela descrição que vocês fizeram das roupas dela, acho que foi depois do início da Guerra Civil e antes de 1870. Ela já não usa aquelas saias imensas com armação, mas ainda é uma saia bem rodada.

– É. Mais ou menos assim... – disse ele, abrindo os braços. – Mas eu a vi muito rapidamente.

– Se ela me deixar vê-la, posso ter uma noção mais exata.

Por que não deixava? Hope se perguntava. Afinal, as duas eram, como dissera Avery, vizinhas de quarto.

– Como são as mangas? – perguntou ela.

– As mangas?

– Do vestido, Owen. Compridas? Curtas? Largas?

Bufantes?

– Ah! Hum... Compridas. Meio grandonas, acho.

– E luvas? Ela usa luvas?

– Não sei se... Olhe, acho que sim. Mas sem dedos. Feito uma renda, ou como aqueles paninhos de crochê que minha avó fazia. E, agora que você começou a me fazer essas perguntas, lembrei que ela usa uma daquelas coisas que envolvem os ombros.

– Um xale. E você disse que ela também usa uma rede de cabelo.

– Eu disse?

– Sim. Que ela usa o cabelo preso para trás, numa rede.

– Então eu disse.

– Tenho uns minutinhos livres. Posso...? – perguntou Hope, fazendo um gesto em direção ao notebook.

– À vontade.

Owen virou o computador para ela e ficou sentado ali, esperando, tomando seu café enquanto ela digitava.

– Tenho quase certeza de que, juntando todos esses elementos, estamos nos referindo a meados da década de 1860 – comentou Hope.

Owen ficou calado por um instante, deixando-a fazer as buscas. Como era tranquilo ali dentro, pensou ele, assim no meio do dia. Não podia demorar muito, porque precisava voltar ao prédio ao lado para dar uma mãozinha a Ryder. E talvez dar um pulinho na Vesta depois, para ver se combinava com Avery saírem... ou ficarem em casa.

– Que tal isto? – perguntou Hope, virando a tela para ele. – O que acha?

Curioso, ele ficou observando a ilustração que representava um pequeno grupo de mulheres numa sala de estar.

– Só consigo me perguntar por que as mulheres iam querer usar umas coisas

que parecem tão desconfortáveis.

– São as tiranias da moda, Owen. Aprendemos a conviver com elas.

– Pelo visto, aprendem mesmo. Esta aqui é bem parecida – falou, apontando. – A saia é quase igual a esta, e as mangas também. E a roupa tem uma gola alta como esta daqui. Com uma renda ou alguma outra coisa por cima, talvez.

– Essa era a moda em 1862. Então, podemos começar por aqui. E duvido muito que estejamos procurando uma camareira ou criada – acrescentou Hope, observando a imagem. – São trajes da moda. Claro que poderia ser um vestido que a patroa ou uma parenta tivesse lhe dado, mas, a julgar pelo que temos aqui, ela se vestia como uma mulher de posses.

– Então vamos apostar nessa hipótese. Obrigado.

– De nada. Isso tudo é bem interessante. Se precisar de mim, estarei no escritório.

Owen ainda pretendia trabalhar por cerca de meia hora e, depois, se livrar do cinto de ferramentas. Mas acabou se entretendo ali, remexendo em velhos registros, artigos de jornais antigos, sites de genealogia.

A certa altura, Hope voltou e lhe serviu um café fresco junto com um prato de cookies ainda quentinhos.

Finalmente, ele se recostou na cadeira e ficou olhando para a tela com a testa franzida.

– Que diabo é isso? – Era a voz de Ryder. – Fica sentado aqui comendo cookies enquanto eu me mato de trabalhar lá no outro prédio?

– Hã?

– Já são duas e meia.

– Ah, desculpe. Acho que consegui encontrá-la.

– Quem? – perguntou Ryder, pegando o último cookie.

Sua irritação pareceu diminuir bastante depois da primeira mordida.

– Você sabe muito bem – respondeu Owen, apontando para o teto. – Ela.

– Pelo amor de Deus, Owen, temos um monte de coisas para fazer e você fica bancando o caça-fantasmas no horário de trabalho.

– Eliza Ford, dos Ford de Nova York.

– Ah, que ótimo que esclarecemos isso.

– Estou falando sério, Ry. Acho que tudo se encaixa. Ela morreu aqui, de uma febre qualquer, em setembro de 1862. Foi enterrada em Nova York. Tinha 18 anos. Eliza, Elizabeth, Lizzy. É bem legal, vai.

– Muito. Estou fascinado. Se ela já está por aqui há quase 150 anos, acho que pode perfeitamente esperar até terminarmos a obra aqui ao lado – retrucou Ryder, pegando a caneca do irmão e bebendo um gole. – O café está frio.

– Vou lá em cima tentar conversar com ela.

Compenso o tempo perdido depois. De qualquer modo, Avery vai trabalhar até as seis.

– Fico muito feliz em saber que essa coisa insignificante como o trabalho se encaixa na sua agenda social.

Irritado com o tom do irmão, Owen respondeu na mesma moeda.

– Já disse que vou compensar esse tempo. Que droga, Ry. Temos uma dívida

com essa mulher. Foi ela que nos avisou sobre Sam Freemont. Ele podia ter feito coisa pior com Clare se Beck não tivesse chegado lá a tempo.

– Merda – falou Ryder, tirando o boné e passando a mão pelo cabelo. – Tudo bem. Vá conversar com a sua amiga morta. Mas depois apareça lá na obra. Ainda sobrou algum desses cookies?

– Não sei. Pergunte a Hope.

Com um grunhido, Ryder saiu.

Owen fechou o laptop, mas o deixou em cima da mesa e subiu a escada. Em sua busca, tinha encontrado várias mulheres entre 18 e 30 anos que haviam morrido na cidade naquele período de tempo. E haveria ainda mais se ele levasse em conta a teoria segundo a qual um fantasma pode escolher a própria idade.

Mas ele *sentia* que Eliza Ford era a pessoa certa.

Só quando chegou lá em cima lembrou que a operação-padrão determinava que Hope ou Carolee trancasse à chave todas as suítes que não estivessem ocupadas. Pelos vivos, ao menos.

Estava se virando para descer quando a porta da Elizabeth & Darcy se abriu.

– Muito bem, vou considerar isso como um convite para entrar.

Sentiu-se estranho ao entrar no quarto que tinha como marca registrada o perfume de lavanda e o cheiro de madressilva de Elizabeth – ou Eliza.

– Então... – falou.

Com um rápido clique, a porta se fechou delicadamente às suas costas e Owen sentiu um ligeiro calafrio.

– Então... – repetiu ele. – Faz um mês que a pousada foi inaugurada. As coisas estão indo muito bem. Tivemos uma pequena cerimônia de casamento no último fim de semana. Imagino que saiba disso. Tudo correu dentro do esperado, segundo Hope. Agora tenho que ir trabalhar no prédio ao lado, mas andei fazendo umas pesquisas lá embaixo a respeito de você. Teríamos mais chance de ajudá-la se soubéssemos quem você é. Seu nome é Eliza?

As luzes piscaram, e os dedos dele começaram a formigar.

– Eliza Ford?

Primeiro surgiu a silhueta, vaga e turva, e depois tomou a forma de uma mulher que lhe sorriu e fez uma reverência.

– Eu *sabia!* Eliza.

Ela levou uma das mãos ao coração e Owen podia jurar ter ouvido um sussurro dentro da própria cabeça. *Lizzy*.

– As pessoas a chamavam de *Lizzy*? Era o seu apelido?

Billy.

– Billy a chamava de *Lizzy*. Quem é Billy?

A moça cruzou a outra mão sobre a que já estava em seu peito e fechou os olhos.

– Você o amava. Já entendi isso. Ele morava aqui, em Boonsboro? Perto daqui? Onde? Você veio visitá-lo? Estavam juntos quando você morreu? Ou talvez ele tenha morrido antes.

Os olhos dela se abriram de súbito. Owen percebeu a expressão de perplexidade e se repreendeu mentalmente. Talvez ela não

soubesse que estava morta ou que Billy só podia estar morto. Tinha lido qualquer coisa a respeito disso também.

– Quero dizer – falou, tentando emendar-se –, você veio encontrá-lo aqui? Na pousada? Na hospedaria?

Mas Lizzy desapareceu. Um momento mais tarde, a porta da varanda se escancarou e se fechou com um golpe brusco.

– Ok Acho que você está precisando de um tempo para pensar. Volto para conversar mais tarde. Que besteira você fez, Owen – resmungou consigo mesmo ao descer a escada. – Isso é que é ter tato... “E então, Lizzy, como é estar morto?” Merda.

Levou o laptop para a caminhonete e pegou as ferramentas. Depois, saiu pelo portão de grade e entrou no prédio ao lado para expiar os pecados usando a pistola de pregos.



– Que coisa mais triste – disse Avery, derramando sobre os filés de atum a marinada que tinha preparado pela manhã. – Só 18 anos. Sei que havia gente que nem chegava a essa idade e, em geral, as mulheres se casavam e tinham filhos ainda mais cedo. Mesmo assim, 18 anos... De uma febre?

– Não consegui encontrar muita coisa. Vou procurar mais detalhes agora que sei o nome dela. O que vi foram apenas umas poucas linhas.

– Eliza. É tão parecido com o nome que Beckett lhe deu... E o mesmo apelido, Lizzy.

– Isso faz com que toda essa história pareça coisa do destino. Mamãe escolheu o nome e a localização da suíte. Beckett começou a chamá-la de Elizabeth por causa disso. E, depois, de Lizzy.

– Não sei se é coisa do destino, mas é meio assustador. Bem assustador. E acho que você foi incrível. Não, mais que isso, acho que você foi brilhante descobrindo quem ela é. Mas como isso vai ajudar a encontrar Billy?

– Eu precisava de algo mais concreto. Agora tenho o nome dela, sei onde morava e como morreu. Posso tentar seguir essas indicações para chegar a ele. Ela veio aqui para encontrá-lo? Ele era daqui ou era de fora?

Avery, que lavava verduras para a salada, olhou para trás na direção de Owen.

– Setembro de 1862. Pode ser a sua resposta.

– Por quê?

Avery largou as verduras e se aproximou dele.

– Há quanto tempo mora na região sul do condado de Washington, Owen?

– Desde que... Ah, merda! Nem pensei nisso. Estava tão concentrado em descobrir quem ela era e, quando dei com aquele nome... a batalha de Antietam.

– Ou de Sharpsburg, dependendo do lado em que você estivesse. Dia 17 de setembro de 1862, a data mais sangrenta da Guerra Civil.

– Ele podia ser um soldado. Talvez ela tenha vindo até aqui para tentar vê-lo, para fazer algum tipo de contato com ele. Havia até gente que ia ver as batalhas, não é mesmo? Transformando tudo aquilo numa espécie de piquenique...

– As pessoas sempre foram esquisitas. Seja como for, ela morreu no dia da batalha. Você disse que ela era de Nova York, portanto parece lógico que tenha se hospedado na pousada. Se tivesse amigos ou parentes na região, com certeza teria ficado com eles. Billy também podia ser de Nova York e ela o seguiu até aqui por um motivo qualquer.

– Ou ele era da região e ela veio encontrá-lo. Ou então, como a maioria dos homens da sua idade, se imaginarmos que era jovem como ela, estava lutando na guerra.

– Essa hipótese parece a mais provável. Prove isto.

Owen pegou um pedaço de um pão fininho e crocante.

– Bom. Muito bom mesmo. O que é?

– Uma receita que estou testando. Usei o rolo até deixar a massa de pizza fininha que nem papel. Depois, temperei com ervas e assei no forno. Estou pensando em servir no restaurante novo. Bem, pelo visto ela veio até aqui para procurá-lo. Ela morreu, mas, se tivesse conseguido encontrá-lo, os dois não estariam juntos? Seguindo este raciocínio, então, podemos chegar à conclusão de que ele não estava na cidade quando ela ficou doente.

– Ou simplesmente a abandonou. Não apareceu. Podia ser casado, não estar interessado nela...

– Isso não é nada romântico – falou Avery, tirando o prato da frente de Owen antes que ele pudesse pegar mais um pedaço de pão. – Ou continua na linha do romantismo ou não lhe dou mais.

– Só estou considerando as possibilidades – retrucou Owen, e, como ela continuou a manter o prato fora do seu alcance, revirou os olhos e acrescentou: – Tá bem, eles foram uma versão Guerra Civil de Romeu e Julieta. Amantes desventurados.

– Não gosto de suicídio de adolescentes. Pense em outra coisa.

– Estou faminto demais para pensar.

Avery cedeu e pôs o prato novamente no balcão.

– Seja como for, não acho que isso vá ajudar a encontrar Billy.

– Vou ver o que mais descubro a respeito de Lizzy. Primeiro ato – disse Owen, e, partindo o pão, ofereceu metade a Avery. – Podia chamar isto aqui de Pão Crack Não só pelo barulho que faz quando a gente parte, mas também porque é viciante.

– Rá, rá! Talvez Pão Crocante. Estou pensando em colocá-lo junto com grissinis nuns potes de vidro em cima de cada mesa.

– Acho que podemos começar os trabalhos de demolição na semana que vem.

– Na semana que vem? Sério?

Owen adorava vê-la animada daquele jeito.

– É, mas só a etapa de demolição. Estou acompanhando o andamento da licença. Devo ir buscá-la amanhã à tarde.

– Caramba! – exclamou ela, saindo de trás do balcão e pulando no colo de Owen para beijá-lo. – Caramba! Caramba!

Depois que a boca dele ficou livre novamente, Owen abriu um sorriso.

– Mal posso esperar pra ver o que você vai fazer quando eu conseguir a

licença para a construção!

– Pode incluir fantasias. Caramba!

– Que tipo de fantasias?

– Owen... – disse ela, suspirando e enfiando o nariz no pescoço dele. – Provavelmente vai ser uma loucura por um tempo. O planejamento, os preparativos, a execução. Acho que vou ficar meio maluca por um período.

– E isso vai ser diferente do seu estado normal? – perguntou ele, dando-lhe um beliscão antes que ela pulasse fora do seu colo.

– Só quero que saiba – prosseguiu ela – que isso não vai significar que estou evitando você ou voltando atrás no que temos.

– Tá bem. – Já que ela lhe dera aquela pequena abertura, Owen foi em frente: – Sua mãe mandou alguma informação de contato para seu pai?

– Não – respondeu Avery, dando de ombros. Mas não pôde mais fingir quando ele pegou suas mãos, fitou-a bem nos olhos e ficou esperando que ela falasse. – Ok, ok Não estou exatamente na expectativa, mas talvez ela ainda não tenha se instalado. Ou, para sermos realistas, talvez nunca mande nada. Ele lhe deu dinheiro e é possível que tudo tenha terminado por aí. Não sei muito bem como me sinto a respeito disso, ou a respeito dela. É como pensar que Billy não estava com Lizzy porque não queria. É difícil. Existem muitas coisas difíceis no mundo. Vou tentar ser um pouquinho otimista, pra variar.

– Então vamos assumir que ele teria ficado ao lado dela se pudesse.

– Acho bem melhor assim. Se Traci nunca der sinal de vida, tudo bem. De qualquer forma, não sei se entraria em contato com ela algum dia. Sinceramente.

Ela não faz parte da minha vida, e por opção própria.

– Detesto ver que isso a magoa.

– Eu também. É duro saber que alguém tem esse tipo de poder sobre meus sentimentos. Então, vou superar essa história. Chega de falar dela – disse Avery, abanando as mãos no ar para afastar aquele assunto. – Bem-vindo à cozinha experimental do MacT's. Hoje, vou ser sua garçonete, sua chef e sua sommelier.

– Tudo isso?

– E mais. Depois, se você tiver sorte.

– Estou me sentindo bem sortudo hoje.

– Como prato principal, teremos um atum salteado com crosta de pimenta sobre leito de folhas e legumes à juliana, com um vinagrete de champanhe para acompanhar.

– Cada vez mais sortudo.

– Para começar, a em breve célebre, espero eu, entrada de caranguejo com coração de alcachofra. Servida, por sugestão da chef, com o frescor de um sauvignon blanc.

– Por mim, está perfeito.

– Mas quero sua opinião sincera depois.

– Pode contar comigo.

– Eu sei – disse ela, sorrindo e pegando uma frigideira para preparar o atum.



Para compensar o tempo gasto com pesquisas sobre Billy e as noites passadas com Avery, Owen se pôs à disposição de Ryder. Pelo andar da carruagem, calculava que terminariam as obras da confeitaria em meados de junho, quando os apartamentos acima dela estariam prontos para receber inquilinos.

Conseguiu mais algumas informações sobre Eliza Ford, mas queria deixar que aquelas novidades se assentassem na sua cabeça.

Como prometido, começaram os trabalhos de demolição no bar do novo restaurante de Avery e os dois projetos corriam bem à medida que o mês de fevereiro terminava e o de março se iniciava.

Como o casamento de Beckett e Clare, marcado para abril, estava chegando, os irmãos, junto com alguns dos operários, dedicavam os fins de semana às obras na casa dos dois.

Numa tarde de domingo, a súbita elevação da temperatura derreteu a neve, transformando o solo num verdadeiro lamaçal. Dentro da casa, porém, os pisos reluziam e os três irmãos observavam a cozinha praticamente pronta.

– Está ótimo – declarou Beckett. – Mais que ótimo. O pessoal das bancadas vem amanhã para começar a instalação, aqui e nos banheiros, e podemos finalizar tudo.

– Você pode finalizar tudo – disse Owen, que seguia o cronograma e se recusava a ser pressionado.

– Se não tivessem concordado em deixar as coisas pela metade, menos que isso, aliás – observou Ryder –, não teríamos que dar tanto duro agora.

– Vivendo e aprendendo. De qualquer forma, desse jeito Clare pode deixar a sua marca aqui. O projeto fica sendo nosso, em vez de meu.

– É assim que fala um homem já prontinho pra colocar a coleira.

– É assim que fala um homem que vai se casar como amor da sua vida – retrucou Beckett, olhando ao redor. – Boa iluminação, bastante espaço. Vai ser ótimo poder me espalhar novamente. A casa de Clare não tem um centímetro de espaço livre. Estou sempre tropeçando numa criança ou num cachorro.

– E acha que isso vai mudar? – perguntou Owen.

– Não – respondeu Beckett, depois de pensar um pouco. – Mas, por mim, tudo bem – acrescentou, rindo. – Estou louco pra tropeçar em crianças e cachorros nesta casa. Falta pouco menos de um mês para o casamento.

– Achei legal as meninas usarem a pousada pra fazer o chá de panela – comentou Owen. – Pode ser mais uma fonte de renda que vamos ter daqui pra frente.

– E o mais importante: a despedida de solteiro – disse Ryder, enfiando os polegares no cinto de ferramentas. – Temos que mandar você para o universo desconhecido da maneira correta.

– Estou cuidando disso – retrucou Owen.

– Sei, sei, mas pra que tanto trabalho e confusão? Por que não podemos simplesmente ir a uma boate de striptease? É um clássico nessas ocasiões.

– Pôquer, charutos e uísque: a escolha do noivo.

– Nada de striptease – atalhou Beckett. – É esquisito demais.

– Cara, assim você parte meu coração.

– Quando for a sua vez, teremos strippers.

– Vou estar velho demais pra apreciá-las devidamente. Não tenho nenhuma intenção de rumar para o universo desconhecido até estar com idade pra me aposentar. Mas, pensando bem, um homem nunca fica velho demais pra apreciar uma mulher nua. Vou me lembrar disso.

Carregada de coisas, Justine usou o cotovelo para bater à porta envidraçada do vestibulo.

Owen foi abrir e pegou a bolsa enorme e a garrafa térmica das mãos da mãe.

– Meu Deus, vejam só este lugar... – disse ela. – Está maravilhoso, Beckett.

– Ele não fez nada disto sozinho – observou Ryder.

– Todos por um – murmurou ela. – Vocês vão ter uma casa linda. Evoluíram tanto desde que estive aqui há algumas semanas...

– Vou levá-la pra ver tudo.

– Perfeito. Mas, antes, vamos ao almoço que eu trouxe. Minestrone, mistos quentes, crisps de maçã.

– A melhor mãe do mundo – disse Ryder, abrindo a bolsa térmica.

– Eu só vou tomar a sopa – falou Owen, levando a mão à barriga. – Tenho comido muito mais desde que

Avery começou a me usar pra testar receitas, e estou malhando menos por causa do cronograma da obra aqui.

– Interessante você mencionar o assunto malhação – observou Justine, enquanto tirava pratos de papel, tigelas e conchas da sua bolsa imensa. – Queria conversar com vocês sobre uma coisa. – Colocou tudo aquilo em cima do compensado que cobria os armários embutidos. – Tenho umas bebidas lá no carro.

– E nós temos o necessário – disse Beckett, abrindo um cooler.

– Têm alguma coisa diet? – quis saber Justine.

– Por que teríamos? – falou Ryder.

– Ah, tudo bem. Eu tomo normal mesmo – decidiu ela. – Logo, logo queimo tudo isso. Principalmente daqui a, digamos, cerca de um ano, quando eu puder malhar por uma hora ou mais na Academia Boonsboro.

Ryder, que estava prestes a dar uma mordida caprichada num misto quente, parou no meio do movimento.

– Mãe!

Na maior tranquilidade, Justine despejou sopa numa tigela e a entregou a Owen.

– Reparei que o prédio atrás da pousada, com o qual dividimos atualmente o estacionamento, está à venda – começou ela.

Beckett suspirou.

– Mãe!

– E me ocorreu que não existe nenhuma academia na cidade, nem nos arredores. As pessoas precisam pegar o carro, dirigir até longe, malhar e depois voltar. E

Hope já me disse que vários hóspedes andaram perguntando sobre serviços

do gênero.

– Mãe! – exclamou Owen, sem tirar os olhos da sopa.

Animada, Justine prosseguiu:

– Agora o prédio não tem atrativo nenhum e nossos hóspedes não têm uma vista agradável quando estão no pátio ou nas varandas dos fundos. Mas poderiam ter. E também ganharíamos mais espaço de estacionamento.

– Ainda não terminamos a confeitaria e mal começamos as obras do restaurante novo... – observou Owen.

– E, de todos os meus filhos, você é o que mais entende a importância de planejar com antecedência. Estou em fase de negociação. Ainda não comprei o prédio e não faria isso sem conversar com vocês primeiro. Negociações levam tempo, contratos levam tempo... Se tudo correr bem, Beckett pode começar a trabalhar no projeto quando voltar da lua de mel.

– Mãe, por acaso você entrou naquele prédio recentemente? – perguntou Beckett.

– Na verdade, entrei, sim. Precisa de uma reforma bem grande – respondeu Justine, oferecendo-lhe uma tigela de sopa. – Bem grande mesmo. Por sorte, temos experiência, não é? E nem de longe vai ser tão complicada quanto foi a da pousada.

– É só demolir tudo – resmungou Ryder.

– Logo você vem me dizer isso? Reformar, sim.

Demolir, não.

– Você já sabe o que quer lá.

– Tenho umas ideias – disse ela, sorrindo para Owen. – É claro que vai ser uma coisa pequena em comparação com as grandes redes de academias. Mas vamos oferecer tudo o que for possível naquele espaço. Uma academia do século XXI com o charme de uma cidadezinha do interior. Com muitas opções de aulas.

– Mesmo que pudéssemos transformar aquele lugar no que você tem em mente, ainda precisaríamos contratar profissionais, instrutores... – falou Ryder.

– Deixem essa parte comigo – retrucou Justine. – Estou pensando numa sala de aula bem grande no segundo andar e um espaço de permanência para crianças. Talvez também uma sala para massagens. No térreo ficaria a área de fitness, com aparelhos de musculação, aparelhos cardiovasculares e pesos. Pensei também numa sala de aula menor e vestiários, claro, cada um deles com uma sauna a vapor. Imagino uma espécie de spa. Mas vamos ver – acrescentou, batendo de leve no rosto de Beckett. – Não vamos?

– Pelo visto, vamos. Se você conseguir fechar o negócio.

Com um sorriso ainda maior, Justine afirmou:

– Deixe isso comigo também. E aquele tour pela casa?

– Vamos lá. Podemos começar pelo andar de cima e, depois, vir descendo.

Ryder ficou olhando os dois se afastarem com a testa franzida.

– Cara... Que ideia boa...

– Como a maioria das que ela tem. Mesmo que consiga resolver tudo depressa, só vamos ter o projeto e as licenças na primavera, na melhor das

hipóteses. O mais provável é que seja no início do verão. Essa parte depende principalmente de Beck

– Ainda bem. Adoraria sair demolindo tudo naquele prédio – observou Ryder. – Adoro trabalhos grandes de demolição. Mas, antes, temos que terminar a confeitaria. E arranjar alguém para cuidar dela. A menos que nossa mãe esteja achando que vamos começar a fazer cupcakes.

– Acho que tenho uma ideia de quem poderia ser.

Uma pessoa que Avery conhece superficialmente. Ela morava em Washington, onde era chef confeitaria, mas teve que se mudar para cá. Está procurando um lugar para abrir a própria confeitaria.

– Mais uma garota da cidade? – perguntou Ryder, dando de ombros. – Como ela é?

– Casada.

– Melhor assim. Você cuida dessa parte, Beck do projeto e eu me encarrego de manter os operários trabalhando.

– Como sempre – retrucou Owen.

– E ela tem que parar com essa história de comprar prédios velhos.

Rindo, Owen acabou pegando um sanduíche. – Eu não teria muitas esperanças, cara.



– Uma academia? – disse Hope.

– A ideia é essa. Se conseguirem comprar o prédio – respondeu Avery. As duas estavam sentadas na sala de jantar acertando os últimos detalhes do chá de panela de Clare. – Owen falou que Justine está animadíssima.

– E vão pintar tudo, espero. Não vão deixar aquele verde horroroso que está lá.

– Acho que isso é certo. Owen disse que Beck está pensando em acabar com aquele telhado plano e erguer um de duas águas.

– Vai ser ótimo para os hóspedes. E para mim. Só atravessar o estacionamento para chegar a uma academia novinha em folha? Dias felizes virão. Desde que me mudei para cá, minha única opção tem sido os DVDs. Adoraria uma boa aula de ioga.

– Uma coisa que eu sempre quis fazer. Bastante alongamento. Quem sabe não cresço um pouco? Bem, se este aqui é o último, posso pegar a lista com você no fim da semana, quando for fazer minhas próximas compras.

– Perfeito. Vai ser lindo. Flores, comidinhas legais, champanhe, um bolo caprichado... E umas brincadeiras bobas com prêmios de ótimo gosto. Vai ser a cara de Clare.

– E logo, logo vamos vê-la se casando com Beckett.

– O que me leva a perguntar: você e Owen estão pensando em fazer a mesma coisa?

– Não, não – respondeu Avery, com uma risada. –

Estamos bem assim. Indo devagar, o que é ótimo. Você sabe que nunca fui

muito chegada à ideia de casamento. Para mim, quero dizer. Talvez um dia a gente decida viver em pecado.

– O discurso é perfeito, mas não soa convincente. Você o ama.

– Amo, e provavelmente não é de hoje. – Dizer e sentir isso era mais fácil do que ela jamais tinha imaginado. – Estou tentando me acostumar com a ideia, ver o que vem pela frente. Como falei, estamos bem assim. E nós dois andamos ocupadíssimos. Parece que tão cedo isso não vai mudar. Os zilhões de coisas para fazer, digo.

– Desde que conheço os dois, nunca vi nenhum de vocês querer outra coisa que não fosse estar ocupado.

Você e ele são assim.

– O que é uma vantagem.

– Não quero forçar a barra, mas preciso dizer que sempre que vejo vocês juntos, penso: perfeito. Avery encontrou seu par perfeito.

– Acho que você está me deixando um pouco assustada – retrucou ela, se remexendo na cadeira e esfregando as mãos nas coxas.

– Coragem, mulher. Claro que não é bom apressar nada, mas se Owen não está tão apaixonado por você quanto você por ele, então eu não sei de mais nada.

– Se continuar com isso, vou começar a pensar em juntar você e Ryder.

– Isso que é assustador. De agora em diante minha boca vai ficar bem fechadinha, então.

capítulo dezoito



AVERY SE PERMITIU FICAR mais uma hora na cama de Owen. Ele havia se levantado, se vestido e saído por volta das 6h45, porque tinha uma reunião às sete na obra.

Desta vez, era a obra dela, pensou Avery, começando a se espreguiçar bem devagarzinho. Chegou a pensar em ir junto com ele, para ver como andavam as coisas, mas não queria atrapalhar. Deixaria para dar um pulo lá mais tarde, depois que finalizasse as compras da semana e terminasse tudo o que precisava fazer na rua. Até lá, a demolição deveria estar a pleno vapor.

Era bem mais divertido ser surpreendida pelas mudanças, pensou, preguiçosamente.

E as mudanças estavam ocorrendo em vários campos. Sua melhor amiga estaria casada em menos de um mês, e Avery faria parte daquele momento. Estaria presente, assistindo a dois bons amigos trocarem votos, constituírem uma família, celebrarem uma espécie de milagre.

O amor lhe parecia uma espécie de milagre, de cuja existência jamais tivera certeza absoluta. Mas vira aquilo acontecer com Clare e Beckett. Vira os dois testemnharem aquele milagre e acreditarem nele com fé e coragem.

Uma das coisas que precisava fazer pela manhã era comprar os últimos itens para o chá de panela, da lista exata e detalhada que Hope imprimira para ela.

Adorava saber que Clare e Beckett tirariam uma semana só para si depois do casamento e passariam a lua de mel na ilha de São Cristóvão.

Algum dia, pensou Avery, ela também tiraria férias num paraíso tropical.

Algum dia tiraria merecidas férias, pensou, abrindo os olhos para observar o céu nublado pela janela do quarto.

Sim. Depois que o restaurante novo estivesse aberto e funcionando, quando já tivesse uma rotina estabelecida, ela se daria como recompensa alguns dias em um lugar ensolarado, com praias brancas e mar azul.

Um lugar onde nunca tivesse estado, um lugar onde ninguém a conhecesse.

Talvez Owen fosse com ela. Seria interessante ver como lidariam com o fato de não ter nada para fazer, num local desconhecido, juntos.

E ela adorava saber que Beckett e Owen haviam planejado tirar, no final do ano letivo das crianças, no verão, uma semana de férias com elas. Uma “lua de família”, como tinha ouvido Murphy dizer.

O que poderia ser melhor que isso?

Nesse meio-tempo, Owen estava mergulhando cada vez mais, junto com Hope, no mistério de Eliza Ford. Será que Lizzy e Billy eram uma espécie de

milagre? Será que o amor os havia reunido antes que a tragédia se abatesse sobre os dois? Ou a resposta seria menos romântica, e provavelmente mais realista, como Owen tinha sugerido?

Uma jovem sonhando com o amor e um jovem seguindo o próprio rumo.

Ela mesma já tinha sonhado com o amor. Mas era uma criança e, para as crianças, magia e milagres são sempre possíveis, e os finais felizes são algo simples e real.

Com o tempo, acabara aprendendo que era melhor acreditar nos milagres e nos finais felizes que ela própria podia conquistar com trabalho duro e determinação.

Há tanta satisfação nisso, disse consigo mesma. E era melhor tratar do milagre daquele dia e sair de vez daquela cama.

Sentou-se, mas limitou-se a abraçar os joelhos e fitar, sorrindo, a lareira que Owen tinha deixado acesa. Ele era maravilhoso. Maravilhoso por se lembrar de atizar o fogo e pôr mais lenha para que ela acordasse com luz e calor naquela manhã sombria do mês de março.

Como era afortunada por ter Owen na sua vida... Sempre soubera disso. Agora, porém, tinha a sorte de ter essa nova e fascinante ligação com ele, e mais sorte ainda por ele concordar em deixar as coisas acontecerem aos poucos, um dia de cada vez. Sem pressões, sem conversas assustadoras sobre o futuro.

Mal acabou de se levantar, ouviu o sinal do celular de que havia chegado uma mensagem de texto.

Esticou-se na cama, na esperança de que fosse Owen sugerindo que ela passasse na obra para ver os primeiros resultados da demolição.

Mas era uma breve mensagem de Clare pedindo-lhe que desse um pulo na livraria antes de ir fazer compras em Hagerstown.

Um pouco intrigada, Avery respondeu e alterou seus planos, incluindo a parada na loja da amiga e, já que ia estar tão perto, uma passada na obra para dar uma espiada.

Tomou uma chuveirada, vestiu uma calça jeans, uma camiseta de manga curta e um suéter por cima, para enfrentar o clima inconstante de março. Com os lábios contraídos, ficou olhando para o próprio cabelo. A última tintura já tinha desbotado um pouco. Resolveu, então, dar uma olhada na cartela de cores para decidir a próxima tonalidade.

Ao descer a escada, descobriu que Owen tinha feito café e deixado uma caneca para ela ao lado da cafeteira. Mais uma razão para sorrir, pensou. Sempre se pode contar com Owen. Avery não conseguia pensar em nenhum outro homem, à exceção do seu pai, que fosse *confiável* de uma forma tão consistente.

Num impulso, foi até o quadro que ficava na parede da cozinha e desenhou um coração com as iniciais de ambos no meio.

Depois de tomar o café e um iogurte meio às pressas, enfiou as botas, enrolou o cachecol no pescoço e vestiu o sobretudo. Só então reparou no bilhete perto da porta.

Leve isto, era o que dizia.

Avery revirou os olhos e pegou o guarda-chuva dobrável.

la levá-lo, mas Owen teria muita sorte se ela não o perdesse num lugar qualquer durante seus compromissos matinais.

No meio do caminho para Boonsboro, as primeiras gotas de chuva começaram a cair no para-brisa do carro. Como era chata essa história de Owen estar sempre certo, pensou ela, erguendo os olhos para o céu.

Minutos depois, esqueceu o guarda-chuva numa das paradas que fez e teve que ir correndo debaixo de chuva até a varanda coberta da livraria.

Deu umas batidinhas na vidraça e, em seguida, usou a chave que Clare havia lhe dado depois do problema com Sam Freemont, no outono do ano anterior. Assim que entrou, sacudindo o cabelo molhado, a amiga veio descendo a escada.

– Café fresco – anunciou ela.

– Acabei de tomar, mas como recusar um cappuccino quentinho?

– Vou preparar pra você. Obrigada por ter vindo.

– Imagine, foi a desculpa que eu estava precisando para ir bisbilhotar a obra do restaurante. Estão começando a demolição agora de manhã.

– Eu sei. É empolgante – disse Clare, colocando o leite para ferver enquanto Avery passava os olhos pelos best-sellers na vitrine da frente.

– Preciso de uma tarde de folga, uma tarde chuvosa como certamente vai ser a de hoje, pra colocar minhas leituras em dia. Não consegui terminar o romance do clube do livro deste mês. Por que eu deveria querer ler sobre a infelicidade de alguém? Isso devia me deixar mais satisfeita com minha própria vida? Me achando o máximo? Ou apenas deprimida? Porque era o que esse livro estava fazendo comigo.

– Também detestei. Acabei empurrando-o goela abaixo, como fazia com as couves-de-bruxelas que minha mãe preparava porque, segundo ela, eram boas para a saúde. Aquele livro foi uma verdadeira couve-de-bruxelas e eu até hoje não acredito que elas fazem bem à saúde.

– Exatamente – concordou Avery, pegando um thriller qualquer e começando a folheá-lo. – Além do mais, se eu sentar pra ler, vou querer que o livro seja um *crème brûlée*, ou um bom bife, ou quem sabe uma pizza de pepperoni, ou até mesmo um sanduíche com calda quente. E agora fiquei com fome... – Virou-se, sorrindo, e pegou seu cappuccino. – Obrigada. Ei, você parece bem cansada.

– Estou mesmo me sentindo cansada e meio esquisita hoje.

– Não pode ficar doente – disse Avery, apontando o dedo para a amiga. – Vai se casar daqui a menos de um mês. Está proibida de pegar o que quer que seja. Tome – acrescentou, estendendo a bebida quente para a amiga. – Pelo visto, está precisando mais disto que eu.

– Não peguei nada – retrucou Clare, recusando o cappuccino. – E estou evitando bebidas com cafeína. Não estou doente – acrescentou, respirando fundo. – Estou grávida.

– O quê? Agora? Grávida mesmo? Com um bebê na barriga?

– Isso mesmo. Com um bebê na barriga – respondeu ela, rindo e levando as mãos ao ventre.

Avery se perguntou como uma pessoa podia passar de abatida a radiante em tão pouco tempo.

– Ah, Clare. Você está grávida e feliz – Ela largou o cappuccino e deu a volta

no balcão para abraçar a amiga. – Estou tão feliz por você! Quando descobriu? De quanto tempo está? O que Beckett disse?

– Acho que eu não poderia estar mais feliz. Tive a confirmação agora de manhã, mas comecei a desconfiar ontem. Provavelmente estou de duas semanas. E ainda não contei nada a Beckett.

– Por quê?

– Primeiro, preciso que me faça um favor. Está indo para Hagerstown, não está?

– Estou.

– Pode comprar um teste de gravidez para mim?

– Ainda não fez o teste? Você disse que teve a confirmação agora de manhã...

– Acordei enjoada pelo segundo dia seguido. Conheço os sinais. É a quarta vez. Ando meio desligada, cansada, tive esses dois dias de enjoo e o meu corpo parece... É difícil de explicar. – Mais uma vez, levou as mãos à barriga e, depois, aos seios. – Meu corpo está sentindo. Mas quero confirmar, só por desencargo de consciência, antes de contar a Beckett. Posso estar enganada. Só não queria ir à farmácia nem aqui nem em Sharpsburg pra comprar o teste.

– As notícias voam.

– Exatamente. E, já que está indo mesmo para Hagerstown, podia comprar um para mim.

– Com o maior prazer. Uau, casamento, lua de mel, lua de família, bebê... Beckett vai adorar a notícia, não vai?

– Claro que vai – disse ela, pegando um refrigerante na geladeira debaixo do balcão. – Estávamos querendo engravidar, embora fôssemos esperar mais alguns meses. Não estávamos tentando, mas é claro que também não estávamos *evitando*. Se as minhas contas estiverem certas, em janeiro do ano que vem seremos uma família de seis, mais ou menos na época do primeiro aniversário da pousada.

– Posso contar a Hope? Vou encontrar com ela mais tarde, mas, se você preferir, juro guardar segredo.

– Deixe você contar assim que eu tiver feito o teste e tiver falado com Beckett.

– Segredo até lá, então. Que notícia maravilhosa – acrescentou Avery, dando mais um abraço bem apertado em Clare. – Não vou nem passar na obra antes de ir. Não quero correr nenhum risco. Não vou falar com ninguém. Volto daqui a umas duas horas. Cara, que notícia...

– Melhor dizer “Menina, que notícia”, pra dar sorte – disse Clare, rindo. – Sei que é bobagem, mas, ai, meu Deus, eu adoraria que desta vez fosse uma garotinha.

– Vamos focar no rosa, então – propôs Avery, dando um último abraço na amiga. – Volto assim que puder.

– Obrigada. Espere, está um temporal lá fora. Me deixe pegar um guarda-chuva pra você.

– Pode deixar. Tenho um no carro.

Saiu correndo da loja e, antes de se sentar ao volante, já estava encharcada.

Mas fez todo o trajeto em direção à saída da cidade sorrindo.



Owen deixou os operários trabalhando na demolição e deu uma passada rápida na obra da confeitaria. Praticamente tudo dentro do cronograma, constatou, e, com Ry no comando de um dos projetos e Beckett no do outro, estava livre para ir até Hagerstown comprar material e resolver uns assuntos pessoais além dos que os irmãos tinham acrescentado à sua lista.

Não o incomodava ter que parar em vários lugares: mais material significava mais avanços no trabalho. Tampouco dirigir debaixo de chuva. Antes disso do que a nevasca que tinha tomado a região norte do condado e chegava até a Pensilvânia.

Já estava de saco cheio da neve, do inverno... Então, preferia a chuva.

Tomara que Avery tenha levado o guarda-chuva, pensou, já que sabia que ela estava fazendo exatamente o mesmo que ele: parando em vários lugares, deixando o carro em diversos estacionamentos e correndo até as lojas para resolver mil coisas diferentes.

Pena não terem podido fazer isso juntos, mas não seria prático, porque os lugares aonde precisavam ir não eram os mesmos. Se a previsão do tempo estivesse correta, ia continuar chovendo até o dia seguinte. Lembrou que Avery ia trabalhar e fechar o restaurante. Podia pegar alguma coisa para comer na Vesta depois do trabalho e usar o apartamento dela para terminar umas tarefas enquanto ela estivesse lá embaixo.

Ficar na casa dela.

Lembrou que era melhor não criar expectativas, mas, caramba, tinha chegado ao ponto em que *queria* criar expectativas. E queria que ela fizesse a mesma coisa.

Por que não deviam? Por que não podiam? A questão era que Avery tinha parado naquele estágio específico do relacionamento e não parecia muito inclinada a ir para o seguinte.

Mas Owen não podia negar que o estágio em que tinham parado era bem confortável.

Foi à loja de materiais de construção, encomendou madeira, escolheu tintas e, depois, pegou algumas amostras de carpete para os apartamentos que ficavam em cima da confeitaria.

Continuou completando os itens da lista até chegar à última parada: a drogaria. Pegou as coisas que queria, acrescentou o creme de barbear de Ryder, o analgésico de Beckett e alguns baralhos de mulheres nuas para juntar aos que já tinha comprado para a noite de pôquer que seria a despedida de solteiro do irmão.

Estava virando um corredor quando avistou Avery.

Seu coração deu um pulo ao vê-la assim, inesperadamente, e ele balançou a cabeça ao reparar que o cabelo dela estava molhado de chuva.

Pensou em se aproximar de mansinho, por trás, e agarrá-la. Imaginou a reação – o susto, o grito, a surpresa e, então, as risadas.

Ela estava tão concentrada, percebeu Owen, divertido, tentando descobrir qual... teste de gravidez comprar.

Meu Deus.

Essa foi a última ideia clara que lhe passou pela cabeça enquanto a observava retirar uma caixa da prateleira, analisá-la por um bom tempo, tanto a frente quanto o verso, e, depois, colocá-la na cestinha de compras.

Owen ficou paralisado, colado ao chão, enquanto ela se afastava e seguia para outro corredor.

Um teste de gravidez? Mas ela tomava... Ele usava... Como era possível?

Avery grávida? Como isso podia ter acontecido? Claro que ele sabia *como*, mas ela não tinha lhe dito nada. Não lhe dera a mínima indicação de que poderia estar grávida.

Ela simplesmente pegou o teste e depois continuou as compras: um sabonete líquido, um xampu e uma solução refrescante bucal.

Aquilo era apenas mais um item da sua lista?

Owen quis ir atrás dela, perguntar que diabo era aquilo.

Mas não eram a hora nem o lugar adequados, pensou. E suas condições mentais também não eram as ideais, já que nem sabia que condições eram essas.

Ficou olhando para os produtos dentro de sua própria cestinha sem saber o que fazer, o que pensar. Atordoado, com os joelhos meio bambos, deixou o cesto de lado e saiu de lá sem comprar nada.



Voltou à obra e mergulhou de cabeça no trabalho de demolição. Colocar paredes abaixo era uma boa forma de aliviar a tensão. Ele arrancou grandes pedaços de reboco, portais lascados e, sozinho, deu cabo de um antigo balcão.

Mesmo assim, continuava a se sentir trêmulo, frustrado e tenso como uma mola prestes a se partir.

Avery. Grávida.

Quanto tempo demorava o resultado de um teste desses? Até que ponto eram confiáveis?

Queria ter procurado saber essas coisas, para estar pelo menos um pouco mais tranquilo.

Para início de conversa, se ela tinha comprado um teste de gravidez era porque havia motivos para achar que podia estar grávida. Não era algo que as mulheres comprassem por impulso.

Ou será que compravam? Por que fariam isso?

As pessoas não esperam se cortar para comprar Band-aid, mas não compram esse tipo de teste se não acharem que podem estar grávidas.

Portanto, se Avery tinha motivos para achar que estava, por que não mencionara nada? Era só dizer: “Owen, talvez eu esteja grávida. Então, vou comprar um teste de gravidez para tirar a dúvida.”

Ela devia ter ficado apavorada. Só que não parecia nada apavorada.

Parecia bem calma, pensou ele. Chegou até a dar um sorrisinho quando colocou a caixa na cestinha.

Será que ela *queria* engravidar?

Nesse caso, tinha decidido não dizer nada até ter certeza. Se não estivesse grávida, supôs Owen, não diria nada. E aquilo não lhe parecia legal. Não, não era algo que lhe agradasse.

Imaginou que, se ela estivesse grávida, ia lhe contar quando quisesse. Não mencionou a possibilidade de estar grávida deixava Owen no escuro, ou teria deixado, se ele não tivesse ido à drogaria no mesmo horário que ela. Portanto, Avery escolheria o se e o quando, e aquilo não lhe agradava nem um pouco.

Levando-se em consideração o modo como a mãe dela tinha agido, Avery deveria, mais do que qualquer outra pessoa, saber muito bem que o pai do bebê (meu Deus, talvez ele fosse ser pai) tinha todo o direito de estar por dentro da situação. Havia duas pessoas envolvidas naquilo, e não apenas Avery. O que eles tinham não era apenas uma relação esporádica.

Eles eram...

Bem, na verdade Owen não fazia ideia do que eles eram, mas tinha certeza de que eram mais do que parceiros ocasionais.

De qualquer forma, a confiança e a sinceridade eram fundamentais naquela relação.

Avery não havia confiado nele a ponto de lhe contar sobre a visita da mãe até o dia em que ele a encostara na parede, pensou Owen. Em vez disso, ela preferira se enfurnar em casa e afastá-lo.

Se achava que podia enganá-lo num assunto como esse, estava redondamente enganada.

– Merda! – exclamou ele, atirando um pedaço de compensado partido dentro da caçamba de entulho.

– Ok – disse Beckett, aproximando-se por trás dele.

– Você está com algum problema, então pode desembuchar.

– Quer mesmo saber? – perguntou Owen, e, num raro acesso de fúria, chutou a caçamba. – Pois vou lhe dizer. Avery está grávida.

– Putz!

Olhando ao redor, Beckett viu um dos operários se aproximando e, com um gesto, mandou que ele se afastasse. Depois, pegou o irmão pelo braço e o tirou da chuva, levando-o para debaixo da marquise.

– Quando você descobriu? – indagou.

– Hoje de manhã. Quer saber como, já que ela não me disse nada? Descobri porque entrei numa maldita drogaria e dei de cara com ela escolhendo um daqueles testes de gravidez.

– Caramba, Owen. E deu positivo?

– Sei lá – respondeu ele. Cada vez mais furioso, Owen começou a andar de um lado para outro na calçada. – Ela não me falou nada. Saiu para comprar um bastãozinho para fazer xixi em cima em vez de vir falar comigo. Não é o cúmulo?

– Ok, vamos com calma – disse Beckett, pondo-se diante do irmão e erguendo as mãos numa tentativa de fazê-lo parar de andar para lá e para cá. – Você não sabe se ela está grávida.

– Olhe, pelo jeito como ela lida com as coisas, vou ser o último a saber –

retrucou Owen, e, junto com a raiva que fervia na sua voz, havia uma pontada fria de mágoa. – Não é um absurdo?

– O que ela disse quando você abordou o assunto?

– Nada. Nem cheguei perto dela.

Depois de fitar a expressão irritada de Owen por um instante, Beckett esfregou o próprio rosto com as mãos.

– Você não perguntou por que ela estava comprando o tal teste?

– Não. Fiquei paralisado. Meu Deus! Ela atirou a caixa na cestinha como se fosse um pacote de balas. Estava até meio sorrindo. Simplesmente fiquei paralisado. Que diabo você teria feito?

– As coisas são bem diferentes entre mim e Clare – respondeu Beckett, fitando a chuva fina. – Já conversamos sobre isso. Queremos outro filho. E tenho certeza que vocês dois nunca discutiram o que fariam no caso de uma gravidez.

– Não. Nunca pensei nisso. O problema é que ela devia ter me contado, Beck. Devia ter me dito que ia comprar um teste. Por que ela sempre tem que resolver tudo sozinha? Não consigo aceitar isso e não quero viver desse jeito.

– Sim, eu sei.

Não Owen, pensou Beckett. Ele era um membro de equipe nato – sempre acreditara em parceria e divisão de tarefas. Para ele, surpresas e segredos só eram reservados ao Natal e aos aniversários, nunca ao dia a dia.

– Você tem que conversar com Avery, mas, pelo amor de Deus, não agora. Ela está em plena correria da hora de almoço. E você precisa dar um jeito de se acalmar.

– Acho que não vou conseguir. Quanto mais penso nessa história, mais furioso fico.

– Então pense nisto: se ela estiver grávida, o que vai querer fazer?

– Se ela estiver grávida, vamos ter que nos casar.

– Não perguntei o que você *teria* que fazer, mas o que *queria* fazer.

– Eu... – Owen fez uma pausa para tentar ordenar os pensamentos. – Se nós formos ter um bebê, vou querer me casar com ela.

– Ok. Então, tire uma hora para pensar bem no assunto. Você sempre consegue resolver as coisas, Owen. Até lá, o movimento na pizzaria já deve ter diminuído bastante. Então, você vai até o restaurante e diz que precisa falar com ela em particular. E, pelo amor de Deus, trate de descobrir se vai ser pai antes que surte de vez, mais do que já surtou. Depois disso, faça o que quiser fazer.

– Tem razão. Céus, estou me sentindo meio...

– Enjoado?

– Não exatamente. Fora do ar. Nunca poderia imaginar nada parecido. É completamente...

– Fora da Ordem dos Acontecimentos de Owen. Basta você se ajustar – sugeriu Beckett, dando um soquinho no ombro do irmão.

– É, posso me ajustar – disse ele, mas seu rosto ficou sombrio e seus olhos reluziram. – Mas não vou fazer isso sozinho – acrescentou.

Owen esperou uma hora. Quando decidiu que já estava mais calmo, menos abalado, tomou o caminho da Vesta sob a chuva incessante e entrou naquele local quentinho, cheirando a molho e temperos.

Atrás da caixa registradora, Avery, que estava atendendo um cliente, lhe deu uma piscadela, toda animada.

Uma piscadela, pensou ele, começando a ficar irritado de novo. Por acaso era hora de piscadelas fofinhas?

– Ótimo timing – comentou ela. – Só agora o movimento diminuiu. Estava pensando em dar uma passada na obra pra ver o que vocês demoliram até agora.

– Preciso conversar com você.

– Claro, sente aí. Vou pedir a Franny que fique aqui no balcão. Quer uma fatia de pizza?

– Não. E é melhor falarmos lá em cima. Em particular.

– Ah, droga. Algum problema na obra?

– Não tem nada a ver com isso.

– Então o que...

– Avery. Lá em cima. Agora. Em particular.

O tom seco da voz dele a fez franzir as sobrancelhas.

– Tá bem, tá bem, mas você está estragando o meu ótimo humor. Franny, tenho que dar uma saída – disse ela da porta que separava as duas cozinhas. Enquanto falava, tirou o avental e o pendurou num gancho. – Quero muito ir dar uma olhada no restaurante novo – acrescentou, dirigindo-se a Owen de novo.

– Pode ir lá depois, se é o que quer.

– Por que está tão irritado? – perguntou Avery quando estavam saindo pela porta lateral. – Não fiz nada.

– Talvez esse seja o problema.

– Decididamente, você está acabando com o meu bom humor – retrucou ela, empurrando a porta do apartamento. – Agora diga! Que diabo está acontecendo?

A abordagem sensata que ele havia planejado com todo o cuidado foi por água abaixo.

– Por que cargas-d’água você não me disse que estava grávida?

– O quê? *O quê?*

– Não me venha com essa cara perplexa, Avery. Vi você na drogaria. Vi você comprar o teste de gravidez.

– Você... – começou ela, apoiando os punhos cerrados nos quadris. – Você estava me *espionando?*

– Não seja ridícula. Eu fui fazer umas compras e entrei na drogaria. E lá estava você pegando um teste na prateleira e jogando na cestinha. Caramba, o que há de errado com você? Por que não me diz nada? Não confia em mim ou não respeita o que sentimos um pelo outro para me contar uma coisa dessas?

– Talvez não tenha dito nada porque não estou grávida.

– Não?

– Não, seu idiota.

Owen sentiu algo estranho dentro de si, mas não conseguiu identificar o que era.

– O teste deu negativo – disse ele.

– Não. Deu positivo – respondeu Avery, pegando o celular.

A essa altura, o coração de Owen deu um pulo e ficou entalado na garganta.

– Se deu positivo, você está grávida. Quem é o idiota aqui?

– Você – respondeu ela, virando o aparelho para lhe mostrar a foto do bastão com a palavra GRÁVIDA. – Porque o teste era para Clare. Eu comprei para ela.

– Acabei de encontrar com Beckett há uns dez minutos. Clare não está grávida. Se estivesse, ele teria me dito.

– Ela ainda não contou a ele. Quer fazer isso quando estiverem sozinhos, quer que seja um momento especial. O que você também saberia, se não fosse um idiota. O pior é que ela me pediu que não contasse a ninguém e acabei tendo que quebrar a promessa. E isso me deixa furiosa!

– Não vou dizer nada a Beck, eu juro. Não vou estragar tudo para os dois. – Sentindo-se estranho, sem saber o que fazer, meio atordoado, Owen passou a mão pelo cabelo. – Mas, meu Deus, o que você queria que eu pensasse quando a vi comprando aquele troço?

– Não sei, Owen. Talvez a melhor solução tivesse sido se aproximar de mim e dizer “Oi, Avery, que bom encontrar você aqui. Por que está comprando esse teste de gravidez?”.

– Preciso me sentar – disse ele, fazendo isso em seguida. – Não esqueça que ficou me devendo uma – acrescentou, respirando fundo. – Na hora eu não consegui nem pensar. E, de repente, você estava indo embora. Parecia tão descontrolada... Eu simplesmente não consegui pensar.

Avery não disse nada. Ficou só olhando para ele, que parecia tão perplexo, tão confuso, o que era muito raro.

– Você ficou furioso.

– De certa forma. Talvez.

– E foi logo tirando suas conclusões.

– Eu... É.

– Você nunca faz isso.

– Eu nunca tinha visto você comprando um teste de gravidez antes. Especialmente quando sou o único com quem você está transando.

Avery pensou um pouco.

– Na verdade, é meio compreensível. Meio. – Abrindo um sorriso, acrescentou: – Você surtou completamente.

– Não completamente – emendou ele. – Fiquei irritado. – Depois, achando melhor admitir, prosseguiu: – Magoado também, quando achei que você não ia me contar. Nunca falamos sobre isso.

Avery suspirou.

– Não é uma conversa fácil. Não sei... E acho que não é um assunto que possa ser tratado em dez minutos. Estamos bem agora, não é, já que não estou grávida e Clare está? Ela está tão feliz... E Beckett também vai ficar radiante.

– Ah, vai. Vai, sim.

– Então vamos ficar felizes por eles, e a mim resta o prazer de saber que você é um idiota. Qualquer dia desses conversamos sobre esse assunto. Mas agora quero mesmo ver a obra. E prometi a Clare que ia pegar os meninos na escola e levá-los para a pizzaria, para ela poder contar a novidade a Beckett. Ela só quer que as crianças saibam quando a gravidez estiver mais adiantada. De qualquer forma, não será antes do casamento. Por enquanto, as únicas pessoas

além deles que saberão seremos eu, você, Hope, Ryder, sua mãe e os pais dela. E isso já é bastante gente.

– Certo – disse ele, e, sentindo-se mais tranquilo, levantou-se. – Mas seria melhor nós dois pensarmos no assunto e depois conversarmos. Só por garantia.

– Você está mais preocupado com isso do que eu, mas vamos conversar, sim. Hoje é um dia feliz, Owen.

– Tem razão.

Ele sentiu-se ainda melhor quando ela estendeu a mão e fez um carinho no seu cabelo.

– Um dia feliz – repetiu ele.

– Isso. Vamos nos contentar em ficar felizes por Clare e Beckett. Eles vão se casar, constituir família, aumentar a que já existe. Tudo está acontecendo exatamente como os dois querem.

– Tem razão – repetiu ele, e, estendendo o braço, puxou-a para junto de si. – Vamos ficar felizes por ele. Me desculpe por ter ficado tão bravo com você.

– Não tem importância, porque pude chamar você de *idiota* – retrucou ela, rindo. Ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo. – Vamos até a obra. Posso derrubar alguma coisa?

– Vou arranjar algo pra você demolir. É o mínimo que posso fazer.

capítulo dezenove



HOPE MOVEU O JARRO transparente com rosas brancas alguns milímetros para a esquerda.

– Agora, sim.

Embora Avery não tivesse visto a menor diferença, assentiu, aprovando a mudança.

Tinham transformado a grande mesa que pegaram emprestada da Virando a Página, forrando-a com uma toalha de linho branco. Com um toque do apurado senso estético de Hope, jarros quadrados transparentes com botões recém-abertos de rosas brancas e castiçais de prata com velas finas e brancas enfeitavam o local onde ficariam as sobremesas e o champanhe.

Clare podia ter se negado a fazer um casamento branco, mas o chá de panela seria todo nessa cor.

– Presentes ali, comidas lá, sobremesas e champanhe aqui – determinou Hope, com as mãos nos quadris, dando uma volta na sala de jantar. – Você fez um bom trabalho com a cadeira dela.

– Fiquei surpresa comigo mesma.

Elas posicionaram uma das cadeiras de encosto alto de frente para a sala. No topo, puseram um enorme laço de tule branco, com as pontas descendo até o chão, e entrelaçaram guirlandas brancas e salmão no assento, nos braços e nas pernas.

– Sempre esqueço como gosto de arrumar essas coisinhas femininas até me deparar com uma oportunidade como esta.

Os fabulosos sapatos de salto alto vermelhos de Hope retiniram no chão de madeira quando ela foi acertar um pouco as velas.

– Vou pôr uns vinhos e alguma coisa pra beliscar no salão, para as pessoas poderem circular e se acomodar onde quiserem.

– Você sabe que muitas das convidadas não viram a pousada ainda. Vai receber mil pedidos para mostrar tudo a elas.

– Já imaginava isso. Só acho uma pena que o clima não esteja mais quente pra podermos ficar no pátio. Seja como for, ficou uma graça e nós estamos... – Passou um braço pela cintura de Avery e se virou junto com ela para que se vissem refletidas no espelho de moldura dourada. – Fabulosas!

– Concordo.

– Então... que tal uma tacinha de champanhe antes da festa?

– Não precisa perguntar duas vezes.

Foram até a cozinha e Hope serviu duas taças. As duas brindaram.

– Às madrinhas.

– Que somos nós.

– E em uns oito meses estaremos aqui preparando um chá de bebê.

– Quatro filhos. Uau! – Avery tomou um gole, depois ergueu a taça novamente. – Mais força pra eles.

– Eles já têm. O amor move o mundo.

– Você acha?

– Acho – respondeu Hope, sentando num banquinho. – Quanto tempo você imagina que eles vão conseguir manter isso em segredo? Os dois estão absolutamente radiantes.

– A maioria das pessoas acha que é por causa do casamento, e em parte é mesmo. Se conseguirmos esconder até depois da lua de mel, que é o que Clare pretende, vão poder respirar um pouco.

– Não acredito que você não me disse nada o dia inteiro.

– Estava *morta* de vontade de contar. – Com seu vestido verde primaveril, Avery também se sentou num banco, puxando para baixo a saia justinha. – E pretendia passar aqui depois do trabalho e lhe contar a história toda, mas aquele episódio com Owen foi tão estranho...

– Quem poderia imaginar que ele ia aparecer na farmácia justo quando você estava comprando o teste de gravidez? – falou Hope, ainda achando graça da situação.

– O destino pregou uma baita peça nele.

– Pobrezinho. Imagine o que passou pela cabeça dele.

– Pois é. Nem consigo imaginar, e olha que sempre sei o que se passa na cabeça de Owen. Mas ele ficou tão sério... Não sei se ficou irritado, assustado ou alguma outra coisa.

– Um misto das duas coisas, acho.

– Mesmo depois de eu ter explicado? – Aquilo continuava a incomodá-la um pouquinho. – Nós passamos uma borracha nesse assunto, mas ainda estou meio confusa. Será que ele ficou irritado e assustado porque talvez eu estivesse grávida ou por talvez estar grávida e não ter lhe contado nada?

– Acho que mesmo depois de ele saber que o teste era para Clare, ficou pensando: e se não tivesse sido? Isso não passou pela sua cabeça?

– Talvez. Um pouco. Mas só porque fui obrigada pensar no que faríamos depois da reação dele. Você conhece o Owen. Ele é um sujeito que planeja. Tudo a seu tempo, em seu lugar. É dessas pessoas que efetivamente verificam a data de validade na caixa de leite antes de comprar.

– Eu também.

– É por isso que você o entende. Uma gravidez não planejada? – Avery revirou os olhos e prosseguiu: – Isso abalaria toda a estrutura do plano de vida dele.

– Qual é o plano de vida dele?

– Não sei, mas posso apostar que ele tem um.

– Acho que está errada – disse Hope, enchendo de novo as taças. – Digo isso porque ele e eu temos muitas questões e manias em comum. E, sim, ele provavelmente tem um plano básico que inclui metas, conquistas, eventos,

passos. Mas também é capaz de adaptar o plano. – Nesse momento ela ergueu a mão e fez um gesto para mostrar o espaço em volta. – Eu adaptei o meu.

– Claro que ele é capaz de se adaptar. – Ser organizado e eficiente não é o mesmo que ser inflexível, pensou. Só era um pouco... rígido demais para o seu gosto. – Ok, já que estamos pensando nas possibilidades, e se eu tivesse comprado o teste pra mim e o resultado fosse positivo? Ele se adaptaria e modificaria o plano a partir daí. O primeiro passo do novo plano teria sido o casamento.

– Isso irrita você?

– Não, não. Mas para ele seria a coisa certa a fazer, tudo dentro dos conformes. Não quero me casar porque é a coisa certa a fazer.

– É melhor assim do que por ser a coisa errada – observou Hope.

– Você entendeu o que estou dizendo. Pretendo me casar porque *quero*, porque estou pronta, porque estou apaixonada e entusiasmada com a ideia de passar o resto da vida com alguém.

Hope pegou uma bala de menta numa tigela na bancada.

– Você diria que não.

– Não sei.

– Pois eu sei. Você diria que não porque se sentiria obrigada a provar seu ponto de vista, e para liberá-lo dessa obrigação. As duas coisas na mesma medida – disse Hope, cruzando as pernas para o outro lado e observando a amiga enquanto tomava mais um gole de champanhe. – Posso cuidar de mim mesma, e você não é obrigado a casar comigo. Dividir a responsabilidade com relação à criança tudo bem, ser parte essencial e integral da vida dela tudo bem também, mas sem nenhuma obrigação com você individualmente.

– Isso soa muito radical.

– Não acho. É bem a sua cara. Orgulho, prudência, amor misturados com traumas de infância com relação aos próprios pais.

– Eles teriam se casado se ela não estivesse grávida de mim? – indagou Avery, com um pouco de amargura, e tomou um gole de champanhe. – Acredito que não.

– Se não tivessem se casado, você não estaria sentada aqui agora falando sobre isso. Eles fizeram uma escolha, e você é o resultado.

Avery deu de ombros.

– A Escola Prática de Lógica de Hope Beaumont.

– Que geralmente funciona. Ouça, eu não estaria aqui com você se Jonathan não tivesse feito uma escolha... que precipitou a minha. Pensei muito sobre isso nos últimos meses. Estou feliz aqui, muito mais feliz do que quando estava com ele e pensava que minha vida seguia planos bem sólidos elaborados na minha Escola Prática de Lógica.

Avery refletiu um pouco.

– Entendo o que quer dizer, Hope. Jonathan era um babaca.

Rindo, Hope ergueu sua taça.

– Isso mesmo, mas era o *meu* babaca. – Deu uma olhada no relógio. – Temos que trazer o restante da comida.

Mal tinham começado quando Clare bateu à porta da frente.

– Sei que estou um pouco adiantada – explicou quando Avery abriu para ela.

– Deixei as crianças na casa nova, que já está quase pronta. Beckett e os irmãos vão pôr os meninos para trabalhar. Que Deus os ajude. Uau! Caramba, que flores!

– Espere até ver a sala de jantar. Mas primeiro me dê seu casaco. Colocamos um cabideiro na área de serviço, para os casacos. Como está se sentindo? Só estamos Hope e eu aqui. Ninguém chegou ainda.

– Estou bem. – Rindo um pouco, Clare jogou para trás os cabelos louros. – Quando coloquei os bofes pra fora hoje de manhã, tudo o que consegui pensar foi que ia ter um bebê. Beckett e eu vamos ter um bebê. Então, estou bem.

– Percebe-se. – Quando Clare levou as mãos à barriga, Avery se corrigiu: – Não que você vai ter um bebê, quero dizer. – Ela arrastou a amiga para a sala de jantar – Venha ver.

Hope se afastou do aparador.

– O que acha?

– Está lindo. Ah, está muito lindo. Todas estas flores e velas... Vocês fizeram uma cadeira para mim! – exclamou Clare, piscando para conter as lágrimas. – Estou chorona de novo. Não sei se é felicidade ou se são os hormônios. Provavelmente um misto das duas coisas. Fiquei toda emocionada hoje de manhã ao ver Beckett lavando a louça do café.

– A noiva tem direito a ficar chorosa no seu chá de panela – garantiu Hope.

– Espero que sim. Obrigada, muito obrigada por tudo. Por tudo isto aqui. Por serem minhas amigas. Por tudo.

– Pare com isso – falou Avery –, senão nós todas vamos acabar chorando. Vou lá guardar seu casaco.

Saiu apressada e pendurou o casaco de Clare ao lado da sua jaqueta. Na volta, algo fez com que ela fosse até o saguão e descesse a escada. Teria ouvido alguma coisa? Era mais uma sensação, pensou. Caminhou em silêncio, afastando-se das vozes de Clare e Hope.

A porta da Elizabeth & Darcy estava aberta. Mas as de todas as outras suítes também estavam, já que Hope queria que as convidadas as vissem e apreciassem enquanto estivessem ocupadas bancando as anfitriãs.

Na E&D, a varanda também estava aberta. Dava para sentir no ar um toque de madressilva que a brisa fria de março soprava para dentro do quarto.

Avery não ouviu nem viu nada, mas sentiu de novo. E o que sentiu foi pesar.

– Entre, por favor – murmurou. – Entre. Sei que está triste. Deve ser tão difícil aceitar isso... Owen está procurando Billy. Se existe alguém capaz de encontrar qualquer coisa, é Owen. Mas, enquanto isso, você não está sozinha. Sei como se sente, porque também já tive a sensação de estar sozinha.

Deu mais um passo em direção à porta e esperou.

– Mas eu estava errada. Sempre tive alguém que se importava comigo, mesmo quando tudo parecia difícil e triste. Você também tem. Nós nos importamos com você.

Hesitou um pouco, depois resolveu obedecer ao impulso que a invadiu. Na maior parte do tempo, Lizzy parecia feliz, até brincalhona. Romântica, pensou Avery. Uma moça de natureza alegre.

– Tenho um segredo. Acho que posso contar a você, pois aposto que sabe

guardar segredo.

Especialmente um feliz como esse. Entre, por favor.

A porta da varanda foi se fechando bem devagar.

Com a certeza de que Lizzy estava ali, Avery se sentou de lado na cama.

– Vamos fazer uma festa lá embaixo hoje. Um chá de panela para Clare.

Não sabia ao certo se chás de panela eram comuns no tempo de Eliza Ford.

– É algo que nós fazemos. Digo, as mulheres. Preparamos uma festa para comemorar com a amiga que está prestes a se casar. Com comidas, jogos, presentes. É muito animado. Só poucas pessoas que vão estar aqui hoje sabem desse segredo, mas tenho certeza que Clare não vai se importar se eu contar para você. Você gosta de Beckett, da Clare e dos meninos. Eles formam uma família muito bonita. E em alguns meses, a família vai aumentar. Clare está grávida. Ela e Beckett vão ter um bebê no próximo inverno.

O cheiro se acentuou, doce e intenso como o verão, e aqueceu o ambiente.

– É, eu sei. Não é maravilhoso? Você viu os dois se apaixonarem. Acho que tudo começou aqui, na pousada. Agora eles vão se casar aqui, em algumas semanas. A relação deles é tão forte, autêntica, verdadeira... Isso é bem incomum, não acha? Construir algo desse tipo com alguém. Achar a pessoa certa, que nos preencha, que tenha tudo a ver com a gente. Nem sei bem que palavras usar para explicar.

Baixou a cabeça e percebeu que estava segurando a chavezinha que Owen tinha lhe dado. E no dorso de sua mão havia lágrimas – suas próprias lágrimas.

– Os hormônios de Clare devem ser contagiosos. Não estou triste. Não mesmo.

Sentiu seu cabelo ser acariciado e fechou os olhos, encantada com o conforto que aquele toque lhe proporcionou.

– Não estou triste – repetiu. – Só não sou tão forte e segura quanto gostaria. Como as pessoas podem se arriscar tanto? Você deve ter se arriscado bastante pelo Billy. Como se faz isso?

Diante de seus olhos, uma espécie de fumaça embaçou o vidro da porta que dava para a varanda. Em seguida, o contorno de um belo coração se fez ver ali.

– Parece tão simples... – murmurou Avery. – Por que não é?

O barulho de vozes e risadas lá embaixo chegou até ali.

– A festa começou. Preciso descer.

Levantou-se e foi até o pequeno espelho para se certificar de que não estava com cara de choro.

– Você deveria vir também. Pode se considerar oficialmente convidada. Não precisa ficar sozinha – acrescentou Avery, descendo para ficar com as amigas, consciente de que falava tanto para si mesma quanto para Lizzy.

Mergulhou de cabeça na festa. Sim, realmente adorava um momento mulherzinha quando tinha tempo. Vestidos bonitos, comida gostosa, papos sobre casamento, homens, moda e uma ou outra fofquinha.

Melhor ainda quando lembrava que ela mesma tinha uma fofoca bem suculenta, uma que só poucas daquelas mulheres e um fantasma sabiam.

Bebeu e serviu champanhe, comeu sanduichinhos chiques e levou pratos para a cozinha. Enquanto Hope, toda eficiente, fazia uma lista dos presentes que Clare

havia ganhado junto com o nome da pessoa que tinha dado, ela ia guardando os papéis de embrulho. Carolee confeccionou um elegante buquê com as fitas e os laços.

Bobagens e coisinhas femininas. Cheiros e sons contra um pano de fundo branco nupcial com velas cintilantes. A noiva e sua mãe tomando refrigerante em taças de champanhe e rindo dos assobios e brindes quando a camisolinha preta quase transparente foi desembalhada.

– Que maravilha, garotas. – No meio da balbúrdia de outra competição, Justine deu um abraço apertado em Avery. – Não podia ter sido melhor!

– Adoramos cada minuto.

– Deu pra perceber. Clare escolheu bem. Tem a maior sorte de ter vocês como amigas.

– Acho que eu também tenho.

– Dá pra perceber isso também. Acho que devíamos abrir mais uma garrafa de champanhe. Pode me ajudar?

– Claro.

– Na verdade, eu queria falar um minutinho com você – disse Justine quando entraram na cozinha.

– Claro.

Justine pegou a garrafa que Avery tirou da geladeira e a pôs na bancada.

– Sei que sou uma boa mãe.

– Não conheço mãe melhor.

– Nem vai conhecer – afirmou ela, sorrindo. Depois ela passou a mão no cabelo da moça. – Sempre vi você como uma filha, mesmo antes de Traci ir embora.

– Ah, Justine...

– Sempre achei que você soubesse disso, mas nunca cheguei a lhe dizer. Talvez eu devesse ter feito isso.

Avery ficou tão emocionada que só conseguiu assentir.

– Eu sempre soube que posso contar com você, que posso pedir sua ajuda – falou.

– Espero que sim. E espero que continue dessa forma. Você é uma das luzes mais brilhantes que eu conheço, Avery. Lamentei muito quando vi parte dessa luz se apagar nas últimas semanas.

– Estou me esforçando para resolver isso.

– Não precisa. Sinta o que tem que sentir.

Owen havia dito exatamente o mesmo, lembrou-se Avery. Aquilo a consolou.

– Vou aproveitar este momento para dizer algo que venho querendo dizer há muitos anos. Traci era, e ainda é, uma mulher volúvel, egoísta, que sempre quis mais do que tinha e sempre culpava os outros quando não conseguia o que queria. E, quando conseguia, nunca ficava contente, nunca era o suficiente, e *sempre* por culpa dos outros. Você não tem nada a ver com ela. Vi você crescer, e sei o tipo de pessoa que você é.

– Acha que ela algum dia me amou?

– Acho – respondeu Justine, sem qualquer hesitação, e apertou a mão de Avery. – Amou, e acho que ainda ama. Mas não o bastante.

– Não o bastante pode ser pior que nada – murmurou Avery.

– Talvez, mas isso não depende de você, querida.

Não tem a ver com você, só com ela. Acredito que no fundo você sabe disso. Talvez não tenha se dado conta ainda. Foi esperta e escolheu muito bem suas amigas, então, pode contar com elas. Mas às vezes uma garota precisa de uma mãe. E você tem a mim.

Avery se aconchegou nos braços de Justine e a abraçou com força.

– Eu sabia. Sempre soube, mas ajuda muito ouvir você dizer isso. Não quero que se preocupe comigo.

– Faz parte das minhas funções, mas você não me dá muitos motivos para me preocupar. – Ela ergueu o rosto de Avery e sorriu. – Luz brilhante. Você sempre soube encontrar o seu caminho.



Depois que as convidadas foram embora e após a limpeza, Carolee se encarregou de dar atenção às duas convidadas que tinham reservado quartos para passar a noite e Avery convenceu Hope a ir até sua casa para relaxar um pouco.

– Agora, pés para o alto – disse Avery, desabando no sofá e pondo os pés em cima da mesa de centro. – Parabéns, co-anfitriã.

– Pra você também. Caramba, estou exausta.

– Parte disso é por causa da descarga de adrenalina.

Você ficou superpilhada...

– Tem razão, mas foi um chá de panela de arrasar.

– E o casamento também vai ser. – Satisfeita, Avery esticou os braços e fez um movimento de rotação com os ombros. – Daqui a pouco vou fazer um chá pra nós duas, aí poderemos falar sobre Janice e sobre o que ela estava pensando quando resolveu vestir aquela calça. Ficou com a bunda parecendo uma bisteca.

Inclinando a cabeça para trás, Hope fechou os olhos e riu.

– Meu Deus, parecia mesmo. Laurie, em compensação, estava tão bonita e tão animada com o próprio casamento... Uma pena eles terem reservado o local antes do fim das obras da pousada.

– Você é bem masoquista, hein?

– Talvez. Charlene veio falar comigo. Ela e outras moças da livreria querem organizar um chá de panela para Laurie. E agora querem fazer na pousada. Preciso falar com Justine, pensar em um valor para eventos como esse.

– E eu me achando viciada em trabalho... – Avery levantou-se e tirou os sapatos quando estava a caminho da cozinha, mas alguém bateu à porta. – Por favor, que não seja nenhum problema lá embaixo – murmurou. – Owen!

– Vi a luz acesa e pensei que podíamos... Oi, Hope.

– Oi. Já estava indo embora.

– Não estava nada – retrucou Avery. – Estava prestes a tomar um chá, um mais que merecido, aliás. Carolee está à frente da pousada por algumas horas. Quer um também? – perguntou a ele. – Ou prefere uma cerveja?

– Cerveja. Também tivemos um dia puxado. Posso pegar a cerveja e ir

embora se vocês...

– Shhh, sente aí – ordenou Avery, puxando uma cadeira para ele. – Essa educação toda está me dando nos nervos. Além do mais, estou morrendo de dor nos pés.

– Ela é sempre tão hospitaleira... – brincou Owen, e em vez de se sentar na cadeira foi para o sofá. – Tive um tempinho ontem à noite e hoje de manhã para pesquisar – contou a Hope.

– Assim que passar o casamento, prometo que vou dedicar mais tempo a ajudar você nisso.

– Sem problemas. Não pude me empenhar muito nisso hoje porque nós demos um duro danado na casa do Beck.

– Como vai a obra? – perguntou Avery, gritando lá da cozinha.

– Quase pronta. Falta pintar, dar uns retoques e cuidar de uns últimos detalhes.

– Já ouvi isso – comentou Hope, sorrindo.

– Estou fazendo uns ajustes no planejamento.

– Já ouvi isso também – bradou Avery, ainda na cozinha.

– Vai ficar pronta, mas só já bem perto do casamento é que faremos as inspeções finais. Penso que podemos mobiliá-la no período em que eles estiverem em lua de mel. Não vamos conseguir colocar tudo exatamente onde eles querem, pendurar os quadros ou arrumar os enfeites, por exemplo, mas podemos levar os móveis, os aparelhos e utensílios de cozinha, esse tipo de coisa.

Avery surgiu com uma bandeja com duas xícaras de chá e uma garrafa de cerveja. Deixou na mesinha, inclinou-se e deu um beijo em Owen.

– É a sua cara. Você pensa em todos os detalhes.

– Seria bom para eles poderem voltar e já se mudar.

– É uma ótima ideia. Ajudarei em tudo o que for preciso – prometeu Hope. – Sei onde Clare pretende pôr um monte de coisas. Conversamos sobre isso.

– Hope tem uma memória de elefante.

– Mas não uma bunda que parece uma bisteca.

Owen ergueu as sobrancelhas quando Avery soltou uma gargalhada enquanto tomava o chá.

– Piada de mulheres – explicou ela.

– Ok Seja como for, vamos planejar isso. Como foi tudo lá hoje?

– Perfeito – respondeu Hope, dobrando as pernas. – E tivemos uma convidada inesperada. Senti o cheiro dela em vários momentos da festa, e tenho quase certeza de que ela tomou champanhe, se é que isso é possível. Achei uma taça vazia lá em cima na E&D, depois de ter conferido tudo e de todas as convidadas já terem ido embora.

– Eu a convidei – disse Avery, tomando seu chá. – Fui lá em cima antes da festa e tive a sensação de que ela estava deprimida. Sei lá. Triste. Contei a ela sobre o bebê e o chá de panela. Ela pareceu mais alegre depois disso.

– É a sua cara – murmurou Owen. – Você pensa nesse tipo de detalhe. Preciso conhecê-la melhor. Tenho pesquisado a respeito da família dela. Lizzy tinha dois irmãos mais velhos e uma irmã mais nova. Um irmão morreu na guerra. O outro voltou, casou-se e teve quatro filhos, então, tenho essas pistas, se precisarmos. A irmã se casou alguns anos depois da guerra. Teve cinco filhos,

mas um morreu ainda bebê. De acordo com minhas pesquisas, essa irmã viveu até os 90 anos. Eles se mudaram para a Filadélfia alguns anos depois do casamento. Talvez você pudesse investigar isso, Hope, já que sua família é de lá.

– Posso, sim.

– Sabe alguma coisa de uma tal Escola Liberty House?

Com uma expressão aparentemente surpresa, Hope ergueu a cabeça da xícara de chá.

– Para falar a verdade, sei, sim. Por quê?

– Ainda não apurei todos os detalhes, mas de link em link acabei chegando à Escola Liberty House para garotas, fundada em 1878. A irmã de Lizzy foi uma das fundadoras da instituição e exerceu grande influência na educação de meninas numa época em que isso não tinha qualquer importância. Hoje em dia é um colégio misto, mas continua sendo uma instituição privada muito respeitada na Filadélfia.

– Eu sei. Estudei lá.

– Está falando sério? – indagou Owen, surpreso. Inclinou-se para a frente, apoiando os braços nas coxas. – Que mundo pequeno!

– É. – Com a testa franzida, Hope apoiou a xícara na mesinha. – Qual era o nome dessa irmã?

– Hã, Catherine.

– E o sobrenome, depois de casada?

– Darby. Catherine Darby. Li que a biblioteca da escola foi batizada em sua homenagem.

– Isso mesmo, e o mundo realmente é muito pequeno. A Catherine Darby que ajudou a fundar a Escola Liberty House em 1878 é minha tataravó.

– Caramba – disse Avery. – Puta merda! Hope, sei sso tudo se confirmar, você é parente de Lizzy. Ela seria sua tatará tia-avó.

– Você tem certeza disso, Hope?

Ela se limitou a fitá-lo. Depois falou:

– Frequentei a escola do jardim de infância até o ensino médio. Assim como minha mãe e meu tio, além da minha avó materna, meu irmão e minha irmã. É uma tradição de família. E, antes que pergunte, não sei muito sobre a história familiar, e menos ainda dos parentes mais afastados no tempo. Imaginava Catherine Darby como a velha, na minha visão de criança, do quadro pendurado na biblioteca da escola. Nunca ouvi dizer que tinha uma irmã que havia morrido. Nem ao menos sabia seu nome de solteira.

– Acha que alguém da sua família saberia de mais alguma coisa? Algum detalhe mais pessoal que não daria para descobrir por pesquisa?

– Honestamente, não sei, mas posso tentar descobrir. Isso é tão... estranho. – Tão estranho que ela chegou a sentir um bolo na garganta. – Preciso de um tempo pra me acostumar à ideia. Não consigo pensar com clareza ainda. Já vou indo.

– Quer que eu acompanhe você? Que fique com você esta noite?

– Não, não. Não estou com medo. Nem chateada.

Só preciso pensar melhor sobre essa história.

– Quem sabe não vamos com você até lá?

– Parem com isso – falou Hope, com uma risadinha, antes que Owen se levantasse. – Acho que consigo atravessar sozinha a rua. Só preciso iluminar as ideias e pensar sobre isso. É tudo muito estranho.

Avery se levantou de um salto e foi com a amiga até a porta.

– Ligue para mim se não estiver tranquila. Promete?

– Tudo bem. Vou ter que me acostumar à ideia. –Deu umas batidinhas na testa. – Você sabe que é disso que preciso.

– Sei, caso contrário não deixaria você ir sem mim.

Mas, Hope?

– Hum?

– Uau.

– Pode crer.

Quando Hope saiu, Avery se virou para Owen e repetiu:

– Uau.

– A irmã – murmurou ele. – Realmente não sei porque segui por esse caminho. Só estava procurando informações. Sabe como é, quanto mais se sabe... Mas não via como isso podia ajudar a encontrar Billy. E agora... Sei que coincidências acontecem, mas isso?

Isso é de mais.

– E aí? É o destino?

– E o que mais poderia ser? – Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro. – Você nasceu e foi criada em Boonsboro. E Hope nasceu e foi criada na Filadélfia. Vocês acabaram sendo colegas de quarto na época da faculdade e viraram amigas. Amigas de verdade. A amizade de vocês é tão sólida que ela veio fazer uma visita e se tornou amiga de Clare, a mesma Clare que está prestes a se casar com meu irmão. Minha mãe caiu de amores por um hotel antigo, conseguiu comprá-lo e nós o reformamos à base de sangue, suor e lágrimas. A pessoa que seria contratada para gerenciar o estabelecimento ficou grávida, teve que ser substituída e você e Clare sugeriram Hope.

– Que estava querendo se mudar, porque tinha sido traída por um babaca e pela família dele.

– Ela era perfeita para o trabalho – prosseguiu Owen. – Gerente de hotel, conhecia todos os possíveis problemas do negócio, alguns que nós nem sequer poderíamos imaginar. Era mais do que qualificada, na verdade, e não estava pensando em procurar trabalho aqui. Minha mãe a contratou de cara. Mal tinha conversado com ela e já estava contratada. Hope aceitou imediatamente e pronto.

– Bem, vendo as coisas desse jeito...

– Foi assim que aconteceu. – Ele parou de andar e a encarou. – Uma volta, depois outra, uma escolha, depois outra, tudo se encaminhando para o mesmo lugar. A pousada, Lizzy, Hope, e talvez, se tudo continuar acontecendo desse jeito, chegaremos a esse tal de Billy.

– Você acha que ela sabe? Eliza?

– Nem imagino. Se soubesse, acredito que faria um esforço maior para se conectar com Hope. Se você pensar bem, vai ver que ela tem surgido mais para

nós... Beckett, Ry e eu, embora Ry não fale muito sobre o assunto. Para minha mãe. E até para você.

– E para Murphy. Ele foi o primeiro que a viu, pelo que sabemos.

– Crianças – disse Owen, dando de ombros. – Elas ainda acreditam no que é impossível. Isso é...

– O quê?

Ele olhou para Avery com um sorriso estampado no rosto.

– Tão incrivelmente foda. E... espere um minuto. Eu estava distraído, envolvido com essa história. Só percebi agora.

– Percebeu o quê?

– Seu cabelo. Ele voltou. – Foi até ela e passou os dedos nos brilhantes fios ruivos. – Voltou a ser o cabelo da Avery.

– Decidi tentar ser eu mesma por uns tempos praver como me saio.

– É minha versão preferida de você – disse Owen.

– É mesmo? – Intrigada, Avery ficou olhando para ele. – Por que nunca disse nada?

– Porque o cabelo é seu, mas *este* é que é o seu cabelo de verdade. – Inclinando-se, Owen cheirou a cabeça dela. – Tem seu perfume, combina com você, e agora está de volta. Sou louco pelo seu cabelo.

– Ah, por favor...

– Sempre fui. Nunca fiz amor com você com seu cabelo real.

Ela riu, e depois riu de novo quando ele a pegou nos braços. Prestativa, cruzou as pernas em volta da cintura dele.

– Acho que eu deveria ver como é – prosseguiu ele.

– Pra poder fazer um estudo comparativo.

– Você adora uma pesquisa.

– Algumas mais que outras – concordou Owen, levando-a para o quarto.

capítulo vinte



DECORADA COM FLORES E luzes brilhantes, a pousada resplandecia como um desejo. Com tudo o que havia visto, tudo o que havia abrigado em sua longa vida, aquela celebração de amor, fé e resistência a fazia reluzir ainda mais.

Era possível sentir no ar o aroma de rosas, com toques de madressilva e o suave perfume de lírios. Lá no alto, um céu azul e claro.

Dentro do quarto de contos de fadas da suíte Titânia & Oberon, Clare colocou seu vestido de noiva. Respirou fundo e sorriu para a mãe enquanto Hope ajeitava o tecido no seu corpo.

– Nada de lágrimas, mãe.

– Minha menina está tão linda... – disse Rosie tentando conter as lágrimas. Aproximou-se e pegou a mão da filha. – E tão feliz...

– Está perfeito – falou Hope, recuando e parando ao lado de Avery.

– É como tudo parece estar neste exato momento – observou Clare, respirando fundo mais uma vez e virando-se para o espelho. – Perfeito.

– E bem na hora. Vá até a varanda pra fazer umas fotos – disse Hope –, pra nós também ficarmos assim.

– Tem certeza de que Beckett não está por perto? Não quero que ele me veja antes da cerimônia. Sei que isso é bobagem, mas...

– Não é, não – emendou Avery. – Vou até a J&R só para garantir que os homens não saiam do lado de lá.

– Preciso de você para as fotos – insistiu Hope.

– Não vou demorar. É só o tempo de trazer Justine e as crianças. E ver como andam as coisas da parte do noivo. Comece a aprontar tudo e me dê cinco minutos – acrescentou antes de sair em disparada.

Reparou que a porta da Elizabeth & Darcy estava aberta.

– Não posso visitar você agora. Estou com pressa. Passo aqui mais tarde.

Com os saltos ecoando no assoalho e adorando o jeito como seu vestido cor de champanhe esvoaçava ao redor das suas pernas, Avery correu para os fundos, passou pela porta e atravessou a varanda.

Antes de bater, ouviu vozes: a fala animada dos meninos, uma risada baixa.

– Todo mundo vestido decentemente? – perguntou, abrindo a porta.

– Depende do que você considera decente – retrucou Ry der.

Rindo, ela entrou no aposento.

Justine, com o cabelo caindo-lhe pelas costas, estava de pé, com o rosto colado ao de Beckett. Mais um daqueles momentos perfeitos, pensou Avery.

Ryder e os meninos, todos de terno escuro, estavam sentados na cama com um monte de cartas do jogo War espalhadas à sua frente.

– Está na hora! – exclamou Liam, pulando da cama e provocando uma comoção geral.

– Ainda não. Antes, vamos fazer umas fotos com a noiva. Depois o fotógrafo vai passar aqui pra fazer fotos de vocês também, rapazes. Onde está Owen?

– Pegando umas bebidas – respondeu Ryder.

– Você está lindo. Nossa, vocês todos estão maravilhosos. Só preciso roubar Justine e os meninos um minutinho para umas fotos. Depois, trago todos de volta. O resto da comitiva do noivo tem que ficar aqui nos fundos. Nada de ir bisbilhotar lá na frente.

– Que tal mandar uma pizza pra cá? – sugeriu Ryder, provocando certa comoção entre os mais jovens, como antes.

– Depois – disse Justine, lançando aos meninos um olhar que devia ter contido comoções por várias décadas. – Vamos lá, turma. Vejo vocês daqui a pouquinho – murmurou, dando um beijo no rosto de Beckett.

– Mas estou morrendo de sede – interveio Murphy, olhando para Justine com ar de súplica e um sorriso esperançoso.

– Pode deixar que eu cuido disso – afirmou Avery. Em seguida, dirigindo-se a Justine, acrescentou: – Estarei lá num minuto.

– Vou ganhar o jogo por W.O. – brincou Ryder, com um risinho maroto.

– De jeito nenhum – exclamou Harry, dando meia-volta.

– Claro que sim! A guerra acabou pra você. Foi derrotado.

– Trégua – declarou Justine. – Vamos fazer uma pausa na batalha – disse ao menino, levando-o para fora do quarto.

Antes de fechar a porta, lançou a Ryder aquele mesmo olhar que acabava com qualquer briga.

– Você está bonito mesmo, Beckett – elogiou Avery, ainda com a mão na maçaneta. – Mas espere só até ver Clare.

– Só me diga que não vai demorar muito pra isso.

– Falta pouco – prometeu ela, e saiu correndo.

Quando começou a descer, olhou para o pátio, para as tendas brancas sob aquele céu azul, mais flores, mais luzes...

Hope diria que está perfeito, pensou. E com toda a razão.

Owen surgiu à sua frente, trazendo uma bandeja com copos de bebidas. O olhar dos dois se cruzou, ela alguns degraus acima dele. O momento se estendeu, romântico, quase irreal, e Avery sentiu o coração palpitar, acelerado.

– Você está maravilhosa – disse ele, sem conseguir tirar os olhos dela.

– Espere até ver a noiva.

Owen só balançou a cabeça, vendo o sol brincar naquele cabelo de rainha irlandesa.

– Magnífica.

– Está tudo tão lindo... – comentou ela, continuando a descer. – Se pensarmos em um ano atrás... É difícil acreditar nessas mudanças, no que pode acontecer, em que as coisas podem... se transformar, eu acho.

– Eu estava pensando exatamente nisso – disse Owen, sem desviar os olhos

dos dela.

– Justine levou os meninos pra tirar fotos com a mãe. Deixe que eu entrego as bebidas deles.

Owen olhou para a bandeja em suas mãos. Que estranho... Por um instante, cheguei a se esquecer dela, do casamento, do mundo.

– Ok O Sprite é para o Liam, que diz que é igualzinho a champanhe. O champanhe de verdade é para mamãe.

– E a cerveja, para você e seus irmãos. Ainda vamos levar uns quinze minutos, segundo o cronograma assustadoramente preciso de Hope. Depois o fotógrafo vai cuidar de vocês, os rapazes.

– Estaremos prontos. Tenho o cronograma.

– Claro que tem.

Ele levou a bandeja até a varanda e fez a transferência das bebidas.

– Absolutamente maravilhosa – acrescentou, fazendo com que Avery fosse embora rindo.

Owen abriu a porta e entrou.

– Lembra que eu disse que, se Avery estivesse grávida, eu ia querer me casar com ela?

– Meu Deus, Avery está grávida? – perguntou Ryder, apressando-se em pegar um copo de cerveja.

– Não – respondeu Owen. Mas agora ele entendia o sentimento estranho que havia experimentado ao ficar sabendo que o teste era para Clare: uma pontinha de decepção. – A questão é que só me dei conta disso há um minuto. Não tinha percebido, mas agora eu sei.

– Desembuche logo – alertou Ryder –, ou vamos ferrar com o seu cronograma.

– Eu só quero me casar com ela – declarou Owen, e, meio atordoado, olhou para Ryder, depois para Beckett e para Ryder novamente. – Quero me casar com Avery MacTavish.

– Bem, vamos fazer um brinde a isso – disse Beckett, pegando um copo para si e outro para Owen. – Aqui está.

– Vocês não ficaram nem um pouquinho surpresos? – perguntou Owen, olhando a própria cerveja com a testa franzida.

– Não. Nem um pouquinho – respondeu Beckett.

– Espere aí um instantinho – disse Ryder, caindo em si e estreitando os olhos.

– Você disse casar... Casar mesmo? Primeiro Beckett, e agora você – prosseguiu ele, lançando um olhar desconfiado para a cerveja. – Será que puseram alguma coisa na bebida? Algum feitiço de casamento? Isso vai me deixar muito irritado.

– Não tem nada a ver com a cerveja, seu bobão – falou Beckett, sorrindo para Owen. – Que tal pedir a mão dela hoje à noite? Fazer isso num casamento deve dar sorte.

– Tenho que pensar – retrucou Owen, soltando o ar com força pela boca. – Tenho que pensar em como, quando e tudo o mais.

– Ele vai pensar – falou Ryder, tomando um gole de cerveja. – Isso vai ser bem divertido.



Quando a sessão de fotos terminou, Rosie abraçou a filha mais uma vez.

– Vou dar uma ajuda com as crianças e, depois, mando o seu pai subir.

– Temos uns vinte minutos – disse Hope, com o celular na mão. – Owen e eu estamos nos falando por SMS e ele vai me avisar quando o fotógrafo tiver acabado lá. E, depois, quando Beckett e os rapazes forem para o pátio.

– Pode deixar que eu vejo isso com Owen – disse Rosie. – Não se preocupe.

– Está mandando mensagem de texto? – perguntou Avery depois que Rosie saiu. – Esqueceu que o casamento ia ser informal?

– Informal não significa bagunçado. Aliás, os convidados já estão chegando.

– Contagem regressiva – disse Avery, pegando o champanhe. – Alguém mais quer?

– Eu não – falou Clare, mas, em seguida, franziu as sobrancelhas. – Na verdade, me dê um gole pra dar sorte.

– Um gole para a noiva e uma taça cheia para as madrinhas.

– À noiva – disse Hope, erguendo a sua taça.

Clare balançou a cabeça.

– À noiva não. Ao casamento. Às promessas, ao compromisso, às coisas duradouras. É a isso que quero brindar.

– Ao casamento, então – concordou Hope, batendo sua taça nas das amigas.

– E à família – acrescentou Clare, depois de beber um gole. – E família não são só o casal, os filhos, os avós. São os amigos também. As pessoas que tornam nossa vida completa, rica, sólida. E vocês duas fazem isso por mim.

– Você quer nos fazer chorar de qualquer maneira – balbuciou Avery.

– Achei que eu fosse chorar – comentou Clare, bebendo mais um golinho e deixando a taça de lado. – Mas está tudo muito claro pra mim. Pensei muito em Clint ontem à noite, e tenho certeza absoluta de que ele ficaria contente em saber que encontrei Beckett, que eu e os meninos podemos contar com ele. Saber disso me deixa feliz. E tudo o que quero fazer agora é ir para o pátio, caminhar ao encontro de Beckett e dos meus filhos, levando este aqui comigo – prosseguiu ela, levando a mão à barriga. – E fazer os meus votos. Mais tarde, vou dançar com o meu marido e os meus filhos.

– Depois que eu retocar o seu batom – atalhou Hope.

Enquanto a amiga se ocupava com isso, Avery foi andando em direção à varanda. Um minuto sozinha, pensou. Apenas um minuto.

Mas ouviu a porta da varanda se abrir e olhou para a suíte Elizabeth & Darcy. Afinal, tinha companhia. O que, na verdade, era ótimo.

– Não consigo entender – disse. – Não estou triste, mas não sei se feliz seria a palavra certa. Por Clare, sim. Estou felicíssima por ela. Mas eu mesma me sinto num estágio qualquer entre uma coisa e outra. Só fico me perguntando como isso funciona, sabe? Olho pra ela e vejo que tem tanta certeza... Não está nervosa, não tem nenhuma dúvida. Como é se sentir assim? Como se chega a esse ponto?

Olhou para a Vesta e, depois, para a avenida principal, na direção da livraria. Isso era algo que podia entender: esse compromisso, essa sensação de

perenidade. Mas o que levava uma pessoa a resolver caminhar junto com outra pessoa para sempre?

– Isso não tem importância. Hoje eu não preciso pensar nisso. É um dia feliz. É o dia de Clare.

Virou-se para voltar para dentro e viu algo em cima da mesa que ficava entre as portas. Com a testa franzida, aproximou-se do móvel e pegou uma pedra pequena e lisa. Parecia uma pedra de rio e tinha o formato de um coração. Colocou-a na palma da mão e ficou olhando as iniciais gravadas bem no meio.
L.F.

B.R.

– Lizzy Ford. “B” de Billy? Deve ser.

Com o coração aos pulos, ergueu os olhos. A porta continuava aberta e, no ar, aquele conhecido perfume de verão.

– Foi ele que lhe deu isto? Billy? Deve ter sido. E... esta pedra resistiu. Mas como? Como pode estar bem aqui na minha mão, agora? Como pode...

– Avery! – gritou Hope. – Contagem regressiva.

– É o dia de Clare – repetiu Avery, apertando a pedra na mão. – Não posso mostrar isto a eles agora, mas vou levá-la para Owen. Prometo.

– Avery!

– Só um segundo! – Correu para pegar a bolsa. – Batom – falou, e então guardou a pedra ali dentro, para mantê-la em segurança, e se perguntou se ainda estaria ali quando voltasse.



Sob o sol que ia se pondo atrás das colinas, Avery assistiu ao casamento dos amigos, ouviu os seus votos e as promessas que fizeram às crianças que constituíam sua família. Viu o brilho das alianças que trocaram à luz suave do crepúsculo.

Percebeu a alegria simples e imensa que brotava deles como um rio brando e cálido. Sentiu aquele sentimento crescer dentro dela também, algo amoroso e real, sólido e forte.

Quando os dois se beijaram pela primeira vez como marido e mulher, as lágrimas que derramaram foram fruto daquela alegria.

Depois vieram os abraços, os aplausos, a música. Owen pegou Avery pela mão e a conduziu até a porta do saguão por entre as cadeiras ali dispostas. Mais abraços, algumas lágrimas e, então, risos quando Murphy declarou, aos brados, que precisava fazer xixi imediatamente.

– Primeiro o xixi, depois as fotos – disse Hope. –

Os noivos, os padrinhos e a família. Em seguida, Clare, Beckett e os meninos e, finalmente, Clare e Beckett – prosseguiu ela, dirigindo-se ao fotógrafo. – Quarenta e cinco minutos. Assim, não haverá atrasos.

– Você tem um cronômetro interno? – perguntou Ryder.

– Bem aqui – respondeu Avery, apontando para a cabeça da amiga.

– Clare e Beckett têm que dançar, comer, se divertir – principiou Hope.

– Acho que eles não estão nem aí para isso – observou Ryder, vendo os noivos trocarem um longo beijo. – Relaxe, comandante!

– Relaxe você – resmungou Hope, fazendo o possível para guiar o grupo.

Avery pensou em se afastar um pouco com Owen, mas não daria tempo e as circunstâncias não favoreciam em nada os seus planos.

Aquilo podia esperar, pensou, e mergulhou no aqui e agora.

Depois das fotos, da volta dos noivos para o salão, da primeira dança e dos brindes, conseguiu ficar pra trás junto com ele.

– Quero dançar com você – disse Owen.

– Acho uma ótima ideia – concordou ela –, mas, antes, tenho uma coisa pra lhe mostrar. Lá em cima.

– A comida é farta... E tudo parece ótimo.

– Vamos comer, beber, dançar. Vamos fazer tudo isso – falou Avery, segurando firme a mão dele ao subir correndo a escada. – Só pra você se situar: eu estava parada na varanda um pouco antes de descermos, pensando na vida. De repente, ela apareceu. Bem, a porta da varanda se abriu. Eu estava pensando em Clare e Beckett se casando, assumindo compromissos, esse tipo de coisa. Na verdade, me perguntando de onde vem a coragem ou seja lá o que for que leva as pessoas a tomarem essa decisão.

– Não é uma questão de coragem.

– Seja lá o que for... – repetiu ela, abrindo a porta da T&O e puxando-o para dentro da suite. Então ela começou a remexer dentro da bolsa, de olhos fechados, e soltou um suspiro de alívio quando encontrou a pedra. – Hope me chamou e, quando me virei, isto aqui estava em cima da mesinha entre as portas.

– Uma pedra. Caramba, impressionante.

– Deixe de ser bobo. Dê uma olhada nisto, Owen – disse ela, estendendo-lhe a pedra.

Ele pegou a pedra e a virou. O ar divertido em seu rosto se transformou em curiosidade e, depois, em espanto.

– Ela lhe deu isto.

– Deixou em cima da mesinha. Não estava ali quando fui para a varanda. Tenho certeza. E então apareceu. Não diria que ela me deu esta pedra, mas queria que eu a visse. Não acha?

– Ainda estou tentando entender como ela podia estar com isto ou fazer com que se materializasse. Ou... sei lá o quê.

– Pois eu decidi não pensar muito sobre isso, para o meu cérebro não explodir. Ele deve ter dado isto a ela. O formato, as iniciais...

– Por que ele daria a ela uma pedra? Quando você pensa nisso...

– É um coração com as iniciais dos dois. Um gesto romântico, certo?

– Acho que sim. *B* de Billy, que é apelido de William. E *R*. Ter a inicial do sobrenome dele talvez possa ajudar.

– Como você e Hope estão pesquisando a respeito dele, quis lhes dar isto o mais depressa possível. Hope está comandando o espetáculo lá embaixo, portanto, você foi o eleito. Mas temos que mostrar este achado a ela logo depois da recepção.

- Ela lhe deu isto.
- Lizzy? Não. Ela só a deixou num lugar em que eu pudesse vê-la.
- Dá no mesmo.
- Ela queria que Hope a encontrasse. E Hope é sua descendente.
- Ela não a pôs num lugar em que Hope pudesse encontrá-la – retrucou Owen, devolvendo a pedra a Avery. – Você é que deve guardá-la.
- Não me parece correto.
- Acho que Lizzy a deixou com você por algum motivo. Talvez, se ficar com ela, você consiga descobrir por quê. E, nesse meio-tempo, vou procurar um William R. Vamos contar tudo a Hope depois do casamento.
- Está bem, mas acho isso meio esquisito – disse Avery, passando o dedo pelas iniciais antes de enfiar a pedra novamente na bolsa. – E, se ela quiser de volta, vai pegar.
- Eu já disse que você está maravilhosa hoje?
- Acho que mencionou isso, sim, meio de passagem – retrucou ela, dando uma piscadela para ele.
- Está mesmo. E eu... – Não, pensou. Não assim, por impulso. Não no dia do casamento do seu irmão, mesmo que isso fosse sinal de sorte. – Temos que voltar lá pra baixo. Não é todo dia que meu irmão se casa.
- Tem razão.
- O que queria dizer com coragem? – perguntou Owen enquanto desciam para o térreo.
- O quê?
- Aquela história de precisar de coragem para se casar. As pessoas precisam de coragem para, sei lá, ir à guerra, ir à Receita Federal ou voar de asa-delta.
- Só quis dizer que as pessoas têm que estar preparadas para dar esse passo em direção ao “até que a morte ou o divórcio nos separe”.
- Owen não gostou nem um pouco de ouvir aquilo.
- Você sempre foi assim tão cínica?
- Não sou cínica – respondeu Avery, irritada pelo uso dessa palavra. – Apenas realista... e curiosa. Sou uma curiosa realista.
- Olhe só isto – disse Owen quando chegaram ao local onde alguns casais dançavam: Clare e Beckett, Justine e Willy B., os pais de Clare e outros tantos. – Isto é real.
- Real, pensou ele, e era o que queria ter com Avery.
- E é lindo – falou ela. – Realmente lindo. Um momento importante. Mas há milhares de momentos depois que a festa acaba. E, por falar nisso, por que não está dançando comigo?
- Boa ideia.
- Owen fez o possível para se manter no clima festivo, mas algo dentro dele havia sido bastante afetado pelas palavras dela. E percebeu que ela também tinha notado isso.



Avery não teve tempo de pensar a fundo no que havia acontecido. Tinham

apenas uma semana para concluir os últimos detalhes da casa, trazer os móveis, abastecer a cozinha.

Ela se lembrou da correria dos últimos dias antes da inauguração da pousada, mas, desta vez, com Clare e Beckett em viagem de lua de mel, tinham quatro braços a menos para o trabalho.

Mesmo assim, teve déjà-vus constantes enquanto, junto com Hope, arrumava pratos, copos, talheres, panelas, frigideiras e bandejas nos armários.

– Ela não vai ficar decepcionada por não poder fazer isso do seu próprio jeito, não é?

– Já pensei mil vezes nisso – respondeu Hope, balançando a cabeça. – Depois, pensei em Clare voltando de uma semana de viagem e tendo pela frente todo o trabalho da livraria, as crianças, a nova rotina. E, ainda por cima, grávida. Acho que vai ficar aliviada por não ter que carregar caixas, desempacotar e arrumar tudo.

– Também acho, mas de vez em quando esse pensamento me volta à mente. Foi ótimo os meninos terem ido passar uns dias com os pais de Clint. É bom pra todos, mas tenho que admitir que sinto falta deles. E de aproveitar a energia inesgotável daquelas perninhas nessas tarefas.

– Estamos quase acabando. Com Justine e Rosie cuidando das roupas e da roupa de cama, e Owen e Ryder usando os músculos para carregar as coisas mais pesadas, tudo vai estar perfeito para lhes dar as boas-vindas.

Hope parou um pouco e procurou o celular.

– Acho que devia verificar se Carolee encomendou mesmo as flores.

– Encomendou, sim. Relaxe, comandante – falou Avery.

– Se ele me chamar assim mais uma vez, sou capaz de lhe dar um chute no saco – retrucou Hope, tentando relaxar os ombros. – Esta casa é linda! A madeira, os detalhes, a noção de espaço...

– Os Montgomerys trabalham bem.

– Verdade. Por falar neles, o que está acontecendo entre você e Owen?

– Nada.

– Justine e Rosie estão lá em cima – disse Hope, olhando para a escada. – Owen e Ryder estão trazendo um novo carregamento de móveis. Estamos só nos duas aqui.

– Não sei direito. Desde o casamento, as coisas ficaram meio estranhas. A culpa foi minha, acho. De certa forma. Quando mostrei a ele a pedra com as iniciais de Billy e Lizzy, fiz algum comentário sobre “Até que a morte ou o divórcio nos separe”, ou algo do tipo.

Ele acha que sou cínica.

– Por que será?

– Não sou, não.

– Não é, não. Mas deixa a história com a sua mãe invadir sua vida. Algum dia você vai ter que superar isso.

– Não deixo, não. É, talvez deixe – admitiu, irritada consigo mesma. – Mas acho que já estou quase superando. Enfim, agora as coisas estão esquisitas entre mim e Owen, e essa é a última coisa que eu quero. Somos amigos desde sempre. Na verdade... – Avery olhou ao redor, para ter certeza de que não havia mais

ninguém ali. – Outro dia, encontrei isto no meu porta-joias – prosseguiu, abrindo a bolsa e o zíper que havia lá dentro. Tirou dali um anel cor-de-rosa de plástico em forma de coração. – Owen me deu isto aqui quando eu tinha uns 6 anos e estava apaixonada por ele.

– Ah, Avery, que fofo. Que gracinha.

– Sim. É um anel daquelas máquinas de chiclete. Ele estava só brincando, mas eu fiquei nas nuvens.

Owen sempre fez coisas delicadas assim.

– E você guardou o anel por todos esses anos.

– Claro. Foi o meu primeiro anel de noivado – disse ela, e, tentando tornar a situação mais divertida, enfiou o anel no dedo e agitou a mão no ar. Estranhamente, porém, aquilo a deixou meio triste. – E, agora, há alguma coisa errada entre nós – acrescentou, tirando o anel. – Acho que ele está querendo voltar atrás e...

Parou de falar quando ouviu a porta se abrir e enfiou o anel na bolsa, fazendo um gesto de fechar um zíper sobre a boca.



Enquanto Diaraque ficava deitado no chão da cozinha, claramente exausto, Avery ajudava a arrumar mesas, abajures, travesseiros. Quando Hope precisou voltar à pousada, Avery continuou abrindo caixas com toalhas, desembalou sabonetes e foi arrumando do banheiro da suíte ao banheiro das crianças, passando pelo de hóspedes, pelo lavabo e pelo banheiro do térreo.

Já havia escurecido quando voltou ao segundo andar e parou ao ver o quarto de casal, sorrindo. Acolhedor, pensou, confortável e bonito.

Ouviu o som de marteladas e se dirigiu ao quarto de brinquedos. Owen, com o cinto de ferramentas na cintura, pendurava um pôster dos X-Men.

– Você já montou os nichos – comentou.

– Foi Ryder que montou, antes de ir embora – disse ele, olhando para trás na direção dela.

– Ele já foi?

– Está quase tudo pronto. Mamãe pediu que a avisasse de que ela e Rosie vão voltar aqui amanhã depois de passarem no supermercado pra comprar produtos frescos.

– Ótimo. Acho que você tem razão. Não consigo imaginar mais nada que ainda esteja faltando. Não sabia se daríamos conta e estamos um dia adiantados.

– Tínhamos muitos braços.

– E você e Hope com as listas de tarefas. Este lugar está fantástico, Owen. Divertido, alegre. E a casa inteira também está com esse clima.

– Verdade.

– Quer uma cerveja pra comemorar?

– Não é má ideia.

Avery saiu e abriu duas garrafas. Estavam sendo tão excessivamente educados, pensou. Tão forçadamente descontraídos. Com aquele maldito ar de “está tudo bem”.

Já chega, pensou quando pôs as garrafas na bancada da cozinha. Esperou que ele tirasse o cinto de ferramentas.

– Está chateado comigo? – perguntou.

– Não – respondeu Owen, lançando-lhe um olhar firme. – Por que estaria?

– Não sei. Mas nós... você... as coisas não estão mais do mesmo jeito desde o casamento.

– Talvez você tenha razão – retrucou ele, fitando-a e tomando um gole de cerveja.

– Se acha que não dá mais, eu gostaria...

– Por que você tem sempre que radicalizar? Por que pensa automaticamente que não dá mais, que não vai durar, que não vamos ficar juntos?

– Não era nesse sentido que eu estava falando. Eu...

Ele fez um gesto com a mão, descartando o que ela ia dizer, e foi para perto da janela do outro lado do aposento. Avery insistiu:

– Você está chateado comigo, sim.

– Estou começando a ficar.

Tomou outro gole de cerveja e deixou a garrafa na bancada.

– Como você ficaria se eu dissesse que não dá mais? – perguntou, encarando-a. – Não me venha com mentiras, Avery. Diga a verdade. Como ficaria se eu dissesse que quero terminar?

O queixo de Avery queria tremer. E tudo dentro dela tremia também.

– Eu ficaria arrasada. Era isso que queria ouvir? Precisa saber que tem esse poder?

– Exatamente – disse ele, fechando os olhos e soltando o ar com força pela boca. – Era exatamente o que eu precisava ouvir e o que precisava saber.

– Por que quer me magoar desse jeito? Você não é assim. Não é frio. Por que faria isso? Se quer acabar tudo, não precisa ser insensível.

– Pare – ordenou Owen, com toda a paciência. – Não quero terminar nada, não quero dar pra trás em nada. Mas você não acredita em mim, nem em si mesma. Não acredita em nós.

– Acredito, sim. Por que acha que não? – indagou Avery, mas, no mesmo instante em que as palavras saíram da sua boca, soube a resposta. – Às vezes, digo besteiras. Às vezes, penso besteiras. Você já devia estar acostumado.

– Conheço você, Avery. Sei que é leal e generosa, forte e ambiciosa.

Desde o casamento de Beckett, Owen vinha procurando a resposta, tentando resolver aquela questão. E achava que tinha conseguido.

– Você se faz perguntas de mais, Avery – prosseguiu ele. – Está sempre preocupada em saber se não é parecida com ela. Você é completamente diferente dela, sempre foi. O que me irrita é que não consiga ver isso.

– Estou tentando.

– Tá bem – disse Owen. Já ia pegando a garrafa de novo, mas parou. – Não, não está nada bem. Não quero ficar dando voltas sem sair do lugar. Não está nada bem, porque eu te amo.

– Ah, meu Deus.

– Talvez sempre tenha amado. Demorei muito para admitir isso e, então,

achei que você também precisasse de tempo pra fazer o mesmo. Mas agora já chega. Está vendo este lugar?

– Claro. Owen...

– Não é só uma casa. Não é só uma casa maravilhosa. É um lugar para se construir algo, um lugar para onde voltar, um lugar onde viver.

Tudo o que sentia por ela tomava conta do seu ser. Tudo o que queria estava ali.

Já estava farto daquela história de terminar, de ficar pensando e repensando a relação.

– Também tenho uma casa maravilhosa – prosseguiu Owen. – Você devia estar lá comigo, pra construirmos algo juntos, pra voltarmos pra lá juntos, pra vivermos juntos.

– Quer que eu vá morar com você?

Ele tinha considerado essa possibilidade, pensou Owen, mas não era esse o caminho que queria seguir.

Que se dane, decidiu. Ou tudo ou nada.

– Quero que se case comigo.

– Ah, meu Deus – disse ela, ficando ofegante de repente. Depois de um instante em silêncio, olhou para baixo. – Não consigo sentir os meus pés.

– É claro que você ia ter a reação mais frustrante de todas.

– Desculpe. Só preciso de um minuto.

– Não. Merda, não. Não é uma questão de coragem. É uma questão de amor, fé e esperança. Vi o meu irmão se casando com Clare e soube que era o que queria para mim. Sempre quis, mas eu pensava nisso para daqui a algum tempo. Um dia eu acabaria me casando e formando uma família. Mas eu quero isso agora, Avery, porque a outra coisa de que tenho certeza é que esse dia só chegou porque você apareceu. Sempre foi você. A minha primeira namorada.

– Tenho que me sentar um minutinho – disse ela, e se sentou no chão.

Agarrou o pingente de chave que trazia ao pescoço. As trancas têm que ser abertas, pensou. E ele estava enganado: era preciso ter coragem, sim. Mas ela não era nenhuma covarde.

– Como se sentiria se eu dissesse não, se eu não quisesse nada disso?

Ele se agachou e, mais uma vez, fitou-a bem nos olhos.

– Ficaria arrasado.

– Eu nunca faria isso.

– Então aceita se casar comigo pra não partir o meu coração?

– Eu o amo o bastante para fazer apenas isso. Você faz o meu coração bater mais forte, Owen. Sempre fez. Acabei me acostumando com isso, e, talvez justamente por esse motivo, não tenha dado a esse sentimento o seu verdadeiro valor. Quando começamos a ficar juntos, o que senti não foi apenas meu coração bater mais rápido. Foi mais, e eu não soube como agir. Nenhum homem fez o que você me fez. Faz. Eu sempre achei que houvesse algo errado comigo, porque eu não conseguia o suficiente. Mas a única coisa errada era que nenhum deles era você.

Ele se sentou de frente para ela.

– Pois agora não falta mais nada pra nenhum de nós. Diga sim.

– Espere um instante. O que sinto... – De repente, tudo ficou claro para ela. – Meu Deus, é como a pedra com o coração entalhado. Será que Lizzy estava tentando me mostrar isso? É tão forte, tão sólido, tão resistente... Nunca imaginei que você fosse sentir isso por mim, então simplesmente não podia me abrir e deixar o sentimento livre. É algo que exige coragem – disse Avery, enxugando uma lágrima. – Eu só precisava encontrar a minha.

Owen pegou a mão dela.

– Estou apaixonado por você, Avery. Diga sim.

– Eu devo ser horrível nesse assunto de casamento.

– Isso é problema meu, não é?

Olhou para o rosto dele, aquele rosto tão familiar, tão precioso para ela. Não, pensou, não lhes faltava nada.

– Preciso da minha bolsa.

– Agora?

– Agora.

– Caramba, quer mesmo cortar o clima? – disse ele, levantando-se para pegar a bolsa na bancada e entregar a ela.

Quando Avery tirou lá de dentro o anel de plástico rosa, ele a encarou.

– Quero ser seu problema, Owen, para o resto da vida – disse ela, estendendo-lhe o anel.

– Você o guardou – murmurou ele. Sorrindo, começou a pôr o anel no dedo dela, mas Avery fechou a mão. – Pare de brincar comigo, Avery. Diga sim.

– Espere um pouco. Não tenho a... como é mesmo que se diz? A moderação de Clare ou a eficiência de Hope.

– E por acaso eu estou pedindo alguma das duas em casamento?

– Não, e acho muito bom que não faça isso. Não tenho a sua paciência, e dou graças a Deus que você a tenha. Eu me esforço bastante, mas você já sabe disso.

– Já sei. Diga que sim.

– Eu amo você. Você é meu amigo, meu amor, minha alma gêmea. – Estava sorrindo agora, e o beijou no rosto. – Meu primeiro namorado vai ser meu eterno namorado. Sim – concluiu, estendendo a mão para ele pôr o anel. – Sim, sim, sim.

Ele deslizou o aro rosa no dedo dela.

– Coube. Quase.

– Da primeira vez ficou grande demais. Parece que agora está servindo – observou, sentando no colo dele.

– Demorou um bom tempo.

– Foi o tempo certo.

Ergueu a mão e mexeu os dedos. Não estava triste agora. Só feliz.

– Vou comprar um de verdade – disse ele, então pegou a mão dela e beijou o dedo na altura do anel. – Com um diamante ou o que você preferir.

– Este é de verdade, mas vou aceitar o diamante. Eu aceito você, Owen, e que bom que você me aceita também.

Ele a envolveu num abraço apertado.

– Avery – falou, e em seguida a beijou, tomado pela emoção. Ela era sua, finalmente, e estava ali em seus braços. – Aqui estamos nós.

– Você e eu – murmurou ela. – Agora entendo o que Clare disse.

– Sobre o quê?

– Sobre como estava se sentindo pouco antes do casamento. Disse que não estava nervosa. Que estava tudo muito claro para ela. – Afastou-se e tomou o rosto dele entre as mãos. – Pra mim também. Sinto-me segura, convicta. Você também é o que eu sempre quis. Vamos pra casa, pra começar a construir algo juntos.

Ele a ajudou a se levantar e eles apagaram as luzes, fecharam a porta e saíram de mãos dadas.

Avery pensou no pingente de chave pendurado em seu pescoço, na pedra com o coração entalhado que ainda carregava na bolsa. E no terno e singelo anelzinho de plástico que agora estava em seu dedo.

Todos símbolos de lugares a serem descobertos e de um amor duradouro.

FIM

sobre a autora

© Bruce Wilder



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979.

Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 500 milhões de livros vendidos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. A revista *The New Yorker* já a chamou de “a romancista favorita dos Estados Unidos”.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arque



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarque



skoob.com.br/editoraarqueir

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br
Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

sumário

Créditos
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Sobre a autora
Informações sobre a Arqueiro